

LAROUSSE



FRANK MCLYNN

HERÓIS & VILÕES

POR DENTRO DA MENTE DOS
MAIORES GUERREIROS DA HISTÓRIA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HERÓIS & VILÕES
POR DENTRO DA MENTE DOS MAIORES GUERREIROS DA HISTÓRIA

FRANK McLYNN

TRADUÇÃO ADRIANA MARCOLINI E CONSTANTINO K. KOROVAEFF

LAROUSSE
2008



SUMÁRIO

[INTRODUÇÃO](#)
[CAPÍTULO 1](#)
[CAPÍTULO 2](#)
[CAPÍTULO 3](#)
[CAPÍTULO 4](#)
[CAPÍTULO 5](#)
[CAPÍTULO 6](#)
[A MENTE DO GUERREIRO](#)

Para o Professor Roger Kirby, sem o qual este livro nunca teria sido possível.

INTRODUÇÃO

Os Maiores Guerreiros da História

AS PESSOAS COMUNS enxergam os grandes guerreiros da história de forma ambígua. Por um lado, admiramos sua habilidade, engenhosidade e talento. Por outro, nos preocupamos com o custo humano de suas conquistas. Um importante acadêmico especialista na história e língua chinesas contou-me, certa vez, que nunca poderia se interessar verdadeiramente pelos mongóis, já que sua principal contribuição para a história da humanidade foi uma montanha de crânios. Outro preconceito comum, mas profundamente equivocado, é o de que a "inteligência militar" seja uma expressão contraditória. Podemos admirar pintores, poetas, compositores, escritores e até homens de Estado, mas nunca os soldados. Existe, porém, um problema com esse ponto de vista, porque a mentalidade e a psicologia dos guerreiros estão destinadas a diferenciá-los da maioria dos seres humanos. Lembremo-nos do famoso diálogo entre F. Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway. Procurando investigar a natureza psicológica dos multimilionários, um intrigado Fitzgerald observou: "os ricos não são como a gente", ao que Hemingway respondeu: "não, eles têm mais dinheiro".

O pragmatismo sem rodeios de Hemingway é geralmente bem recebido, mas sua resposta foi, na verdade, uma evasiva em relação à séria questão que seu amigo lhe propôs. Algo parecido se aplica ao mundo dos guerreiros. Descartar os grandes capitães da história, definindo-os como simples açougueiros, é algo superficial; afirmar onde está sua grande qualidade é mais difícil. A fim de tentar responder essa questão, é mais fácil dirigir a atenção para a Europa, ou ainda melhor, a Eurásia, porque é lá onde tem sido o lar da maioria dos legendários guerreiros: Alexandre, o Grande; Aníbal, Júlio César, Tamerlane, Subudei. Mas nossa abordagem neste livro é diferente. Exploramos mais de dois mil anos de história e trabalhamos com culturas que vão do México ao Japão. Sejam quais forem as falhas que a obra possa ter, espera-se que o provincianismo não seja uma delas.

Tentar penetrar nas mentes dos grandes líderes da história é algo que pode ser feito só aos poucos e com muita paciência. Mas se me pedissem para apontar um pré-requisito importante para todos os guerreiros de sucesso, responderia que é sua capacidade extraordinária para lidar com o estresse simultâneo e acumulado. Os grandes capitães tinham de lidar com conflitos da sociedade e do mundo exterior, com outras pessoas e, freqüentemente, consigo mesmos.

Espártaco, líder de uma revolta de escravos, não apenas teve de combater os romanos, mas também precisou administrar a oposição de seus próprios comandantes, com a traição dos renegados, a deserção de seus aliados (particularmente os piratas cilícios), e, especialmente, com as dúvidas que devem ter vindo constantemente à sua mente acerca da exequibilidade da sua grande revolta. Átila, o Huno, precisou lidar politicamente com duas partes muito diferentes de um Império Romano dividido, com traidores e múltiplas tentativas de assassinato e até a forte oposição de seu próprio irmão, enquanto negociava no labirinto da política europeia no século V.

Na qualidade de rei e governante de um Império, Ricardo Coração de Leão deveria estar numa situação melhor, mas na Terceira Cruzada enfrentou não apenas Saladino e os sarracenos, mas também a inimizade, a tendência endêmica para a propagação de facções dentro do exército das Cruzadas, a oposição nata dos governantes cristãos na Palestina e, mais que tudo, o ódio e a intriga na Europa, tanto de seu irmão traidor, João, quanto de outros monarcas europeus que conspiraram para seqüestrá-lo. Cortez teve de derrotar os astecas sem alhear-se de seus aliados indígenas, especialmente os poderosos Tlaxcalãs; também precisou agradar a Igreja, que nem sempre aprovava seu barbarismo, lidar com as ameaças à sua posição, por parte de outros espanhóis eminentes tanto dentro quanto fora de seu exército

conquistador, e sofrer o trauma de ver os queridos companheiros arrastados para o sacrifício humano nos altares mexicanos.

Tokugawa Ieyasu lutou não apenas contra seus rivais pelo comando supremo do Japão, mas também contra os jesuítas, os recalcitrantes monges budistas, a Corte Imperial e até contra seu obstinado filho. Mais do que qualquer um, precisou combater os demônios internos que o apossavam desde que, aos sete anos, viu seu próprio pai ser decapitado. Enquanto derrotava os britânicos e seus muitos aliados, Napoleão acabava facilmente com as intrigas vindas de seu próprio lado, a aversão de velhos conhecidos da Córsega, e ainda a inveja e a rivalidade de seus irmãos. Mas acima de tudo isso, tinha de lidar com seu próprio "eu dividido" - uma sensibilidade separada entre a racionalidade matemática, de um lado; e a fantasia e o sonho românticos, de outro.

Quando falamos dos guerreiros, a sabedoria mais antiga ainda é válida. Não perdoamos necessariamente a todos quando os compreendemos, mas os enxergamos como seres humanos, dotados de um brilhante talento e de profundas falhas.

CAPÍTULO 1

ESPÁRTACO

O Gladiador que deixou Roma de Joelhos

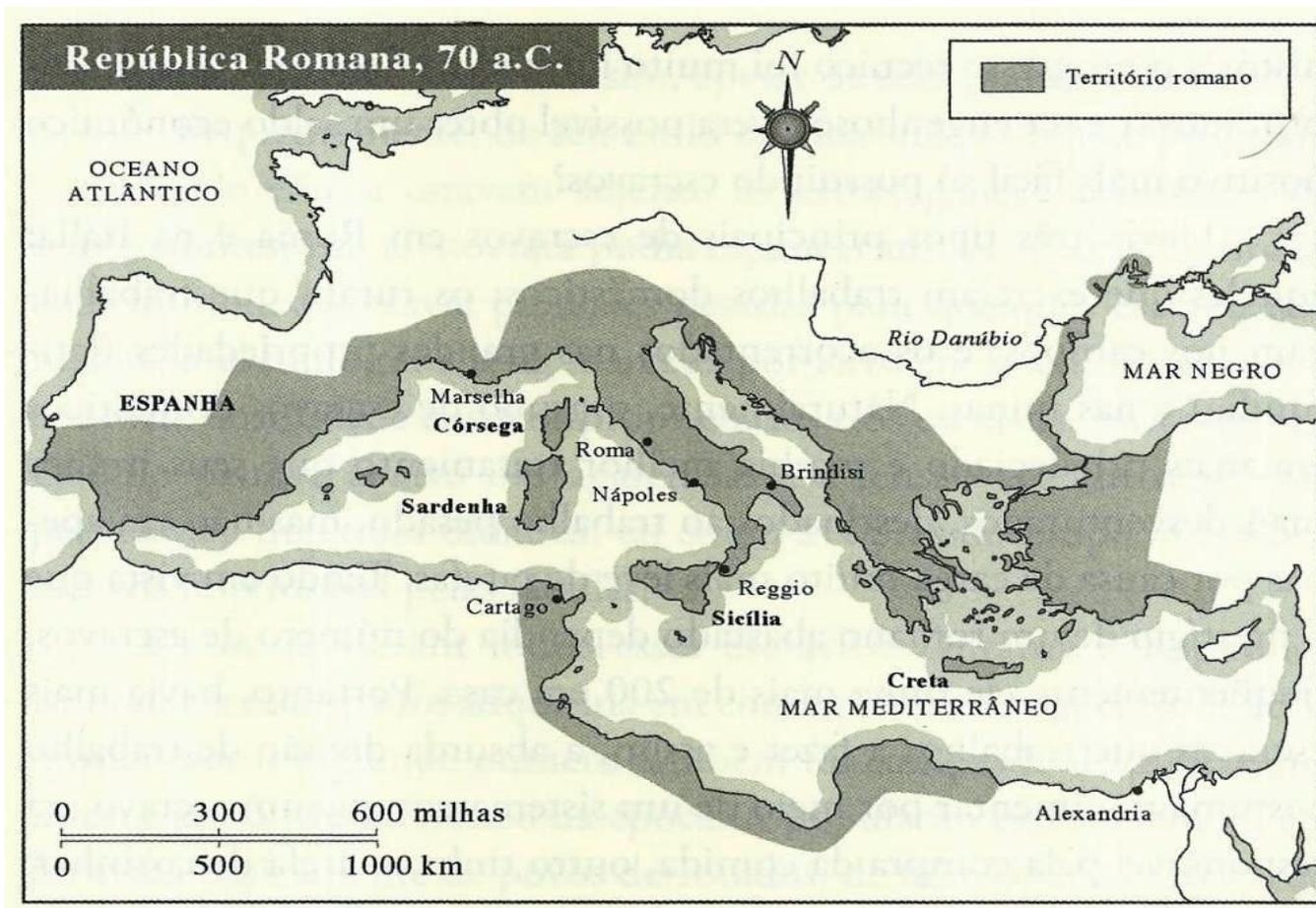
SPÁRTACO É SINGULAR entre os guerreiros do mundo antigo, e também da maioria dos outros mundos. Como afirmou Karl Marx: "Espártaco emerge como um dos melhores personagens da história Antiga". A maioria dos grandes comandantes da história obteve suas conquistas em busca de poder, dinheiro, fama e riqueza. Alexandre, o Grande disse que se não houvesse mais mundos para conquistar, iria competir consigo mesmo. Em uma palavra, a egolatria é geralmente o caminho para a conquista militar. Mas Espártaco lutou para se livrar dos grilhões da escravidão, para ser um homem livre e permitir que outros miseráveis da Terra também se libertassem do jugo de Roma. E por isso que Voltaire proferiu a famosa frase, dizendo que a rebelião de Espártaco foi uma "guerra justa, na verdade a única guerra justa da história". Também é por isso que Espártaco tem sido uma inspiração ao longo dos séculos.

Os grandes conquistadores rivalizam entre si. Diz-se que Júlio César chorou aos 33 anos, quando parou para pensar que naquela idade Alexandre já havia conquistado o mundo então conhecido, enquanto ele mesmo mal tinha começado sua carreira. Napoleão também sonhou com as conquistas no leste, que iriam igualar seu nome ao de Alexandre. Contudo, aqueles que dirigem sua atenção para Espártaco são os que estão preparados para morrer pelos outros: Toussaint L'Ouverture, no Haiti; Nat Turner, no sul dos Estados Unidos; John Brown, na Balsa Harper; Che Guevara, na Bolívia. Assim como Espártaco, todos pereceram na tentativa de acabar totalmente com a escravidão ou com seu primo próximo, a servidão.

ROMA: ESTADO CONSTRUÍDO COM BASE NA ESCRAVIDÃO

No século I a.C., Roma dominava o Mediterrâneo. Já com o controle sobre a Itália, Espanha, Grécia e África do Norte, a República Romana e seu sucessor, o Império Romano, em breve acrescentaria para seu campo de influência a Grã Bretanha, a Gália (França), a Turquia moderna, o Egito, o Oriente Próximo e a Palestina. Quando eclodiu a revolta de Espártaco (73 a.C.), Roma era um cruel Estado militar devotado à guerra e a conquistas. Sua crueldade deixava para trás tudo o que havia existido antes, época em que as terras persas, gregas e macedônicas eram as grandes potências mediterrâneas. Acima de tudo, Roma era um Estado escravocrata: a península da Itália tinha talvez seis milhões de pessoas na época de Espártaco, das quais dois milhões eram escravos. De fato, contrariamente à servidão, Estados inteiros construídos com base na escravidão não são tão comuns na história: outros exemplos mais conhecidos são o sul dos Estados Unidos antes da Guerra Civil de 1861-1865, e o Império do Brasil antes de 1889.

A escravidão se tornou um fetiche social em Roma, e a classe dominante competia pelo número de escravos. Os aristocratas romanos se orgulhavam de suas amplas propriedades de escravos, que eram consideradas como a indicação mais confiável de riqueza depois da terra em si. Para ser membro do Senado ou do órgão que governava Roma, exigia-se a título de qualificação a posse de um milhão de sestércios (antiga moeda romana), mas a maioria dos senadores possuía muito mais do que isso. Calcula-se, que o valor médio girava em torno de três milhões de sestércios e mais 400 escravos. Apuleius, autor de *O asno dourado*, casou-se com uma mulher que trouxe 600 escravos como parte de seu dote. Um multimilionário deixou em seu testamento 4.116 escravos e 60 milhões de sestercos em dinheiro. Embora, para fins legais, considerava-se que um escravo valesse dois mil sestércios, a maioria deles podia ser adquirida por algumas centenas; porém o preço mais elevado registrado para a compra de um escravo foi de 700 mil sestércios.



A escravidão romana era um negócio complexo, mas a sociedade de Roma não era como outros Estados escravocratas conhecidos e talvez seja mais bem compreendida se tiver como referência a escravidão tribal da África, tal como foi descoberta pelos exploradores vitorianos. Enquanto no sul dos Estados Unidos a escravidão e a tecnologia avançada progrediam juntas, em Roma a escravidão atuou como um obstáculo para a tecnologia, de forma que em mais de mil anos de história o progresso técnico foi muito limitado; afinal, por que descobrir, inovar e ser engenhoso se era possível obter um saldo econômico positivo mais fácil só possuindo escravos?

Havia três tipos principais de escravos em Roma e na Itália: aqueles que exerciam trabalhos domésticos; os rurais, que trabalhavam nos campos; e os acorrentados nas grandes propriedades (latifúndia) e nas minas. Naturalmente, o grupo de escravos domésticos era mais privilegiado e recebia melhor tratamento que seus irmãos mais desventurados, destinados ao trabalho pesado, mas não era apenas por causa da carga muito mais leve de tarefas. Tendo em vista que o prestígio de um romano abastado dependia do número de escravos, freqüentemente ele tinha mais de 200 em casa. Portanto, havia mais escravos que trabalhos a fazer e assim, a absurda divisão de trabalho costumava aumentar por meio de um sistema em que um escravo era responsável pela compra da comida, outro tinha a tarefa de cozinhar, outro calçava os sapatos em seu senhor, outro o vestia e ainda outro o acompanhava para atender a todas as suas necessidades.

Os escravos urbanos eram encontrados em vários trabalhos, desempenhando tarefas de varredores de rua, operários da construção de termas e templos, operários de fábrica e de abertura de ruas e aquedutos, atendentes de loja, cozinheiros, barbeiros, cabeleireiros, enfermeiros, tutores, secretários, mordomos, lavadeiras, faxineiras, costureiras, professores. Em virtude do número excessivo de escravos masculinos, muitos deles desempenhavam tarefas domésticas que, na época, eram geralmente cumpridas por mulheres. Deve-se observar que a escravidão romana era muito diferente daquela do sul dos Estados Unidos antes da guerra civil. Com bastante freqüência, os escravos romanos tinham posições de grande

responsabilidade e com uma perspectiva concreta de conquistar a liberdade. Nas grandes residências, alguns tinham *de facto* o controle de grandes riquezas, supervisionavam outros trabalhadores (tanto livres, como escravos) e (aqui a semelhança com a escravidão africana é mais acentuada) eram, eles próprios, servidos por outros escravos. Mesmo assim, apesar de seus poderes administrativos e, freqüentemente, de seu estilo de vida suntuoso, não possuíam nada legalmente e estavam sujeitos às extravagâncias arbitrárias de seus senhores; um aristocrata podia espancar um escravo até a morte, com imunidade. Havia punições pesadas para qualquer escravo que fugisse, incluindo ter a testa marcada por ferro em brasa. Existia sempre forte hostilidade entre os proprietários e os escravos (e vice-versa). O ódio pairava abaixo das aparências e a tensão era um tema que permeava a literatura didática, tal como as obras de Esopo, o famoso escravo responsável pelas fábulas.

De onde vieram todos esses escravos? Durante a República Romana, a maioria foi adquirida em consequência das guerras de conquista, mas um grande número também foi comprado de piratas que infestavam o Mediterrâneo na época. A população escrava, então, era formada basicamente de povos derrotados, de filhos dos escravos e do produto do comércio escravo. Outros escravos podem ter vindo de fora das propriedades romanas, da Alemanha, digamos, ou Partia, no leste. Além disso, havia crianças abandonadas e, em algumas províncias, camponeses destituídos vendiam seus filhos para a escravidão; algumas raças, como os frígios, não consideravam a escravidão vergonhosa.

Mas o número de escravos era sempre um problema para Roma, uma vez que eles não se reproduziam. Muitas das razões eram evidentes. Três quartos dos escravos domésticos eram homens, e essa categoria era a única a gozar de permissão para ter parceiras; aqueles que trabalhavam na agricultura, nas minas, nas docas, como carregadores, nos transportes e em outras tarefas não tinham essa permissão. Por outro lado, muitas escravas eram libertas de forma a poder se casar e gerar crianças livres - pois a taxa de natalidade geralmente baixa era uma das dores de cabeça permanentes dos governantes de Roma; a emancipação dessas escravas solteiras retirava do regime de escravidão só os indivíduos essenciais para a manutenção do número de escravos. Além disso, tudo indica que as escravas não eram particularmente prolíficas. Mesmo as pessoas livres em Roma encontravam dificuldades para manter o nível populacional, em virtude das ameaças de guerra, da fome e das epidemias, além da precariedade da alimentação, da medicina, da higiene e da obstetrícia. A expectativa média de vida dos romanos é uma questão muito debatida, mas mesmo se adotarmos uma estimativa otimista, seria em torno de 25 a 30 anos, já no caso dos escravos não deveria passar de, no máximo, 20 anos.

O INÍCIO DAS REVOLTAS DOS ESCRAVOS

Sempre houve uma contradição na sociedade romana, entre a provisão excessiva de escravos domésticos em Roma e nas grandes *villas* e a escassez de mão-de-obra nos campos, nas grandes propriedades agrícolas e nas minas. Em virtude de os escravos representarem prestígio, os proprietários não libertavam os que eram excessivos para assim amenizar a falta de trabalhadores rurais, de forma que era preciso encontrar outras maneiras de superar o problema. A utilização crescente de criminosos condenados nas minas, por exemplo, deixava outros escravos livres. Havia ainda a escravização de crianças rejeitadas ou abandonadas - a exibição de crianças e o infanticídio eram comuns no mundo romano e as crianças, principalmente as meninas, eram freqüentemente abandonadas pelos pais sem recursos. Mas as diferenças entre os escravos domésticos e aqueles que exerciam trabalhos pesados faziam com que as rebeliões de escravos se ressentissem da falta de vontade dos domésticos em participar, exceto sob circunstâncias muito especiais.

Roma já havia conhecido as revoltas de escravos: a primeira registrada aconteceu em 198 a.C., em Sétia e Praeneste, ao sul de Roma, e terminou com a execução de 500 escravos; houve outra na Apulia, em 188 a.C. Mas as duas revoltas que realmente chocaram aconteceram na Sicília. Em 135-132 a.C. eclodiram

duas diferentes insurreições, lideradas por escravos chamados Eunus e Cleon, que mais tarde juntaram forças; eles derrotaram vários exércitos romanos e reuniram uma multidão de 200 mil escravos antes de serem finalmente derrotados; os romanos crucificaram 20 mil prisioneiros para dar um alerta espantoso. Mas, 30 anos depois, aconteceu outra guerra de escravos na Sicília, desta vez liderada por um homem chamado Salvius. Quando esta também foi derrotada após quatro anos de combates (104-100 a.C.), os romanos resolveram enviar mil dos sobreviventes para serem treinados como gladiadores; mas os escravos derrotados frustraram aqueles que os capturaram, cometendo suicídio em massa.

Todas as revoltas escravas anteriores foram diminuídas por aquela que eclodiu no ano de 73 a.C., sob o comando de um ex-gladiador chamado Espártaco. Natural da Trácia e, segundo alguns, oriundo da pequena nobreza ou herdeiro de uma família de pastores nômades, infelizmente pouco sabemos sobre Espártaco: desconhecemos como era sua aparência, qual sua idade (uma estimativa diria que ele teria cerca de 30 anos na época da rebelião) ou suas opiniões sobre qualquer assunto; nem uma única palavra de seus escritos ou de seus autênticos discursos nos foi transmitida. É certo que ele era um genuíno trácio, porque o nome Espártaco se origina de vários "reis" (ou seja, chefes de clãs) do Estreito do Bósforo, no Mar Negro. Alguns relacionam Espártaco à tribo Maedi, do Rio Strimon, aliados de Mitridates Eupator, da Bitúnia, um monarca belicoso e famoso inimigo de Roma, mas isso parece demasiado evidente, uma tentativa de relacionar o herói de Marx (Espártaco) com o herói do poeta inglês A. E. Housman ("Mitridates, ele morreu velho").

Aqueles que conhecem mais sobre sua vida sugerem que ele serviu na fronteira, como auxiliar no exército romano, depois desertou e passou algum tempo como bandoleiro antes de ser capturado, escravizado e indicado para ser treinado como gladiador, em virtude de seu físico esplêndido e inteligência elevada, sobre os quais as antigas fontes estão todas de acordo. Há muitas coisas obscuras sobre o início de sua vida, e não está claro por que sua mulher teve permissão para acompanhá-lo a Roma, quando, pela primeira vez, foi levado para lá como escravo. Diz a lenda que um presságio maravilhoso veio à tona em Roma. Enquanto Espártaco dormia, sua mulher, uma vidente e profetisa trácia, notou uma cobra rastejando e se enrolando no rosto dele; ela interpretou o fato como um anúncio de grande poder e riqueza. De qualquer forma, sabe-se ao certo que Espártaco foi levado para ser treinado na grande escola de gladiadores de Cápua, dirigida por Lentulus Batiatus.

ROMA GLADIADORA

A origem do fenômeno dos gladiadores na sociedade romana parece estar ligada aos costumes funerários pagãos romanos. Nos primórdios de sua história, Roma praticava o sacrifício humano de prisioneiros de guerra para apaziguar o fantasma de seus guerreiros tombados, e essa superstição - de que os mortos precisavam ser apaziguados e se satisfazer com sangue — gradualmente deu origem ao combate gladiatório. Em vez de um holocausto de prisioneiros, considerava-se mais excitante colocar os inimigos ou escravos para combater uns contra os outros; daí o nome original para gladiadores - rustuari ou homens de funeral. Os homens que estavam morrendo freqüentemente expressavam sua vontade de participar dos jogos de gladiadores e serem celebrados em sua memória, e o hábito tornou-se tão enraizado que, às vezes, o público romano não permitia que o enterro acontecesse antes que os herdeiros dos mortos tivessem providenciado os jogos funerários.

A festa de Saturnalia, no mês de dezembro, celebrada com banquetes, comilanças e orgias, tornou-se a data favorita no calendário para os espetáculos dos gladiadores. Aos poucos, os jogos deixaram de ser um assunto privado e se transformaram numa instituição de Estado: pela primeira vez, em 105 a.C., dois cônsules romanos, os mais graduados funcionários do Estado, ofereceram generosos jogos oficiais. Logo os gladiadores se tornaram parte da estrutura da sociedade e eram utilizados não apenas nos espetáculos, mas também como seguranças particulares e assassinos profissionais. Admirados por seu físico e valor

militar, os gladiadores também eram temidos pela mesma razão, porém, mais que tudo, eram desprezados como os mais inferiores dos inferiores: um gladiador tinha o mesmo *status* social de uma prostituta. Na era de Espártaco, todos os gladiadores eram escravos; mais tarde, sob o Império, homens livres, aristocratas e até imperadores lutavam às vezes na arena. Já houve quem dissesse que na época do Império o alto prestígio conferido aos espetáculos e exposições dos gladiadores, e às corridas de bigas, era um tipo de compensação pela perda dos direitos políticos. Certamente, na época de Jesus Cristo, se, por um lado, os gladiadores ainda mantinham seu *status* inferior na escala social; por outro, tinham se tornado o equivalente a jogadores de futebol e estrelas de rock daquele período. O historiador romano Tácito observou essa tendência social e deplorou-a: "com que frequência você encontra alguém que converse sobre outro assunto em casa? E quando você entra nos salões de conferências, sobre o que mais se escuta os jovens homens conversarem?". Com certeza, as emoções subiam muito nos jogos e podiam degenerar em um tumulto generalizado. Mas na época dos imperadores, Roma já tinha aprendido a lição mais amarga que Espártaco havia lhes ensinado em 73-71 a.C. Combates marítimos rebuscados eram travados entre os gladiadores no Campo Máximo encharcado, mas tendo em vista os números elevados, os imperadores sempre temiam uma explosão de combates em massa. Por isso, eles deixavam, a postos, duplas de guardas pretorianos em volta da arena e tinham à mão um exército de atiradores e lançadores de pedras pelo sistema de catapulta, prontos para entrar em ação se os gladiadores dessem algum sinal de que iriam dirigir suas armas para fora. Para entender a era de Espártaco, devemos imaginar uma situação, na qual os gladiadores ainda não tinham se tornado verdadeiras "estrelas", mas uma época em que a crueldade e o sadismo estavam tão em voga como continuaria a acontecer sob o Império que viria mais tarde. A principal diferença entre a Roma republicana de 73 a.C. e as eras posteriores foi o fato de a elite republicana ainda não estar ciente da alarmante ameaça em potencial que pulsava em meio dela. Todas as revoltas anteriores haviam sido comandadas por pastores ou criadores de rebanhos.

A escola de gladiadores para a qual Espártaco foi levado em Cápua era a maior do país na época. Já existiam vários tipos de gladiadores e de estilos de lutas, e em Cápua o principal método usado era o *samnita*. Os *samnitas* eram o povo da região centro-sul da Itália, que havia oferecido a mais dura resistência à conquista romana e quase deixou Roma imobilizada em 50 anos de guerras selvagens (345-295 a.C.). Quando Aníbal invadiu a Itália no século III a.C., na fase mais aguda das guerras entre Roma e Cartago pela supremacia do Mediterrâneo ocidental, os *samnitas* se viraram contra Roma e se aliaram a Cartago. Quando as colônias italianas se rebelaram contra Roma na chamada Guerra Social de 93-91 a.C., os *samnitas* estavam novamente no centro da conspiração. Os gladiadores da escola de Cápua, conhecidos como "os *samnitas*", usavam uma armadura pesada no peito, um grande escudo alongado, outra armadura (de couro ou parcialmente de metal) na perna esquerda, um capacete com visor com um penacho de plumas no alto e uma espada ou uma lança. Embora os "samnitas" estivessem em maioria na escola de Cápua, tinham de ser treinados para combater vários tipos de gladiadores, dos quais os principais eram então os "gauleses" e os "trácios". Os gauleses vestiam pesadas couraças, enquanto os trácios carregavam uma cimitarra em forma de curva, um pequeno escudo redondo, duas armaduras e faixas de couro em torno das pernas e das coxas. Já se sugeriu algumas vezes (uma especulação) que Espártaco era apenas um trácio no que diz respeito a seus dotes de gladiador, mas as provas mais contundentes indicam que ele era um genuíno homem do país da Trácia, que acabou treinado como um *samnita*.

Os escassos testemunhos históricos não nos permitem traçar um quadro da evolução dos gladiadores com precisão anual, de forma que é impossível conhecer todos os tipos de combates nos quais Espártaco possa ter sido treinado em Cápua. Sabemos que os trácios lutaram contra os *samnitas* e os gauleses, e que estes lutaram contra os *samnitas*, e também sabemos que em algum momento surgiram novos tipos de gladiadores: o *secutor*, ou caçador; o *mirmirillo*, ou pescador, cujos capacetes traziam o emblema de um grande peixe do mar; e o *retiarius* ou homem da rede, que combatiam com uma rede, um tridente e uma

adaga; sua arte consistia em trazer o inimigo para seu lado e então acabar com ele usando o tridente; a rede tinha uma corda, de forma que o *retiarius* podia puxá-la se não conseguisse segurar sua presa no primeiro arremesso. O *retiarius* combatia com a cabeça descoberta e, em geral, rivalizava com o *secutor*, mas com frequência o *secutor* combatia um *mirmirillo*, ou este e o *retiarius* participavam de uma disputa entre o peixe e o pescador. No entanto, geralmente o *retiarius* não era considerado um gladiador de destaque e recebia acomodação inferior. Seguindo sua paixão de introduzir na arena estilos regionais de guerra, quando os romanos encontraram pela primeira vez os partos no leste ficaram tão impressionados pelos cavaleiros com armaduras de anéis de metal flexíveis ("catafractarii") que os levaram para a arena. Também havia gladiadores com armaduras do tipo mais ortodoxo, *velites* ou gladiadores que combatiam de pé apenas com lanças; homens com armaduras que usavam capacetes com visores sem buracos para os olhos e eram treinados a atacar como se fossem cegos; homens com duas adagas que combatiam sem capacete como assassinos em uma taverna, e até arqueiros gladiatórios. Quando Júlio César fez sua breve pilhagem na Grã Bretanha, em 55-54 a.C., levou com ele gladiadores que combatiam em bigas.

Se fosse samnita, Espártaco teria passado pelo mais rigoroso treinamento em Cápua. Os gladiadores novatos praticavam com espadas de madeira por horas a fio, atacando um homem de palha ou um boneco a partir de pontos de dois metros de altura, aprendendo a arte de dar investidas, defender-se, retorcer-se e dissimular. Havia entendedores da arte gladiatória que sabiam quais as jogadas a serem admiradas e aplaudidas - o orador romano Quintiliano disse uma vez que a estrutura de um discurso de advogados era muito parecida com as arremetidas, paradas e dissimulações de um gladiador na arena - embora já se tenha admitido que a maioria dos fãs vinha aos jogos movida pela ânsia primitiva de ver sangue e para ver o "seu" lado vencer, e não para apreciar os momentos mais elegantes da arte da esgrima.

Os gladiadores ficavam solidamente robustos com as horas de prática e a insistência de seus instrutores para que, durante o treinamento, utilizassem espadas muito mais pesadas em relação às que realmente brandiriam na arena. A dieta deles era planejada com o mesmo objetivo, com feijões e cevada, considerados alimentos particularmente bons para o desenvolvimento muscular. Tinham massagistas e médicos de primeira linha: Galeano, o maior médico do mundo Antigo, começou sua carreira numa escola para gladiadores. Eram ensinados a nunca piscar quando uma arma fosse brandida diante de seus rostos, assim como um ator de hoje é ensinado a não piscar em frente à câmera quando as luzes da filmagem são acesas. As normas da arte da esgrima e a disciplina eram elevadas, e a segurança era imposta rigorosamente: não se permitia nenhuma arma nos dormitórios ou alojamentos da escola por medo de suicídio ou de rebeliões.

NO ANFITEATRO

Por fim, os gladiadores treinados tinham de enfrentar o momento da verdade e lutar por suas vidas no anfiteatro. Sob o Império Romano, que veio em seguida, os aristocratas e imperadores pagavam pelos jogos, mas na República isso costumava ser trabalho dos proprietários e empresários, em parceria com os "anistae" ou administradores do treinamento - outra linhagem, como os próprios gladiadores, considerados como os mais inferiores dentre os inferiores — normalmente comparados aos informantes profissionais, alcoviteiros e cafetões. Essa aliança profana entre o proprietário rico e o administrador cínico - que lembra tanto os nossos clubes de futebol atuais - vendia ingressos para as exibições e encorajava as apostas sobre o resultado das disputas entre indivíduos. No entanto, a analogia com o futebol de hoje não funciona, apenas parcialmente, porque a torcida verdadeiramente apaixonada era reservada para as corridas de biga no Circo Máximo, em Roma, e em circuitos provinciais semelhantes; somente os Azuis e os Verdes do circo podiam oferecer aos fãs motivos para a torcida frenética. Era possível acompanhar um gladiador até o momento em que, inevitavelmente, ele se tornasse um

combatente melhor. Aquele que oferecia exposições de gladiadores tradicionalmente dava uma grande festa na véspera dos jogos, na qual os gladiadores eram encorajados a comer e beber para satisfazer seus corações. Combatentes mais reflexivos meditavam sobre sua possível morte e simplesmente criticavam a comida, enquanto os esgrimistas tinham o costume de dar um adeus digno a seus companheiros. Os gladiadores da Gália ou da Trácia tinham a reputação de serem insensíveis, de se empanturrarem e de não pensar no dia seguinte.

Os jogos em si começaram com gladiadores de segunda classe ou novatos, que atuavam em exercícios de aquecimento, sem derramamento de sangue. Houve então uma segunda fase, na qual os combatentes chamados "lusorii" lutavam bem, mas com espadas de madeira. Finalmente surgiram os jogos sérios, em que havia sangue derramado. Os gladiadores eram escolhidos por sorteio e começava o verdadeiro espetáculo sangrento. Se o derrotado iria sobreviver isso dependia inteiramente do capricho da multidão, e mesmo os imperadores pensavam duas vezes antes de se oporem ao desejo expressado verbalmente por uma multidão sedenta de sangue. Aqueles que combatiam corajosamente, mas eram derrotados, geralmente eram saudados pela multidão com os polegares para cima, desde que parecessem não temer a perspectiva da morte; mas qualquer sinal de covardia, hesitação ou de não se combater até o limite da própria capacidade fazia a multidão clamar por sangue. Por fim, quando todos os combates terminavam, um número menor de escravos saía para revolver a areia manchada de sangue e rebocar os mortos. Cápua tinha um anfiteatro enorme com capacidade para 20 mil pessoas, suas fundações tinham uma profundidade grande com uma fachada baixa, e com degraus externos que davam para o cume do auditório, tudo construído sobre uma depressão natural com terra empilhada em torno da circunferência. Fora de Roma, Cápua, Pompéia e de outros poucos locais, os anfiteatros costumavam ser de madeira e desabavam freqüentemente, causando muitas mortes.

No anfiteatro de Cápua, Espártaco aprendeu sua profissão sangrenta, tornando-se habilidoso tanto nas armas e extremamente versátil como guerreiro. Embora geralmente os gladiadores lutassem homem a homem, às vezes os organizadores dos jogos resolviam exibir um combate em massa e cobrar ingressos mais caros. Normalmente, quem oferecia os jogos era o mais rico, os demais assistiam ao espetáculo. A fim de celebrar seu triunfo final contra todos os inimigos, Júlio César promoveu uma batalha na arena com 500 homens da infantaria, 30 da cavalaria e 20 elefantes de cada lado. Podemos deduzir que, depois de sobreviver o suficiente nas casernas de Cápua e emergir como o líder da revolta definitiva, Espártaco gozasse de prestígio elevado entre seus companheiros, por ser um veterano de muitos diferentes tipos de combate; em termos de brilhantismo e habilidade nos embates físicos, possivelmente tenha sido o maior comandante de todos os tempos.

A atmosfera de crueldade e derramamento de sangue não parece tê-lo transformado num psicopata - sabemos que ele tinha um senso moral e quando alguém lhe fazia um favor, demonstrava gratidão. Também era corajoso e paciente, uma vez que resistira ao caminho do suicídio, seguido por tantos gladiadores. Não temos como saber se tinha permissão para receber visitas conjugais de sua mulher ou simplesmente sucumbia à atmosfera social de homossexualismo existente nas casernas. O romancista histórico Grassic Gibbon o retratou como bissexual, mas isso é pura especulação, e parece ser racionalização de dois fatos conhecidos: que o culto da perfeição física e da beleza corporal entre os gladiadores tinha um claro elemento homossexual e que as mulheres, mesmo algumas matronas romanas aristocráticas, se lançavam como gladiadoras. Uma das poucas tradições bem embasadas da época que ele viveu em Cápua foi a história de que, certa vez, Espártaco derrotou seu amigo Crixus na arena e depois se recusou a matá-lo.

A GRANDE FUGA

Em algum momento no ano 73 a.C., Espártaco, Crixus e outros esboçaram um elaborado plano para uma grande fuga que iria sacudir o mundo romano: mais de 200 homens altamente treinados iriam participar de uma rebelião e, em seguida, correr para a liberdade. Como é esperado para um plano envolvendo tantas pessoas, houve traição. Deveria ter havido uma punição exemplar, mas especula-se que Lentulus Batiatus estivesse preparando seus gladiadores para os grandes Jogos Romanos, que aconteciam todos os anos no dia 4 de setembro. Em outras palavras, parece que o temor de empresários gananciosos em perder os lucros sobre os jogos tenha sido a única razão pela qual toda a conspiração não fora cortada logo no início e seu grupo de líderes executado. Se assumirmos que essa suposição esteja correta, a época da rebelião seria o mês de agosto de 73 a.C., o que faz sentido porque com as colheitas em curso nos campos haveria comida em abundância. Espártaco e o círculo íntimo de conspiradores resolveram seguir adiante de qualquer maneira; eles simplesmente diminuíram a escala da operação para cerca de 70 homens (pelo menos é isso o que dizem os historiadores Plutarco e Apiano, embora Florus, uma boa fonte, fale de apenas 30; enquanto Cícero, o famoso orador romano, afirmou que no início Espártaco só tinha 50 homens consigo). Embora os seguranças da escola tivessem garantido que não houvesse armas nas casernas, não tinham pensado na possibilidade de os gladiadores se armarem com outros apetrechos letais, que foi o que aconteceu. Equipados com facas de cozinha, cutelos de açougueiro e espetos de cozinha, o grupo da fuga matou os seguranças e alcançou a parte externa do edifício, onde encontrou um carroção cheio de armas. Mesmo numa escola para gladiadores, isso soa como uma descoberta de muita sorte, de forma que talvez a rebelião tenha tido uma longa preparação e os gladiadores contassem com assistentes fora da caserna, que os apoiavam de bom grado.

Agora armados adequadamente, os gladiadores se dirigiram para o monte Vesúvio, de 1.300 metros. A sombra do grande vulcão, elegeram três líderes: Espártaco, Crixus e Oenosaurus (ambos gauleses). Os fugitivos eram principalmente gauleses e trácios, mas também havia alguns alemães. Inicialmente, as autoridades romanas não levaram o plano muito a sério: já haviam ocorrido algumas fugas nas prisões antes e, mais cedo ou mais tarde, os condenados tinham sido perseguidos e crucificados. O planejamento da captura requereu nada mais do que uma ação policial em grande escala, os magistrados locais enviaram primeiro milícias locais, que foram duramente derrotadas. Espártaco e seus homens tiraram então a armadura e providenciaram armas e equipamentos adequados; eles odiavam e desprezavam as espadas e lanças de gladiadores com as quais combatiam e jogaram-nas fora na primeira oportunidade.

A derrota da milícia trouxe para Espártaco seus primeiros convertidos, e o exército escravo agora ampliado acampou no alto do Vesúvio, em um espinhaço chamado Monte Somma, a cerca de 600 metros, ou a meio caminho do cume. Desta vez, os romanos encararam a questão com mais seriedade e enviaram um magistrado chamado Gaius Claudius Gaber, com 3 mil soldados. Somente os cônsules precediam os magistrados (praetor) na escala social: havia seis deles todos os anos, exercendo funções como juizes civis, comandantes, governadores de províncias e legisladores; eram uma categoria acima da dos funcionários (quaestor), que desempenhavam tarefas administrativas e financeiras. Zombando da suposta estupidez e ingenuidade militar dos escravos, Claudius instalou um posto de segurança na estrada estreita e curva, a única que ia montanha acima. Parecia que os gladiadores estavam presos numa armadilha, uma vez que a única maneira de descer era pular nos precipícios íngremes.

Ou Espártaco cometeu inicialmente um erro e depois se libertou brilhantemente da situação difícil ou, o que é mais provável, atraiu os romanos para uma armadilha. Enquanto Claudius e seus homens relaxavam aos pés do Vesúvio, confiantes de que a fome logo iria levar os escravos a se render ou lançar um ataque impossível estrada abaixo, Espártaco mostrou o brilhantismo que iria fazer dele o destruidor de Roma por dois anos. O Monte Somma tinha videiras nativas em excesso e então, Espártaco ordenou que os ramos mais robustos fossem cortados e em seguida entrelaçados, a fim de erguerem escadas firmes. Quando uma quantidade suficiente de parreiras foi entrelaçada, Espártaco e seus homens simplesmente desceram pelos precipícios íngremes até a planície ao pé da montanha, deixando um homem no alto. Uma

vez que todos estavam a salvo lá embaixo, o que ficou em cima lhes jogou todas as armas e depois desceu. Em seguida, os gladiadores foram para a lateral do monte Vesúvio, fizeram um círculo em torno dos romanos, que estavam bêbados e excessivamente confiantes, os surpreenderam; muitos foram mortos, mas muitos mais fugiram em pânico. Essa proeza enfureceu tanto os romanos, que mais tarde os historiadores tentaram reduzi-la a um golpe de sorte em vez da arte do planejamento. Mas pode ser que o feito de Espártaco tenha sido ainda mais impressionante, se ele realmente se rebelou com 30 a 50 colaboradores em vez de 70. Plutarco gostava de retratar Espártaco como alguém cujo papel foi crescendo à medida que a rebelião acontecia, quase como se não admitisse que um mero escravo pudesse ter planejado e conduzido empreendimento tão engenhoso.

Espártaco era agora seguido por sua mulher, porém, mais importante ainda, por um grande número de escravos e até por "camponeses livres" (na verdade, servos em tudo, com exceção do nome), que começaram a se unir para juntar-se a ele. Muitos dos que entraram para suas fileiras depois da vitória aos pés do Vesúvio conheciam a região como a palma da mão; as escravas domésticas contaram aos homens de Espártaco onde estavam escondidos os objetos de valor nas casas — e freqüentemente onde ficavam os esconderijos de seus senhores. Os camponeses locais ensinavam aos escravos habilidades artísticas incomuns, como fazer cestas tecidas a partir de galhos, e sugeriam que os cavalos selvagens fossem domesticados de forma que o exército de gladiadores pudesse dispor de um regimento de cavalaria.

À medida que crescia o nível de especialidade do exército nascente, os rebeldes aprenderam como confeccionar escudos rústicos a partir de galhos de uva cobertos por peles de animais, e espadas e lanças por meio do derretimento das pernas-de-ferro e de outras correntes usadas pelos escravos fugitivos. Os escravos dos latifúndios e minas eram recrutas particularmente valiosos, porque tinham sido afiados numa vida de trabalho duro. Mais uma vez, o capitalismo de Roma criava a oportunidade para um número excessivo de reféns. No latifúndio, onde era praticada uma nova agricultura orientada para o mercado, os escravos acorrentados trabalhavam em grupos de 12, sob o controle de um supervisor, confinados em alojamentos primitivos à noite e sempre algemados; Columella, uma famosa escritora romana que versava sobre agronomia, disse que era um erro tirar as pernas-de-ferro dos escravos em um latifúndio. Tinha-se toda razão em temer esses escravos, desumanizados por causa do tratamento brutal que recebiam, quando Espártaco finalmente os libertou.

Recrutas ainda mais valiosos eram os escravos que trabalhavam como pastores de gado, guardadores de porcos e pastores de rebanhos - os mesmos homens que tinham sido a fonte das primeiras rebeliões de escravos na Sicília. Já se observou que, ao longo da história, as sociedades pastorais produzem uma tradição guerreira, porque a fonte básica de riqueza - manadas e rebanhos - é facilmente roubada e por isso precisa ser protegida pela força principal. Apenas os escravos mais fortes podiam ser empregados como pastores, de forma que, num certo sentido, Espártaco os recrutava junto à elite escrava. Esses homens precisavam ser capazes de resistir às adversidades dos rastros do gado, ser ágeis e de passo firme, e ter aptidão para acabar com bandidos e animais selvagens. Muitos dos pastores no sul da Itália foram transferidos da Gália e até tiveram permissão para trazer suas mulheres consigo, mas a lealdade que os ligava aos aristocratas romanos era pequena. Contudo, outra fonte inestimável de força humana para Espártaco eram os "vilici", intendentess ou administradores de fazendas. Esses homens já estavam habituados a ter disciplina, de forma que ela se tornou o objetivo dos oficiais não comissionados e até de lugares-tenente. Além disso, tinham experiência em administração e contabilidade, e sabiam tudo sobre a área na qual estavam empregados: os recursos, os suprimentos e o terreno. Finalmente, não haviam sido originalmente recrutados entre os escravos domésticos, que eram mais ternos e efeminados, mas entre os homens com um passado duro marcado pela labuta.

A ingenuidade e a insolência haviam caracterizado a luta de Espártaco até aquele momento e esses dois fatores tornaram-se cada vez mais a marca de sua campanha. A medida dos romanos foi enviar outro

exército sob o comando de outro magistrado, Publius Varinius, auxiliado por dois subordinados, Furius e Cossinius. Eles ainda não tinham se dado conta da importância de Espártaco e agiram com total arrogância, comportando-se de forma descuidada, deixando de se cercar de seguranças apropriados, tentando subjugar o inimigo de maneira indolente e preguiçosa e - a pior de todas as falhas - dividindo e subdividindo suas forças, fazendo de si mesmos uma presa fácil para um inimigo esforçado. Publius Varinius parece ter deixado o combate em si para seus dois subordinados, porque sabemos que Espártaco caiu logo sobre Furius e matou dois mil romanos em um ataque surpresa.

Cossinius provou que não era mais hábil do que seu colega: primeiro, foi surpreendido pelos gladiadores quando se banhava numa fonte nas terras de uma villa, em Salinae, conseguindo fugir por pouco, mas, logo depois, foi morto quando Espártaco atacou seu acampamento. Os sobreviventes dos desastres de Furius e Cossinius ampliaram sua desgraça ao se amotinarem e se recusarem a lutar contra inimigos tão perigosos. Então, o letárgico Varinius foi finalmente para o campo de batalha com quatro mil soldados de confiança. Agindo cuidadosamente, armou acampamento, fortificou-o com muralhas e fosso, e esperou que Espártaco engolisse a isca e lançasse um imprudente ataque frontal. Mas este identificou facilmente o perigo. Estabelecido perto do acampamento indestrutível de Varinius, fez com que os romanos acreditassem que um ataque era então iminente, lançando-lhes uma saraijada de pedras e gritando insultos e imprecações. Ele então fugiu à noite, deixando um vigia que os sentinelas pudessem ver, mantendo todas as fogueiras acesas e até espalhando suas trincheiras com cadáveres amarrados em estacas, de forma que parecessem ser corajosos defensores.

Na manhã seguinte, os romanos não tiveram a costumeira enxurrada de pedras e de insultos. Varinius enviou cuidadosamente seus observadores, que logo voltaram dizendo que o pássaro tinha voado. Pensando que os gladiadores tivessem fugido, Varinius abandonou seu acampamento fortificado e partiu em busca do inimigo, justamente como Espártaco imaginou que ele faria. Deu de encontro com uma emboscada bem montada e foi obrigado a abandonar seu cavalo e seus lictores, os homens que carregavam as *fascēs* — os símbolos da autoridade do magistrado. A temporada de campanhas de 73 a.C. terminou com a humilhação do poder de Roma, os símbolos de seu poder nas mãos dos escravos e o prestígio do Senado diminuído.

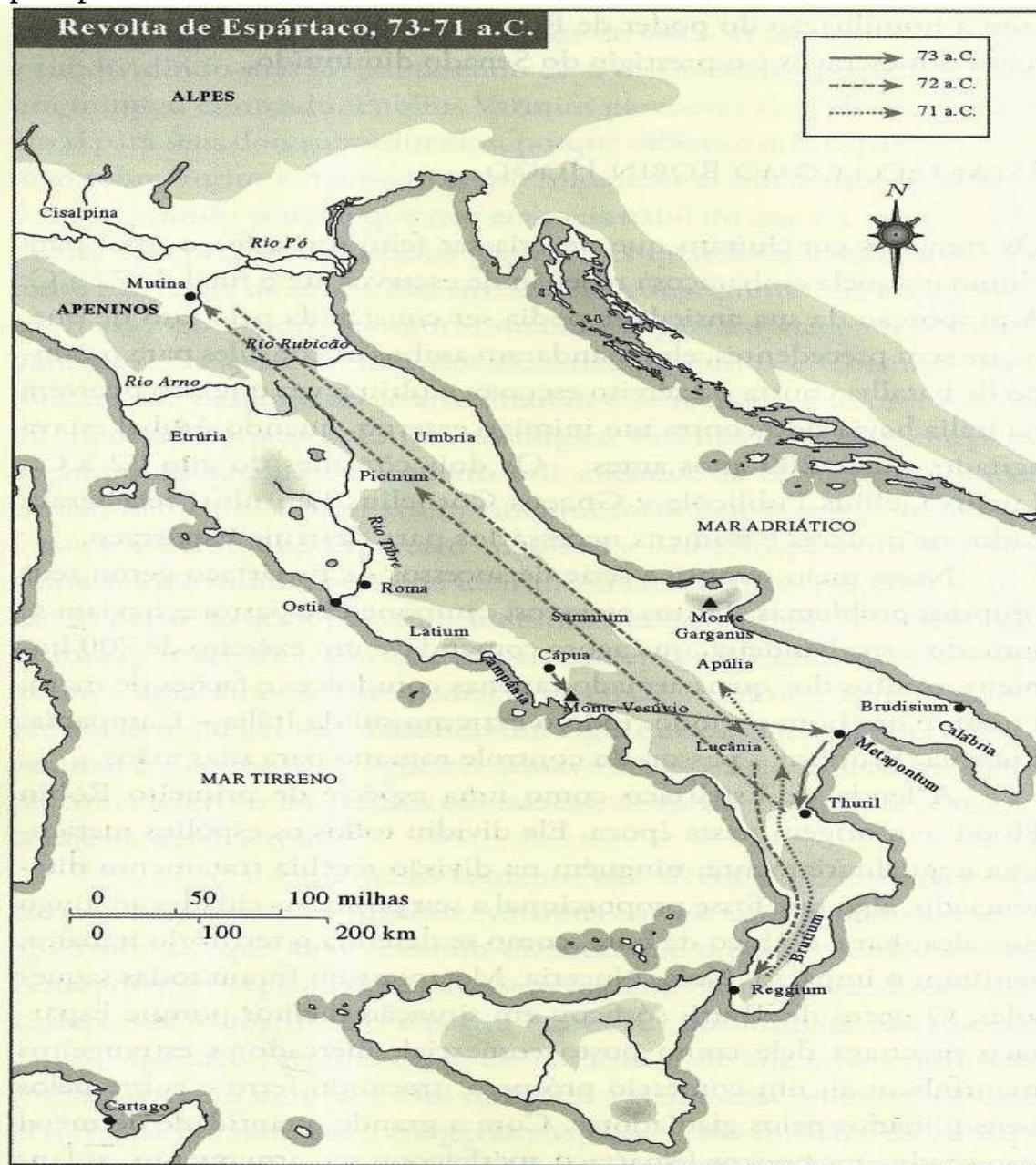
ESPÁRTACO COMO ROBIN HOOD

Os romanos concluíram que deveria ser feito um esforço total para eliminar aquela embaraçosa rebelião de escravos até o final de 72 a.C. A proporção da sua ansiedade podia ser constatada pelo fato de que, quase sem precedentes, eles mandaram ambos os cônsules para o campo de batalha contra o exército escravo; a última vez que isso ocorrera na Itália havia sido contra um inimigo externo, quando Aníbal estava agitado, quase 200 anos antes. Os dois cônsules do ano 72 a.C., Lucius Gellius Publicola e Gnaeus Cornelius Lentulus, receberam todos os poderes e homens necessários para destruir Espártaco.

Nesse meio tempo, a série de sucessos de Espártaco gerou seus próprios problemas. Tantos escravos, camponeses e pastores haviam se juntado à sua bandeira, que agora comandava um exército de 700 homens, muitos dos quais armados apenas com foices e facões de mato. Durante um bom período, todo o extremo sul da Itália - Campania, Lucania, Brutium - passou do controle romano para suas mãos.

A lenda de Espártaco como uma espécie de primeiro Robin Hood tem origem nessa época. Ele dividiu todos os espólios meticolosa e igualitariamente; ninguém na divisão recebia tratamento diferenciado, algo que fosse proporcional a seu posto. As cidades ao longo do calcanhar e do bico da bota, como se desenha o território italiano, sentiram o impacto: Nola, Nuceria, Metapontum foram todas saqueadas. O porto de Thurii só ficou em situação melhor porque Espártaco precisava dele como posto comercial; mercadores estrangeiros mantinham ali um comércio próspero, trocando ferro e cobre pelos bens pilhados pelos gladiadores. Com a grande quantidade de metal comprado, aos poucos Espártaco

aperfeiçoou seu armamento; as lanças, as espadas e os lancetes produzidos não eram em nada inferiores às armas das legiões romanas. O seu conhecido preconceito contra os metais preciosos e seu efeito corruptor veio pela primeira vez à tona nesse momento.



Plínio, o Velho, que gostava de tecer contrastes moralizantes entre a riqueza ostensiva de homens como Marcus Licinius Crassus e a simplicidade e austeridade dos primeiros romanos, apontou o contraste do ascetismo de Espártaco em relação à decadência oriental de Marco Antonio, o amante de Cleópatra, zombando dele por ter um penico de ouro.

Alimentar um hóspede desses estava além dos recursos — tanto do comissariado de Espártaco, quanto do saldo positivo da produção das fazendas do sul da Itália. Por isso, decidiu-se que o exército escravo deveria ser dividido, a fim de deixar a terra mais facilmente. Espártaco levou a metade do exército para o sul, para Brundisium (Brindisi), Consentia e Metapontum, enquanto Crixus, no comando da segunda divisão, foi em direção ao nordeste para as montanhas Garganus, que dão para o promontório da Cabeça de Garganus, projetando-se no mar Adriático. Os romanos perceberam que era a chance deles. Publicola foi para o leste, deu de cara com Crixus e destruiu seu exército depois de uma batalha feroz, na qual Crixus conseguiu ser inocentado; ele e dois terços de seus homens foram mortos. Parece que Crixus, sem a perspicácia de Espártaco, tenha sido levado a deixar posições bem entrenchadas acreditando numa falsa retirada romana. Esperando fazer o mesmo com Espártaco, o outro cônsul, Lentulus, perseguiu-o e

tentou cercá-lo, mas Espártaco, encontrando o ponto de ligação entre os dois setores do exército romano, ao contrário, derrotou-o.

Com o que restava de sua tropa, Lentulus conseguiu se juntar a Publicola e aos soldados reunidos e tentou então deter o caminho do exército escravo em direção ao norte, quando, abruptamente, Espártaco mudou o trajeto de sua marcha. Parece que Lentulus tentou um movimento circular, deixando uma saída entre os dois exércitos, a fim de fazer Espártaco cair na armadilha, quando então o círculo seria fechado.

Espártaco reconheceu a manobra e atacou Lentulus na outra ponta do "círculo", investindo no meio, de forma a separar os dois exércitos. Fontes dispersas afirmam que Lentulus alinhou duas fileiras de soldados no cume da montanha, obrigando os gladiadores a subirem no topo para derrotá-los. Nesse meio tempo, Espártaco tinha deixado parte de sua força para cercar as legiões de Publicola; após derrotar Lentulus voltou para acabar com ele. Se pudermos confiar nas escassas fontes que existem a respeito dessa empreitada, parece que Espártaco levou adiante o estratégia "central" - dividindo um exército de número superior, de forma a ter superioridade local e então destruí-lo gradualmente. Os detalhes podem ser obscuros, mas o resultado não foi: mais uma vez, o exército de gladiadores varreu os romanos; em seguida, tomou os suprimentos deles e prosseguiu em direção aos montes Apeninos.

Espártaco estava agora se dirigindo para o norte graças a marchas compulsórias. Qualquer euforia era amenizada pela percepção de que a disciplina estava se tornando um problema crescente em seu exército. As coisas começaram a sair do controle no extremo sul da Itália, quando seus homens começaram a saquear e estuprar, minando assim a cooperação por parte dos camponeses locais, da qual qualquer exército irregular dependia. Com frequência, os acadêmicos refletem sobre a razão por que Espártaco dirigiu-se de repente para o norte, tendo antes louvado os méritos dos ranchos de gado do sul; mas quase certamente o motivo está no fato de ele ter percebido que apenas com marchas compulsórias seria possível controlar seu exército. Se parasse demais em qualquer área, as pilhagens e as queimadas começavam, uma vez que era impotente para deter os soldados.

Pode ser que a epidemia de estupro, freqüentemente acompanhada de assassinato e destruição insensata, se devesse mais aos camponeses "livres" do que aos escravos - uma suposição reforçada pela experiência das guerras escravocratas na Sicília, 60 anos antes. Naquela ocasião, os escravos rebelados, conscientes do valor da produção agrícola — não só porque eles tinham suado para gerá-la - não destruíram os produtos, as colheitas e vilas, mas demonstraram um respeito sadio para com os resultados da agricultura e do trabalho honesto. Foram os camponeses ligados à terra pela servidão e débitos que cometeram as piores atrocidades, destruíram prédios e colheitas sem nenhuma outra razão a não ser por raiva e inveja.

Espártaco tentou inspirar seus homens com ideais mais nobres e, é possível especular, tendo por base a proibição de se ter ouro e prata em seu acampamento, na convicção de que isso afastasse seus seguidores do amor pela pilhagem e criasse nele o devasso amor romano pela luxúria. As sementes de seu fracasso final estão no insucesso de Espártaco em dissuadi-los. Mas seria um erro enxergar Espártaco como um anacrônico "nobre selvagem". Brutalizado por suas experiências, podia ser tão cruel quanto seu inimigo e, quando chegou a notícia da derrota e da morte de Crixus, sacrificou três mil prisioneiros romanos para apaziguar o fantasma vingativo de Crixus.

A SELVAGERIA DAS GUERRAS ANTIGAS

As modernas noções humanitárias são fora de propósito quando se considera a selvageria das guerras antigas e, especialmente, das revoltas de escravos, consideradas pelos romanos como um insulto à natureza em si. A história nos ensina que as piores atrocidades, as mais cruéis barbaridades e as punições de vingança mais chocantes, sempre acontecem quando não envolvem Estados-nações soberanos lutando uns contra os outros, mas, sim, quando a guerra civil mobilizava combates viscerais. Os piores de todos

são aqueles conflitos em que pelo menos um lado (e com frequência ambos) enxerga o outro como produto subumano ou como um povo distante da civilização: podemos observar essa síndrome na atitude dos políticos Whig em relação aos povos das terras altas (Highlanders); na insurreição jacobina de 1745; na burguesia francesa em relação aos comunas parisienses, em 1871; e nos nazistas em relação aos russos na guerra de 1941-1945. Atitudes semelhantes prevaleceram durante a revolta de Espártaco.

Os romanos pilharam e abominaram os soldados escravos da mesma forma como algumas pessoas odeiam as cobras, e o ódio era recíproco. Espártaco gostava de promover jogos de gladiadores em homenagem a seus guerreiros caídos e ordenava que seus prisioneiros combatessem como gladiadores em torno das piras funerárias de seus heróis pranteados; certa vez, matou 400 prisioneiros dessa maneira. De um ponto de vista pragmático, era uma boa forma de se livrar de bocas não desejadas num contexto em que os próprios rebeldes ficavam frequentemente sem comida. Deve-se assinalar que conquistadores muito mais "civilizados" do que Espártaco e os romanos agiram da mesma maneira, Napoleão e Ricardo Coração de Leão, são dois exemplos. Em defesa de Espártaco, pode-se afirmar que ele aprendeu a crueldade premeditada de seus mestres romanos, que eram adeptos de todas as formas de tortura, assassinato e mutilação. Eles gostavam de relaxar após o jantar com espetáculos particulares de gladiadores, nos quais um corte na garganta ou uma artéria rompida seriam considerados como um drinque digestivo e acolhidos com leite. Na época de Augusto, um homem chamado Vedius Pollio costumava jogar escravos que o haviam irritado em um lago cheio de grandes piranhas famintas.

O pior requinte de crueldade era a punição que os romanos aplicavam aos escravos que se rebelavam - o destino que os homens de Espártaco sabiam que teriam caso fossem derrotados. Os romanos empregavam quatro tipos de pena de morte: cortar a cabeça (a mais misericordiosa), jogar os criminosos para as feras selvagens na arena, morte na fogueira e crucificação (a punição mais vergonhosa, reservada aos estrangeiros e, sobretudo, aos escravos). Os romanos tiveram a idéia da crucificação a partir da prática persa de torturar ou matar, colocando a pessoa numa estaca de madeira, prática transmitida para os cartagineses por seus ancestrais fenícios e então para Roma. Mas, enquanto no Oriente apenas a estaca de madeira era usada, com os braços das vítimas pregados acima da cabeça ou amarrados atrás das costas, os romanos acrescentaram um pedaço de madeira atravessado na horizontal, no qual as armas eram amarradas. Um pedaço de pau vertical era fixado no chão e uma viga horizontal era acrescentada para parecer como um "T" maiúsculo; a idéia de que eles entrassem em intersecção, para criar o formato cristão do crucifixo, hoje familiar, foi uma invenção do século II da Era Cristã.

A crucificação era uma tortura hedionda e martirizante, que ia além das noções mais normais de crueldade e punições incomuns, e não existe nenhum caso histórico autenticado no qual a vítima tenha morrido em menos de 48 horas. Geralmente, a morte acontecia como resultado de lentas câimbras de tétano trazidas por contrações musculares espasmódicas; as câimbras começavam nos músculos do antebraço e, em seguida, atingiam o braço inteiro, a parte superior do corpo, o abdômen e as pernas. Enquanto isso, a posição do corpo impedia a circulação do sangue, produzindo, para usar a terminologia médica, progressiva "carboxyhemia" e o bloqueio "asystolic" do coração. A morte era extremamente vagarosa, uma vez que a contração dos músculos e a conseqüente imobilidade representavam uma pressão enorme sobre o coração; o ritmo do pulso ficava mais lento e o sangue estagnava nas veias capilares. O coração não podia mais eliminar os resíduos, os músculos entravam em espasmo e o sangue parava de circular e levava cada vez menos oxigênio aos pulmões, contaminando-se mais e mais com o dióxido de carbono. Toda a pesquisa médica sugere que a vítima deveria sentir que estava sufocando.

UM EXÉRCITO INVENCÍVEL DE ESCRAVOS?

Com tão poucos recursos, é impossível ter certeza da rota exata de Espártaco em direção ao norte, mas parece provável que seu exército tenha contornado os montes Apeninos pelo leste, seguindo a estreita

faixa da costa entre as montanhas e o mar Adriático, passando perto das atuais localidades de Pescara, Ancona e San Marino. Perto de Mutina (atual Módena), o governador da Gália Cisalpina, Gaius Cassius Longinus, fez uma corajosa tentativa de interceptar o invencível exército de escravos, mas encontrou o mesmo destino que os dois cônsules; ele próprio ou foi morto ou por pouco não conseguiu fugir com vida (as fontes não estão de acordo).

À medida que o exército de Espártaco marchava para os Alpes, havia liberdade à vista. Uma vez do outro lado da fronteira, trácios, gauleses e alemães podiam debandar para suas terras natais e sua vida de escravidão ficaria para trás para sempre. Nesse exato momento, porém, de modo inexplicável, o exército escravo desviou-se subitamente para o sul e se dirigiu de volta à Itália. Esse foi o momento mais controvertido de toda a insurreição de Espártaco e, desde então, seu significado tem dividido os intérpretes. Alguns especularam que os gladiadores não podiam se sentir seguros mesmo de volta à terra natal, temendo que os romanos pudessem jurar vingança e que o longo braço do Senado chegasse até o Reno ou o Danúbio. Plutarco pensou que os próprios gladiadores do exército, principalmente os gauleses e os trácios, queriam realmente debandar para seus países, mas foram persuadidos a não fazê-lo ou foram alvo de uma tensão desmedida por parte da maioria italiana, que pode ter até ameaçado matá-los se não voltassem com eles e continuassem a prestar seus serviços especializados. Com certeza, nessa época havia uma grande maioria de italianos no exército, e a motivação deles era a pilhagem. Não tinham interesse em deixar a península, e as regiões frias e desconhecidas da Gália e Trácia não exerciam nenhuma atração sobre eles.

Com relutância, Espártaco ordenou que voltassem e rumassem para o sul. O que ele estava pensando e qual foi sua estratégia é uma incógnita. Em seu coração, ele deve ter percebido que o melhor havia ficado para trás, que ele estava agora envolvido com uma busca desesperada. É impossível conjecturar o que Espártaco conhecia de história, mas entre seus 70 mil seguidores devem ter existido pessoas que lhe contaram sobre os feitos de Aníbal. De todos os guerreiros que já tinham se insurgido contra Roma desde sua ascensão, Aníbal de Cartago era o que chegara mais perto do sucesso, por meio de uma campanha de 15 anos, em que perambulou pela zona rural italiana, justamente como Espártaco se propunha a fazer agora.

Quando Aníbal deixou a África do Norte em sua grande façanha, no ano de 220 a.C., os romanos foram tão arrogantes e complacentes como quando Espártaco saiu da escola de Cápua. Prosseguindo para a Espanha, Aníbal sitiou Saguntum, no sudeste da península Ibérica, e tomou-a depois de um longo cerco. Ele não podia se permitir deixar uma fortaleza tão poderosa em sua retaguarda e precisava de um volume abundante de saques para manter seus homens (principalmente mercenários da África do Norte, Gália e Espanha) felizes. Aconteceu então a famosa passagem de toda a cadeia dos Alpes, com elefantes, no verão de 218 a.C.. Finalmente em solo romano, venceu uma primeira batalha no rio Ticinus, mas os ainda despreocupados romanos se concentraram numa revolta em Uíria, em vez de lhe dar atenção. Quando o cônsul Publius Cornelius Scipio teve ordens de rumar para o norte com 45 mil homens, Aníbal, com apenas 30 mil, destruiu-o em Trebia, provocando 20 mil baixas. Aníbal então marchou para o sul e derrotou novamente os romanos no Lago Trasimene, na Itália central (em junho de 217 a.C.); os romanos sofreram mais de 15 mil mortes e 15 mil capturas. Veio, então, o ano da famosa Estratégia Fabiana, quando o ditador romano Quintus Fabius tentou empurrar os cartagineses para fora, seguindo seus passos, mas evitando firmemente a batalha. Foi só quando os romanos ficaram impacientes com a lenta guerra de ataque e inação que Aníbal pôde conseguir seu maior sucesso. Em Cannae, no centro-sul da Itália, em agosto de 216 a.C., ele cercou e aniquilou um exército romano de 87 mil homens (sua própria tropa contava com 40 mil soldados). Matou pelo menos 50 mil romanos contra um custo de 6 mil mortos e 10 mil feridos em seu próprio exército. Na teoria, Cannae foi a batalha mais decisiva de toda a história e deveria ter dado a vitória completa a Aníbal.

Os romanos, contudo, recusavam-se a admitir a derrota. Lentamente, mas com firmeza, conseguiram vantagens, embora Aníbal continuasse a vencê-los em batalhas combatidas intensamente. Usando recursos que pareciam nunca acabar, evitaram que Aníbal tomasse Nola, no sul da Itália, eles próprios sitiando e derrotando o chefe de seus aliados samnitas, em Cápua, contendo a invasão de um novo exército cartaginês em Beneventum, e assim abrindo duas novas frentes, na Espanha e na Sicília. Primeiro sitiaram e derrotaram Siracusa, o grande aliado de Aníbal, em seguida livraram a Espanha dos exércitos cartagineses numa longa série de batalhas. Finalmente derrotaram Asdrúbal, irmão de Aníbal, em Metaurus (207 a.C.) e o novo exército que ele estava trazendo para fortalecer Aníbal. Cada vez mais isolado e com números em queda, Aníbal tentou de tudo para recuperar a iniciativa, até marchando sobre a própria Roma em 211 a.C., a fim de fazer com que os romanos levantassem o cerco a Cápua.

Confiantes de que Aníbal desconhecia os mecanismos do cerco para tomar sua grande cidade, os romanos se trancaram dentro de suas muralhas e mantiveram o cerco a Cápua. Finalmente, quando Aníbal ficou sem nenhuma opção na Itália, os romanos lançaram sua jogada de sorte, enviando para a Tunísia e levando a guerra para a própria Cartago àquele que estava cuidadosamente esperando para jogar seu trunfo, o general Scipio Africanus, com um grande exército. Em pânico, as autoridades de Cartago chamaram novamente Aníbal para a África do Norte. Sem um exército de cavalaria adequado, Aníbal rumou para a região e foi derrotado por Scipio, em Zama (202 a.C.). A causa de Cartago estava perdida para sempre. Existe aqui um claro precedente histórico. O inimigo mais mortal que Roma já enfrentara havia derrotado seus exércitos em sete batalhas, devastara a

Itália ao longo de 16 anos, mas ainda assim acabou perdendo a guerra. Roma havia provado que seus recursos eram inexauríveis, sua força de vontade indomável e sua confiança era tal que poderia levar outras campanhas adiante até mesmo enquanto estivesse contendo Aníbal, reconhecido como o maior gênio militar de todos os tempos, depois de Alexandre, o Grande. Qual era, então, a esperança de que Espártaco podia se sair melhor?

UMA CONJUNTURA PARTICULAR

Os otimistas no acampamento de Espártaco exortaram a conjuntura particular dos acontecimentos históricos no ano de 72 a.C. Quando Roma enfrentou Aníbal, a cidade estava unida por um objetivo comum. Mas agora estava arruinada pelas facções, a República estava se recuperando de uma guerra civil de dez anos entre os generais Marius e Sulla, cujos seguidores passaram matando-se entre si durante a maior parte da década dos anos 80 a.C.; os aliados italianos estavam distantes, tal como demonstrado pela chamada Guerra Social de 91-88 a.C., para não dizer do apoio dado à sua própria revolta e, nesse exato momento, Roma estava ocupada com outras três grandes campanhas. Havia algo nesse raciocínio. A questão da terra e as grotescas desigualdades de riqueza haviam feito de Roma uma sociedade frágil, onde ainda havia indícios da iminência de uma subguerra civil entre a velha facção aristocrática patrícia, conhecida como os "optimates" - basicamente homens que não queriam nenhuma mudança na estrutura social - e os "populares" — também formada por homens ricos, mas que desejavam atrair as pessoas comuns para seus programas, em troca de um volume mínimo de distribuição de terra.

A maioria dos populares não estava tão interessada na massa de pessoas, assim como os optimates, mas, ao contrário deles, considerava corretamente, que afastar-se delas e desprezá-las abertamente fosse ruim, consistindo numa política perigosa. Embora Roma fosse oficialmente governada pelo Senado, o órgão soberano de 600 legisladores, na verdade, esse organismo geralmente aprovava sem muita discussão as decisões do homem mais poderoso: nos anos 90 a.C, Marius; e nos 80 a.C., Sulla. Na época da revolta de Espártaco, o verdadeiro poder estava nas mãos de três homens: Lucius Licinius Lucullus, o campeão dos optimates; C. Pompeius Magnus (Pompeii), herdeiro de Sulla, oficialmente um optimate, mas totalmente

despreocupado em relação às pessoas a não ser consigo mesmo; e o populista demagogo e plutocrata Marcus Licinius Crassus.

Os dois grandes líderes guerreiros, Lucullus e Pompei, já estavam engajados em guerras além-mar. No ano 74 a.C. Nicomedes IV, rei de Bitínia, na Ásia, deixou seu país como legado para Roma, e o Senado enviou os dois cônsules Lucius Licinius Lucullus e M. Aurelius Cotta para administrá-lo. A presença dos romanos na soleira de sua porta inflamou o rei Mitridates de Pontus, um antigo inimigo de Roma que combateu longas guerras contra Sulla nos anos 80 a.C. Mitridates atacou Cotta, mas foi obrigado a se retirar quando Lucullus, mais enérgico, cortou sua rota de suprimentos. Lucullus era um bom general, mas Mitridates era um opositor astuto que continuava a lhe dar trabalho, e, quando Lucullus o derrotou, atravessou a fronteira leste e entrou no reino independente da Armênia, governado por seu amigo Tigranes, e desafiou os romanos a ampliar a guerra para tão longe, no leste. Enquanto isso, na Espanha, Pompei ainda estava engajado em uma luta implacável contra Quintus Sertorius, herdeiro do manto de Marius, e que tinha, portanto, o mesmo tipo de relação com Marius que Pompei havia tido com Sulla. Sertorius era outro general talentoso, e Pompei era já terceiro no escalão, de forma que o solo espanhol viu uma implacável luta de vaivém que se prolongou por cinco anos (76-71 a.C.), com nenhum dos lados obtendo uma vantagem clara.

Como se essas duas guerras não fossem suficientes, Roma também estava envolvida num confronto sem fim com os piratas do Mediterrâneo, um tormento nas rotas dos navios ao longo de mais de uma geração. Ainda em 78 a.C., o Senado indicara P. Servilis para um posto de comando de três anos com vistas a acabar com a pirataria, mas ele não teve nenhum sucesso e, em 74 a.C., foi substituído por M. Antonius, que parecia ter mais firmeza. Infelizmente, num revés para a esperança cultivada pelos romanos, Antonius foi duramente rechaçado pelos piratas de Creta, no ano de 72 a.C. Assim, quando Espártaco retornou da Gália, Roma estava na defensiva na Espanha e no alto mar, com a perspectiva do vulto de uma possível guerra contra a Armênia, no leste.

Espártaco, porém, sabia que o moral era importante. Percebeu que se seu vasto exército simplesmente voltasse para a Itália a fim de fazer pilhagens, logo se desintegraria, uma vez que os bandos de saqueadores se dividiam para estuprar e pilhar; toda a disciplina estaria perdida e ele próprio teria dificuldades para impor sua autoridade, que já tinha recebido um golpe quando seus homens se recusaram a segui-lo para os Alpes. Assim, decidiu anunciar que a volta à Itália era parte de uma grande estratégia: tendo mostrado aos romanos que, tal como Aníbal, eles podiam subir e descer a Itália, agora ia conquistar as mesmas proezas dele, marchando sobre Roma e conseguindo tomá-la onde os cartagineses haviam fracassado. Ele sabia, no entanto, que teria de satisfazer os caprichos de seus homens e ficar atento para o que estava deixando para trás.

A MARCHA PARA O SUL: A ESTRATÉGIA FINAL?

Desesperado por nunca derrotar Sertorius no campo de batalha, os romanos finalmente ofereceram uma recompensa de 100 talentos (uma das unidades de peso da Antigüidade) de prata e 20 mil acres de terra para qualquer um que o entregasse a eles, vivo ou morto. A isca foi fisgada por Marcus Perperna, o próprio oficial de Sertorius, em 72 a.C., que o matou e assim pôs fim à guerra espanhola. Estava claro que o mesmo destino poderia ter tido Espártaco, e as evidências sugerem que ele tentou afastar seus homens desse tipo de pensamentos nocivo com um programa de atividades constantes e marchas obrigatórias. Falou-se de mais prisioneiros romanos sendo oferecidos como sacrifício humano para apaziguar os deuses da guerra. Espártaco partiu então em direção ao sul, pelo lado oeste dos Apeninos, dirigindo-se para Roma, queimando tudo que encontrava pelo caminho, matando todos os prisioneiros para não precisar alimentá-los e abatendo seus animais aos poucos, para comer a carne, usando a desculpa de que o peso das feras estava retardando o ritmo da marcha.

Mas quando o exército alcançou a latitude de Roma, de repente rumou para o leste, em direção aos pés dos montes Apeninos, antes de desviar de Roma e acelerar o passo em direção ao sul, para o leste de Cápua, cruzando finalmente a trilha onde o desafortunado Crixus havia deixado Campania, para em seguida fazer sua última parada nas montanhas Garganus. Podemos apenas conjecturar sobre as decisões do exército de escravos na marcha para o sul: será que os gladiadores concluíram, sabiamente, que Roma era invencível, exceto para um exército equipado com poderosos mecanismos para impor cercos e habituado a essa técnica? Será que o moral subiu até o ponto de Espártaco, mais uma vez, sentir-se seguro e ressuscitar a estratégia de deixar a Itália? Já havia discórdia e partidarismo fatais em seu exército?

É certo que o exército de Espártaco finalmente começou a se dirigir para Brundisium (Brindisi) com a suposta intenção de chegar à Sicília e incitar os escravos de lá, onde havia uma velha e sólida tradição de revoltas dos servos. Será que, nos Alpes, o exército recuou com medo do desconhecido, não apreciando o clima do norte, mais frio, mas agora, quando tinha adiante a perspectiva da quente Sicília, que lhe era familiar e onde podia estar entre amigos e aliados confiáveis, finalmente admitia a sabedoria da estratégia de saída de Espártaco? Talvez, ainda teria sido preciso outra marcha ao longo da espinha dorsal da Itália antes que o curto período de estupros e pilhagem se enfraquecesse e o exército estivesse então finalmente preparado para escutar a sabedoria de seu grande líder. Porque, à primeira vista, há algo mais do que absurdo em retornar ao lugar onde eles tinham estado 12 meses antes. Ou Espártaco estava, no início, incerto em relação à sua estratégia final ou, o que é muito mais provável, ele não havia sido o senhor em sua própria casa e foi obrigado a acompanhar, por mais que estivesse relutante, a opinião da maioria.

O que é absolutamente certo é que Espártaco, a despeito daqueles que o defendem, nunca foi um revolucionário social ou um dos pioneiros na defesa da igualdade social ou um dos primeiros líderes jacobinos, comunistas ou proletários. Ele simplesmente queria voltar para sua terra natal e à simplicidade do começo de sua vida. A marcha sobre Roma talvez tenha sido um truque para manter seu exército unido; Espártaco não tinha nenhum interesse ou negócios urgentes lá, e os únicos analistas que imaginaram o contrário foram aqueles que, incorretamente, viram-no como um ideólogo ou alguém que queria transformar a raiz da sociedade romana e seus frutos. Essas idéias estavam provavelmente além da tendência observada até mesmo entre os mais avançados e revolucionários pensadores do mundo Antigo; os cristãos, os mais originais teóricos da Era Romana, continuavam a acreditar na escravidão e a manter escravos.

Crassus Versus o "Demônio" Espártaco

À medida que se aproximava o terceiro ano da guerra, mesmo os romanos, que eram cruéis e estóicos e estavam acostumados a sofrer, começaram a entrar em colapso; Plutarco fala de medo e desespero porque ninguém podia exorcizar o demônio Espártaco. Lentulus e Publicola foram novamente degradados e confinados aos assuntos civis pelo resto de seus consulados, enquanto o comando dos exércitos romanos na Itália foi dado a Marcus Licinius Crassus, o terceiro homem em ascensão na luta pelo domínio de Roma, depois de Lucullus e Pompei. Crassus, já um homem rico, se tornaria uma alcunha para riqueza; "tão rico quanto Croesus" era a frase grega, mas a equivalente em Roma bem poderia ter sido "tão rico quanto Crassus". Tendo começado a vida como um homem rico (com uma fortuna de 300 talentos ou 7 milhões e 200 mil sestércios), mas sem ser ainda um plutocrata, construiu um tesouro de 7.100 talentos (216 milhões e 800 mil sestércios até o final de sua vida).

Com 42 anos, quando eclodiu a rebelião de Espártaco, Crassus inicialmente ganhou dinheiro com a especulação imobiliária em Roma. A cidade da República, e até mais durante o Império, era literalmente inflamável, com seus prédios de sete andares e favelas formadas por choupanas crescendo num inferno

abrasador - resultado de farras de bebedeiras, malignidade, negligência, desordem, aquecimento primitivo e ausência total de orgulho cívico. A especialidade de Crassus era comprar edifícios que estavam em chamas por um preço muito baixo; os proprietários, sem seguro, enfrentando a ruína ou os custos exorbitantes da reconstrução, ficavam assim felizes de reaver alguma coisa do investimento que haviam feito. A engenhosidade de Crassus era que ele havia formado um quadro de especialistas em construção - escravos especializados em arquitetura, encanamento, saneamento, obras e todos os demais ofícios e habilidades da construção civil; além disso, ele tinha a sua própria brigada particular contra incêndios, pronta para acabar com um incêndio rapidamente, depois que Crassus fechava um negócio. Mesmo se um prédio fosse completamente devorado pelo fogo, Crassus acreditava que podia reconstruí-lo e vendê-lo fazendo um grande lucro. Naturalmente, seus inimigos sussurravam que eram o "exército secreto" de escravos de Crassus quem dava início à maioria dos incêndios, e as suspeitas parecem ser bem fundamentadas.

Embora a imagem que a história nos transmitiu dele é a de um locador de barracos de favela, na verdade, ele era demasiado sagaz do ponto de vista financeiro para apoiar sua fortuna sobre uma base tão frouxa. As incertezas do mercado imobiliário romano, a dificuldade em impor julgamentos civis contra as pessoas sem recursos e a população flutuante de Roma indicavam que, para qualquer empreendedor que quisesse entrar no ramo, seria tolo empatar capital nos aluguéis de imóveis.

A especialidade de Crassus não é desconhecida no mundo atual: a compra, a reforma ligeira e a venda rápida de propriedades compradas por uma bagatela. Logo ele diversificou suas atividades e entrou para a agricultura — a única forma respeitável de investimento na antiga Roma - mineração (principalmente as minas de prata de Roma), impostos agrícolas e bancos. Utilizava seus agrupamentos de escravos treinados como mão-de-obra particular a ser alugada, e empregava-os como leitores, copistas, garçons, condutores de bigas - qualquer coisa que o mercado demandasse. Também se tornou um grande chefe político, dispensando favores e proteção, levando as pessoas a criarem laços indissolúveis com ele por meio de empréstimos, estabelecendo uma poderosa rede de clientelismo e deveres. Em breve, estava em posição de desafiar politicamente Lucullus e Pompei, mas algo o atormentava: sua falta de glória militar. Com suas proezas, Pompei e Lucullus conquistaram o prestígio que nenhum mero capitalista jamais poderia conseguir, pois a cultura romana exaltava o poder militar acima de qualquer outra coisa, até da riqueza. É lógico que os dois caminhavam lado a lado, pois, para seu desalento, Crassus descobriu que Pompei estava logo mais rico que ele, apesar de seu talento ínfimo para os negócios. Os lucros das conquistas militares, os frutos das pilhagens e os tesouros que um general vitorioso podia levar para Roma superavam os lucros que até o mais inspirado capitalista podia obter. Já era hora de Crassus diversificar sua atuação e entrar para a guerra.

"Suficientemente Rico para Comprar uma Legião"

O novo chamamento direcionado a Lentulus e Publicola trouxe nova chance a Crassus. Enquanto os cônsules degradados trabalhavam, salvando as aparências no escritório do "censor" (responsável pelos cadastros eleitorais), que havia voltado a funcionar e, ao mesmo tempo, tentavam levantar dinheiro para as guerras com medidas duvidosas e claramente a favor de Pompei, Crassus colocou sua vasta fortuna à disposição do Senado, desde que ele fosse indicado comandante supremo. Os romanos gostavam de debater o que significava ser realmente rico, e o escritor latino Plínio, o Velho afirmou que não se podia chamar nenhum homem de rico se ele não pudesse pagar e equipar uma legião de cinco mil homens. Os romanos eram muito bons em se exceder uns aos outros com hipérboles, e essa antiga tradição sobre ser "suficientemente rico para comprar uma legião" logo foi transformada pelo princípio multiplicador em "suficientemente rico para comprar um exército inteiro". Em uma palavra, Crassus oferecia equipar e pagar por seis legiões, cuja força variava entre cinco mil e seis mil homens. Prometeu queria entrar no

campo de batalha contra Espártaco, com 40 mil dos melhores combatentes que jamais houvessem portado o uniforme romano. Vale a pena fazer uma pausa para refletir sobre aquilo com o que ele estava se comprometendo.

As seis legiões custariam 450 talentos no que se refere ao pagamento anual de salários para a infantaria, mais 37-38 talentos para a cavalaria e a mesma quantia para os auxiliares. Levando em conta o salário mais elevado dos oficiais e adicionando todas as demais quantias, chegaria-se à soma de cerca de 600 talentos. Se supusermos que, até o ano 72 a.C., Crassus já estivesse a meio caminho dos 7.100 talentos que, indubitavelmente, possuía em 55 a.C., pouco antes de sua morte, pode-se considerar que ele podia confortavelmente se permitir gerir um exército inteiro e, ainda assim, ter dinheiro de sobra.

O primeiro problema, para Crassus, era avaliar por que Espártaco tinha obtido tantas vitórias, porque, na teoria, parecia improvável que um exército de escravos pudesse derrotar legiões romanas, ou pelo menos não mais de uma vez. As descrições de batalhas dos antigos historiadores não nos permitem resolver esse *conundrum*, mas a riqueza de material disponível acerca dos métodos de combate romanos e seus embates com outros exércitos irregulares, como os alemães, nos possibilitam traçar um quadro bem delineado. Normalmente, as legiões romanas combatiam em três frentes de batalha, dispostas sobre uma formação de tabuleiro de xadrez. Na primeira estavam os "hastati" (literalmente, os "homens de lança"), os soldados mais jovens, e atrás deles, mas de lado, de forma a deixar um espaço, estavam os "príncipes" (os "chefes"); e atrás destes, alinhados na mesma posição da primeira frente, estavam os reservas ou "triarii": o ditado latino "estar de volta aos triarii" significava "encontrar-se numa situação desesperadora ou quase sem recursos".

Os romanos combatiam em fileiras compridas e estreitas, permitindo-lhes atacar de flanco o inimigo que usava formações extensas. Em uma batalha típica, as escaramuças (*velite*) primeiro envolviam o inimigo e tentavam romper sua formação, para, em seguida, quando pressionados, recuarem através dos espaços deixados no tabuleiro de xadrez; se houvesse uma fileira contínua em todas as três frentes, começava o caos. A medida que o inimigo se aproximava, os *príncipes* arremessavam lanças leves nas cabeças das primeiras fileiras e, então, os *hastati* lançavam o dardo mais pesado, ou *pilum*. A primeira frente de batalha desembainhava suas espadas e entrava em combate cerrado; o impacto dos exércitos que se confrontavam era tão grande que freqüentemente os legionários se jogavam nos escudos do inimigo para cortá-los. A inteligência das três frentes de batalha dispostas sobre a formação de um tabuleiro de xadrez residia em permitir aos romanos combater em sistema de revezamento. Em virtude de o trabalho e o estresse do combate ser tão grandes, os homens só conseguiam lutar com intensidade durante períodos curtos, antes de se retirarem exaustos, quando então as frentes da parte traseira iam para a dianteira e preenchiam os espaços. O combatente descansado voltava em seguida para a luta, substituindo o outro, e assim por diante. Se a batalha estivesse indo mal, o *hastati* ia para a segunda frente e, então, em dificuldades, ambos iriam de volta para os *triarii*.

Saber administrar o tempo era tudo na batalha. Se a segunda frente fosse enviada cedo demais, podia permanecer emaranhada no combate frontal e ficar exausta; se fosse enviada tarde demais, podia ser varrida no caminho. Como as três frentes ofereciam uma resposta flexível ao inimigo, era difícil para uma única frente de combatentes, como na tradicional falange, abrir caminho. Mas se fosse enviada com velocidade e braveza suficientes, uma única investida podia mandar os *hastati* para trás rápido demais, a fim de permitir que a segunda frente fosse disposta com eficiência. Sabemos, com base nas campanhas alemãs, que os exércitos bárbaros gostavam de lutar em formações de falange, com escudos que se sobrepunham, ou naquelas baseadas no formato da cunha, destinadas a adentrar no exército inimigo como um abridor de latas gigante. Para vencer as legiões, o inimigo precisava geralmente de uma combinação incomum de superioridade numérica, velocidade, surpresa e terreno favorável.

MOTIVAÇÕES DIFERENTES: LIBERDADE E DIZIMAÇÃO

Espártaco era brilhante em empurrar os romanos para territórios que o favoreciam, o que é surpreendente, uma vez que as legiões costumavam lutar apenas em terreno de sua própria escolha; se eles não pudessem encontrá-los, gostavam de se abrigar atrás de seus acampamentos fortificados, quase impenetráveis. Os livros didáticos descrevem a localização na qual um comandante romano dispunha suas tropas como o cume de uma montanha, com um riacho embaixo, de modo que o inimigo precisasse seguir seu curso e subir montanha acima. Com exceção de um único caso, no qual parece que Espártaco realmente teve de subir, mas ganhou assim mesmo, ele era ótimo em conseguir fazer as legiões abandonarem suas táticas habituais. Certamente, é possível entender por que os comandantes romanos partiam de seu próprio terreno quando combatiam os rebeldes. A flexibilidade na tática era sempre importante, como demonstraram suas grandes vitórias do passado, e eles estavam combatendo um inimigo que não empregava os métodos habituais; o hábito de desqualificar o opositor e de demonstrar total arrogância também contribuiu. Mas talvez a carta vencedora que Espártaco tinha era a motivação de seus homens.

Desde que Marius aboliu a qualificação de propriedade para servir nas legiões, o exército romano era uma força profissional formada por cidadãos sem terra, interessados nas aposentadorias, na terra e nos pagamentos em dinheiro com os quais seria recompensada uma campanha vitoriosa, e não em matar o maior número possível de inimigos. Os gladiadores e escravos, por outro lado, lutavam porque estavam desesperados para receber o fruto das pilhagens e permanecerem livres; se eles perdessem não havia nenhum "travesseiro protetor" financiado pelo Estado sobre o qual cair. Esse deve ter sido, algumas vezes, o fator decisivo para que os dois exércitos entrassem em confronto. No longo e traumático trabalho do combate frente a frente, a resistência e a força de vontade também eram importantes, assim como a energia exigida para desfechar mais um golpe, e mais um; todos sabiam que o lado que desistia primeiro seria desbaratado e massacrado.

Crassus concluiu que a maneira de derrotar Espártaco não seria se precipitando em batalhas prematuras, mas mantendo seus soldados treinados para uma investida desafiadora e esperar pela oportunidade certa. Deixando o grosso de seus soldados baseados em Picenum e Picentia (Vicenza, perto de Amalfi), enviou seu legado Mummius para o sul com ordens estritas de imitar o exemplo de Fabius contra Aníbal: nunca empenhar tropas em combate, seguir o inimigo, mas se ele avançar, retirar-se imediatamente. Naturalmente, Mummius, um homem interessado em tirar proveitos pessoais, inspirado pela ânsia de glória, desobedeceu as instruções quando percebeu a oportunidade para uma vitória fácil. Mas Espártaco estava apenas brincando com ele e infligiu mais uma derrota dura sobre os romanos. A derrota de Mummius provocou comoção, porque testemunhas oculares relataram que seus homens entraram em pânico quando os "bárbaros" surgiram entre eles; aqueles que conseguiram escapar da carnificina foram os que abandonaram as armas e fugiram.

Crassus era tão meticuloso com relação à disciplina quanto Espártaco, mas enquanto o líder dos gladiadores tinha de liderar para dar o exemplo, por lisonja e carisma pessoal, Crassus usava o poder da brutalidade. Resolveu trazer de volta a antiga prática romana da dizimação, reservada para aqueles que tinham sido covardes na batalha. Se uma unidade do exército fosse considerada problemática, desobediente ou com falta de coragem, um soldado em cada dez seria escolhido por acaso e espancado até a morte por seus antigos colegas. Parece mais provável que tenham sido escolhidos 500 homens das unidades derrotadas do exército e 50 "cabeças de motim" tenham sido espancados até morrer. A dizimação é uma daquelas práticas que, assim como o canibalismo, não perdeu nada de seu significado, mas que, novamente como o canibalismo, foi uma experiência histórica real e terrificante.

A dizimação foi exercida nos exércitos romanos com a frequência suficiente para não ser considerada uma prática extraordinária, embora tenha começado a acabar sob o Império - a engenhosidade romana

encontrou outras formas de crueldade mais interessantes para perpetrar. Ao lado da execução pública de prisioneiros, ensinou à juventude romana a lição sobre o que aconteceu àqueles derrotados na guerra e incutiu a noção de que era melhor morrer honrosamente na batalha do que ter uma morte de covarde mais tarde. Era um sistema rudimentar e veloz de reforçar o terror nos recrutas inexperientes, como admitiu o historiador romano Tacitus: "quando cada décimo homem de um exército derrotado é espancado com porretes, o destino também recai sobre os corajosos. Dar um exemplo em grande escala implica inevitavelmente alguma injustiça. O bem comum é adquirido com o sofrimento individual".

DESEJO DE PAZ NEGADO

Espártaco logo percebeu que a era dos combates contra os romanos de segunda classe estava no fim. A fim de sentir a reação, fez propostas de paz para Crassus, totalmente rejeitadas pelo romano, que nem se dignou a responder às ofertas de um escravo bárbaro, considerado por ele um subumano. Mesmo que ele fosse humanitário, disposto a levar a sério a proposta de paz de Espártaco, politicamente Crassus não tinha escolha. O simples fato de abrir conversações destruiria sua credibilidade. Teria ficado desacreditado e desapontado por não conseguir todos os objetivos pelos quais havia tomado o comando para si. Além disso, naquele momento Crassus estava muito preocupado com sua própria imagem. Tentando ser um homem do povo por meio da velha tática de conhecer os homens pelo nome e assim chamá-los pelos seus próprios nomes de batismo, onde quer que estivesse Crassus fazia questão de convidar as pessoas simples do povo para seus generosos banquetes, em vez dos oligarcas das antigas famílias, embora não tivesse nenhum verdadeiro interesse no homem comum, posando como seu salvador simplesmente para construir uma base de poder político. Seus críticos aristocratas disseram que Crassus nutria simpatias suspeitas, que ele era mole demais para lidar com firmeza com Espártaco e seu "exército do povo". Por isso, Crassus partiu deliberadamente para provar que era um homem de ferro; como disse Plutarco a respeito dele: "Era forte porque era popular e temido - particularmente porque era temido". Crassus estava determinado a não demonstrar clemência alguma a Espártaco. Continuando sua política de sair à caça daqueles que vagueavam, dos sentinelas que ficavam na retaguarda ou de qualquer unidade de escravos que cometia um erro, e de desferir golpes contra eles, obteve uma primeira grande vitória montando uma emboscada e aniquilando uma coluna de dez mil homens que operavam de forma independente de Espártaco. Eles devem ter levado o exército escravo a saquear por causa da escassez de comida, ou, mais provável, eram um grupo dissidente liderado por homens que pensavam ser tão bons quanto Espártaco e não queriam mais obedecer às suas ordens.

Naquela época, parte do problema para os gladiadores era o fato de seus planos de fuga estarem sendo revelados. Tendo originalmente planejado para embarcar com a frota do pirata cilício em Brindisi, Espártaco recebeu um comunicado de que o local de embarque tinha sido transferido para os Estreitos de Messina; eles não se importaram em ficar tão perto de onde o exército de Crassus estava operando. Depois de ter entrado em acordo em relação às altas tarifas cobradas pelos piratas, Espártaco e seu exército atravessaram a Lucania para o norte do peito da "bota italiana", como é conhecido o território, e alcançaram o mar pelos estreitos próximos da moderna Reggio di Calabria. Um choque terrível os aguardava ali: não havia navios para eles. O corrupto C. Verres, governador da Sicília, que dirigia a ilha como um feudo pessoal ou (oportunamente) como um dos primeiros mafiosos, ficou alarmado quando soube que Espártaco e seu terrível exército de escravos queriam atravessar a Sicília e instigar os despossuídos e ressentidos que ainda se lembravam das primeiras revoltas escravas. A última coisa que Verres queria era Espártaco e, em seguida, depois dele, presumivelmente, Crassus, intrometendo-se com suas operações lucrativas e esquemas de extorsão. Verres sabia como chegar até o coração dos piratas. Ele simplesmente lhes fez uma oferta muito mais elevada que a de Espártaco: entregou ouro para os piratas e os convenceu a partir com os navios na hora do pôr-do-sol.

A atitude de Verres foi um golpe de mestre e, provavelmente, arruinou Espártaco de forma mais eficiente do que qualquer outra coisa. Quando Verres foi levado a julgamento, em 70 a.C., por extorsão, o conselheiro da promotoria, Cícero, negou que Verres tivesse alguma coisa a ver com a destruição dos gladiadores. Mas Cícero, um bajulador, alguém que gostava de reclamar, além de ser um mentiroso patológico e também um grande orador, na época estava se aproximando de Pompei, que ele identificava como a estrela ascendente, e certamente não ia dar nenhum crédito para Verres.

UM EXÉRCITO DE ESCRAVOS EM DESESPERO

Pode-se imaginar o desespero nas fileiras do exército de escravos. Inicialmente, os combatentes desorientados tentaram se transformar em marinheiros e fuzileiros navais, construindo embarcações feitas de vigas de madeira, amarradas a barris, para que flutuassem, embora sacudissem como cachos de uva; mas, depois de várias tentativas de levantar âncora e de muitos afundamentos, concluíram, com razão, que só com embarcações resistentes e maiores conseguiriam seguir adiante e superar as correntes traiçoeiras. Os estreitos de Messina eram conhecidos por suas contracorrentes rápidas. Os antigos navegadores achavam a passagem por essas águas tão difícil a ponto disso ter dado origem à lenda de Scilla e Charibdis, segundo a qual não importava para qual lado dos estreitos a embarcação se dirigisse, a situação era de perigo mortal, provocada por um monstro do mar ou por um redemoinho que tragava tudo. Com desolação, Espártaco levou seu exército mais para o norte, ao longo da costa do mar Tirreno, e montou acampamento no promontório de Scillaeum (perto da moderna cidade de Scilla). Crassus pensou que essa era a sua chance e se lançou. Contudo, outra razão para que ele deixasse a cautela de lado foi ter tomado conhecimento que Pompei, vitorioso na Espanha, estava voltando para Roma.

Crassus conhecia de longa data os métodos de Pompei e sabia que a última vez que ele tinha voltado com um exército conquistador havia até enfrentado o terrível ditador Sulla, conseguindo triunfar.

Na pior das hipóteses, a volta de Pompei podia implicar uma guerra civil, mas mesmo na leitura mais otimista das runas, certamente ele exigiria ser designado cônsul para o ano 70 a.C.. Embora, segundo o princípio de "rodízio de Buggins", usado em Roma para as carreiras da elite, Crassus deveria ter sido o candidato a cônsul com mais chances de vencer, uma vez que havia concluído o período exigido desde que se tornara magistrado, mas o risco era ver um dos insípidos prediletos de Pompei ser eleito como o outro cônsul. A única maneira de Crassus garantir a sua própria eleição e fazer Pompei pensar duas vezes antes de usar suas legiões vitoriosas para interceptar as facções políticas em Roma era conseguir uma vitória esmagadora sobre Espártaco.

A LENDA DA MURALHA DE CRASSUS

Nada ilustra mais claramente como a história de Espártaco foi impregnada de lendas do que a história da Muralha de Crassus. Plutarco nos conta que Crassus resolveu bloquear o exército escravo, construindo uma muralha com fosso e cerca (muito parecida com a Muralha de Adriano), que deixaria os gladiadores isolados do restante do território italiano e iria matá-los de fome. De acordo com Plutarco, Crassus escavou um fosso de 4,5 metros de profundidade ao longo de 55 quilômetros, no bico da "bota italiana", chegando até Thurii. Surpreendentemente, a maioria dos historiadores modernos aceitou essa história, embora seja evidente que não é plausível. A Muralha de Adriano, com pouco mais que o dobro de comprimento, levou dois ou três anos para ser construída. Além disso, esse traçado não teria nenhuma utilidade, uma vez que Espártaco teria se tornado senhor de 4.150 quilômetros de território - uma área maior que a área do atual território do Estado brasileiro do Rio Grande do Norte, para se ter uma idéia - e Crassus não conseguiria assim levar os gladiadores à morte por fome. Uma muralha de 55 quilômetros teria deixado o exército de Crassus esparso, de forma que os escravos não teriam dificuldade para

penetrar. E, finalmente, o conjunto de muralha e fosso implicaria o deslocamento de centenas de milhares de metros cúbicos de terra e pedra, que podia variar, dependendo de onde colocarmos o traçado da suposta muralha, entre 31 mil e 44 mil metros cúbicos; até os engenheiros atuais, com a tecnologia e as máquinas modernas, teriam achado a tarefa assustadora e impossível de ser realizada no prazo exigido. Os historiadores romanos eram estimulados pelo exagero ridículo, a fim de mostrar que Roma podia se erguer em qualquer circunstância; em termos psicológicos, essa hipérbole se assemelha a uma "compensação" pelo medo terrível que Espártaco lhes havia incutido. O melhor historiador romano de Espártaco, cuja obra infelizmente sobrevive apenas em fragmentos, Sallust, conta-nos a verdade sobre essa questão. Crassus realmente encurralou Espártaco no promontório de Scillaeum, uma área grande o suficiente para acomodar o exército de escravos, mas pequena para ser sitiada com eficiência. Crassus pôde confinar Espártaco porque a lateral do promontório que cai em direção à terra já estava separada do terreno a leste e a oeste pelos profundos desfiladeiros da Torrente Livorno e de Vallone d'Ángelo; uma muralha e um fosso relativamente pequenos e não o monstro descrito por Plutarco teriam facilmente dado a rolha para a garrafa.

Espártaco perdeu uma chance ao não atacar os homens de Crassus enquanto eles estavam construindo a muralha. Percebeu o perigo tarde demais, e agora o exército de escravos enfrentava um sério dilema, pois suas provisões estavam acabando e não podiam ser reabastecidas em uma área tão pequena. Espártaco ordenou um ataque à muralha, mas os romanos recuaram facilmente, infligindo pesadas perdas. Tentou então explorar vários pontos, supostamente fracos, ao longo do traçado, experimentando ataques dissimulados e retiradas, arremessando pedaços de ferro em brasa e galhos em fogo no fosso, para tentar assustá-los. Por fim, crucificou um homem na frente dos homens de Crassus, em parte para aterrorizar os romanos, porém, supõe-se que mais ainda para advertir seus homens sobre o destino que os aguardava se eles não seguissem adiante.

Em condições desesperadoras, finalmente foi salvo pelo clima do inverno. Numa noite clara, com flocos de neve sujos e meio derretidos, acompanhados de chuva, competindo por superioridade, correu para um trecho da muralha mal defendido e encheu o fosso com qualquer coisa que os escravos tivessem à mão - lama, pedras, madeira, gado abatido, prisioneiros mortos -, para assim criar uma barragem de proteção para a qual os gladiadores corriam a fim de se sentirem seguros. Espártaco usou um terço de seu exército para lançar o primeiro ataque e, então, quando a "barragem de proteção" estava pronta, levou o restante adiante.

Os romanos não ousaram ficar em seu caminho, cientes de que um terço do inimigo já estava na retaguarda, e simplesmente abandonaram a muralha. Cansados, desmoralizados, mas contentes de ter escapado do que parecia ser a destruição certa, os homens de Espártaco prosseguiram em direção a um ponto já estabelecido para o encontro das tropas, na floresta aos pés do monte Sila.

Eles ficaram divididos

O moral no exército escravo caiu vertiginosamente, em parte, porque eles tiveram perdas tão grandes quando foram encurralados no promontório Scillaeum, embora a estimativa do historiador Ápio, de 12 mil mortos, seja um cálculo excessivo e absurdo. Faminto e desmoralizado, Espártaco concordou em dividir seu exército a fim de facilitar os saques e partiu em direção ao norte, ao longo da via Popilia, levando a menor das duas forças; o contingente maior, de galeses e alemães, era comandado por Castus e Cannicus. Na altura do lago Paio (perto da atual cidade de Buccino), saindo da Via Popilia, Castus e Cannicus montaram acampamento, pensando que Crassus não poderia estar atrás deles. O lago Paio tinha cerca de cinco quilômetros e era cercado por declives montanhosos; o nível da água mudava de acordo com as estações, a água não era potável e era salobre no verão, mas agora (no inverno) tinha um gosto doce por causa da neve que derretia das montanhas. Castus e Cannicus pararam lá a fim de conseguir um

bom suprimento de água fresca. Mas Crassus apressou seus soldados que estavam resolutos à procura dos dois homens e eles então atacaram os escravos acampados.

Antes de determinar o ataque, Crassus enviou 12 coortes (seis mil homens) rodear o outro lado das montanhas, com ordens para subir e, em seguida, descer e atacar a partir do outro lado. Castus e Cannicus não foram aniquilados por um triz quando Crassus deu o sinal para atacarem. Seu estratagema funcionou perfeitamente e os rebeldes entraram em pânico, houve confusão com o som dos gritos na retaguarda deles, assim que os coortes enviados começaram a descer das montanhas em disparada. Teve início a batalha, mas não se sabe quanto tempo durou, embora algumas fontes falem de muitas baixas. De repente, como se tivesse saído do nada, Espártaco surgiu na retaguarda romana e Crassus, temeroso de ser derrotado na confusão, interrompeu o ataque. Evidentemente, o outro exército fez chegar uma mensagem a Espártaco - uma versão diz que duas escravas subiram a montanha para se lavar e viram os romanos descendo em bandos, permitindo que os galeses enviassem um pedido de ajuda -, e essa visão aparentemente milagrosa na hora exata não prejudicou sua reputação; ele parecia ser realmente indispensável e sem sua presença os escravos estariam perdidos.

Depois de salvar os gauleses e os alemães, Espártaco concordou com seus líderes que eles deveriam continuar a operar separadamente, a fim de melhorar a situação da comida e dos suprimentos; eles continuaram a se dirigir para o norte, ao longo da Via Popilia, como se estivessem indo para Roma, enquanto Espártaco tomou a direção do leste. Parecia que a iniciativa não havia sido notada por Crassus. O Senado, inicialmente impaciente com o cerco de Scillaeum e agora completamente alarmado com o fracasso de Crassus em trazer Espártaco para uma batalha decisiva, parecia ter perdido a coragem, principalmente agora que o exército de escravos estava mais ao norte de Crassus e a caminho de Roma. Enviaram ordens para que Pompei retornasse imediatamente com suas legiões da Espanha, enquanto Marcus Lucullus, irmão do grande Lucullus que ainda combatia perto do mar Negro, deveria estacionar outro exército em Brundisium. A ordem para Lucullus era o resultado de uma manobra dos optimates. Tendo perdido a confiança em Crassus, e temendo que um Pompei vitorioso se tornasse poderoso demais, chamaram o irmão de Lucullus de forma a ter um exército pronto para se opor a Pompei, caso necessário. A chegada de Marcus Lucullus em Brundisium diminuiu as opções de Espártaco, pois impedia a volta ao domínio romano - sua opção preferida. Marchando em direção ao norte, pela estrada que saía da Via Popilia, em Eburum, ele seguiu os Nares rio acima, em direção a Aquilonia, onde havia uma intersecção com a Via Appia. Ali ele podia observar a chegada do exército de Lucullus, que precisaria percorrer esse caminho de Brundisium. Se ele tivesse sorte, poderia encontrar e derrotar Crassus antes de dar de encontro com Lucullus. O cenário parecia factível, uma vez que Crassus, por sua vez, tinha sido obrigado a dividir suas forças, com uma divisão (sob seu procurador Tremellius Scrofa e seu legado L. Quinctius) seguindo Espártaco enquanto ele perseguia Castus e Cannicus. Crassus estava escolhendo a opção mais fácil; até essa fase, ele não tinha verdadeira disposição para um confronto direto com o grande líder escravo.

Partindo de sua prática habitual de se retirar antes da chegada dos romanos e, em seguida, voltar inesperadamente a fim de pegá-los, como se fosse um contra-ataque, Espártaco resolveu pôr mãos à obra em um acampamento entrincheirado esperando a vinda deles. Fez seus preparativos no Rio Silarus (não distante da moderna cidade de Capo Sele), onde, 140 anos antes, Aníbal derrotara os romanos. Era a primavera de 71 a.C., Espártaco estava confiante de que, se a disciplina fosse mantida, ainda poderia derrotar Crassus e enfrentar então Lucullus; parece que ele não tinha se inteirado do chamamento dirigido a Pompei. Sua confiança em suas próprias habilidades tinha justificativa, pois quando Scrofa e Quinctius surgiram, agiu com ambos da mesma forma como havia feito com Lentulus e todos os demais. Mais uma vez os romanos foram totalmente derrotados; Scrofa ficou ferido e por pouco conseguiu escapar com vida.

Crassus, Conquistador dos Escravos Bárbaros

Enquanto isso, porém, Castus e Cannicus demonstraram novamente sua incompetência militar, e dessa vez não havia nenhum Espártaco para salvá-los. Crassus planejou um chamariz bem arquitetado, a fim de atrair os incautos galeses para sua ruína. Primeiro, construiu dois acampamentos e fincou paliçadas fortificadas em torno, mantendo os equipamentos de seu pessoal e de seus assistentes em ambos, de forma a iludir os espiões gauleses quanto à sua intenção final. Enquanto eles estavam perturbados pelo enigma dos dois acampamentos, Crassus avançou com o grosso de sua infantaria e escondeu-os nos pés das montanhas de Cantina. Enviou em seguida uma grande força de cavalaria para provocar os gauleses, com ordens de atrair o inimigo para a batalha e levá-lo aos poucos até a emboscada aos pés das montanhas. Embora a falsa retirada fosse uma tática conhecida, quando a cavalaria romana se retirou depois de ser inundada com flechas, Castus e Cannicus resolveram segui-la, imaginando que agora Crassus estava apostando tudo na cavalaria, tendo em vista força tão grande. No momento adequado, o grupo dianteiro, que protegia os demais, correu de repente para as alas da força principal. A armadilha veio à tona e para o horror deles, Castus e Cannicus perceberam que haviam se deparado com uma emboscada habilmente montada. Os escravos combateram com a coragem que lhes era habitual, mas foram totalmente eliminados. Como produtos de sua vitória, Crassus pôde enviar para Roma cinco águias legionárias, 26 estandartes (hastes com símbolos, espécie de bandeiras das tropas romanas), e os *fasces* e *lictors*, ao lado de muitos outros despojos, todos recapturados junto aos escravos.

A notícia do desastre foi levada a Espártaco, que resolveu abandonar de vez seus planos de uma batalha decisiva com os romanos e adotar a guerra de guerrilha. Crassus estava a apenas um dia de marcha deles e, a não ser que eles levantassem acampamento imediatamente e fossem embora marchando a toda velocidade, ele os alcançaria. Mas agora seus homens, sem dúvida animados com a vitória sobre os assistentes de Crassus, disseram a Espártaco que estavam cansados de correr e não iriam se retirar ainda mais. Entristecido, Espártaco enfrentava o inevitável. Com um número de soldados muito menor que o adversário e sem um exército de cavalaria para competir com os cavalos de Crassus, ele devia saber que suas esperanças eram reduzidas. Num gesto melodramático, levou sua guerra de cavalos à frente de seu exército; esse corcel confiante foi para ele o que o famoso monte Bucefalus havia sido para Alexandre, o Grande. Sacou sua espada e disse a seus homens, em voz alta, que agora a situação deles era conseguir a vitória ou morrer: se vencessem a batalha, teriam um monte de cavalos, mas se perdessem não precisariam mais de nenhum. Assim, matou o cavalo imediatamente; era um gesto tradicional dos chefes guerreiros antes de uma grande batalha e assim seria entendido por seus soldados.

A batalha que se seguiu foi um desesperado combate corpo-a-corpo, com ambos os lados lutando pela vida, os romanos cientes de que se não fossem corajosos teriam de enfrentar Crassus e sua prática de dizimação. Testemunhas oculares disseram que Espártaco tentou irromper através da multidão de combatentes de forma que pudesse entrar em combate pessoal com Crassus, mas foi seriamente ferido durante a tentativa. Golpeado com uma lança na coxa, continuou a combater enquanto tinha forças, caindo finalmente sobre um dos joelhos, embora ainda brandindo sua espada até que a onda de romanos vitoriosos derrubasse-o. É evidente que eles não o reconheceram, uma vez que, para a fúria de Crassus, o corpo de Espártaco nunca foi recuperado, e assim também foram poupados os atos indignos que os romanos certamente tinham preparado para ele. Talvez tenham tombado entre cinco mil e seis mil soldados escravos - os romanos perderam mil mortos. Crassus conquistara sua ambição.

Embora os rebeldes tenham perdido a batalha, não estavam eliminados. Alguns contingentes fugiram e estabeleceram uma base nos campos em torno de Thurii, onde entraram para a bandidagem e

atormentaram a zona rural até serem finalmente extirpados pelo pai do homem que se tornaria o primeiro imperador romano, Augustus. Menos sorte teve a outra divisão de cinco mil homens que foi para Roma, ao norte, apenas para dar de encontro com as legiões espanholas de Pompei. Chegando a Roma em março de 71 a.C., Pompei imediatamente partiu para o sul para tentar obter mais glória e teve suficiente sorte para poder pegar essas migalhas da mesa marcial de Crassus. O arrogante Pompei, que nunca era alguém que ocultava sua luz atrás de um arbusto ou desempenhava seu dever patriótico às escondidas, escreveu então para o Senado dizendo que, embora Crassus houvesse derrotado os escravos numa batalha feroz, tinha sido ele que finalmente havia acabado com a guerra. Isso naturalmente enfureceu Crassus e aguçou a já ardente rivalidade e inveja existente entre as duas estrelas ascendentes.

Mas Crassus tinha seus motivos para se sentir satisfeito consigo mesmo. Em seis meses, na qualidade de cidadão para quem o Senado encarregou uma tarefa extraordinária, ele conseguira o que os praetores e cônsules não haviam sido capazes de fazer em mais de um ano. Inadvertidamente, Espártaco atuara como a escada para sua ambição. Depois de sair à caça dos infelizes que buscaram refúgio nas montanhas mais próximas do campo de batalha Silarus, Crassus crucificou seis mil deles. A Via Ápia de Cápua para Roma estava cheia de cruces com os corpos pútridos dos escravos crucificados, colocados a cada 35 metros ao longo de 200 quilômetros até a capital. Os romanos pensaram que isso era um fim justo e adequado para aqueles que tentaram derrubar a "ordem natural". Nem Crassus e nenhum outro aristocrata romano sentiam um lampejo de pena pelos derrotados, uma vez que toda sua sociedade e seus próprios privilégios eram baseados na escravidão. Afinal, todos os regimes se baseiam na força, mas poucos o fizeram de forma tão nua e crua quanto o romano; segundo a cultura romana não impor punições exemplares terríveis era simplesmente encorajar os escravos a se rebelarem novamente.

Avaliando a Revolta de Espártaco

Crassus e Pompei chegaram a um acordo e dividiram o consulado no ano de 70 a.C. Ao contrário de Pompei, vitorioso numa guerra estrangeira contra um inimigo reconhecido, Crassus, como conquistador de escravos bárbaros detestados e que não eram vistos como seres humanos, para não dizer opositores ferrenhos, não mereceu um triunfo total. Precisou marcar uma *ovatio* ou aclamação, uma distinção em escala menor, mas usou seu pulso político para conseguir que o Senado lhe distinguisse com a coroa de louros, uma honra geralmente reservada para um triunfo formal, em vez da coroa de murta habitualmente oferecida para a *ovatio*.

Durante o ano do consulado de Crassus-Pompei, aconteceu algo que levou obrigatoriamente os romanos a se lembrarem de Espártaco. O jovem Júlio César, um dos 20 procuradores daquele ano, estava viajando para Rodes quando foi capturado e feito refém pelos piratas, que demandavam resgate para libertá-lo. Uma vez solto, exigiu ação contra os piratas. O governador romano da Ásia era alguém com quem se podia negociar, então César incorporou uma unidade de defesa na costa, perseguiu seus captores e crucificou-os - uma ação controvertida, uma vez que ele não tinha autoridade legal e, na qualidade de questor, não tinha interesse em buscar vingança pessoal. No entanto, o incidente lembrou as autoridades romanas que elas não haviam ainda ajustado contas com os piratas, que poderiam ter transformado a revolta de Espártaco num verdadeiro pesadelo para eles se Verres não os tivesse subornado.

No ano 67 a.C., o Senado concedeu plenos poderes a Pompei para que ele livrasse os mares dos piratas, que naquela época já estavam interrompendo o suprimento de milho da África do Norte. Dotado dos mais extraordinários recursos - 120 mil soldados de infantaria, cinco mil do regimento de cavalaria e 500 navios - Pompei deixou o Mediterrâneo limpo, começando pelos mares ocidentais e, em seguida, apertando gradualmente o cerco em torno dos piratas em seus covis preferidos no Mar Egeu. Depois de subjugar o antigo inimigo marítimo, Pompei se absteve da crucificação, mas instalou os saqueadores em

colônias agrícolas território adentro. No ano 66 a.C., Pompei já havia substituído Lucullus na guerra contra Mitradates, conseguindo resolver esse conflito com sucesso.

No ano 60 a.C., Crassus, Pompei e a estrela ascendente Júlio César tinham se tornado tão poderosos que concordaram em governar Roma num triunvirato, sob a soberania formal do Senado. Podiam se permitir olhar para a revolta de Espártaco e se confortar pensando que sua derrota era inevitável. A realidade era que os acontecimentos de 73-71 a.C. eram muito mais sérios, e por um longo período a revolta de Espártaco havia sido liderada por punhos firmes. Crassus tinha a superioridade numérica na batalha final quando realmente importava, mas as coisas poderiam facilmente ter sido diferentes, principalmente se Espártaco tivesse conseguido chegar à Sicília e levantar a bandeira da rebelião lá. O exército de Espártaco na Sicília, uma ilha densamente povoada, que não recebia a atenção devida, com uma história de rebeldia em relação a Roma e grandes suprimentos de comida, um dos celeiros de grãos do Império, teria sido um osso duro de roer. Teriam sido necessárias pelo menos oito legiões para uma invasão bem-sucedida e, com tantos soldados ausentes da península italiana, para os samnitas e outros escravos a vontade de tentar a sorte seria enorme. Mas uma aventura siciliana iria requerer a cooperação dos piratas e um exército escravo íntegro.

A incapacidade de conseguir que seus próprios homens formassem uma frente unida foi a ruína de Espártaco, assim como tem sido para muitos movimentos populares da história, mas talvez um gênio político (que Espártaco não era) poderia ter chegado lá. Se, mais adiante, ele tivesse sido capaz de empreender uma causa comum com os piratas, contra Roma, as coisas teriam sido realmente sérias. Por outro lado, a experiência de Aníbal sugere que, nessa fase de sua história, Roma fosse provavelmente invencível e seus recursos, inesgotáveis. A solução mais provável para o cenário "e se?" de uma campanha siciliana é aquilo que os historiadores chamam de uma segunda seqüência, contrária aos fatos registrados. Em outras palavras, a guerra escrava provavelmente teria se prolongado por outros dez anos, mas no final Roma ainda iria prevalecer. A longo prazo, a capacidade de adaptação e a flexibilidade de Roma, a disciplina, organização e a logística de seus exércitos, o vigor de combate e de *esprit de corps* mais duradouros, o fato de os soldados poderem receber terra, cidadania e pagamentos em dinheiro e, talvez acima de tudo, de Roma ter uma capacidade infinita de absorver e substituir os efetivos militares perdidos ao longo do tempo, com certeza teriam sido decisivos.

EXÉRCITOS IRREGULARES CONTRA O ESTADO-NAÇÃO

A história revela que os exércitos irregulares têm poucas chances quando se confrontam com o aparato de um Estado-nação, a não ser que partam para uma investida breve. A Insurreição Jacobina de 1745 oferece muitos indicadores instrutivos e analogias diretas para a revolta de Espártaco. Ambas tiveram início em agosto e terminaram em abril, mas vacilaram quando seus líderes deixaram de atacar as capitais do inimigo (respectivamente Roma e Londres), porque um golpe de Estado breve era a única maneira de seguir adiante. Os irregulares como os montanhese escoceses ou o exército de gladiadores podem obter vitórias estonteantes sobre soldados profissionais a curto prazo, usando táticas como o impacto do grande volume de combatentes, mas, no final, a falta de suprimentos, de dinheiro e de equipamento os colocam em grande desvantagem em relação ao aparato estatal. Se for necessário, um Estado-nação pode organizar um exército mercenário, levantar empréstimos - e mesmo sob o estado primitivo do sistema bancário romano, as grandes propriedades da elite ofereciam quantias ilimitadas -, pode se sustentar crise após crise, enquanto os irregulares, dependentes dos despojos, do suprimento precário de comida e de um exército que encolhe cada vez mais, estão destinados a perder.

Os historiadores romanos ridicularizaram Espártaco porque os escravos urbanos não se levantaram para defendê-lo, da mesma forma que os propagandistas Whig, no século XVIII, zombaram dos jacobinos por eles não terem obtido apoio massivo. Em seu romance sobre Espártaco, o escritor Arthur Koestler até

comparou a falta de "revolução espontânea" nas outras regiões da Itália com a falácia do "socialismo em um país" de Lênin. Mas a maioria dos seres humanos não é herói e, cientes da reação violenta caso apoiem o lado perdedor, ficam quietos até que os vencedores venham à tona claramente. Espártaco entendeu esse aspecto da natureza humana, por isso recusava-se aceitar desertores do exército romano em sua própria força. Longe da suspeita natural de que esses homens pudessem ser agentes duplos, Espártaco raciocinava que os desertores eram egoístas que lutariam por uma causa, mas só até quando ela se enquadrasse em seus interesses; era melhor não ter de lidar com esses vira-casacas e reincidentes naturais.

Em termos militares, a reação a Espártaco como guerreiro tem sido sempre ambivalente. De um lado, estão aqueles para quem um "simples" escravo não poderia derrotar o poder de Roma e especulam, inutilmente, que Espártaco devia ter um posto elevado no exército romano, possivelmente como centurião. De fato, como veterano de todo tipo de combate na arena, a sós ou em grupo, ele já teria familiaridade com a maioria das táticas e a mentalidade militar romana.

Espártaco foi mal acolhido como general, sem dúvida porque os historiadores profissionais antipatassem com o culto dele como herói revolucionário. Assim como no caso de Marx, que o chamava de "um grande general (ao contrário de Garibaldi), um caráter nobre e um autêntico representante do antigo proletariado", os críticos modernos argumentam que Espártaco não conseguiu impor muitas derrotas em termos militares, apesar de suas nove vitórias sobre os romanos; para usar a linguagem popular, lutou apenas contra patetas. Fala-se sempre que Crassus não correspondia às expectativas quando deveria enfrentar um opositor militar digno de crédito. Sua campanha contra os partos em 53 a.C., travada para tentar conseguir a paridade militar com Pompei e César, acabou com uma das piores derrotas da Roma republicana, em Carrae, e com a sua morte degradante.

É verdade que, em 73-71 a.C., os soldados romanos de categoria superior estavam com Lucullus, na Ásia, e os de qualidade um pouco inferior com Pompei, na Espanha, deixando apenas os que eram realmente ruins com a tarefa de enfrentar a rebelião escrava. Mas Espártaco tinha de liderar um exército poliglota e multicultural. Não podia empregar táticas de batalha que exigissem uniformidade de idioma, mas, no lugar disso, tinha de utilizar sinais e símbolos. Precisava usar seu prestígio e carisma pessoais para seduzir e adular; não podia simplesmente emitir uma ordem e apoiá-la com a ameaça de dizimação. Espártaco pode não ter sido um dos grandes capitães da história, mas era um general melhor do que sustentam seus críticos. É difícil imaginar que teria cometido os erros estúpidos e arrogantes que seu velho inimigo Crassus se permitiu cometer na terra do Tigre e do Eufrates.

CAPÍTULO 2

ÁTILA, O HUNO O Guerreiro Mafioso

ÁTILA, o HUNO, de forma direta e indireta, acabou com o Império Romano, que durou mais de mil anos, mas que no início do século V d.C. já estava em declínio final. O Império atingiu seu apogeu no século II d.C., mas depois foi arruinado por muitas crises provocadas por pestes, pelo declínio da produção de metais preciosos, impostos elevados, queda da base agrícola e até falta de efetivos militares. Os historiadores ainda se debatem sobre as causas fundamentais do declínio de Roma, e um acadêmico alemão, nos anos 1980, elaborou uma lista famosa com 600 importantes fatores. Contudo, foi sem dúvida a invasão dos "bárbaros" nas fronteiras do norte de Roma que deu o *coup de grâce* ao Império. Tribos germânicas, levadas por uma série de diferentes motivos — superpopulação, inveja, privação relativa, crise agrícola - penetraram no Império e poderiam dar ordens de ataque a exércitos gigantescos e temíveis se os romanos ousassem se opor a eles. Por uma razão ou outra, muitos dos nomes tribais ficaram famosos - alanos, burgundianos, vândalos e, principalmente, godos, que se dividiram em um ramo ocidental (visigodos) e oriental (ostrogodos).

Na mesma época em que esses "bárbaros" faziam pressão sobre a fronteira romana, o Império implodia, dividindo-se em dois no início do século V, com dois imperadores: um instalado em Constantinopla (a moderna Istambul), e o outro, na Itália. A divisão do Império tinha sido planejada desde o ano 286, quando o imperador Diocleciano introduziu a "tetrarquia" - dividindo o Império em quatro, com quatro imperadores. Isso deveria facilitar a resposta às ameaças bárbaras em várias regiões, mas simplesmente levou à fragmentação, com nenhum dos imperadores morando em Roma. O imperador Constantino reuniu o Império sob um único imperador, mas, ao longo do século IV, cada vez mais ele se dividia em dois. O imperador Teodósio (379-395) foi o último a governar um Império romano unido. Sem confiar em seus filhos, deixou como legado o oeste para Honório, e o leste para Arcádio. Todo o talento e a habilidade de Teodósio foram para sua filha Galla Placidia, uma das grandes figuras femininas da Antiguidade. Em 395, a divisão entre o Oriente e o Ocidente tornou-se permanente. Daí em diante, haveria um Império Ocidental sediado na Itália, com controle sobre a África do Norte, a Grã Bretanha e partes da França e da Espanha, e um Império Oriental com a capital em Constantinopla, dominando a Ásia Menor (atual Turquia), a Trácia (atual Bulgária), o Egito e grandes regiões do Oriente Médio. Mas as tribos germânicas já tinham penetrado em boa parte da França e da Espanha e ameaçavam tomá-las completamente.

UMA NOVA SEITA DE BÁRBAROS

Átila, o Huno é um daqueles raros fenômenos históricos que aparecem de repente como um raio, provocando danos terríveis e depois se enfraquecendo tão rápido quanto surgiu. É isso que dificulta tanto o debate sobre o seu caso. Os hunos em si são historicamente problemáticos, uma vez que existiram como um fator significativo durante, no máximo, cem anos. Nada se sabe deles antes do século IV d.C.: as tentativas de identificá-los com os nômades Hsiung-nu, que devastaram as fronteiras da China em uma época anterior, não são convincentes. Provas históricas verdadeiras sobre a história dos hunos são quase nulas.

Eram analfabetos e não conheciam os primórdios de sua história. Não cunhavam moedas e, como eram nômades, as provas arqueológicas são frágeis. Tudo o que se pode afirmar ao certo é que surgiram de um notório limbo, a "Ásia central".

Corria o ano 376 quando invadiram o Ocidente pela primeira vez, pois naquele ano o Império Romano teve conhecimento de que um novo clã de bárbaros, os hunos, havia conquistado os inimigos até então mais terríveis que os romanos tinham, do outro lado do Danúbio, os godos e alanos. Roma temia particularmente o Reino Ostrogodo, uma confederação de tribos germânicas que se estendia do rio Don até o Dniester e do mar Negro até os pântanos Pripet. Agora vinha à tona que os godos haviam sido aniquilados e que seu rei (Ermanarich) cometera suicídio. A vitória dos hunos sobre os alanos foi ainda mais completa. Tendo subjugado os godos orientais (ostrogodos), os hunos começaram a atacar seus primos ocidentais, os visigodos. Empurrados adiante com esse ataque repentino, tomados pelo pânico, os visigodos atravessaram o Danúbio em grande quantidade. Cerca de 200 mil desceram para Adrianópolis, desbarataram um exército romano e devastaram a província romana de Panônia. Calcula-se que a cavalaria huna, recrutada pelos visigodos, forneceu o poder de fogo que fez de Adrianópolis (376) uma derrota tão significativa para os romanos.

Em 395, os hunos atravessaram o Danúbio congelado e invadiram a Trácia e a Dalmácia. Ao mesmo tempo, invadiram o Império Oriental e devastaram as áreas de Capadócia, a Síria e a Armênia. Mas, por enquanto, concentraram-se no Império Ocidental: em 405, penetraram no norte da Itália; em 406 atravessaram o Reno e entraram na Gália (França) e, em 408, atacaram as províncias do Danúbio da baixa Moesia. Havia pilhagens ocasionais no Império Oriental: um ataque de surpresa levado à cabo pelo primeiro rei huno conhecido, Uldin, obrigou Constantinopla a concluir a construção das muralhas da cidade no ano 413. Parte da extrema complexidade desse período da história é que não havia verdadeiras superpotências, mas uma abundância de poderosos reinos e impérios muito pequenos que surgiam de vez em quando para participar do espetáculo. Em 415-420, foi a vez do poderoso Império Persa, estendendo-se dos rios Tigre e Eufrates para o leste, até o Afeganistão, conhecer a fúria dos hunos, mas dessa vez eles foram severamente derrotados e se retiraram. Em 420, a Pérsia e o Império Romano Oriental entraram em guerra; os hunos aproveitaram a oportunidade para atacar a Trácia mais uma vez. Até o início do século V, os hunos nunca haviam sido inimigos implacáveis dos romanos e algumas vezes até foram aliados. Nas sucessivas lutas que se travavam em ambas as partes do Império, a fim de decidir quem seria o próximo imperador, tanto o Oriental quanto o Ocidental usaram os hunos como mercenários; às vezes, a guerra civil jogou os romanos orientais contra os ocidentais e os hunos também empenhavam tropas para participar desses conflitos. Àquela altura, eles eram combatentes que careciam de um objetivo estratégico ou global; eram técnicos de guerra qualificados que se satisfaziam em empregar suas habilidades para o contratante.

Os hunos foram os primeiros nômades montados a cavalo da Ásia Central a aterrorizar o mundo, em certo sentido foram os precursores dos mongóis, que vieram mais tarde e eram muito mais temíveis. Como eram pastores nômades, praticavam a caça e não exerciam a agricultura. A lenda fala de "hordas" de hunos, o que nos faz imaginar centenas de milhares de guerreiros, mas a verdade é que a base do efetivo militar dos hunos sempre foi limitada; eles devem ser contados em milhares e, no máximo, dezenas de milhares, em vez das miríades de imaginação mítica. Determina-se sempre o tamanho da população de acordo com a disponibilidade de comida, e seria necessária uma área muito grande de terra para a pastagem e para sustentar mesmo um número pequeno de hunos e seus cavalos; devemos pensar em muitos grupos pequenos cruzando as planícies da Ásia Central nos primórdios. Em virtude dos problemas de comida e da pastagem, um destacamento huno de ataque tinha apenas cerca de 1.200 soldados.

As construções dos edifícios da sociedade huna eram de fácil identificação. Cada família morava em uma barraca, entre seis e dez barracas formavam um acampamento; vários acampamentos, por sua vez, formavam um clã - a unidade social básica da sociedade huna. Havia dez clãs para cada tribo, portanto, uma tribo tinha talvez cinco mil pessoas (que poderiam ser transformadas em 1.200 guerreiros), mas a tribo precisava sempre se dividir em acampamentos de cerca de 50 pessoas, a fim de sair à caça de pilhagem e espaço para a pastagem. Os hunos tinham fama de não respeitarem acordos, mas os romanos

cometeram o erro de pensar que eles eram um Estado-nação normal. O problema era que um tratado assinado com uma tribo de cinco mil hunos não incluía de nenhuma forma as outras tribos. A fome era uma característica constante dos primeiros tempos da sociedade huna, e não havia excedente econômico que permitiria a ascensão de uma classe desocupada de nobres. Nem havia qualquer escravidão doméstica; os únicos escravos que os hunos tinham eram aqueles capturados em campanha. Os hunos tinham líderes apenas nos períodos de guerra, pessoas que dispunham da maior reputação militar. Os hunos tinham uma particularidade: faziam todas as discussões e conselhos montados em seus cavalos.

Os TEMÍVEIS HUNOS

Por que os hunos tinham uma reputação tão assustadora, ultrapassando de longe a dos godos ou a de outros bárbaros? Em parte porque sua quantidade era superestimada. Em virtude da sua velocidade e mobilidade, podiam percorrer, montados a cavalo, vastas distâncias em pouco tempo, de forma que parecia haver milhares deles em todos os lugares; freqüentemente a mesma tribo reaparecia em diversas localidades. A habilidade que tinham com os cavalos e sua assombrosa equitação, que os fazia parecer a Centauro, contribuía para uma reputação de eficiência não verdadeiramente humana. Os romanos os temiam porque, com seu poder extraordinário, eles atraíam os escravos, bandidos e outros quinta-coluna que viviam no Império Romano e odiavam seus amos e senhores, enxergando os hunos como salvadores. E havia ainda as histórias terríveis sobre eles, trazidas da fronteira: dizia-se que sacrificavam os idosos e até os próprios pais para os deuses, de forma a não ter bocas inúteis para alimentar. Mas parte do terror irracional provocado pelos hunos deve ser atribuída à sua aparência física. Os romanos achavam que vê-los era repugnante e pensavam que fossem feios como as gárgulas; tanto sua aparência física como suas roupas com a cor da pele da marmota assustavam os "civilizados" italianos, para quem os inimigos deveriam se vestir e parecer com eles próprios.

Contudo, o que mais assustava os romanos era a surpreendente habilidade dos hunos com o arco. Uma flechada dos pesados arcos que usavam — e que requeriam uma força excepcional e anos de prática —, a uma linha de tiro de 45 a 90 metros, poderia penetrar bem mais do que muitas balas modernas. Os arqueiros hunos montados a cavalo podiam lançar uma flecha a cada dois segundos e os melhores deles eram capazes de dar mil flechadas durante uma batalha de 12 horas. Os hunos empregavam gigantescas carroças puxadas a cavalo para levar centenas de milhares de flechas para cada batalha - cada carroça tinha cerca de 100 mil delas. Seus arqueiros atiravam três salvas de artilharia; a primeira, a uma distância de 140 metros; a seguinte, a 90 metros, e a última, a 45 metros. Já se calculou que a cavalaria huna podia lançar mil flechas nos primeiros cinco segundos, e outras mil nos cinco seguintes, sendo que 12 mil flechadas por minuto têm o poder de matar equivalente ao de dez metralhadoras.

Um exército huno no ataque podia inundar uma frente de batalha com 50 mil flechas em dez minutos. Além disso, seu estilo de vida nômade fazia com que não precisassem ficar parados no inverno e pudessem combater o ano inteiro, embora os romanos pensassem que a melhor época para atacá-los fosse entre fevereiro e março, quando seus cavalos estavam enfraquecidos pelo inverno.

No entanto, antes de Átila, não havia uma confederação huna permanente, de forma que, após uma campanha militar, os hunos costumavam se dividir em tribos, clãs e acampamentos. A grande confederação dos anos 370, que derrubou os alanos e os godos, desintegrou-se depois. A ameaça huna era desconectada, descontínua e intermitente, razão pela qual as explosões de campanhas enfurecidas eram seguidas de longos períodos de inação; em outras palavras, a tendência natural dos hunos costumava ser a desorganização. Uldin, por exemplo, não comandou todos os hunos, mas apenas uma divisão, tendência que persistiria até a época de Átila. Mas Uldin deu início a um processo importante na história dos hunos, pois obrigou os ostrogodos a se tornarem, de fato, seus servos.

O primeiro acontecimento decisivo na história dos hunos foi a mudança dos mares Aral e Cáspio para as terras a oeste do mar Negro; antes eles tinham dominado os alanos ao leste do mar Negro, mas, desde o início do século V, os ostrogodos na Ucrânia eram seus subalternos. O segundo foi quando deixaram essas regiões e fizeram sua base nas planícies da Hungria. Como eram bons combatentes e exímios agricultores, os ostrogodos eram decisivos para a supremacia dos hunos. Por um lado, portanto, os hunos resolveram seu problema de escassez de homens utilizando os ostrogodos nos combates de infantaria, enquanto apareciam como força de elite de arqueiros montados a cavalo, prontos para desfechar o ataque decisivo que venceria as batalhas. Por outro, obrigaram os ostrogodos a trabalhar para eles nos campos, extraindo um excedente para alimentar seus exércitos e permitir o surgimento de uma classe de guerreiros nobres desocupados. No início da década de 420, os hunos estavam dando sinais de que seriam capazes de se reunir numa confederação duradoura, capaz de fazer deles uma ameaça permanente e mortal para ambas as partes do Império Romano. Os irmãos Rua e Octar lideraram juntos uma poderosa aliança de hunos, mas, como acontecia muitas vezes na história desse povo, um dos dois governantes desapareceu convenientemente. Octar morreu em 432, deixando Rua como o único governante.

ÁTILA E FLAVIUS AÉCIO

Octar e Rua tinham outro irmão chamado Mundiuch, inferior na hierarquia social. Mundiuch se tornou importante porque foi o pai dos dois futuros governantes hunos, Átila e Bleda. Não se sabe quase nada a respeito da infância de Átila, embora se suponha que tenha nascido em 406. O que se sabe é que, na adolescência, teve um amigo romano que mais tarde seria seu rival, e essa é uma história fascinante. Flavius Aécio nasceu em 396. Chamado por historiadores mais recentes de "o último dos romanos", Aécio era um homem que nasceu fora do tempo, um idealista que alimentava a antiga glória de Roma, mas precisou tomar decisões pragmáticas num mundo muito diferente, no qual eram os bárbaros e não os romanos que davam o tom. Os romanos tentaram dividir e governar com os hunos e os godos, usando uns como aliados para combater os outros e vice-versa. Para consolidar essas alianças *ad hoc*, era comum oferecer reféns bem nascidos como garantia contra a traição. Como parte de um desses negócios, Aécio, então com 12 anos, foi enviado como refém para Alarico, o formidável líder visigodo que saqueou Roma em 410. Logo depois disso, Roma fazia uma aliança com os hunos e Aécio foi novamente enviado, desta vez para o acampamento huno.

Muito inteligente, Aécio usou bem o período que passou com os hunos, aprendendo seus segredos, seu jeito de ser, encontrando brechas em sua couraça militar. A lenda diz que ele agia como irmão mais velho do jovem Átila e que os dois caçavam juntos nas florestas da Hungria. Aécio ocupou pela primeira vez o centro da cena política quando o imperador Ocidental Honório morreu em 423. No vácuo político, quando os pretendentes lutaram entre si pelo trono imperial, Aécio apostou no homem errado. Seu candidato, João, parece ter oferecido a batalha prematuramente, antes que Aécio pudesse se juntar a ele. Foi derrotado por seu rival Valenciano e executado. Aécio então travou contato com a segunda grande personagem em sua carreira, a irmã de Honório, Galla Placidia, que estava determinada a instalar seu filho Valenciano como imperador no Ocidente. Aécio havia feito planos para ganhar o trono para João e chegou à Itália com um exército enorme de hunos, embora o número de 60 mil, mencionado nas antigas fontes, seja um grosso exagero. Galla Placidia não queria empenhar um exército de hunos e então "perdoou" Aécio, sob a condição de que ele se afastasse para suas propriedades na Gália. Valenciano ficou como o imperador testa-de-ferro, mas o verdadeiro poder no Ocidente, entre os anos 425 e 450, estava com a própria Galla Placidia. Reconhecendo o talento de Aécio, Galla Placidia sugeriu uma divisão de poderes na qual ela tomava, na verdade, todas as decisões administrativas e políticas, enquanto Aécio ficava a cargo das militares.

AS BASES PARA A AUTOCRACIA DE ÁTILA

Não temos histórias ou outros testemunhos sobre a carreira de Átila antes de 434, mas é razoável supor que ele tenha treinado para ser um guerreiro poderoso e hábil no manuseio das armas. Podemos, até certo ponto, entrar em sua mente, fazendo uma leitura de trás para frente, a partir dos acontecimentos mais recentes em direção aos prováveis processos mentais durante seus anos de formação. Sob o governo de Octar e Rua, aconteceram mudanças significativas que fincaram as bases para a posterior autocracia de Átila. Primeiramente, a multiplicidade de chefes de clãs abriu caminho para a idéia de um governante ou uma dupla de governantes no comando da confederação. Átila percebeu como esse sistema era frágil e como os distantes chefes hunos do mar Cáspio poderiam ser arruinados pelo ouro romano, de forma que qualquer movimentação feita propositalmente pelos hunos de sua nova base na Hungria poderia gerar uma resposta dos romanos, passando a incitar uma revolta no Oriente. Em segundo lugar, estava claro que os hunos não eram mais tão dependentes dos rebanhos e os dias em que comercializavam peles, carne e animais, tinham dado lugar a uma nova era "monetária", em que recebiam dinheiro para oferecer ajuda militar e servir como mercenários. Em terceiro lugar, era evidente para Átila que o Império Huno, estendendo-se do Cáucaso até a Dinamarca, era demasiado grande para ser efetivamente controlado; a eterna falta de efetivo militar entre os hunos significava que as áreas distantes, aquelas que tinham mais probabilidade de se rebelar, não poderiam ser defendidas por hunos leais, mas por tropas aliadas - justamente aquelas que apresentavam mais possibilidade de revolta. A comida também era um problema. Rua e Octar tentaram resolver essa escassez seqüestrando camponeses e agricultores de suas terras nativas e colocando-os para trabalhar na nova região central dos hunos, ao norte do Danúbio. Alguma coisa de mais permanente também era necessária naquela área. Por fim, Átila tinha consciência das limitações da Hungria como base dos hunos. A planície húngara (cerca de 42.400 quilômetros quadrados) oferecia menos de 4% dos pastos disponíveis na Mongólia. Para se ter uma idéia, oferecia terras de pastagem para 320 mil cavalos, mas para dar lugar a outros animais, o verdadeiro número era de 150 mil. Se cada guerreiro precisasse de dez cavalos para uma campanha militar - o que era comum - isso significava que a Hungria podia agüentar apenas dez mil guerreiros.

Foi o gênio de Átila a determinar que ele superasse Octar e Rua e percebesse que empregar os hunos como mercenários era um jogo insensato a curto prazo. A fim de fornecer o contingente excedente para um grande número de guerreiros, os cavaleiros que antes eram nômades teriam de se tornar um empreendimento permanente obrigatório, que não podia funcionar nas estepes com sua economia de subsistência. No entanto, fincados entre os Impérios Ocidental e Oriental, o que poderia evitar que os hunos exigissem dinheiro com ameaças de ambas as partes do Império? Se Átila pudesse fazer uma grande "reviravolta", teria os recursos para erguer o poderio huno e elevá-lo a superpotência. Ele poderia ainda subornar toda a oposição dos chefes de clãs hunos rivais, cooptá-los e também atrair seus seguidores mais poderosos na Hungria, com prêmio em ouro. Apesar de ele próprio não nutrir interesse por dinheiro, conhecia o seu poder de deixar os homens presos a um governante. Ele poderia construir um tipo de feudalismo, em que os chefes subsidiários seriam generosamente pagos a fim de trazer a quantia arrecadada com os tributos para uma campanha de grande escala, recebendo por isso ainda grandes feudos. Octar e Rua só tinham feito dinheiro empregando o efetivo militar para os interessados. Ele ganharia com um gigantesco esquema fraudulento de proteção.

Átila é certamente a primeira manifestação clara da mentalidade mafiosa na história. Da maneira como enxergava as coisas, os romanos não tinham escolha a não ser pagá-lo. Para eles, organizar operações militares eficientes contra os hunos era simplesmente difícil demais. Havia vários motivos para isso. Em virtude de os hunos se deslocarem freqüentemente de um lugar para outro, nunca podiam ser pegos e poderiam simplesmente sair do raio de ação do anfitrião inimigo. Além disso, não havia incentivo para que os romanos fizessem um esforço total. Os hunos não tinham utilidade enquanto escravos, pois não

dispunham de conhecimentos agrícolas e não tinham valor comercial - por esse motivo, os romanos costumavam matar qualquer prisioneiro huno que estivesse em seu poder. Acima de tudo, o custo de enviar uma expedição contra os hunos era proibitivo; não havia saque ou pilhagem que compensasse as despesas, uma vez que, por definição, os nômades não moravam em cidades e nem acumulavam riquezas e posses que pudessem ser tomadas.

Átila previu que poderia conseguir que os romanos pagassem dinheiro de proteção desde que ele não fosse demasiado ávido. A chave seria espalhar o terror do nome dos hunos por meio de atrocidades bem escolhidas e divulgadas, de forma que o inimigo se desse por vencido sem combater. Átila conhecia a escassez de combatentes entre os hunos e percebeu que ele simplesmente não podia se permitir enfrentar muitas batalhas intensas; seja vencendo ou sendo derrotado, perderia guerreiros demais.

O ANTECEDENTE DE ÁTILA COMO "SENHOR DOS SOLDADOS"

Átila ascendeu ao poder em meados de 430, mas, para dar um sentido aos acontecimentos daquela década, é preciso voltar brevemente para Aécio. Ele desejava ser o "senhor dos soldados" (comandante supremo), mas Galla Placidia favoreceu primeiro um general chamado Felix, que foi assassinado em circunstâncias obscuras em 428. Havia agora apenas um homem que poderia deter a ascensão de Aécio ao poder supremo no Ocidente: o conde Bonifácio, governador da importante província da África do Norte. Era ele quem Galla Placidia, que nunca estava totalmente à vontade com Aécio, claramente favorecia. Conquistando uma posição proeminente por trazer seu exército da Gália para a Itália, Aécio convenceu a imperatriz regente de que Bonifácio estava preparando um golpe de Estado. Propôs que ela o trouxesse de volta para Roma a fim de ser investigado. Ao mesmo tempo, escreveu para Bonifácio advertindo-o a não vir, dizendo que Galla Placidia planejava assassiná-lo. Aécio era um mestre maquiavélico.

Preocupado com sua posição instável na África do Norte, Bonifácio cometeu talvez a pior asneira já feita em toda a história de Roma. Na Espanha, a tribo germânica dos vândalos estava sendo fortemente pressionada pelos visigodos, mais poderosos e numericamente superiores. Seu governante altamente talentoso, Geiserico, há muito tempo pensava em emigrar com todo seu povo, a fim de ficar fora da órbita dos visigodos. De repente chegou o convite de Bonifácio para ir para a África do Norte como seu aliado. Numa proeza assombrosa, Geiserico transportou todo seu povo - 80 mil pessoas - através dos Estreitos de Gibraltar para a África do Norte. Mas ele não tinha nenhuma intenção de ser subserviente a Bonifácio, que lhe sugeriu dividir a África do Norte entre ambos; mas Geiserico a queria toda para si. Bonifácio percebeu tarde demais que tinha criado uma versão anterior do monstro de Frankenstein. Pediu ajuda a Constantinopla e os líderes de lá enviaram um guerreiro veterano, Aspar. Mas em 432, Geiserico derrotou de vez Aspar e Bonifácio. A África se tornou uma causa sem esperanças, perdida para o império simplesmente por causa da estupidez de Bonifácio. Aspar, Bonifácio e os romanos derrotados partiram para a Itália. Percebendo que Aécio a tinha enganado, Galla Placidia nomeou Bonifácio comandante supremo. Aécio marchou para combatê-lo, mas foi duramente derrotado; Bonifácio acabou morrendo dos ferimentos recebidos na batalha.

Aécio fugiu para seus amigos hunos e conseguiu o apoio de Rua depois de oferecer entregar-lhe a província de Pannonia Secunda. Rua era agora o único rei, uma vez que Octar havia morrido em 432. Com o apoio dos hunos, Aécio era invencível, e assim finalmente Galla Placidia, relutante, aceitou-o como o verdadeiro poder no Império Ocidental. Aécio passou os anos 430 defendendo o domínio gaulês-romano na Gália central, onde enfrentava três grupos de inimigos. Em cada lado do Reno havia a

poderosa tribo dos burgundianos, com 80 mil pessoas e a capital em Worms; no noroeste (onde, aproximadamente, fica a moderna Bretanha) estava o reino bagaudae, um tanto bagunçado, um tipo de refúgio de todos os despossuídos do Império: bandidos, brigantes, escravos fugitivos liderados por um homem chamado Tibatto, um certo tipo de Espártaco mais recente; finalmente, no sudoeste, sediados em Toulouse, estavam os extremamente poderosos visigodos, que tinham vindo para o norte, procedentes da Espanha.

Rua permitiu que Aécio recrutasse hunos aos milhares e, usando-os como linha de frente, conseguiu abater seus inimigos na Gália. Os burgundianos pareciam imaginar que poderiam fazer com Aécio o que Geiserico fizera a Bonifácio na África do Norte. Penetraram na Bélgica em 435, mas foram detidos por Aécio. Determinado a acabar com eles de uma vez por todas, ele lançou, em 437, um poderoso exército de mercenários hunos contra os burgundianos. Os hunos acabaram com eles, os quais, segundo se afirma, perderam 20 mil de seus combatentes naquele ano. No final de 437, Aécio mandou os hunos atacarem os bagaudae, mas essa campanha foi gradualmente se enfraquecendo até virar um xeque-mate. Por fim, Aécio se concentrou em seus inimigos mais terríveis, os visigodos do sudoeste, sob seu rei Teodorico. Ferozes combates travados em 439 resultaram na derrota dos hunos, mas o histórico de suas batalhas contra os visigodos nunca tinha sido bom. No entanto, Aécio efetivamente usou os hunos entre 433 e 439 para apoiar a posição dos gauleses e dos romanos na Gália, que não era das melhores. A amizade de Rua com Aécio era maior que o interesse próprio dos hunos, que tinham poucas chances de demonstrá-lo, com exceção do pagamento mercenário. Foi esse aspecto da política hunica praticada por seus antecedentes que deixou Átila tão enfurecido.

Enquanto Aécio se tornou de longe o poder dominante no Império Ocidental, Rua começou a ameaçar Constantinopla, sabendo que o grosso de suas forças tinha sido destinado a um empreendimento conjunto dos Impérios Ocidental e Oriental para reconquistar a África do Norte dos vândalos. Ambos os imperadores Oriental e Ocidental, concordaram que a ameaça de Geiserico era séria e quando ele consolidou suas conquistas na África do Norte, tomando o último baluarte imperial em Cartago, o sentido da urgência se intensificou. As exigências de Rua a Constantinopla eram modestas: simplesmente o retorno de várias tribos que tinham preferido a proteção e os serviços imperiais sob o manto bizantino (Império Oriental) ao seu próprio governo. Mas Rua morreu de repente em 440, e Átila aproveitou a oportunidade. Embora Rua e Octar tivessem um quarto irmão (não era o pai de Átila), que supostamente seria o aparente herdeiro do Império Huno, Átila e seu irmão Bleda tomaram o poder.

A ASCENSÃO DE ÁTILA AO PODER

Os detalhes sobre a ascensão de Átila sob Rua, no final dos anos 430, não são claros, mas parece que Rua tenha dado considerável liberdade de movimento ao mais jovem, para que ele expandisse e consolidasse o Império Huno, que agora se estendia dos Alpes ao Báltico e do leste do Reno até o mar Cáspio. Os detalhes sobre Bleda são ainda mais escassos, mas parece que tenha sido um blefe, um homem alto, beberrão e hedonista, enquanto Átila era baixo, calculista e enxergava longe; o prazer contra os negócios. Também ouvimos falar de diferenças em relação à política externa, com Bleda contrário à "política avançada" de Átila, o que fazia sentido, porque um hedonista não tem tempo para promover campanhas militares sempre. Como era o irmão mais velho, Bleda tinha uma leve precedência, embora oficialmente os dois irmãos fossem reis associados. É evidente que, sob vários aspectos, Átila achava maçante o gosto de Bleda pela bebida; sabemos de sua antipatia em relação ao anão mouro Zerco, mantido por Bleda como um tipo de comediante da corte - ou, como diriam alguns, um mascote muito torturado. Dizia-se que só a visão de Zerco já enojava Átila, que o via como a visível tradução da estupidez e insignificância de Bleda.

Naquela época, o imperador em Constantinopla era Teodósio, um apaziguador natural, mas traiçoeiro, que prometia coisas em tratados e depois não os cumpria. Átila cismou com a falta de retaliação de Rua, quando Teodósio deixou de cumprir um tratado que havia assinado com os hunos, em 435. Ele deveria ter pago um tributo em ouro e mandado de volta todos os refugiados que Rua requeria. De fato, ele enviou de volta alguns prisioneiros sem importância, reteve todos os que tinham valor e não pagou nenhuma onça de ouro. Átila estava determinado a mudar as coisas quando ele fosse rei. O ano de sua ascensão, 440, foi sensacional, com acontecimentos arrebatadores desde o mar Cáspio até os Estreitos de Gibraltar. Naquele ano, Roma e Constantinopla colaboraram para formar uma grande força de 100 mil combatentes, para a reconquista da África do Norte das mãos dos vândalos. Quando esse exército ainda fazia os preparativos finais para embarcar da Sicília, espalhou-se o boato de que os persas tinham invadido a Armênia, no extremo leste do Império Bizantino. Um ponto de interrogação pairou inicialmente sobre a expedição siciliana, pois provavelmente os romanos não poderiam lutar em duas frentes, mas então veio a ajuda da região mais inesperada.

Os chamados hunos brancos, aqueles que originalmente derrotaram os alanos, eram independentes de Átila e viviam em torno do mar de Aral, eles então lançaram um ataque contra o Império Persa que obrigou os persas a abandonar correndo a Armênia. Inacreditavelmente, o ataque dos hunos brancos foi uma incursão espontânea e não um divertimento comprado pelo ouro bizantino. Pensando que estavam acidentalmente fora de perigo, os comandantes da expedição africana retomaram seus preparativos de última hora na Sicília.

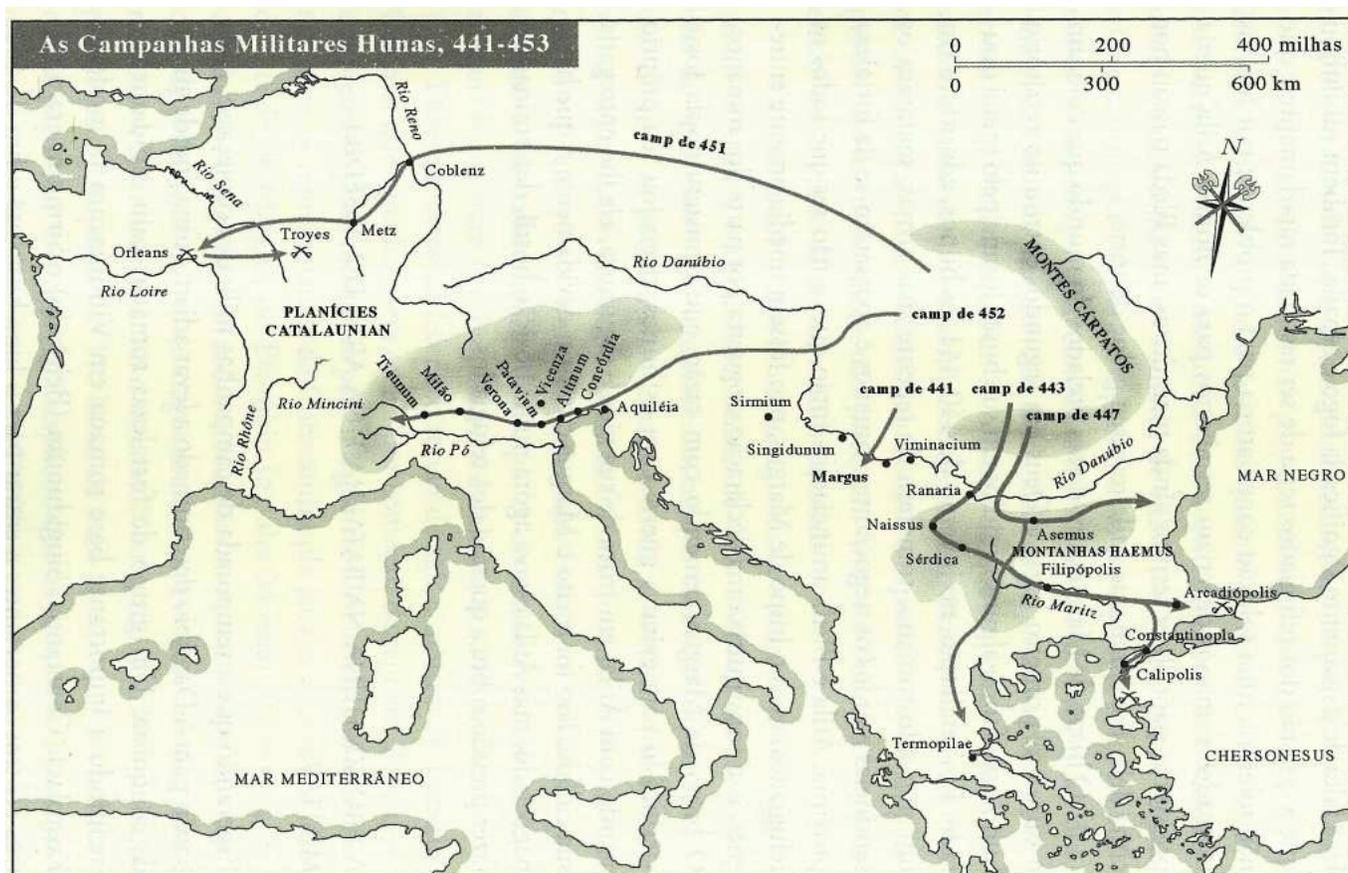
Desejoso de estabelecer seu modo de agir e mostrar ao Império Oriental que uma nova era estava por começar, de repente, Átila teve um pretexto quase milagroso para ir à guerra. Ele e seu irmão se reuniram com os representantes de Constantinopla para conversações fora da cidade de Margus, no Danúbio (na alta Moesia). Como era de costume, os hunos fizeram todas as reuniões montados sobre seus corcéis, de forma que os irmãos negociaram a cavalo; para salvar as aparências, os bizantinos fizeram o mesmo. No tratado de 435, Teodósio prometeu a Rua pagar-lhe 350 libras de ouro anuais, mas, na prática, nunca pagou um centavo. Átila explicou que os tempos estavam mudando, dobrando o "imposto" para 700 libras e advertindo que a mais leve falta de pagamento significaria fogo e espada. Também sublinhou que a questão dos refugiados teria de ser resolvida rapidamente e que não toleraria uma solução conciliatória para o problema; por fim, os mercados romanos deveriam ser abertos para os hunos. Átila queria pressionar para obter termos ainda mais duros, mas Bleda passou por cima dele. Foi então que Átila teve seu golpe de sorte.

O bispo de Margus, um desses prelados do mundo que colocam o ouro em primeiro lugar e Deus em segundo, entrou no território huno e profanou alguns túmulos em sua busca insana pelo metal dourado. Em retaliação, no inverno de 440-441, os hunos, admitidos em um mercado romano, tomaram de repente suas armas, mataram os sentinelas e todos os negociantes romanos e apossaram-se da fortaleza próxima. Átila e Bleda anunciaram então que, a não ser que todos os refugiados, mais o bispo de Margus, não fossem imediatamente entregues, isso constituiria uma declaração de guerra por parte dos romanos. O bispo de Margus, temendo com razão que Constantinopla fosse sacrificá-lo para evitar a guerra com os hunos, negociou seu próprio acordo com Átila: em troca de sua vida e segurança, ele lhe entregaria sua cidade. Isso foi aceito e Margus cumpriu devidamente o que havia negociado, mas Átila estava agora numa posição hostil, determinado a fazer pressão sobre a questão dos refugiados.

A PROEZA HUNA NA BATALHA E NA ARTE DO ASSÉDIO MILITAR

Esperando que a temporada de campanhas militares começasse, Átila partiu para o Danúbio determinado a levar adiante uma grande guerra de conquista. Um grupo de fortalezas romanas caiu rapidamente,

incluindo a importante base romana em Viminacium (a moderna Kostolac). Constantia, Singidunum (Belgrado) e Sirmium eram outros centros importantes a entrar para o jugo huno até o fim de 441. O maior triunfo foi o assédio a Naissus (a moderna Nis), no início do ano seguinte, na encruzilhada mais importante dos Balcãs, onde uma estrada levava ao sul, para Tessalônica, e a outra ao sudeste, para Sófia e Constantinopla. Isso provou que os hunos eram agora temíveis não apenas na batalha, mas também na arte do cerco militar, e que tinham a capacidade de tomar as mais potentes fortalezas romanas, como aquelas em Viminacium e Naissus. O historiador romano Priscus, fonte indispensável sobre a carreira de Atila, descreveu o cerco de Naissus da seguinte maneira:



"Quando um grande número de apetrechos para o cerco militar foi trazido muralha acima... os defensores nos batalhões desistiram por causa das nuvens de mísseis e retiraram suas posições; os chamados bate-estacas também foram carregados muralha acima. Trata-se de uma máquina muito grande. Uma viga é suspensa por correntes frouxas a partir de travas que inclinam juntas, e isso é possível graças a uma extremidade pontiaguda de metal e a uma tela protetora... para a segurança daqueles que trabalham. Com cordas curtas amarradas na parte de trás, os homens retiram a viga do alvo do golpe e em seguida a soltam... Das muralhas os defensores lançam as pedras grandes e arredondadas do tamanho de um vagão de carga... Alguns (bate-estacas) foram esmagados junto com os homens que estavam trabalhando com eles, mas não foi possível resistir ao grande número de máquinas. Então, o inimigo trouxe escadas de mão para subir... Os bárbaros entraram através da parte do circuito da muralha que foi rompida pelos golpes dos bate-estacas e também através das escadas... e a cidade foi tomada."

A façanha huno na arte do cerco militar, recentemente descoberta, era uma alarmante evolução desde o ponto de vista romano e trouxe uma mudança significativa no equilíbrio do poder militar. Sempre se supôs que "simples" bárbaros pudessem ser capazes de provocar uma emboscada traiçoeira, mas que não poderiam sitiá-la e tomar cidades grandes; acima de tudo, em sua grande onda de violência entre 376 e 382, os godos haviam encontrado fortalezas bizantinas diante deles. Como, então, Átila fez um avanço

desses? Alguns dizem que os hunos já detinham os segredos da arte do cerco militar quando entraram na Europa pela primeira vez, vindos das estepes asiáticas, mas isso é muito improvável. O mais certo é que essa mudança deveu-se ao próprio Átila. Seus homens tinham combatido como auxiliares, quando Aécio e os romanos cercaram os visigodos em Toulouse, em 439, e tinham estudado as táticas romanas em primeira mão, aprendendo novas habilidades, tal como ordenado por Átila. Sob seu comando, os hunos tinham se livrado de um problema militar que se prolongava desde os tempos de Rua; isso podia ser visto pela maneira habilidosa com que obtiveram a capitulação de Viminacium e Naissus, mas foram as inovações de Rua e Oscar que, em outro sentido, possibilitaram esse sucesso: só o emprego massivo de uma mão-de-obra obrigada a migrar dos campos liberou novos volumes de combatentes para os exércitos. Como é sabido, as operações de cerco militar requerem muito efetivo militar, exigindo grandes quantidades de homens para cavar e abrir trincheiras, manusear os instrumentos usados nas operações militares, e assim por diante. Ao dispor de um exército digno de crédito para apoiar suas ameaças, Átila mostrou que falava sério em suas duras exigências. A questão de Bizâncio não estava perdida, mas os dias amenos de Rua haviam terminado; se eles não pagassem para o novo rei, teriam de enfrentar seu novo e sofisticado exército.

A CAMPANHA DE ÁTILA NOS BÁLCÃS

O efeito da tempestuosa campanha de Átila nos Bálcãs, entre 441 e 442, foi imediato. Geiserico, o rei vândalo, teve sua pena adiada quando Constantinopla, tomada pelo pânico, chamou de volta suas forças da Sicília. Mas esses soldados não voltaram a tempo para poupar os bizantinos de selarem um acordo de paz humilhante com Átila. Ele revelou como gostaria de seguir adiante, imediatamente dobrando o dinheiro exigido para lhes garantir proteção, de 700 libras de ouro para 1.400. Também exigiu sete mil libras de ouro como pagamento de dívidas e insistiu em que todos os últimos refugiados hunos fossem entregues, sob pena de as hostilidades recomeçarem. Mas aconteceu o inevitável. Assim que seus soldados voltaram da Sicília, os bizantinos pararam de pagar o tributo, usando o dinheiro para recrutar uma grande força de mercenários isauros da Cilícia, no sudeste da Ásia Menor. Átila foi à guerra de novo em 443 e novamente tomou um grupo de cidades nos Bálcãs. Encontrando os melhores generais de Constantinopla nos Chersonesus, derrotou todos eles: Aspar, Areobinesus, Arnegisgus. Enquanto continuava a exigir todos os pagamentos de ouro atrasados, Átila enviou contínuas embaixadas a Constantinopla, para se queixar do problema com os refugiados.

Naquela época, ele se deu conta de que o costume bizantino estabelecia que os embaixadores recebessem presentes generosos, a serem levados para casa e entregues aos soberanos. Ao mandar dezenas de enviados sob qualquer pretexto imaginável, incluindo a exigência do retorno dos indivíduos "mais procurados" que não estavam mais no território do Império Oriental, Átila garantiu um fluxo constante de riqueza para sua base na Hungria. Com o imperador Oriental e seus assessores em desespero, a natureza intermitente da ameaça huno mais uma vez se manifestou. Em 445, o irmão de Átila, Bleda, foi assassinado como parte de uma disputa mais ampla pelo poder, refletindo os conselhos divididos entre os hunos. Por dois anos, Átila estava demasiado ocupado em assegurar a autoridade única sobre seu vasto Império, e não podia negociar com os bizantinos. As esperanças deles aumentaram, incentivadas pelos rumores de sérias desavenças no alto comando dos hunos.

Teodósio usou a trégua para tornar Constantinopla indestrutível. As novas Muralhas de Teodósio foram construídas em 413, para se estender do rio ao mar e incluir toda a área do mar de Marmara até o Chifre Dourado, na enseada. Foram necessários nove anos para construir as tríplices fileiras de muralhas e agora, entre 445 e 447, o imperador estava determinado a eliminar qualquer lacuna que houvesse e fortalecer ainda mais as defesas. Com cerca de cinco quilômetros de comprimento, as muralhas foram erguidas fileira por fileira, com pedras na base. Subindo como uma escada, formavam uma barricada de

60 metros de espessura e mais de 30 metros de altura. O primeiro obstáculo para qualquer atacante era um fosso de 20 metros de largura e dez metros de profundidade, dividido por eclusas que permitiam sua inundação. Havia ainda um parapeito de 20 metros de largura repleto de defensores. Também existia uma muralha externa de dez metros de altura, com uma passagem para pedestres no alto, vigiada por sentinelas. Para completar, foram construídos um parapeito de 15 metros de largura e uma muralha interna de 20 metros, também dotada de uma passagem para pedestres e torres instaladas em intervalos de 45 metros. Cada um dos dez portões da cidade tinha uma ponte levadiça que era retirada totalmente durante um cerco militar.

Nem mesmo os hunos podiam ter esperanças de passar por cima dessas defesas tão rebuscadas e a única oportunidade que tiveram de aproveitar uma abertura nas muralhas aconteceu quando estavam muito longe. Em janeiro de 447, Átila estava finalmente pronto para retomar as hostilidades contra os bizantinos, mas antes que ele pudesse atacar Constantinopla, a natureza ajudou-o. Em 27 de janeiro de 447, entre 1h e 2h da manhã, um violento terremoto atingiu Constantinopla, deixando em ruínas a área em torno do Chifre Dourado; uma parcela inteira das grandes muralhas desmoronou. Os bizantinos se recuperaram com uma rapidez surpreendente. Constantius, o alto magistrado da defesa, mobilizou as facções do circo (o equivalente às torcidas de futebol do mundo Antigo) para deixar as animosidades de lado, colaborar na reconstrução de portões e torres e limpar os destroços acumulados nos fossos. No final de março, todos os danos haviam sido reparados; Constantinopla era novamente a mesma, muito antes que Atila pudesse chegar do outro lado de suas muralhas.

A IRA DE ÁTILA NO LESTE

Contudo, se a capital Oriental teve sorte e conseguiu escapar, o resto do Império sentiu a ira de Átila. O ano de 447 foi terrível para os militares e os civis romanos. Átila deu a Teodósio a oportunidade para evitar o derramamento de sangue, permitindo que ele satisfizesse os termos de um acordo financeiro imediatamente e à vista, mas o imperador refutou o nível de impostos. Alguns historiadores argumentaram que as exigências financeiras de Átila, embora fossem pesadas, não eram tão arruinadoras como sustentavam os bizantinos, principalmente se a alternativa era aumentar os impostos para combater guerras prolongadas. Átila, como vimos, exigia sete mil libras de ouro de pagamentos atrasados e subsídio de 1.400 libras por ano. Isso se aproxima ao que se pode chamar de taxa de mercado para esses tributos. Em 408, os romanos pagaram suas dívidas ao líder visigodo, Alarico, no valor de nove mil libras de ouro, enquanto os persas, em 540-561, receberam mil libras por ano de Constantinopla. Tendo em vista que a receita anual do Império Oriental, no final dos anos 440, era da ordem de 270 mil libras de ouro, Átila estava pedindo cerca de 2,2% do Produto Interno Bruto como pagamentos atrasados e cerca de 1% por ano, daí em diante.

No entanto, como sempre acontece na chantagem, extorsão e dinheiro de proteção, é o princípio que aborrece tanto o pagador. Dessa vez até Teodósio, o apaziguador, pensou que já era suficiente; disse aos enviados de Átila que negociaria, mas que isso era tudo e que não haveria de ceder às ameaças. Para desviar a atenção de Átila, os bizantinos provocaram problemas em sua retaguarda, arregimentando a tribo chamada *acatziri* (que morava ou às margens do Báltico ou no mar de Azov; as fontes não são claras). Infelizmente para os bizantinos, Átila enfrentou facilmente essa ameaça na porta dos fundos. Os *acatziri* aprenderam às próprias custas, da mesma forma como haviam feito tantas tribos que os romanos instigaram a se rebelar contra os hunos. Aqueles que os atiçavam não poderiam fazer nada por eles quando os hunos decidissem se vingar.

A guerra que se seguiu foi um desastre para o Império Oriental. Os hunos destruíram as fortalezas nas fronteiras ao longo do Danúbio e tomaram Ratiaria, depois prosseguiram ao longo do rio, ao norte das montanhas Haemus. Enquanto isso, o general romano Arnesiscus, comandante das forças imperiais,

avançou em direção ao nordeste de sua sede em Marcianópolis e dispôs suas tropas no Rio Utus (o atual Vít), na Romênia. A batalha que se seguiu foi cerrada e duramente combatida.

Desta vez, Átila tinha diante de si não os tributos que ele conquistara de maneira tão infame nas campanhas anteriores, mas o melhor do exército bizantino. Finalmente os romanos foram esmagados, mas a vitória dos hunos teve um custo excessivo: eles tiveram pesadas baixas, e alguns historiadores acreditam que a máquina militar hunica nunca se recuperou das perdas de mão-de-obra no Utus. Todavia, em curto prazo, a vitória abriu os desfiladeiros nas montanhas; os hunos avançaram para o sul na direção das planícies da Trácia. Houve uma segunda batalha em Chersonesus, vencida por eles.

A lista de cidades que caíram sob Átila incluía virtualmente todos os lugares importantes na porção européia do Império Bizantino, com exceção de Adrianópolis e Heracléia, a maioria delas foi dizimada, totalmente destruída: Marcianópolis, Arcadiópolis, Filipópolis (a moderna Plovdiv), Constância, Nicópolis. Quando os exércitos de Átila alcançaram os Dardanelos e o litoral do mar Negro, acampando em Sestos e Galipoli, Átila podia afirmar com segurança que agora controlava todos os Bálcãs. Seus homens haviam cavalgado cem quilômetros desde a planície húngara até os arredores de Constantinopla. Santo Hypatius da Bulgária disse que os hunos capturaram cem cidades e aterrorizaram tanto o Império Oriental que até os monges de Constantinopla queriam fugir para Jerusalém. Não se deve duvidar da devastação. "Eles (os hunos) devastaram tanto a Trácia", afirmou Hypatius, "que ela nunca vai se erguer novamente e voltar a ser como era antes". Trezentos anos dos Bálcãs romanizados foram destruídos quase da noite para o dia. E isso não foi como o confortável saque de Roma, em 410, conduzido pelo companheiro cristão Alarico, cujos soldados causaram poucos danos tanto às pessoas quanto às propriedades. Nicopolis, um dos casos usados como exemplo dos Bálcãs romanizados, foi tão arrasada que nem ao menos uma pedra restou sobre outra. Isso era realmente a ira de Deus. A cidade de Aseumus, posicionada no alto do topo de uma montanha, foi uma das poucas a sobreviver ao turbilhão.

Derrotados e humilhados, os bizantinos foram obrigados a suplicar a paz. Os anos de 448 e 449 foram de negociações proteladas. Enquanto os bizantinos estavam com o pé atrás, o líder huno montava em seu cavalo e se divertia. Átila agora exigia um subsídio de 2.100 libras de ouro por ano e produzia uma nova lista de "criminosos" procurados que, dizia, Constantinopla estava escondendo; isso, naturalmente, significaria mais embaixadas e mais presentes generosos.

Pela primeira vez, Átila começou a morder de verdade a elite bizantina, uma vez que para conseguir essas somas (sem mencionar as 700 libras de ouro dos pagamentos atrasados que ainda eram devidos), a oligarquia proprietária de terras precisava finalmente abrir mão de seu *status*, o qual lhe assegurava a isenção de impostos. Sem esperanças de uma solução militar e, agora, possivelmente eles próprios sob a ameaça dos proprietários de terras que haviam representado, mas eram agora obrigados a sacrificar, Teodósio e seu primeiro-ministro eunuco Chrysaphius planejaram o recurso mais antigo de todos: um plano de assassinato. Foi contra Edeco, enviado-chefe de Átila para Constantinopla e integrante de seu pequeno círculo de assessores de elite, os chamados *logades*, que Chrysaphius tentou se voltar.

UMA CONSPIRAÇÃO DE ASSASSINATO CONTRA ÁTILA

Edeco concordou em matar Átila e partiu para a Hungria em companhia de uma embaixada, sob o comando do diplomata bizantino Maximinius, que agiria como fachada para desviar a atenção de Átila enquanto Edeco finalizaria o plano de assassinato. O desafortunado Maximinius ficou em apuros, sem ter sido advertido sobre os verdadeiros planos de Chrysaphius. Ele e seus cúmplices pegaram 17 dos refugiados exigidos e um carregamento cheio de presentes para Átila - sedas, pérolas, ouro e presentes

personais - e ele próprio recebeu instruções para negociar duramente com Átila sobre a mais recente exigência do líder huno: a anexação permanente de todas as terras adjacentes ao Danúbio e uma zona desmilitarizada para impedir os contra-ataques bizantinos. Sob muitos aspectos, Maximinius estava envolvido numa farsa vulgar - uma falsa embaixada que nunca teve o objetivo de ser bem-sucedida. Mas sua viagem para o acampamento de Átila e suas aventuras por lá são de suma importância para o historiador. Maximinius levou como seu assistente o historiador Priscus, que nos fornece um quadro incomparável da vida cotidiana dos hunos, como também o único retrato autêntico do próprio Átila.

Os enviados romanos tomaram a direção noroeste de Constantinopla, passando através de Serdica, do desfiladeiro de Succi e Naissus, onde os ossos daqueles massacrados, em 441 e 442, ainda podiam ser vistos no chão fora da cidade devastada. Eles entregaram cinco dos 17 homens requeridos, que foram mortos com o sistema de empalação - inserindo uma vara corpo adentro, através do ânus. Depois de se pôr a caminho do norte através de bosques e pântanos, chegaram ao Danúbio, transportados em embarcações por barqueiros hunos e escoltados por 16 quilômetros, até o acampamento de Átila. Maximinius e Priscus queriam alvejar um dos *logades* chamado Onegesius, supostamente uma "pomba" entre os falcões do conselho de Átila, mas ficaram sabendo que ele estava ausente, participando de uma missão.

Um choque ainda maior os esperava quando Scottas, um dos braços direitos de Átila, deu-lhes ordens para ir embora imediatamente uma vez que não havia nada para discutir; Átila sabia todas as suas propostas, e nada lhe interessava naqueles homens. O ágil Priscus ofereceu um suborno a Scottas, para que os dois conseguissem ver Átila, mas eles ficaram intrigados em ver como ele conhecia todos os últimos detalhes de sua missão. Mais tarde veio à tona que Edeco dirigira-se diretamente a Átila e lhe revelara o plano de assassinato e todos os detalhes da embaixada das autoridades romanas. Um dos elementos mais importantes na conspiração foi que o intérprete romano Vigilas (ou Bigilas) retornaria para Constantinopla, uma vez que Edeco tivesse feito eclodir o plano e, secretamente, traria de volta 50 libras de ouro para subornar os seguranças de Átila. Quando Scottas obteve a entrevista desejada para Maximinius e seus cúmplices, a primeira coisa que aconteceu foi uma reprimenda enfurecida de Átila contra Vigilas. Para Maximinius e Priscus, pareceu-lhes uma típica irracionalidade bárbara, mas naturalmente eles não sabiam o que Átila sabia. Ele se dirigiu então a Maximinius e, friamente, comunicou-lhe que nunca uma proposta das embaixadas bizantinas seria recebida até que todos os últimos refugiados políticos fossem devolvidos.

UM HOMEM CONFIANTE EM SEU PRÓPRIO DESTINO

Apesar de seus acessos de raiva, Átila permitiu que os romanos o acompanhassem por duas semanas. Foi nesse período que Priscus registrou suas inestimáveis observações sobre os hunos e o próprio Átila. Os hunos moravam em complexos murados semelhantes a povoados muito grandes. Como observou Priscus: "dentro das muralhas havia um numeroso grupo de prédios, alguns feitos de tábuas e construídos próximos para fins decorativos, outros eram feitos de troncos de madeira cuja casca havia sido arrancada, e haviam sido planejados em seguida. Eram dispostos em colunas circulares feitas de pedra, que começavam no chão e chegavam a uma altura moderada".

Átila morava na maior residência, que era embelezada com torres para diferenciá-la das demais. Os aposentos eram acarpetados com tapetes que pareciam ser de lã e as mulheres hunas faziam bordados coloridos e delicadas roupas de cama e mesa. Os hunos jantavam nos sofás, no mesmo estilo dos romanos. Tapeçarias e trabalhos ornamentais multicoloridos eram pendurados para decorar os quartos. Embora os guerreiros hunos praticassem a poligamia, estima-se que as mulheres tivessem um *status* superior entre os hunos em comparação com a maioria das sociedades nômades, das estepes ou orientais. Os defensores da poligamia, como o explorador do século XIX, Sir Richard Burton, gostam de dizer que

nas sociedades primitivas o destino das mulheres era de fato amenizado por esse costume. A idéia pode ser duvidosa, mas acontece que a mulher de Bleda, o irmão assassinado de Átila, tinha uma vida altamente privilegiada e respeitada no acampamento de Átila; assassinar o marido de uma mulher claramente não implicava desonra ou exclusão da mulher entre os hunos. A esposa de Bleda (cujo nome não foi registrado) impressionou realmente os enviados romanos com sua feminilidade e gentileza, permitindo, certa vez, que eles se secassem em seus aposentos depois de uma chuvarada.

Apesar disso, numa sociedade guerreira, o caráter masculino era superior e algumas das descrições de Priscus mostram que as mulheres desempenhavam nada mais que um papel de "líder de torcida". A entrada de Átila na sua sala de jantar é assim descrita:

"Quando Átila estava entrando, as moças vieram vê-lo e se perfilaram diante dele caminhando sob estreitas tiras de tecidos de linho branco, sustentadas pelas mãos de mulheres dos dois lados. Essas faixas de tecido eram esticadas de tal forma que sob cada uma delas caminhavam pelo menos sete moças. Havia muitas fileiras de moças sob os tecidos e elas cantavam canções citas."

O próprio Átila não impressionou tanto Priscus à primeira vista. Baixo, de peito largo, rosto desmedido e corpo atarracado, tinha olhos pequenos e profundos, um nariz achatado e uma barba rala levemente grisalha. Caminhou ao longo da parede com um arrogante modo de andar, observando com altivez de um lado para o outro. Inconstante, melancólico, desconfiado, Átila parecia ser abstêmio em relação ao vinho e sem senso de humor: os bufões faziam os outros hunos rirem, mas Átila sentava lá, remoendo, taciturno e com a cara amarrada. O único momento em que revelava um lado humano era quando seu filho caçula, Ernac, o querido Benjamin de sua família, entrava no salão de banquetes. Priscus notou que os olhos rijos de Átila se enterneciam imediatamente; ele chamava o menino e acariciava sua bochecha. Por que ele era o preferido, perguntou-se Priscus? Parecia que um vidente lhe dissera certa vez que sua família entraria em decadência após sua morte, mas que Ernac restabeleceria a riqueza dos hunos. Profundamente supersticioso, habituado a presságios, oráculos, xamãs e curandeiros, Átila levou isso muito a sério.

No entanto, a despeito da sua figura, quanto mais Priscus o observava, mais ficava impressionado. Ele não era apenas um assassino brutal e um tirano cruel, mas revelava sagacidade e até sabedoria: "Embora um amante da guerra, não era propenso à violência. Era um conselheiro muito sábio, misericordioso para com aqueles que procuravam suas opiniões e leal com quem aceitava como amigo". Não tinha a riqueza como objetivo, exceto como um meio de controle político e social, e seus próprios gostos tendiam à austeridade em vez do visível consumo. Novamente nas palavras de Priscus:

"Enquanto para os outros bárbaros e para nós, só havia pratos preparados generosamente servidos em travessas de prata, para Atila havia somente carne em um prato de madeira... Copos de ouro e prata eram entregues para os homens no banquete, enquanto o dele era de madeira. Sua roupa era simples e não era nada diferente das demais, com exceção do fato de ser limpa. Nem a espada que ficava pendurada na lateral de seu corpo, nem as fivelas de suas botas bárbaras e nem as rédeas de seu cavalo eram decorados com ouro ou pedras preciosas, como aqueles de outros citas."

Atila estava assim enviando uma mensagem sutil. Não precisava das manifestações externas e ornamentos do poder, tendo em vista que estava muito seguro de seu próprio destino. Também estava dizendo para aqueles que o apoiavam que ele nunca poderia ser comprado com o ouro romano, e que só a austeridade dava origem a grandes guerreiros. Átila era cruel e liquidava inimigos conhecidos num abrir e fechar de olhos, mas também era inteligente e percebeu que a simples brutalidade acabava afastando até os discípulos próximos: conhecia suficientemente a história de Roma para se lembrar dos imperadores que tinham sucumbido por causa de sua crueldade insensata: Calígula, Nero, Domiciano, Commodus, Elagabalus. Seus seguidores tinham de saber que ele era duro, e ele lhes dava muitas provas disso; mas

eles também precisavam perceber que ele era capaz de moderação, conciliação e respeito por parte de seus subordinados, o que faria valer a pena estabelecer uma parceria com ele para a vida toda.

ÁTILA, O PERFEITO AUTOCRATA

Átila podia se sentir seguro no final dos anos 440, pois havia se emancipado de todas as tradicionais obrigações e limitações tribais; tinha até assassinado seu próprio irmão, agindo contra todos os costumes e hábitos dos hunos. Era venerado como um deus e seu poder não tinha limites. Nenhum conselho, assembleia ou senado poderia contê-lo, ele podia emitir pessoalmente um julgamento final sobre qualquer pessoa sem refletir, tinha poder de vida e morte sobre todos os hunos; em poucas palavras, era o perfeito autocrata. Conseguira tudo isso extraindo um dízimo dos bizantinos e atando seus seguidores a ele com filamentos de ouro. A consequência disso foi transformar o que outrora fora uma sociedade nômade em um tipo de feudalismo primitivo, mas eficaz, no qual seus *logades*, homens como Oebarsius (tio paterno de Átila), Orestes, Edeco e Scottas, tinham "feudos", e eram seus funcionários subordinados ou governadores. Átila mantinha-os sob controle oferecendo-lhes o domínio sobre territórios desproporcionais para a área, além de população, riqueza e importância estratégica, e encorajando-os a competir na coleta de impostos e alimentos dos territórios subjulgados. De maneira astuta, Átila também obrigava os territórios dominados a enviar-lhe todos os homens em idade militar quando partia para uma campanha, de forma que não pudesse haver nenhum "golpe traiçoeiro" ou rebeliões em sua retaguarda; a falta de efetivo militar significava que os hunos nunca poderiam fazer campanha nos territórios conquistados e defendê-los. Átila promovia e mimava aliados importantes como Ardarico, rei dos Gepids, e Valamar dos ostrogodos, de maneira que eles nunca seriam tentados a derrubar seu poder absoluto.

Átila também tinha a importante qualidade da paciência e estava preparado a esperar para obter o máximo, aguardando o momento propício para uma cena de teatro. Poderia ter prendido e até executado Vigilas pelo complô de assassinato que Edeco lhe revelara. No entanto, enviou-o de volta a Constantinopla, aparentemente para obter mais detalhes sobre o tratado de paz sugerido, mas, na verdade, o intuito era enganar Gullas e fazê-lo trazer de volta o dinheiro do complô e assim, pegá-lo com as mãos cheias de dinheiro sujo. Para assegurar-se de que não houvesse uma escorregadela na armadilha, ordenou expressamente que ninguém entrasse no território huno e pudesse trazer ouro ou outros metais preciosos consigo. Maximinius e Priscus partiram para a sua viagem de volta e correram para Vigilas, quando ele voltava de Constantinopla com a pilhagem. Quando Vigilas voltava com 50 libras de ouro, pensando que o plano ainda estava em vigor, os homens de Átila fizeram uma busca em sua bagagem e encontraram o metal escondido. Ele foi levado diante de Átila, que pediu uma explicação. Vigilas começou a vociferar sobre o seu *status* como embaixador, mas tinha cometido o grave erro de trazer seu filho de 20 anos consigo. Átila levantou-se de repente, encostou a espada na garganta do rapaz e disse que o mataria, a não ser que Vigilas revelasse toda a verdade. O infeliz Vigilas, perturbado e em lágrimas, confessou tudo. Átila o manteve como refém ao lado do filho, aguardando uma solução "satisfatória" de Constantinopla. Enviou então Orestes para a capital bizantina a fim de ter uma conversa com Teodósio e Chrysaphius. Na presença do imperador, Orestes apresentou a mala que, originalmente, carregava o ouro (Átila não o tinha enviado de volta) e perguntou ao imperador se ele a reconhecia. Repetiu então uma mensagem textual de Átila, nas palavras de Priscus:

"Teodósio era filho de um pai nascido nobremente, e Átila também era de descendência nobre... Mas enquanto Átila preservava sua linhagem nobre, Teodósio tinha descido e era escravo de Átila, preso ao

pagamento de impostos. Portanto, ao atacá-lo abertamente como a um escravo sem valor, estava agindo incorretamente em relação ao seu superior, cujo destino tinha-o transformado em seu mestre."

Deleitando-se à exaustão, em seguida Átila exigiu de Constantinopla que Chrysaphius, que deveria ser seu assassino, lhe fosse entregue. Ele sabia que a exigência seria recusada, mas isso lhe deu a desculpa para mandar mais enviados aos bizantinos, que teriam de ser "homenageados" com ouro, que então faria o caminho de volta para o quartel-general dos hunos, na Hungria. A fim de acalmá-lo, no início de 450, Chrysaphius enviou-lhe dois embaixadores que eram conhecidos por ser da cúpula da diplomacia bizantina, enviados somente nas missões mais importantes. Eles eram Anatolius e Nomus, cujos nomes Átila havia solicitado explicitamente. Indo diretamente ao que interessava, Chrysaphius mandou uma grande quantidade de ouro, pedindo que Átila suspendesse a sentença de morte que havia lhe imposto.

Para a surpresa de todos, a embaixada foi um grande sucesso. Átila realmente homenageou os enviados atravessando o Danúbio para se encontrar com eles. Todas as questões importantes foram resolvidas. Átila prometeu não lançar mais ataques ao Império Oriental, a se retirar da área adjacente ao Danúbio e a anular sua exigência anterior de uma zona desmilitarizada em volta daquele rio. Ele até libertou Vigilas e seu filho para mostrar sua boa vontade. Todos ficaram espantados. O que estava por trás? O que Átila estava planejando? Quando estava no acampamento de Átila, Priscus tinha ouvido falar sobre uma invasão huno ao Império Persa e pensou que isso era bom demais para ser verdade, uma vez que um empreendimento desse porte certamente iria acabar com o poderio huno de uma vez por todas, o que o faria cair de bandeja nas mãos romanas. Contudo, mesmo enquanto os confusos bizantinos tentavam imaginar o que aconteceria em seguida e mal podiam acreditar em sua própria sorte, a roda da sorte girou mais uma vez. Em julho de 450, Teodósio caiu de seu cavalo e morreu dos ferimentos contraídos. O novo imperador rapidamente ascendeu como Marciano, um soldado corajoso e veterano de muitas campanhas, incluindo a que fracassara na África do Norte, de Aspar contra Geiserico. Imediatamente Marciano anunciou que a era da chantagem e da extorsão tinha terminado. Não haveria mais pagamentos de ouro para Átila; se ele quisesse paz, muito bem; mas, do contrário, Constantinopla estava preparada para lutar até a morte.

UMA GUERRA DE PENITÊNCIA

Marciano tinha a qualidade de ser uma figura corajosa, e que não correspondia a seus 60 anos. O famoso historiador Edward Gibbon descreveu-o assim: "Marciano era da opinião que a guerra deveria ser evitada tanto quanto possível, a fim de preservar uma paz segura e honrosa; mas ele pensava igualmente que a paz não pode ser honrosa ou segura, se o soberano revela uma aversão covarde à guerra". Em outras palavras, Marciano desprezava as políticas de apaziguamento de seu antecessor Teodósio. Ele podia entender Átila e sua política de exigir dinheiro com ameaças, mas, de seu ponto de vista, Constantinopla tinha cartas poderosas que não tinha jogado. A maneira de lidar com Átila não deveria ser a de lhe oferecer batalhas no terreno em que seus arqueiros montados levavam a vantagem de não serem derrubados e assim dar-lhe qualquer coisa que ele exigisse. O fundamental era travar uma guerra de contrição, uma vez que os hunos não podiam agüentar perdas constantes de efetivos militares na batalha. Os recursos do Império Bizantino poderiam ser mais bem empregados para ter sucesso em uma batalha longa e prolongada.

Sem ouro, Átila não poderia manter calmos seus principais chefes e defensores, e uma vez que as facções surgissem dentro dos círculos governantes hunos, Constantinopla não poderia mais ser excessivamente temida ou dominada. Por isso, Marciano apertou os parafusos tanto quanto pôde. Além de parar com o fluxo de ouro para os hunos, fechou-lhes todos os mercados imperiais, começando de fato um lento bloqueio econômico para destruir toda a sua riqueza. Proibiu exportações de armas para os hunos, por

parte de qualquer pessoa dentro do Império, sabendo que Átila não podia produzir o suficiente por conta própria e que a maneira de fazer guerra dos hunos era com o uso intensivo de flechas. Por fim, mandou seus agentes secretos para subornar os líderes dos gepíds e dos ostrogodos e encorajar as revoltas contra Átila. Devemos mencionar que o surgimento de Marciano significou o triunfo das classes proprietárias de terras no Império Bizantino. A política de apaziguamento a favor dos hunos, conduzida por Teodósio, tinha recebido o apoio dos mercantes, comerciantes e fabricantes, que podiam fazer dinheiro com os bárbaros, mas era veementemente criticada pelos proprietários de terras, que tinham de se virar para pagar o ouro a Átila. A mudança de política de Marciano não foi apenas algo pessoal, mas representou a reafirmação de poder pelos proprietários de terra do Império.

Átila estava inativo no ano de 450. É evidente que se sentia seriamente perturbado com o novo vento que soprava de Constantinopla e entendeu imediatamente a natureza da ameaça de Marciano. Mas ele também sabia que não era forte o suficiente para humilhar Constantinopla a sós. O que fazer? Esse era o contexto para podermos entender a (inicialmente) inexplicável decisão de fazer guerra no oeste e marchar para a Gália, em 451. A ofensiva contra Anatolius e Nomus e a surpreendente decisão de estabelecer a paz com Constantinopla poderia até refletir uma decisão que Átila tenha tomado antes que Teodósio morresse. Tendo em vista que ele, Átila, não era suficientemente forte para, sozinho, derrotar os bizantinos, precisava olhar em torno de si e procurar possíveis parceiros. Pensou então no ano de 442, quando sua ofensiva levava os romanos a cancelar sua expedição conjunta contra os vândalos na África do Norte. Parecia claro: o que poderia paralisar ambos os Impérios Ocidental e Oriental poderia ser a colaboração entre hunos e vândalos.

Considerando que os hunos não eram uma sociedade letrada, não é possível pesquisar nos arquivos para encontrar provas de negociações diplomáticas entre Átila e Geiserico, em 450-451, mas não podemos dar um sentido aos acontecimentos de 451 sem pressupor que elas existiram. Além disso, o historiador Johannes nos conta que houve, de fato, esses contatos. A motivação, os meios e a oportunidade apontam para a mesma direção. O inimigo que Geiserico realmente temia eram os visigodos da Espanha; afinal de contas, foi por isso que ele, inicialmente, migrou através dos Estreitos de Gibraltar. Mas ele não era suficientemente forte para lidar com eles a sós de forma decisiva, da mesma forma como Átila não o era para derrotar os bizantinos. Mas uma aliança entre os vândalos e os hunos poderia mudar o quadro completamente. Por volta dessa época, Geiserico tinha erguido uma marinha poderosa, que já derrotara os romanos ocidentais.

Provavelmente, Átila considerou o sonho dourado de um ataque anfíbio dos hunos e vândalos contra Constantinopla e ofereceu a proposta a Geiserico. O rei vândalo, contudo, o político mais inteligente do Mediterrâneo naquela época, precisava de um *quid pro quo*. Se Átila estava preparado para destruir seus inimigos visigodos no oeste, os dois poderiam então marchar para Roma, fazendo de Geiserico o lorde do Mediterrâneo Ocidental. Em troca, ele enviaria sua poderosa frota para atacar Constantinopla enquanto Átila atacava a partir da região terrestre; a vitória total então confirmaria Átila como o lorde do leste. Geiserico e Átila seriam, na verdade, os dois novos imperadores romanos.

Devemos esperar o mestre diplomata Geiserico vencer uma batalha de perspicácia com Átila, e assim foi. É evidente que, no curso das prolongadas negociações, Geiserico insistiu em que Átila tinha de ajudá-lo antes. Ele concordou e anunciou que faria uma campanha contra os visigodos do sudoeste da França, em 451. Percebeu que era essencial que seu ataque contra os visigodos não deveria absorver também os romanos e enviou uma embaixada para o Imperador Ocidental Valenciano na Itália, a fim de salientar que sua campanha era dirigida apenas contra os visigodos, e que ele não tinha disputas contra Roma. Os analistas políticos da época devem ter sido capazes de perceber que um ataque de Átila contra os visigodos poderia beneficiar somente Geiserico, mas estavam meio cegos porque, no momento, ele gozava de relações amigáveis com os romanos ocidentais que expulsara da África do Norte.

Sabia-se, naturalmente, que os visigodos e os vândalos eram inimigos mortais. Inteiramente distante da luta geopolítica para o domínio no extremo Mediterrâneo Ocidental, havia sangue ruim entre Geiserico e o rei visigodo Teodorico. Hunerico, filho de Geiserico, casou com a filha de Teodorico e se revelou um bêbado, que gostava de bater na mulher. Em um de seus ataques de fúria, destruiu a beleza dela cortando seu nariz e enviando-a de volta para Teodorico. O rei visigodo prometeu vingança, mas estava ocupado com Aécio e seus seguidores gauleses e romanos na França central. Hunerico pode também ter sido um dos motivos do esfriamento sutil nas relações entre Geiserico e o imperador romano Valenciano. Como parte de um acordo de paz mais amplo, por volta da metade dos anos 440, acordou-se que Hunerico, agora convenientemente livre de sua esposa visigoda, deveria casar com Eudoxia, filha de Valenciano, quando ela atingisse a idade certa. Mas quando ela completou 12 anos, os romanos não deram sinal de honrar o acordo. Primeiro Valenciano disse que havia pensado novamente e decidira substituí-la por sua filha mais moça Placidia. Em seguida, pressionado por Aécio, que ainda era o verdadeiro poder no Império Ocidental, anunciou que Placidia se casaria com o filho de Aécio, Gaudentius. Recebendo isso como um tapa na cara, Geiserico estava cismado, envolto numa atmosfera anti-romana, quando os enviados de Átila vieram chamá-lo.

Mesmo com o apoio de Geiserico, a decisão de Átila de marchar para o oeste era arriscada. Os hunos careciam fundamentalmente de planejamento, administração e logística para campanhas longas e previam tudo imaginando que o inimigo ficaria aterrorizado só de ouvir o nome deles; eles não sabiam o que fazer se o inimigo se recusasse a se abater diante deles. Átila também não tinha pensado no fato de que a Europa Ocidental era um ambiente e um habitat físico muito diferente daquele que desfrutava na planície húngara. A última grande pastagem na direção oeste poderia agüentar um grande número de cavalos, mas a Gália não. Foi a falta de forragem para os animais e de pastos que levaram os mongóis a voltar para trás e desistir de conquistar a Europa em 1242, quando haviam alcançado a Hungria. Em breve, a Europa ocidental pendia naturalmente a favor dos defensores e contra os invasores nômades. Átila pode também ter descontado o custo físico sobre seus soldados. Em 447 ele os havia feito marchar por 500 quilômetros, e fora cruel, mas agora estava propondo uma marcha de mais de 1.200 quilômetros. Por outro lado, sem a ajuda de Geiserico não tinha sentido marchar em direção a Constantinopla. As muralhas tríplices da cidade tornaram-na inabalável - de fato, eles iriam mantê-la a salvo até 1453, quando os turcos finalmente conseguiram entrar. Os bizantinos lutariam qualquer guerra em fileiras internas, com o acesso a todas as suas províncias ricas em impostos, por toda a Turquia, para o sul na direção do Egito e além. Átila precisava de uma marinha, de forma que pudesse despachar soldados para o território turco do Império Bizantino e circundar atrás de Constantinopla. Geiserico tinha a resposta, mas insistia para que primeiro Átila entrasse em acordo com os visigodos.

ROMPIMENTO COM AÉCIO E OS ROMANOS OCIDENTAIS

Mesmo assim, sob certas perspectivas, as coisas pareciam boas para o grande projeto de Átila contra os visigodos, mas dois fatos mudaram o curso da história. Aécio, anteriormente amigo dos hunos e inimigo dos visigodos, virou-se contra Átila. Enquanto este último estava disseminando o terror no Império Oriental na década de 440, Aécio continuava a guerrear contra os visigodos e os bagaudae no noroeste, que, a despeito de muitas derrotas, parecia se fortalecer o tempo todo. Em 442, Aécio estacionou um contingente de alanos perto de Orleans e incentivou seu rei a entrar em guerra contra os bagaudae. A posição romana na Gália estava cada vez mais precária. Por volta de 450, eles ainda controlavam a costa do Mediterrâneo, mas no território adentro tinham apenas uma faixa central, que fazia fronteira com o Loire no norte e no oeste, e ainda todo o vale do Rhône. Os burgundianos controlavam os Alpes e Savóia, os francos dominavam o atual nordeste da França, e os bagaudae o noroeste, chegando até Poitou e

Anjou, no sul, onde começava o reino visigodo de Aquitaine. Além disso, naquela época, o Império Ocidental já tinha perdido a Espanha e a Grã Bretanha.

Uma guerra persistente, de baixa intensidade, parece ter marcado essa década na história da França, mas, em 450, Aécio ainda era o inimigo implacável dos bagaudae e dos visigodos. Durante todo esse período, Aécio manteve-se desconfiado em relação às verdadeiras intenções de Átila, e há indícios de que tenha elaborado planos de contingência para uma invasão huna da Gália ainda em 442. Foi por volta de 449 que Átila revelou pela primeira vez sinais de hostilidade em relação ao seu velho amigo e aliado confiante nos hunos.

Primeiro, concedeu asilo para um líder dos bagaudae derrotado por Aécio, em 448. Em seguida, apoiou um candidato diferente do que foi nomeado por Aécio, para ser rei dos francos ripuários - mais uma tribo que tinha se instalado na Gália. Além disso, Átila já demonstrara tendência perturbadora para ficar obsessivo com questões relativamente triviais e aumentá-las a ponto de se tornarem uma crise diplomática. Havia uma questão entediante e complexa relativa a uma baixela de ouro que Átila dizia ser de sua propriedade, mas que um banqueiro romano chamado Silvanus tinha vendido e embolsado o dinheiro. Átila entendia que Aécio era o verdadeiro poder no Império Ocidental, portanto, o fato de ele não ter feito nada em relação à questão de Silvanus demonstrava sua hostilidade. Mas a consequência direta do comportamento de Átila foi levar Aécio a pensar o impensável: talvez o caminho a seguir fosse formar uma aliança com os visigodos para fazer frente à crescente ameaça dos hunos.

O segundo incidente mais uma vez revela o julgamento ruim de Átila. Pouco antes da sua partida para o Ocidente, recebeu um recado sensacional de Justa Grata Honória, irmã de Valenciano. Honória foi seduzida por um camareiro chamado Eugenius, que foi executado por lesa-majestade. Valenciano decidiu então casar sua problemática irmã com um senador obscuro. Sem querer aceitar seu destino, Honória escreveu para Átila, oferecendo-se como noiva e prometendo-lhe uma vultosa soma se ele viesse e a salvasse do seu pavoroso compromisso.

Valenciano foi aconselhado a entregá-la para Átila, a fim de retirar qualquer pretexto para um ataque contra Roma, mas Aécio se opôs violentamente, considerando que um casamento entre Átila e Honória tiraria o chão de seus pés. Valenciano entregou-a então aos cuidados da mãe, Galla Placidia. Depois disso, Honória desapareceu da história; todos os indícios dão conta de que, mais tarde, foi executada como inimiga do Estado. Mas Átila argumentou que os romanos tinham seqüestrado sua "esposa" e, raivoso, exigiu a restituição dela ou uma sólida compensação. Além disso, afirmou que, em virtude de seu "casamento" com Honória, era agora, por direito, o herdeiro do Império Romano Ocidental e deveria ser imediatamente reconhecido como "mestre dos exércitos Imperiais" no lugar de Aécio.

Por volta de novembro de 450, Aécio e os romanos ocidentais já tinham se resignado a romper totalmente com Átila. Com seus argumentos malucos em torno de Honória, Átila atçou os romanos e os visigodos a procurarem uma causa comum. Pior ainda, ao sustentar que o Império Romano Ocidental era seu, parece ter descumprido o acordo anterior com Geiserico, para o qual tinha se esforçado tanto. Geiserico estava desiludido e não moveu uma palha para atacar o fianco visigodo quando Átila marchou contra eles. Isso explica o "cão que latia à noite" que intrigou tanto os historiadores célticos sobre um acordo entre Átila e Geiserico. Havia um pacto para dividir os dois Impérios Romanos, mas ao indicar que reivindicava o Império Ocidental para si, Átila efetivamente descumpriu o acordo.

"SOU A CÓLERA DE DEUS"

Nesse meio tempo, Atila tinha dois problemas principais. Precisava convencer os visigodos sob Teodorico a esquecerem a animosidade que este nutria em relação a eles durante os últimos 20 anos. Além disso, tinha de persuadir os visigodos a fazer uma campanha militar mais para o norte da França, a fim de evitar que as terras gaulesas e romanas fossem devastadas e negar os recursos do resto da Gália

para os hunos. Aécio deixou Roma, no comando de uma força muito pequena - pequena porque Roma estava sendo destruída pela fome e doença. Para garantir sua aliança com Teodorico, contratou seu amigo Avitus, acadêmico, diplomata e futuro Imperador Romano, e, mais importante de tudo, um amigo de confiança de Teodorico; Avitus recebeu mensagens calorosas de amizade tanto de Aécio quanto de Valenciano. Teodorico não precisou ser muito persuadido: em sua opinião, se os visigodos tivessem de descer e combater antes de Átila, era melhor que o fizessem sob a proteção de aliados poderosos.

Enquanto isso, Aécio, em franco contraste com Átila, revelou suas habilidades diplomáticas reunindo uma coalizão de todas as tribos francesas para se opor aos hunos: o encontro do exército no centro da França teria romanos, visigodos, francos ripuários, francos sálios, burgundinos, saxões e os bagaudae. As desavenças estavam começando a vir na direção de Átila, mas a aliança de toda a França não era seu único problema. Ele precisava chegar a Gália rapidamente, o que significava deixar para trás seus aparatos para cercos militares e catapultas. Mas ir correndo também significava deixar para trás poderosas guarnições de defesa que poderiam romper suas linhas de comunicação.

De qualquer modo, a natureza da guerra hunica não permitia que ele se deslocasse para a fronteira francesa com a mesma rapidez que desejava: precisava de carroções para as centenas de milhares de flechas que seus guerreiros iriam lançar. Seu avanço foi, portanto, pela metade; ele não obteve a velocidade que queria, mesmo que tivesse deixado as guarnições na retaguarda.

Na primavera de 451, Átila marchou da Hungria em direção ao oeste. Seu exército deve ter tido entre 30 mil e 40 mil soldados - um número grande para aquela época. Em geral, os historiadores antigos, com descontrolado exagero, falavam de meio milhão de homens - um número além da capacidade que toda a Europa tinha para alimentar. O poeta contemporâneo Sidonius Apollinaris tentou definir a natureza heterogênea e poliglota do exército huno com a obrigatória exatidão da rima métrica: "de repente o mundo bárbaro, pego por uma grande convulsão, invadiu todo o norte da Gália. Depois dos belicosos rugianos, vêm os ferozes gepids, seguidos de perto pelos gelonianos; os burgundianos exortam os scirianos; hunos, bellonotianos, neurianos, bastarnianos, túringios, bructeranos e francos correm na dianteira".

A verdade é que, enquanto um ou dois representantes de algumas dessas raças poderiam ter participado do exército, os hunos, como de costume, dependiam fortemente dos ostrogodos e dos gepids. O imenso exército seguia a porção superior do Danúbio ao sudoeste da planície húngara, marchando ao longo de ambos os lados do rio. Perto da cabeceira do rio, o exército se dividiu em dois, com o agrupamento principal seguindo a passagem do Danúbio para o Reno, enquanto um destacamento de apoio tomou o caminho de Basel, Estrasburgo, Speyer, Worms e Mainz para conter os francos; mas os hunos demoraram demais, uma vez que a maioria dos francos já tinha ido para o oeste para se encontrar com Aécio. As duas forças se encontraram no Reno e atravessaram o rio perto de Coblenz. Tradicionalmente, a rota através de Luxemburgo era a única viável para grandes exércitos, considerando que as montanhas Vosges, Ardennes e Eifel protegiam a França contra as travessias vindas ou direcionadas a oeste, mais ao sul no Reno. Átila se desviou da fortaleza de Trier e impôs o cerco a Metz, que caiu em 8 de abril de 451. Os hunos então percorreram os 300 quilômetros de Metz a Orleans em três semanas, chegando lá em maio. Foi então que Átila tomou Troyes. A história tradicional afirma que o bispo Lupus de Troyes foi pedir rendição conciliatória a Átila e disse-lhe ser um homem de Deus. Átila teria então respondido-lhe: *Ego sum flagellum Dei* (sou a cólera de Deus), e isso se tornou parte da duradoura e lúgubre lenda cristã sobre Átila.

A rápida campanha de Átila lhe garantiu a vantagem inicial, uma vez que os aliados ainda não tinham se encontrado; Aécio só havia chegado até Áries, no norte. Agora Átila se aproximou de Orleans, incentivado por uma mensagem do traiçoeiro líder alano Sangibanus, na qual ele dizia que indicaria a cidade aos hunos em retribuição. Mas Sangibanus, ouvindo informações conflitantes sobre o progresso do exército aliado, ficou agitado, e Átila não tinha os aparatos usados nos cercos militares para acabar

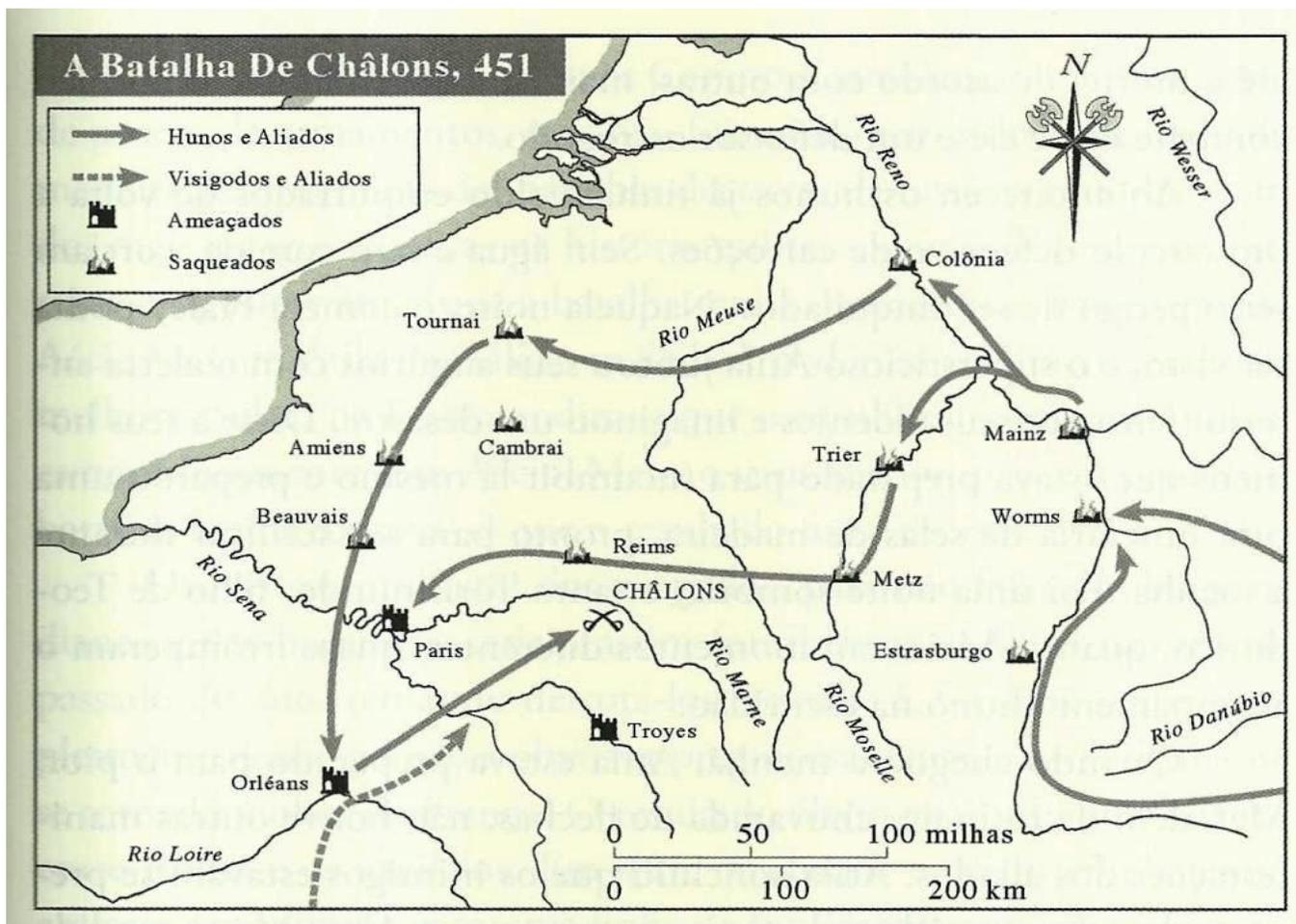
com Orleans rapidamente. Em junho, a cidade estava pronta para se render e, naquela altura, se acreditarmos nas lendas, acontecimentos milagrosos começaram a se multiplicar. Primeiro, a pequena e obscura cidade de Paris foi poupada de uma visita dos invasores graças aos oradores de Santa Genoveva. Depois, justamente quando Orleans tinha se rendido e os primeiros hunos estavam atravessando seus portões, sentinelas nas torres viram uma nuvem de poeira à distância, à medida que Teodorico se aproximava. Átila foi obrigado a voltar na direção de Troyes para considerar suas opções. De acordo com um relato, foi atacado na retaguarda enquanto se retirava e sofreu pesadas perdas. Mas os aliados estavam agora unidos, com Teodorico e Aécio cooperando esplendidamente e todos os contingentes aliados em seus devidos lugares. Todos tinham concordado que precisavam colaborar ou sucumbiriam separadamente.

Os historiadores não conseguem entrar em acordo com relação à data para a batalha que se seguiu, mas provavelmente foi em 20 de junho. Átila encontrou uma extensão de terra onde pensou que seus arqueiros seriam eficientes. A localização exata do campo de batalha é desconhecida - há referências nas fontes como sendo as planícies ou campos Cataulanian - mas calcula-se que tenha sido nas redondezas de Châlons. Na noite do dia 19, Átila consultou seus xamãs. Os videntes examinaram as vísceras do gado dizimado. Previram uma tragédia, mas disseram que o chefe de um inimigo certamente seria morto. Pensando que deveria ser Aécio, preocupava-se com as severas críticas das guarnições de defesa na linha de retirada caso se recolhesse; Átila chamou seus soldados e os encorajou para a difícil experiência do dia seguinte.

A BATALHA DE CHÂLONS OU DOS CAMPOS CATAULANIAN

Em 20 de junho, ambos os lados se prepararam para a briga. Apesar dos vagos boatos sobre "hordas" hunas, parece que os aliados tinham uma evidente superioridade em termos numéricos. Não se chegou a um acordo nos meios acadêmicos quanto ao número de combatentes que lutaram, mas deve ter havido pelo menos 30 mil do lado de Átila, mesmo descontando as suas perdas (não se sabe quantas) no dia anterior. Os aliados devem ter tido mais que isso, talvez 40 mil ao todo, pois Átila estava claramente preocupado com o fato de que, no caso de um confronto de um dia inteiro, com ênfase no ataque, os números do inimigo determinariam o curso da batalha. Podemos deduzir que Átila estava nervoso com o resultado da disputa, tendo em vista que adiou a batalha para as 3h da tarde, calculando, sem dúvida, que no caso de ser derrotado, o inimigo não teria luz diurna suficiente para concluir a retirada. Seu cenário mais otimista era uma vitória rápida com a ajuda dos arqueiros, em seguida, o anoitecer e a chance de acabar no dia seguinte. Confiava em seus arqueiros para romper o centro dos aliados, e, de fato, parece que os romanos sacrificaram alguns reféns, deixando os irresponsáveis alanos por lá.

Átila dispôs seu exército com suas unidades hunas de elite no centro, os ostrogodos à esquerda, de frente para seus primos visigodos, e os gepíds diante dos romanos, e outros, à direita de Átila. Do lado aliado, Aécio comandou a ala esquerda, enquanto Teodorico ficou com a direita, com Sangibanus, cuja lealdade era suspeita, no meio, onde dois comandantes importantes podiam ficar de olho nele. As fontes antigas são vagas quanto aos detalhes da batalha, mas as primeiras etapas envolveram uma disputa por uma saliência que dominava o campo de batalha e ganhava altura graças a um declive íngreme. Todas as autoridades concordam que o início da batalha foi feroz, mas os aliados logo venceram a disputa pelo monte, de onde lançaram um contra-ataque em que os visigodos tiveram uma vitória surpreendentemente fácil contra os regimentos de elite de Átila. Diz-se que Átila chamou desesperadamente a atenção de seus homens para lhes lembrar de seu valor de outrora e que, em seguida, as águas de um riacho no meio da planície estavam vermelhas de sangue. Foi durante essa intensa batalha que Teodorico foi morto, mas os detalhes também são vagos. Segundo uma das versões, ele caiu de seu cavalo e foi arrastado até a morte; de acordo com outras, mais duvidosas, houve um único combate entre ele e um defensor ostrogodo.



Ao anoitecer, os hunos já tinham sido empurrados de volta a um círculo defensivo de carroções. Sem água e sem comida, corriam sério perigo de ser aniquilados. Naquela noite, o cometa Haley podia ser visto, e o supersticioso Atila juntou seus augúrios com o alerta anterior feito por seus videntes e imaginou um desastre. Disse a seus homens que estava preparado para sucumbir lá mesmo e preparou uma pira funerária de selas de madeira, pronto para se sacrificar durante a manhã. Foi uma noite sombria, e tanto Torismundo, filho de Teodorico, quanto Aécio, em momentos diferentes, quase irromperam o acampamento huno na escuridão.

Quando chegou a manhã, Átila estava preparado para o pior. Mas além da rotineira chuvarada de flechas, não houve outras manifestações dos aliados. Átila concluiu que os inimigos estavam se preparando para vencê-lo pela fome, o que era um fato. Mas à medida que o dia passava, não havia nenhuma agitação por parte dos aliados; finalmente os observadores de Átila trouxeram a informação de que os hunos não estavam cercados como se temia, mas poderiam facilmente fugir. Cuidadosamente, Átila deu início à retirada, inicialmente pensando que Aécio queria enganá-lo com uma falsa retirada. Mas não houve nenhum sinal dos aliados. Aécio concluiu que a destruição total dos hunos não se enquadrava em seu objetivo, porque tornaria os visigodos demasiado poderosos. Advertindo Teodorico com firmeza, aconselhou-o a sepultar seu pai com ritos funerários rebuscados e, em seguida, voltar para a capital visigoda de Toulouse, para evitar que seu irmão tomasse o trono. Teodorico podia entender o jogo de Aécio, mas o imaturo Torismundo ou não entendeu ou não tinha estômago para outro dia de carnificina. O dia 20 fora certamente sangrento, com pelo menos 15 mil mortos em combates dramáticos. O prestativo Aécio deixou para Átila uma via livre para sair da Gália. No outono, Átila estava de volta onde tinha começado, na planície húngara.

A batalha de Châlons ou os Campos Catalanian foi uma grande proeza de armamentos, mas não foi, como tem sido sustentado de maneira absurda, uma das batalhas decisivas da história mundial. Um dos mais antigos axiomas na história militar é que se deve tentar derrotar o opositor antes que a batalha tenha

começado, e isso foi o que Aécio fez com Átila na Gália, em 451. A poderosa coalizão de todas as melhores tribos na França indicava que o equilíbrio estratégico estava esmagadoramente com Aécio. Mesmo se os aliados tivessem perdido a batalha, é pouco provável que o resultado fosse decisivo. Os recursos militares dos visigodos, para não falar dos burgundianos e dos bagaudas, seriam assim formidáveis se Aécio não tivesse passado 20 anos tentando derrotá-los em vão? E Geiserico teria simplesmente ficado parado a observar preguiçosamente, caso Átila tivesse se tornado senhor da França? O resultado óbvio teria sido uma aliança entre Roma e os vândalos. Em 451, os aliados estavam combatendo em casa um inimigo com uma linha de suprimentos que chegava até a Hungria, vulnerável a uma insurreição em qualquer ponto ao longo da sua insuficiente rede de suprimentos; além disso, estavam numa posição de se recuperar das perdas nas batalhas - e Átila não estava.

A verdade fundamental é que Átila sempre se preocupava com a falta de efetivo militar. No entanto, isso tem sido ocultado por quase dois mil anos por causa da sinistra propaganda em torno da "cólera de Deus" e da idéia de que centenas de milhares de hunos estavam simplesmente inundando a Europa como um tipo de tsunami impossível de ser detido. A história nos ensina a ter cautela com os mitos ocidentais, que se referem aos exércitos do Ocidente sendo assoberbados por "hordas orientais", sejam os hunos, os mongóis ou mesmo o Exército Popular da China na Guerra da Coreia, de 1950-1953. Átila tem sido superestimado, tanto como ameaça quanto como general. A verdade é que, como capitão, ele nunca obteve muitas proezas, apenas com alguns soldados bizantinos de segunda divisão, na maior parte das vezes, com algumas guarnições frágeis e em cidades escassamente povoadas. Obteve uma vitória fácil contra o Império Oriental, em 447, e foi completamente derrotado em Châlons, em 451. Não é muita coisa para construir uma reputação tão notável.

O ATAQUE À ITÁLIA

Ao longo do inverno de 451-452, Átila avaliou suas opções. Em um único ano ele teve sua credibilidade enfraquecida, tendo demonstrado claramente que estava longe de ser invencível. Poucos produtos de pilhagens tinham sido trazidos da Europa Ocidental, ser o líder não consertaria seu malogro, sua posição se tornara precária. Assim, dificilmente sua decisão de empreender uma campanha contra o Império Ocidental na Itália, em 452, teria sido uma surpresa. Ele precisava muito de uma revanche contra Aécio, em que pudesse vencer e calculou que na Itália Aécio não poderia contar com o poder dos visigodos e dos bagaudas. Além disso, uma pilhagem na Itália poderia reavivar a aliança moribunda com os vândalos. Se Geiserico soubesse que ele estava descendo a península, certamente iria mandar sua marinha contra Roma. Uma vez que eles juntos derrotassem Roma, os dois grandes líderes poderiam dividir os despojos e entrar em um acordo que permitiria aos dois ganhar o verdadeiro grande prêmio: Constantinopla. Acima de tudo, Átila não poderia simplesmente entrar às escondidas na Hungria e lamber suas feridas, pois todo o sistema de rapina financeira que ele construíra dependia de conquistas constantes e entradas de ouro.

Há aqueles para quem a decisão de atacar a Itália, em vez de Marciano e o leste, tenha sido um equívoco, mas, do ponto de vista de Átila, os fracos exércitos italianos, que não eram da mesma categoria dos visigodos, pareciam um alvo muito mais tentador do que as muralhas tríplices de Constantinopla. Existe mais uma controvérsia em torno das disposições militares romanas: alguns historiadores alegam que Aécio estava despreparado para esse contragolpe. É verdade que ele não defendeu os desfiladeiros alpinos, e foi criticado por isso, mas as críticas são fora de propósito. Havia desfiladeiros demais nos Alpes, e para impedir a passagem através deles seria necessário um número de soldados que ele simplesmente não dispunha. Além disso, a Itália foi invadida seis vezes no século V, e os invasores nunca foram detidos nos Alpes. A probabilidade é que Aécio estivesse preocupado com as devastações

provocadas pela fome e pela malária na Itália, não podia colocar seus soldados em risco no distante norte da península, mas pensou que as doenças e a peste poderiam realizar esse trabalho por ele. No entanto, inicialmente Átila deu uma bela demonstração. Entrou correndo Itália adentro e chegou a Aquiléia, onde seu ataque inicial foi esmagado com pesadas perdas. Seus homens lhe imploraram para que suspendesse o cerco militar, mas ele enviou engenheiros mais bem preparados e um equipamento melhor. A lenda diz que ele foi encorajado a continuar a investida a Aquiléia quando viu cegonhas brancas deixar seus ninhos nos telhados das casas da cidade e voar em direção ao norte. Aquiléia era sabidamente uma noz difícil de roer - as tribos germânicas tentaram tomá-la na época de Marco Aurélio e não conseguiram - mas daquela vez ela caiu, pela primeira vez em sua história. Átila arrasou-a e deu aos soldados liberdade total para estuprar e saquear. Segundo reza a tradição, foram os refugiados do saque de Átila a Aquiléia que encontraram abrigo na ilha lagunar e fundaram Veneza. As táticas de Átila nessa campanha militar ficaram rapidamente claras: o uso do terror para intimidar a população. Daquela vez, não havia misericórdia nem para as cidades que abriram seus portões para ele sem resistir: eram arrasadas e destruídas. Uma longa lista de cidades foi entregue à rapina: Concórdia, Altinum, Pataviu, Vicenza, Verona, Brixia e Bérgamo; somente Ticino e Milão escaparam dos saques. Milão foi palco de outra lenda de Átila. No palácio da cidade afirma-se que ele viu um quadro de dois imperadores romanos, do Ocidente e do Oriente, sentados em um trono de ouro com citas mortos em torno deles. Ele teria então encomendado um quadro semelhante, retratando ele próprio sentado em um trono de ouro, com os dois imperadores despejando o precioso metal sobre seus pés.

O trajeto óbvio para Attila nesse momento seria virar para o sul e marchar para Roma. Ao contrário disso, ele contemporizou, marchando de volta na direção do leste, para o Lago de Garda, mantendo suas opções abertas. Pesavam as perdas que já tinha infligido a seus soldados por causa da epidemia de malária. Tinha havido até então grande empenho dos soldados, em Aquiléia, mas, apesar disso, o número de hunos estava encolhendo. Todos os seus instintos apontavam para uma retirada para a Hungria, mas antes que isso pudesse acontecer, Átila precisava salvar sua pele. Talvez adivinhando sua incerteza, Roma enviou-lhe uma delegação de alto nível, que incluía o ex-magistrado Trygetius; um senador grosseiro chamado Gennadius Avienus, que havia sido cônsul em 450; e, o mais impressionante, o Papa Leão, um dos primeiros grandes homens da Igreja. Os enviados se encontraram com Átila às margens do rio Mincio, em Peschiera, no Lago de Garda. O rei dos hunos, sempre lisonjeado com a atenção das pessoas eminentes, ficou particularmente impressionado com a consideração que o Papa Leão lhe dedicou, a quem chamou de "o padre mais elevado". Depois das conversações com os delegados, Átila subitamente concordou em deixar a Itália. Essa aparente mudança total de rumo intrigou os historiadores algumas vezes. Os propagandistas cristãos gostam de contar a história de que Leão aterrorizou Átila, quando uma visão dos santos Pedro e Paulo apareceu a seu lado. A verdade é mais trivial.

Três fatores principais pesaram sobre a decisão de Átila. O Papa Leão lhe trouxe um vultoso suborno em ouro, mais que suficiente para manter os *logades* quietos. Dessa forma, Átila podia voltar para a Hungria e afirmar que tinha conquistado todos os seus objetivos. Além disso, seus próprios xamãs lhe disseram que qualquer estrangeiro que entrasse em Roma estava sob maldição; Alarico saqueara a cidade em 410 e morrera misteriosamente logo depois. Átila sempre levava a sério seus augúrios e sinais interpretados por seus curandeiros. Por fim, e provavelmente o fator mais forte de todos na decisão de se retirar, foi o fato de Átila estar seriamente preocupado com o impacto da malária sobre seu exército; as histórias trazidas pelos enviados sobre a situação estarrecedora mais ao sul provavelmente eram o retrato fiel do que acontecia. A notícia de que Marciano tinha se aproveitado de sua ausência para enviar um exército para o outro lado do Danúbio - o que ameaçaria as tropas de reserva que Átila havia deixado de sentinela em casa — foi o fator decisivo para a retirada.

De volta à Hungria, no inverno de 452-453, Átila planejou ainda outra guerra de conquista. Logicamente, dessa vez ele teria de dirigir seus esforços contra Marciano, pelo menos para fazer os hunos esquecerem os dois fracassos no Ocidente. Átila deve ter considerado bastante reduzidas suas chances de ter um confronto decisivo com os bizantinos, agora que ele tinha perdido qualquer oportunidade de apoio da marinha de Geiserico; suas opções estavam diminuindo. O malogro de duas sucessivas investidas no Ocidente tinha enfraquecido gravemente seu prestígio em casa, encorajando o surgimento de uma oposição antes impensável. Foi nesse contexto que o polígamo Átila fez outro casamento político, acrescentando uma princesa alemã chamada Ildico a seu pequeno grupo de esposas. Os hunos davam muito valor à posse de mulheres bem-nascidas, considerando-as como um acréscimo essencial para seu prestígio e exigindo freqüentemente princesas e "damas" como parte do tributo pago pelos inimigos conquistados. Uma requintada festa de casamento foi realizada no início de 453. Átila morreu subitamente. É assim que o historiador Jordanes relata esse acontecimento extraordinário:

"Pouco antes de morrer, como conta o historiador Priscus, ele se casou com uma moça muito bonita chamada Ildico, depois de outras inúmeras esposas, como era o costume de seu povo. Ele se entregou ao regozijo excessivo na festa de casamento, e quando se deitou de costas, cheio de vinho e de sono, um fluxo de sangue superficial, que deve ter saído de seu nariz, desceu pela garganta e o matou, uma vez que foi impedido de passar pelas vias normais. No dia seguinte, já manhã avançada, os criados reais suspeitaram de algum mal, e, depois de grande alvoroço, irromperam nos aposentos. Descobriram que a morte de Átila estava consumada por um derramamento de sangue, sem nenhum ferimento, e a moça com o rosto abatido, chorando por detrás do véu."

Essa é a versão convencional sobre a morte de Átila, geralmente aceita pelos historiadores. Os sintomas descritos sugerem ou a ruptura de uma úlcera do aparelho digestivo, possivelmente provocada pelo profundo estresse pelo qual Átila estava passando, ou hipertensão em uma veia importante do corpo — varizes na garganta provocadas pelo excesso de alcoolismo. Se uma dessas veias se rompe, o sangue vai direto para os pulmões, no caso dele, que estava deitado de costas; se ele estivesse de pé ou sóbrio, o ataque não teria sido fatal.

Os hunos prantearam seu grande líder. É assim que Priscus descreve os ritos funerais:

"No meio de uma planície seu corpo ficou deitado em uma tenda de seda, e um espetáculo extraordinário foi apresentado solenemente. Os melhores cavaleiros de todo o povo huno fizeram um círculo em torno do local onde seu corpo jazia, como nos jogos circenses, e recitaram suas façanhas em um canto fúnebre... Quando eles o prantearam com tais lamentos, com grande folgado celebraram no seu túmulo o que eles chamam *strava*, e deixaram-se abandonar em uma mistura de alegria e luto... Entregaram seu corpo à terra no sigilo da noite... Acrescentaram as armas dos inimigos conquistadas em combate, adornos para cavalos brilhando com várias pedras preciosas e ornamentos de tipos variados, as marcas da glória real. Além disso, para que essas grandes riquezas fossem mantidas a salvo da curiosidade humana, aqueles que tiveram a tarefa de arrumar tudo foram recompensados com a morte."

Jordanes acrescenta detalhes ligando a cor e o tipo dos metais preciosos com os hunos. "Eles fecharam seus caixões, o primeiro com ouro; o segundo com prata, e o terceiro com a força do ferro... ferro porque ele subjugou nações; ouro e prata, porque recebeu as honras de ambos os Impérios". Alguns detectaram "demasiados protestos" no hino funeral, ao se elencar as conquistas de Átila, depois prosseguindo: "quando ele tinha conquistado tudo isso favorecido pela sorte, caiu não por causa do adversário, nem em

virtude da traição de seus amigos, mas no meio de seu povo em paz, alegre em seu regozijo e sem nenhuma sensação de dor. Há até quem chame isso de morte e ninguém acredita que seja uma vingança".

UMA MORTE NATURAL?

Todavia, a versão oficial da morte de Átila é problemática em vários níveis. Véus, noivas chorosas, nenhum grito, portas fechadas à chave - tudo isso se parece demais com um mistério de Sherlock Holmes; a descrição preparada não convence. A versão recebida pode ser criticada em vários níveis diferentes. Priscus, o historiador em quem devemos confiar para tudo o que diz respeito a Átila, nem estava na Europa quando o grande líder huno morreu, uma vez que se encontrava em missão diplomática no Egito. Seu relato é de segunda mão ou até de terceira. Não traz nenhuma relação com aquele feito em primeira mão por Priscus, a respeito do banquete em 449. Na sua descrição, o historiador fala que os outros hunos estavam bebendo e se divertindo, mas afirma que Átila estava distante, abstinente, bebendo aos pouquinhos, enquanto os outros davam grandes goles. Em poucas palavras, o caráter de Átila apresentado por Priscus na qualidade de observador é muito distante da personalidade revelada na última descrição de sua morte. Naturalmente, era do interesse dos filhos de Átila e dos *logades* conspirar para dar a idéia de uma morte repentina e natural; a última coisa de que eles precisavam para poder ter uma sucessão pacífica era uma investigação lenta sobre um plano de assassinato.

Algumas das dificuldades da história oficial são óbvias, e muitas estão relacionadas com o costume cristão de demonizar Átila como um "castigo" manifesto de Deus. Os cristãos o odiavam como nunca haviam odiado Alarico e Geiserico, quem, embora hereges, ainda estavam no mesmo rebanho cultural. Átila, por outro lado, era um pagão de verdade, um homem que acreditava na magia e na feitiçaria, um verdadeiro filho da escuridão. Que melhor vingança haveria para os cristãos que promoviam a lenda perversa sobre Átila do que argumentar que Deus punira o blasfemo huno, condenando-o a morrer não na batalha gloriosa e no comando de seus soldados, nem mesmo na pira funerária pronta para o caso de seu reino ruir violentamente, como quando foi preparada nos campos cataulanian, mas morrer numa orgia de embriaguez e lassidão em seus próprios aposentos privados?

Pelo menos três diferentes histórias conhecidas parecem ter oferecido os elementos para a versão oficial da morte de Átila. Há a história bíblica de Judith e Holofernes, na qual uma mulher é a agente da destruição. Há a história de Octar, o rei huno anterior, cuja morte é descrita em termos semelhantes. E existe a famosa denúncia de embriaguez em uma das homílias de São João Crisóstomo, que poderiam quase servir de referência para fornecer os detalhes da hemorragia fatal de Átila. A história oficial de sua morte, portanto, não era um relato natural, mas moral, destinado a ensinar uma lição, razão pela qual foi assumida com tanta avidez por Chaucer em *O conto de quem perdoa*.

Se a versão fornecida por Jordanes e Priscus é suspeita, quais são as prováveis circunstâncias da morte de Átila? Aqui a suspeita se volta contra Marciano, um inimigo implacável, subestimado por Átila. Os bizantinos estavam bem preparados para usar o assassinato como um instrumento político, como mostra claramente o complô Edeco-Chrysaphius, de 449. O motivo de Marciano era evidente, mas disporia ele dos meios e da oportunidade, tendo em vista principalmente que Átila estava em alerta quanto a uma tentativa de assassinato? Ele fazia constantemente o rodízio de seus guarda-costas de forma que eles não pudessem ser subornados para participar de um complô. Afinal, como você pode prometer que vai assassinar alguém se nem ao menos sabe se estará em serviço? Há especulações de que os bizantinos podem ter atraído Orestes e Constâncio, que tinham raízes romanas, e talvez um pouco de lealdade para com Roma. Mas a idéia mais intrigante é que a mente por trás de qualquer plano talvez tenha sido a de Edeco, que revelara o golpe de 449 de Chrysaphius, relatando-o a Átila.

As pistas das provas circunstanciais são engenhosas e foram sugeridos dois possíveis motivos para responsabilizar Edeco. O primeiro aponta para o fato de Edeco ser alemão e vulnerável à tentação do

dinheiro e do ouro, de forma que um huno jamais seria, já que pertencia a uma cultura que valorizava o dinheiro apenas como sinônimo de poder, não como um fim em si mesmo. O segundo motivo diz que Edeco era um seguidor leal de Bleda e teria planejado uma vingança a longo prazo. Assim sendo, a morte de Átila, em 453, estaria relacionada ao assassinato de Bleda, em 445. Edeco poderia ter sido um autêntico agente duplo, ou pode ter sido "transformado" pelos bizantinos em algum momento. A idéia mais brilhantemente inventada é a de que Edeco teria revelado o primeiro plano de assassinato de Chrysaphius para Átila, porque pensou que não iria dar certo. Tendo assim provado que era o confidente irrepreensível de Átila, podia então seguir adiante para tramar um complô de sua autoria, bem mais sutil. Essa reconstrução eleva a arte do blefe duplo para grandes altitudes. Quanto ao meio usado para o assassinato, é mais provável que o envenenamento lento tenha sido fatal para Átila, possivelmente até a ingestão de bebidas em pequenos goles durante o banquete do casamento.

A QUEDA DO IMPÉRIO HUNO

Existem, portanto, muitas razões para pensar que Átila pode não ter morrido de morte natural. Se o tivesse, certamente teria sido milagrosamente conveniente para Marciano e os bizantinos. Mas num sentido mais amplo é provavelmente sem sentido especular sobre as circunstâncias exatas do falecimento do grande líder huno. As últimas horas de muitos grandes homens permanecem misteriosas: ainda não conhecemos todas as circunstâncias atrás das mortes suspeitas de Alexandre, o Grande; Júlio César, Napoleão, Lincoln, Stálin e mesmo de John E Kennedy. O que é certo é que pouco depois da morte de Átila, o Império Huno desmoronou. Ele não se deu conta de que seu fim era iminente e não havia preparado sua sucessão. Assim, era quase inevitável que seus filhos brigassem entre si pela coroa.

Enquanto a guerra civil se desenrolava, os povos dominados aproveitaram a oportunidade para escapar do jugo a que estavam submetidos. Os primeiros a fugir foram os ostrogodos, seguidos pelos gepids sob Ardarico, que antes fora um amigo próximo e confidente de Átila. Em 455, os gepids e seus aliados conquistaram uma grande vitória sobre os hunos no rio Nedao, na Panônia, onde se afirma que a carnificina tenha sido terrível, e onde Ellac, filho de Átila, foi morto. Os outros filhos e sobreviventes deixaram a Hungria e voltaram para sua terra natal no mar Negro. Uma vez novamente reunidos, acreditaram que poderiam deixar os ostrogodos de joelhos, uma vez que aquela tribo não tinha apoiado os gepids em Nedao e teria de combater sozinha. No entanto, os ostrogodos, por sua vez, obtiveram uma vitória esmagadora sobre os hunos; dessa vez o filho de Átila, Valamer, foi morto. Seu favorito, Ernac, era agora o único filho que restara, e viu-se na situação de ter de pedir permissão a Marciano para se abrigar em um enclave situado na confluência do Danúbio e do Theiss.

Em 469, o líder huno Dengizich (de acordo com alguns relatos, outro filho de Átila) fez uma última tentativa para recuperar a antiga glória, empreendendo uma campanha militar contra os bizantinos, e também foi duramente derrotado e morto. A cabeça decapitada de Dengizich foi exibida publicamente em Constantinopla como um alerta para todos os que ousassem desafiar o poder de Bizâncio. Afirma-se que o desafortunado Ernac acabou seus dias como um obscuro mercenário a serviço de Constantinopla. Em pouco tempo, os hunos eram não mais que uma memória distante a ser substituídos em breve pelos ávaros como o grande poder das estepes. Refletindo sobre a questão de "como os poderosos caem", um historiador sintetizou assim: "A estepe estava agora cheia de nações militares, entre elas, os deploráveis remanescentes dos hunos, que faziam nada mais do que o papel de ladrões insignificantes e domadores de gado".

Por uma coincidência histórica curiosa, o desaparecimento dos hunos quase coincidiu com o fim do Império Romano Ocidental. A característica política interna mais interessante do domínio romano no começo dos anos 450 era a estreita aliança entre três homens: Aécio, Marciano e o Papa Leão. Enquanto Aécio e Marciano colaboravam para evitar a ameaça de Átila, Marciano e Leão impunham a ortodoxia

religiosa no Concílio de Calcedônia contra o desafio da heresia monofisita, que o imperador Teodósio havia apoiado. Alguns viram a simultaneidade próxima da batalha de Châlons e do Concílio de Calcedônia como um sinal de que a Igreja considerava a heresia e o "castigo de Deus" como os dois chifres de um mesmo demônio.

Mas a coalizão de Aécio com Marciano tinha seus próprios perigos. Da mesma forma como havia jogado Átila fora uma vez, não precisava mais dele e podia conseguir um acordo melhor mediante um casamento entre seu filho e a filha de Valenciano, assim, ele deve ter demonstrado ao imperador Ocidental que não precisava mais dele agora, porque tinha o apadrinhamento de Marciano. Enquanto isso, uma figura obscura chamada Petronius Maximus, provavelmente um senador mais velho, aproximou-se de Valenciano e instigou-o contra Aécio. Em setembro de 454, durante uma audiência com Valenciano, Aécio começou a combater firmemente uma proposta do imperador. Subitamente, Valenciano tirou a espada e decepcionou-o ali mesmo; quase certamente o assassinato havia sido preparado por Petronius e Valenciano. Mas os planos não funcionaram como Petronius esperava. Valenciano não o nomeou seu chanceler e, em vez disso, começou a afastar-se, preferindo a companhia de um eunuco chamado Heraclius. Na primavera de 455, Petronius assassinou-os.

Foi naquela ocasião que o paciente Geiserico finalmente entrou em ação, depois de observar de perto os surpreendentes acontecimentos na Europa, ao longo dos últimos cinco anos. Seja por iniciativa própria ou a convite da viúva de Valenciano, Eudóxia, deu ordens para que sua frota navegasse para Roma. O inútil Petronius, muito bom em assassinatos, mas em nada mais, fugiu aterrorizado. À medida que os vândalos avançavam território adentro, vindos da cabeceira do Tibre, o Papa Leão saiu para encontrá-los, esperando conseguir o que havia obtido com Átila. Mas Geiserico era um sujeito mais trabalhoso. Leão conseguiu apenas a metade do que queria.

O rei vândalo concordou em não massacrar os habitantes de Roma nem arrasá-la, mas, de outro modo, deu ordens para um saque completo da cidade eterna, com a duração de duas semanas completas. Essa ocupação foi bem diferente daquela de Alarico, em 410, relativamente inócua. Pelo menos dois terços de todos os bens de valor e tesouros foram levados, incluindo topos de telhados recheados de jóias. Todos os sobreviventes da família real foram transportados para a África do Norte. Com o Império Ocidental no esquecimento,

Avitus, o velho aliado de Aécio, foi reconhecido como o novo imperador pelos visigodos, que ascenderam cada vez mais como os árbitros do destino imperial de Roma. O próprio Avitus lutou valentemente contra uma situação impossível, mas mal durou um ano. Seguiram-se e foram embora mais sete imperadores fantasmas, antes que o godo Odoacer finalmente descesse a cortina do Império Romano Ocidental, ao depor Rômulo Augusto, em 476. Roma e os hunos desapareceram praticamente ao mesmo tempo, assim como Átila e Aécio, ligados um ao outro de tantas maneiras durante a vida, e que pereceram com apenas 18 meses de diferença entre eles. Como uma ironia final, Odoacer era o filho do mesmo Edeco, que pode ter planejado a morte de Átila.

OS HUNOS E A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

O papel exato que os hunos tiveram para a queda do Império Romano Ocidental será sempre polêmico. Por um lado, se poderia dizer que o fluxo constante de mercenários hunos oferecidos aos romanos pelos reis antes de Átila deixou os visigodos e os burgundianos de lado e evitou que as tribos germânicas desmembrassem o Império; sob esse ponto de vista, pode-se até afirmar que os hunos adiaram a queda do Império Romano. Por outro lado, o afastamento massivo dos hunos, nos anos 370, provavelmente empurrou as tribos germânicas para dentro do Império mais profunda e rapidamente; Alarico, o castigo inicial de Roma, era problemático porque a presença huno tornou impossível seu retorno para a

Alemanha. Um veredito confuso pode ser que, se os hunos retardaram o declínio de Roma nos anos 430-455, já o haviam acelerado antes daquela data. E como o próprio Átila está ligado a tudo isso? Alguns aspectos são óbvios. A ameaça de Átila significava que as duas metades do Império não podiam se concentrar nos vândalos e na reconquista da África do Norte. O Império Ocidental não pôde chegar a uma solução com os suevos e os visigodos na Espanha, e assim perdeu uma província rica em impostos. Da mesma forma, os romanos foram obrigados a sair definitivamente da Grã-Bretanha, depois que Aécio não pôde responder às últimas súplicas desesperadas do reino romano-britânico, assediado pelos saxões. Mas nada disso fez de Átila uma figura soberba. O motivo de sua grandeza dificilmente pode restar no seu (mediocre) desempenho militar ou em seus (não existentes) talentos diplomáticos. Só pode ser porque percebeu sozinho o potencial da sociedade hunica, e deu-se conta, como ninguém havia feito antes, que uma confederação hunica poderia dominar a Europa. Baseou seu poder nos vassallos, como Onegesius, Berichus e Edeco, presos pessoalmente a ele com uma lealdade que transcendia as obrigações tribais. Em outras palavras, tentou substituir o tribalismo pelo feudalismo. O fato da confederação ter se desmembrado imediatamente após a sua morte não significa, é claro, que o experimento estivesse destinado ao fracasso, e, como prova disso, não é possível dizer que somente o gênio de Átila manteve-a de pé. Os Impérios nômades tinham o potencial de durar muito, como provaram os mongóis mais tarde. Napoleão costumava se lamentar de que seus irmãos eram irresponsáveis, e que Genghis Khan era sortudo por ter quatro filhos talentosos. Átila teve os filhos que Napoleão não teve, mas infelizmente, para ele, não foram grandes personagens como foi o caso da prole de Genghis Khan. Átila teve o número correto de filhos, mas eles se revelaram tão inúteis quanto os irmãos de Napoleão.

CAPÍTULO 3

RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO O Maior Rei-guerreiro da Inglaterra

QUANDO RICARDO I, rei da Inglaterra, apelidado *Coeur de Lion*, desembarcou na Terra Santa, em 8 de junho de 1191, já era um dos mais famosos guerreiros da Europa Ocidental. Aos 33 anos, era já veterano de guerras quase ininterruptas, iniciadas em 1173, quando ainda não completara sequer os 16 anos. Antes de sua partida de Londres para empreender suas famosas incursões na Terceira Cruzada, os críticos poderiam dizer que ele não havia ainda sido realmente testado, não obstante seu grande talento em ataques relâmpagos e suas técnicas de assédio, uma vez que nunca lutara numa batalha campal e toda sua experiência havia sido adquirida em campanhas limitadas, na França. A maior parte dessas intermináveis guerras entre a França e a Inglaterra foi travada no Vexin, uma terra de ninguém, do noroeste da Normandia. No século XII, a dinastia Angevin que governava a Inglaterra também controlava um Império informal que incluía a Bretanha, a Normandia e a maior parte do oeste da França, avançando para o sul, até os Pireneus. A França, nessa época, era um pequeno reino centrado em Paris, que, sob um rei determinado, Filipe Augusto, iniciava sua ascensão para a grandeza. As campanhas no Vexin sempre haviam terminado de forma inconclusa.

UM GUERREIRO PARA TODAS AS ESTAÇÕES

Nos últimos 18 meses, no entanto, Ricardo Coração de Leão demonstrara ser um guerreiro para todas as estações. Ao contrário de seu pai e irmãos, era sinceramente devotado à causa do cristianismo na Terra Santa e havia "assumido a cruz" mesmo antes de se tornar rei, pronunciando um poderoso juramento de que seria um campeão de Deus contra os odiados muçulmanos. Marchando rapidamente para o sul, através da França e da Itália, interveio na guerra civil na Sicília para ajudar a irmã, Joan, que se encontrava no lado que estava sendo derrotado - ela fora casada com Guilherme II, mas quando ele morreu suas pretensões dinásticas tinham sido postas de lado por um pretendente. Após derrotar rapidamente as forças do novo governante da Sicília, Tancredo de Lecce, Ricardo navegou para Chipre, onde se envolveu em outra guerra e depôs Isaac Comenus, o imperador auto-intitulado. Qualquer idéia de que Ricardo seria apenas um técnico versado em campanhas de pequena escala na França já se tornara insustentável.

Entre todos os grandes guerreiros da história, foi certamente Ricardo quem teve a ascendência mais ilustre, já que seu pai e sua mãe foram ambos figuras titânicas. Por volta da década de 1170, Henrique II da Inglaterra era o mais poderoso e bem-sucedido monarca da Europa, enquanto sua mulher, Eleanor da Aquitânia (mãe de Ricardo), já se tornara uma lenda contemporânea: intrigante, infatigável, política experiente, protetora de trovadores e até mesmo veterana da Segunda Cruzada. Eleanor concebera cinco filhos de Henrique, mas em 1191 apenas Ricardo e seu irmão mais novo, João (então com 24 anos), estavam vivos. Dois entre os que morreram jovens, Henrique (chamado de "Rei Jovem"), preferido do pai, e Geoffrey, conde da Bretanha, eram conhecidos pelos excessos que a família de Henrique II praticava, a ponto de ser conhecida como a "Estirpe do Diabo". No cambiável e confuso caleidoscópio das alianças dos Angevin, Ricardo lutara com os irmãos contra o pai e também contra os irmãos. Recusando a se comprometer com o feudo materno da Aquitânia, Ricardo finalmente derrotara o pai, que morreu amaldiçoando-o. Ele então libertou a mãe, que fora aprisionada por Henrique desde quando fomentou a guerra civil de 1173, a qual colocara a Estirpe do Diabo contra o pai. Coroado rei da

Inglaterra e suserano do resto do Império dos Angevin, em 1189, Ricardo partiu para a Cruzada; não tinha interesse pela Inglaterra e passaria ali somente seis meses de um reinado de dez anos. Ainda assim, arriscou-se a uma grave impopularidade por esgotar o país para obter dinheiro para as Cruzadas, instituindo o chamado dízimo de Saladino. O decreto que estabelecia o dízimo tinha o seguinte texto:

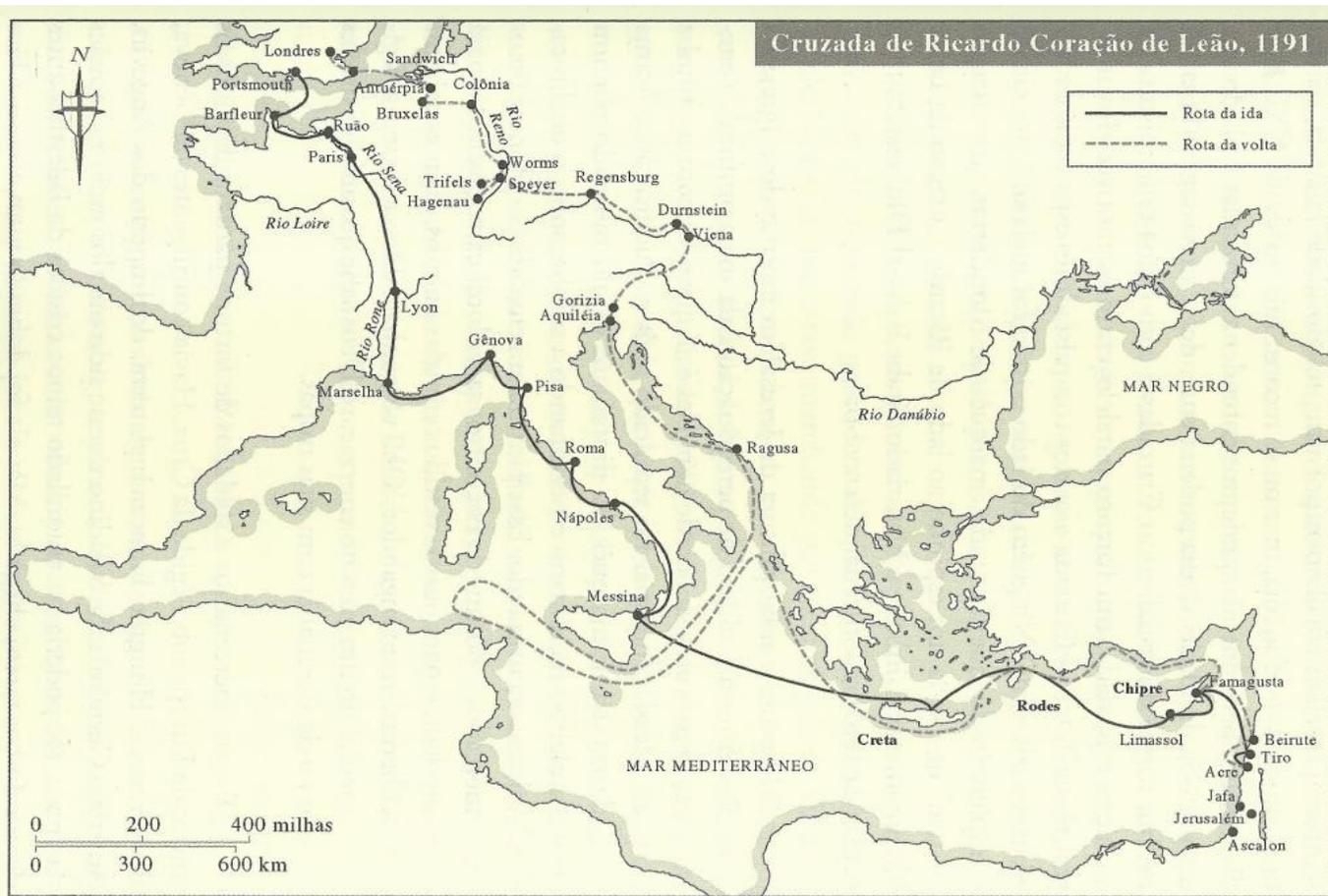
"Cada pessoa dará este ano, como contribuições para ajudar a Terra de Jerusalém, um décimo de sua renda e bens móveis, excetuadas as armas, cavalos e trajes, no caso de um cavaleiro, e qualquer espécie de mobília, no caso de um clérigo; e excetuadas pedras preciosas pertencentes tanto a clérigos quanto a leigos... mas os clérigos e cavaleiros que assumiram a cruz não darão nada de seu décimo, exceto o que dão para sua propriedade pessoal e para suas terras de domínio e tudo que seus homens estiverem devendo deverá ser coletado para a empresa dos cruzados."

Quando Ricardo chegou a Acre, em junho de 1191, os reinos cristãos da Palestina, estabelecidos após a Primeira Cruzada, datando, portanto, de quase cem anos, estavam lutando havia quatro anos contra os sarracenos liderados por Saladino, vizir do Cairo e de Damasco. Tendo começado sua guerra santa contra os infiéis aos 50 anos, Saladino passara a vida subjugando líderes árabes rivais no Egito, na Síria e no Iraque, retardando assim o seu há muito sonhado objetivo da *jihad*. Embora não detivesse o poder supremo dos sarracenos no Oriente Médio, pois o califa de Bagdá, seu superior, tinha ciúmes dele e se recusava a ajudá-lo militarmente, Saladino tinha sobre os cristãos a vantagem de um comando unificado, já que os herdeiros dos reinos empenhados nas Cruzadas estavam divididos pelo facciosismo, com os senhores de Jerusalém, Antioquia, Trípoli e Kerak clamando por supremacia. A outra desvantagem sofrida pelos cristãos era a escassez de homens. Apenas 250 mil deles subjugavam a Palestina e a costa da Síria, espalhados pelas cidades do interior, Jerusalém, Tiberíade, Antioquia e Edessa, e nas cidades costeiras de Latáquiia, Tortisa, Trípoli, Beirute, Tiro, Acre, Cesaréia, Haifa, Jafa e Ascalon, além dos famosos castelos dos cruzados, em número de cerca de 50. Com um exército de 25 mil homens, Saladino encurralou uma hoste cristã de 20 mil em Hattin e aniquilou-a. Saladino então varreu a Palestina dos cruzados, tomando Jerusalém e a maior parte das cidades cristãs da costa. Ao ouvir que a Cidade Santa fora perdida para os sarracenos, o Papa Gregório VIII publicou uma encíclica convocando os fiéis da Europa a partirem em Cruzada para socorrer seus correligionários.

SOB A ÉGIDE DA CRUZ

Nenhum assunto é mais controverso do que as Cruzadas. Florestas foram devastadas para produzir livros que explicassem o fenômeno. Sempre existiram aqueles que as encararam simplesmente como expedições de saque em larga escala, legitimadas pela sanção da Santa Madre Igreja. É bem conhecida a devastadora afirmação do filósofo alemão Friedrich Nietzsche: "Pirataria superior, e isso é tudo". As Cruzadas funcionavam como uma espécie de escapatória para aventureiros sem vintém, nobres despossuídos e filhos mais jovens de famílias aristocráticas vítimas da primogenitura, já que todas as propriedades familiares ficavam com o filho mais velho. As Cruzadas também atuavam como um imã para mercenários e soldados de todos os tipos que desejavam enriquecer rapidamente. Entretanto, sempre havia algo mais que a simples voracidade, pois os motivos materiais sempre apareciam encobertos por uma religiosidade fanática, de um tipo impossível de se imaginar ou se reconstituir no século XXI. Já se disse muito bem que não podemos entender as Cruzadas mais do que uma pessoa da Idade Média poderia entender a aterrissagem lunar. A melhor forma de visualizar as Cruzadas é como uma crua mistura de ambição e piedade, um forçoso paralelo entre os motivos dos integrantes da Terceira Cruzada e os dos conquistadores espanhóis de três séculos mais tarde. Ninguém do lado cristão foi mais sinistro, cínico e impiedoso do que Conrado, marquês de Montferrat, um cruzado "nativo" que seria um espinho ao lado de

Ricardo Coração de Leão. No entanto, é assim que o historiador árabe Baha-al-Din, testemunha ocular da Terceira Cruzada, descreve-o:



"Ele possuía uma pintura de Jerusalém mostrando a Igreja da Ressurreição, objeto de peregrinação e da mais profunda veneração para eles; de acordo com eles é ali que se encontra a tumba do Messias, na qual foi sepultado após a crucificação... Acima da tumba, o marquês fez pintar um cavalo montado por um cavaleiro muçulmano espezinhando a tumba, sobre a qual o cavalo estava urinando. Essa pintura era enviada para fora, para os mercados e pontos de encontro; sacerdotes carregavam-na para um lado e para outro, vestidos em seus hábitos, com as cabeças cobertas, resmungando: 'Oh, vergonha!'. Dessa forma arregimentaram um exército enorme, só Deus sabe quantos, entre eles o rei da Germânia com suas tropas."

Tropas, mercenários e soldados de fortuna partiam de todos os cantos da Europa sob a égide da Cruz. Havia contingentes de Gênova, Pisa, Veneza, Hungria, França, Inglaterra, do Império dos Angevin, Áustria e Germânia. Se Saladino tivesse sido um dos maiores capitães da época, ele poderia ter aniquilado reinos cristãos da Palestina antes de os reforços terem chegado. Mas ele foi dobrado num assalto a Tiro — uma fortaleza quase inexpugnável que havia cobrado pela ingenuidade de Alexandre, o Grande. Quando o assédio fracassou e Saladino recuou para lamber as feridas e repensar o assunto, os defensores cristãos se animaram. Sob seus dois comandantes, Guy de Lusignan e Conrado de Montferrat, rivais, os reinos cruzados revidaram. Guy de Lusignan, num belo rasgo de imaginação, arregimentou um novo exército de 10 mil homens e organizou um cerco a Acre. Saladino atacou-o pela retaguarda, espremendo o exército de Guy entre os defensores de Acre e suas próprias forças, mas os cristãos lutaram bem e rechaçaram os sarracenos.

Nesse meio tempo, os primeiros reforços dos cristãos começaram a chegar. Alarmado pela idéia de que o imperador germânico Frederico Barbarossa estava marchando por terra através da Turquia, com um

exército de 25 mil homens para alcançar sua retaguarda (os cruzados tinham sua parcela de humor negro), Saladino permaneceu na defensiva durante o ano de 1190 e deixou que o cerco a Acre seguisse seu curso. A medida que mais e mais apoios chegavam para complementar as forças de Guy de Lusignan, Saladino começou a entrar em desespero. Suas esperanças elevaram-se momentaneamente quando ouviu dizer que Frederico Barbarossa se afogara num rio da Turquia e seu exército se dispersara, mas mergulhou novamente em desalento quando soube da vinda dos reis ocidentais. Filipe Augusto da França, um velho inimigo de Ricardo, chegou em abril de 1191, e, então, dois meses depois, chegou o próprio Coração de Leão.

O Coração de Leão na Palestina

O efeito psicológico da vinda de um rei de tão elevada reputação como guerreiro foi a última gota para os defensores islâmicos de Acre. Embora tivessem resistido com valentia durante 21 meses, entraram em colapso quase da noite para o dia tão logo Coração de Leão pôs os pés na Palestina; quatro dias após sua chegada, eles se renderam. Essa vitória virtualmente fácil aumentou o prestígio de Ricardo, mas ele não tinha ilusões sobre a dificuldade da principal tarefa à sua frente: a reconquista de Jerusalém. Entre seus problemas estava o permanente pecado da Palestina dos cruzados: facciosidade excessiva. Muito embora ambos tivessem colaborado, Guy de Lusignan e Conrado de Montferrat permaneciam como rivais mortais. Complicando imensamente as coisas, havia as duas ordens militares independentes de cavaleiros, os templários e os hospitalários, que lutavam com e pelos governantes cristãos, mas tinham sua própria agenda.

Filipe da França conspirava com Conrado contra Guy de Lusignan e estava com uma inveja doentia da fácil vitória de Ricardo, em Acre; ele sempre odiara Coração de Leão, mas considerava a rendição dos sarracenos quase como um insulto pessoal. Quando Ricardo persuadiu Conrado a aceitar Guy como governante supremo da Palestina cristã, com a ressalva de que seus herdeiros (de Conrado) o sucederiam, enfraquecendo dessa maneira as intrigas de Filipe; o rei francês ficou incandescente de raiva e abandonou imediatamente a Cruzada, deixando parte de seu exército, com muita pressa em retornar à Europa.

Ricardo não tivera tato com Filipe e os franceses, mas compensava sua falta de diplomacia por ter alienado o comandante germânico. Quando Frederico Barbarossa morreu afogado, o comando do contingente germânico passou para seu filho, duque Frederico da Suábia, mas este, por sua vez, morreu em Acre e o comando recaiu sobre o duque Leopoldo da Áustria. Leopoldo proclamou que Ricardo o insultara e também se apressou em embarcar para a Europa. Em breve, tanto Filipe quanto Leopoldo passaram a propagandear, através da Europa, que Ricardo era um monstro, um assassino não-cristão e um envenenador. Como Ricardo estava na Palestina, não podia responder às acusações - e os ausentes, como diz o provérbio francês, estão sempre errados.

O resultado foi que Ricardo começou sua campanha para reconquistar Jerusalém, no comando de um exército taciturno e desmoralizado, em que muitos deviam sua aliança a reis e senhores que haviam partido. Antigas inimizades também não haviam sido esquecidas, com os pisanos e genoveses atacadados às gargantas uns dos outros, e os hospitalários e templários guardando zelosamente seus privilégios e prerrogativas. E Ricardo, que acreditava sinceramente nos valores da cavalaria, nem podia esperar muito de seus próprios homens. Notavelmente similares aos conquistadores de Cortez, em termos de motivação, eles haviam vindo à Terra Santa para se tornarem ricos e engordarem pela rapina e pelo saque; a Cruz valia não mais do que uma folha de figueira para suas baixas ambições.

Enquanto aguardava que os termos da rendição em Acre fossem implementados, Ricardo revisava as forças heterogêneas à sua disposição. Da Inglaterra e da Normandia, Ricardo trouxera nove mil (900 cavaleiros, 8.100 a pé); os franceses deixados para trás por Filipe Augusto chegavam a cerca de sete mil (700 cavaleiros, 6.300 a pé); depois havia os homens de Guy de Lusignan e Conrado — cerca de dois

mil, inclusive 20 cavaleiros, mais cerca de mil hospitalários e templários. A estes ele podia somar os escandinavos, os pisanos e os genoveses, um contingente húngaro, um punhado de germânicos (a maioria voltara para casa com Leopoldo) e um borrifo de mercenários. Quando marchou sobre Jerusalém, Ricardo pôde arremeter um exército de 20 mil contra a força de Saladino, talvez de 25 mil homens. O desnível tecnológico entre os dois exércitos era pequeno, e já estavam muito distantes os dias da Primeira Cruzada, quando cavaleiros montados conseguiam transformar em carne moída enormes exércitos sarracenos de recrutas mal treinados.

Antes, porém, Ricardo precisava acertar as contas em Acre. A cidade havia sido rendida nos seguintes termos: os defensores teriam garantia de vida desde que se convertessem ao cristianismo e Saladino libertasse 1.500 prisioneiros e pagasse 200 mil dinares pelo resgate da guarnição de Acre. Saladino, que não dispunha do dinheiro para o resgate, tentou procrastinar e prevaricar. Inicialmente, ofereceu libertar todos seus prisioneiros, apresentar reféns e pagar metade do resgate desde que toda a guarnição fosse libertada - uma adulteração gritante nos termos da rendição. Depois levantou uma série infundável de sofismas e advertências, fazendo jogos de inversão lógica. Enquanto as conversações se arrastavam para a segunda metade de agosto, Ricardo percebeu que Saladino estava simplesmente fazendo um jogo de blefes, na esperança de desmoralizar os cruzados que estavam ansiosos por marchar para o sul. Ele foi ficando mais e mais zangado com Saladino e finalmente sua paciência se esgotou. Em 20 de agosto, ordenou que todos os prisioneiros sarracenos que não eram suficientemente ricos para arranjar resgates individuais fossem levados para a planície fora de Acre e trucidados.

Cerca de três mil muçulmanos morreram naquele dia, numa orgia de carnificina que tem provocado controvérsias desde então. Ricardo foi criticado por não aceitar a oferta revista de Saladino, mas calculara que uma vez que recuperasse os três mil prisioneiros, o vizir iria faltar ao compromisso e não pagaria a segunda prestação do dinheiro do resgate. É verdade que nesse caso Ricardo mataria os reféns, mas estaria executando apenas dúzias, quando milhares teriam escapado. Sua razão oficial para o massacre foi que Saladino havia renegado os termos da rendição, deixando Ricardo com a opção de ou libertar a guarnição, ou ficar com três mil bocas inúteis para alimentar.

Alguns cronistas cristãos justificaram a matança como vingança pelos muitos cruzados mortos em Acre e a liquidação de todos os hospitalários e templários que Saladino havia aprisionado após a batalha de Hattin. Outros disseram que deixar a guarnição sair livre sob palavra - o que nada significava para os sarracenos - simplesmente significaria que Ricardo teria de combatê-los a todos mais uma vez. Outro ponto de vista é o de que Ricardo estaria impressionando suas próprias tropas com sua rudeza e, ao mesmo tempo, enviando uma mensagem às guarnições sarracenas das cidades costeiras sobre o destino que as aguardava caso se opusessem a ele.

O massacre manchou permanentemente a reputação de Ricardo e, a curto prazo, levou a represálias selvagens de Saladino, que ordenou que todos os cristãos capturados dali por diante fossem mortos. Mas Ricardo disse a seus capitães que estava satisfeito por não precisar destacar nenhum de seus homens para guardar prisioneiros inúteis em Acre. Como se revelou, Acre era uma ameaça às suas forças num sentido inteiramente diverso. A cidade era notória por seus antros, bordéis e outros locais de freqüência duvidosa, e a vida regalada se revelou uma atração irresistível para os cruzados. Notando que a lista de chamada de seu exército estava bem abaixo da força calculada dos batalhões, Ricardo enviou sua polícia militar a Acre para descobrir os faltantes.

Os franceses eram os piores arruaceiros, alguns deles negando terminantemente que Ricardo tivesse qualquer autoridade sobre eles e afirmando que responderiam somente ao oficial francês sênior, Hugo de Borgonha. Gradualmente, Ricardo arrancou-os de seus covis de jogatina e casas de prostituição, envergonhando os devotos com orações, seduzindo os suscetíveis à lisonja e, em alguns casos, simplesmente usando a força, embora tenha sido dito também que ele teve de pagar propinas aos casos de fato mais difíceis. Alguns daqueles que perambulavam por Acre, deve-se dizer, estavam com certeza

ansiosos por marchar sobre Jerusalém; quanto antes a Cidade Santa fosse tomada, raciocinavam eles, tanto mais cedo poderiam cumprir seus votos como peregrinos e regressar às suas casas carregados de botins.

Ricardo e seus comandantes, usando um reflexo judaico-cristão da misoginia, antigo como o Genesis, culpavam o sexo feminino pela anarquia em Acre. Assim, Coração de Leão decretou que as regras estritas dos cruzados seriam cumpridas na marcha para o sul: não haveria mulheres exceto as lavadeiras, pois apenas assim a disciplina poderia ser mantida e a aliviada pressão sobre o suprimento de alimentos. Para mostrar que não haveria exceções, fez com que sua mulher Berengaria e sua irmã Joan ficassem para trás.

UM BRILHANTE COMANDANTE E GÊNIO MILITAR

Após rechaçar alguns poucos ataques dos sarracenos, o exército cruzado iniciou a marcha para o sul. Já mestre em escaramuças, emboscadas, ataques-relâmpago e poder de cerco, Ricardo revelou agora ser um comandante brilhante em termos de linhas de suprimentos, comunicações e logística. Havia trazido 216 navios numa viagem de oito mil quilômetros (sua frota navegou pelo Atlântico, pelo estreito de Gibraltar e por toda a extensão do Mediterrâneo enquanto ele avançava por terra) e limpou as costas levantinas da navegação inimiga. A supremacia dos cruzados no mar era tão avassaladora que alguns viram Saladino como uma versão precoce de Napoleão, frustrada pelo poder marítimo do inimigo.

A conquista de Chipre e o controle dos caminhos do mar significaram que Ricardo tinha uma linha ininterrupta de suprimento de Chipre a Acre, e, desse modo, tinha a possibilidade de aprovisionar adequadamente seu exército para a longa marcha rumo ao sul. Sua tarefa logística implicava assegurar que a heterogênea força cruzada chegasse intacta diante dos muros de Jerusalém, adequadamente alimentada, além de manter abertas suas linhas de comunicação, enquanto o exército se deslocava lentamente na direção de seu objetivo; a guerra-relâmpago ficava descartada, pois os cruzados tinham de trazer equipamentos pesados e máquinas de cerco que seriam constantemente utilizadas durante a campanha. Essas máquinas de cerco eram de dois tipos: a balista e a manganela, mas foi sobre a balista que Ricardo se concentrou agora, da mesma forma como a manganela fôra a arma escolhida em Acre. A manganela era uma máquina de balanço que arremessava pedras ou outros projéteis empregando um volumoso contrapeso. Mas a balista, engenho mais leve, era mais bem desenhada para a guerra móvel; podia ser movimentada de um lado para outro com facilidade, ao contrário da manganela, pesada demais para ser transportada em uma só peça, tendo que ser desmontada e remontada.

Nada ilustra melhor o gênio militar de Ricardo do que sua atenção aos mínimos detalhes de logística e aprovisionamento. A primeira coisa a assegurar era que, antes da partida, os 20 mil guerreiros a caminho do sul tivessem um suprimento de comida e água para dez dias. Cada soldado carregava um fardo de 15 quilos de provisões - 1 quilo e alimento e 1/2 quilo de lenha, diariamente; a lenha era essencial para acender fogos e ferver água. A dieta normal do cruzado consistia de biscoitos duros e secos, uma sopa de feijão e um pouco de carne de porco salgada ou toucinho, suplementada com frutas e legumes frescos e carne de cavalo. O fardo de 15 quilos era carregado em adição ao complemento usual da infantaria: elmo, cota de malha, espada, escudo, talheres e roupas extras. Uma ração de água de 15 litros diários por homem era transportada em peles de animais, por carregadores ou em barris, em carretas puxadas por cavalos.

Normalmente, um exército podia esperar repor os suprimentos de água em córregos ou rios, mas Ricardo supunha que haveria poucos deles no deserto e que os sarracenos teriam envenenado todos os poços. Os seis mil cavaleiros do exército cruzado significavam problemas especiais, já que cada homem montado necessitava de sete quilos de ração e 20 litros de água por dia para seu cavalo, sendo que a maioria dos cavaleiros possuía três cavalos. Em tudo e por tudo, para realizar uma marcha de 20 dias, o exército de Ricardo necessitava de 1.340 toneladas de comida e três milhões de litros de água.

A MARCHA EM DIREÇÃO A JERUSALÉM

A rota mais rápida e mais plausível de Acre a Jerusalém era marchar para o sul, ao longo da costa, na direção de Jafa, depois virar para o leste e seguir terra a dentro. Essa rota tinha várias vantagens. Os alimentos, suprimentos e máquinas de cerco podiam ser transportados para o sul em navios, na primeira etapa da viagem, e os cruzados precisavam vigiar apenas um dos flancos, uma vez que o Mediterrâneo protegia o lado direito; além disso, podia-se manter Saladino intrigado, pois era possível que o objetivo de Ricardo não fosse Jerusalém, mas o coração do reino sarraceno: o próprio Egito. Por três dias, entre 22 e 25 de agosto, Coração de Leão reuniu laboriosamente seu exército fora de Acre.

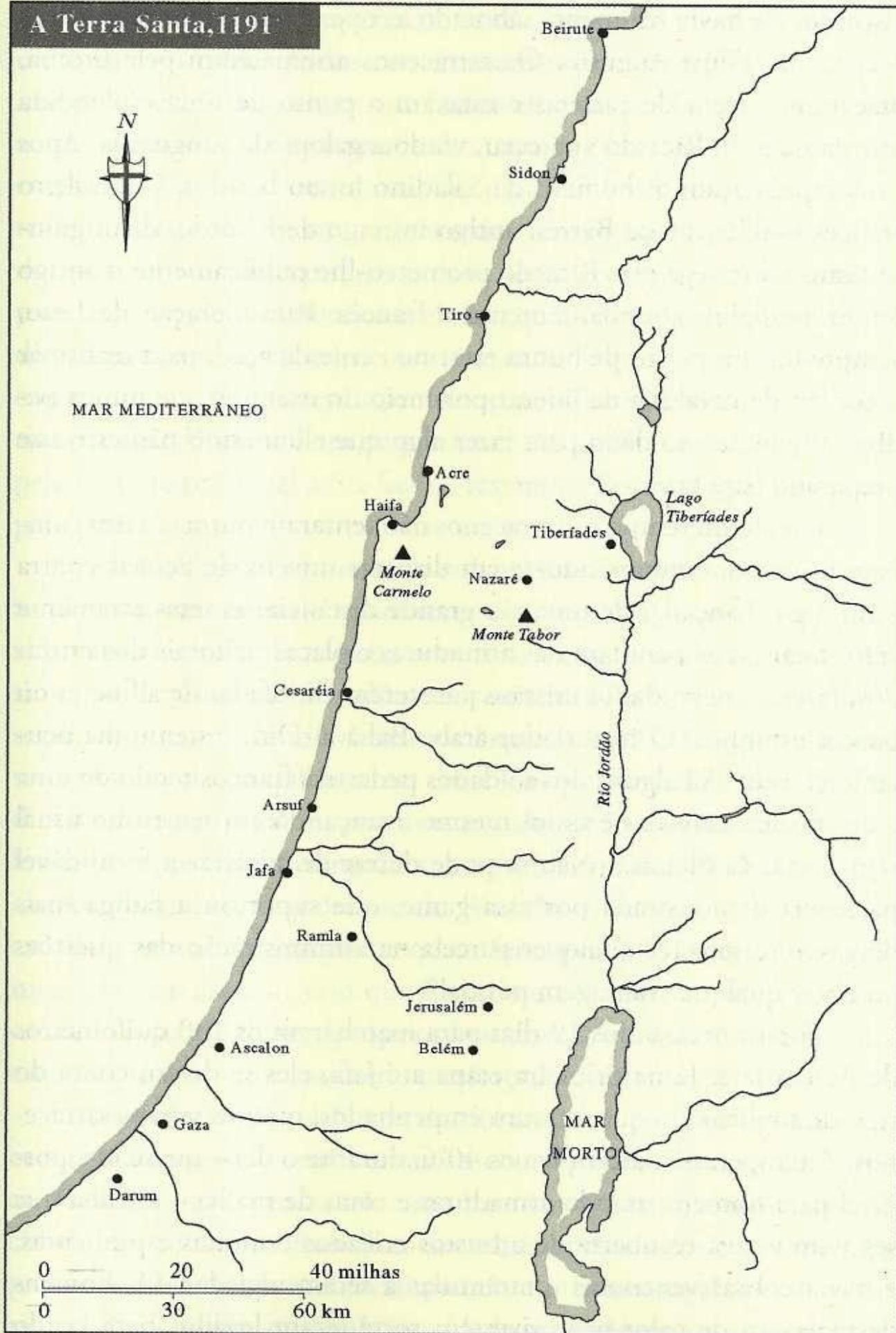
Então a jornada começou, no início, em estágios fáceis até o rio Belus e a planície costeira, avançando a não mais que três quilômetros por hora; Ricardo pretendia dar tempo aos homens para que sacudissem os efeitos de uma semana de deboches e dissipação, e, também, precisava permitir à frota naval - que enfrentava ventos contrários - que os acompanhasse. Só no terceiro dia ele fez com que aumentassem o passo da marcha para avançar 18 quilômetros. Na ala esquerda, o exército sarraceno marchava em paralelo, um pouco além da linha de alcance. Saladino provocava continuamente os cristãos, geralmente enviando grupos de arqueiros montados com pouco peso. Para diminuir a pressão, Ricardo alternava o serviço nos flancos, "escalando" sua infantaria para turnos de serviço na esquerda perigosa e na segura direita. Entre os dois flancos de infantaria, seguiam os cavaleiros, em três divisões e formação cerrada, estribo-com-estribo, os cavalos focinho-com-cauda. A vanguarda e a retaguarda eram guardadas pelos hospitalários e templários, que se alternavam no serviço em base diária.

O primeiro ataque sarraceno, na retaguarda, quase teve sucesso por causa de um erro do duque de Borgonha, que havia, sem que se notasse, deixado uma brecha na formação, seja consciente ou inconscientemente; alguns acusaram-no de simples incompetência, mas outros afirmaram que, numa raiva taciturna por ter de receber ordens de Ricardo, ele havia realmente sabotado as operações, talvez sob ordens secretas de Filipe Augusto. Os sarracenos arremeteram pela brecha, atacaram o trem de carretas e estavam a ponto de uma esplêndida vitória quando Ricardo apareceu, vindo a galope da vanguarda. Após uma rápida ação, os homens de Saladino foram batidos. O cavaleiro francês Guilherme de Barres, antigo inimigo de Ricardo, distinguiu-se tanto na refrega que Ricardo prometeu-lhe publicamente o antigo feudo e elogiou abundantemente o francês. Para Coração de Leão, sempre foi um ponto de honra estar no cerne da ação, para reafirmar o código da cavalaria de liderar por meio do exemplo; ele nunca pediria a qualquer soldado para fazer algo que ele mesmo não estivesse preparado para fazer.

A Terra Santa, 1191



MAR MEDITERRÂNEO



Por algum tempo os sarracenos não tentaram outra vez um combate próximo, contentando-se em disparar nuvens de flechas contra o inimigo. Lançadas de uma tão grande distância, as setas raramente eram fatais,

mas pendiam das armaduras e placas peitorais dos cruzados, fazendo os soldados cristãos parecerem almofadas de alfinetes ou porcos-espinhos. O historiador árabe Baha al-Din, testemunha ocular, escreveu: "Vi alguns dos soldados pedestres francos tendo de uma a dez flechas cravadas e assim mesmo avançando em seu ritmo usual sem deixar as fileiras... Não se pode deixar de admirar a formidável paciência demonstrada por essa gente, que suportou a fadiga mais desgastante sem ter qualquer parcela na administração das questões ou obter qualquer vantagem pessoal".

Foram necessários 19 dias para marcharem os 130 quilômetros de Acre a Jafa. Já na primeira etapa até Jafa, eles se deram conta do tipo de suplício em que estavam empenhados, mesmo sem os sarracenos. A temperatura alcançava os 40°C durante o dia - quase insuportável para homens usando armaduras e cotas de malha — a trilha que seguiam estava recoberta de arbustos eriçados e moitas espinhentas, e havia cobras venenosas e tarântulas a serem vigiadas. Os homens desmaiavam de calor e, se tivessem sorte, eram levados para bordo de um navio para se recuperarem; se não tivessem, morriam no lugar onde haviam caído. Todos comentavam o bombardeio de um fedor insuportável. O mau-cheiro era indizível, com o fedor do suor rançoso misturando-se ao de estrume dos cavalos e excrementos humanos, enquanto, particularmente à noite, o zumbido ininterrupto piorava tudo: não havia somente os gritos dos feridos ou dos homens picados por cobras, mas também o som do entrechoque de milhares de panelas e frigideiras, escudos e elmos, que, se acreditava, manteria à distancia as tarântulas e insetos ruidosos... As piores condições eram enfrentadas pelos guerreiros profissionais na retaguarda, pois templários e hospitalários tinham de percorrer uma trilha lamacenta deixada pelo exército principal à sua frente, restando-lhes só areia solta e barro para pisar.

Ricardo tentava minorar o sofrimento de seus homens organizando partidas antes do amanhecer e avançando só até o meio-dia, alternando um dia de marcha com um dia ou dois de descanso. Assim, por exemplo, os 18 quilômetros vencidos em 25 de agosto foram seguidos por um dia de descanso; depois, em 27 de agosto, houve uma marcha de 19 quilômetros entre Caiaphas e Athlit, depois, dois dias de descanso seguidos por uma marcha de 21 quilômetros (a mais longa durante toda a campanha) até Merla, no dia 30. Nesse dia os sarracenos atacaram; o destemido Ricardo comandou uma carga de cavalaria para abrir caminho e quase foi capturado. Ambroise, o cronista dos cruzados, sugeriu que Ricardo esteve por ser capturado por causa da exaustão de seus próprios homens, pois o desânimo e a apatia estavam nesse ponto assaltando o esforçado exército.

Não obstante os esforços do dia anterior, no dia seguinte bem cedo Ricardo coagiu seus homens a completar os cinco quilômetros até Cesaréia, que constituiria uma base conveniente. Encontraram a cidade em ruínas, as muralhas demolidas pelos sarracenos antes de partirem. Ricardo montou acampamento próximo ao assim chamado rio dos Crocodilos, que fluía da cidade arrasada para o mar por cerca de cinco quilômetros. Aqui os cruzados receberam alguns reforços úteis de Acre, os derradeiros malandros que se haviam escondido em Acre quando o exército partiu, mas que agora haviam sido capturados pela polícia militar. Ricardo decidiu que fazia mais sentido simplesmente alistá-los no exército do que puni-los, e seu édito em Acre falava de anistia: "As pessoas preguiçosas que se achavam perambulando ali (Acre) deveriam, por ordem real subir para bordo dos navios que ele lhes enviara e vir para o exército pelo amor a Deus e exaltar a religião da fé cristã e desempenhar mais completamente seus votos de peregrinação".

O exército reanimado, com o moral estimulado pelos recém- chegados, partiu às 3h da madrugada do dia 1º de setembro, mas se deparou com a mais encarniçada oposição sarracena no trajeto de cinco quilômetros até o rio Morto. Numa escaramuça pesada, um notável emir e paladino muçulmano, "Ayaz, o alto", foi morto. Já esgotados pelas ferozes lutas do dia, os cruzados deixaram-se deprimir ainda mais ao encontrarem o rio Morto quase invisível, sob uma densa camada de canas e juncos - que, em sua paranóia induzida pelo calor, eles conceberam como uma camuflagem sarracena deliberada; mas não era, era uma característica natural.

Na terça-feira, 3 de setembro, os cruzados encontraram o caminho pela frente tão impenetrável, que se desviaram do interior para encontrar uma estrada paralela à costa. Aproveitando a oportunidade, os sarracenos atacaram maciçamente e mantiveram o ímpeto durante a caminhada de 11 quilômetros dos cristãos até o rio Salgado. Os templários enfrentaram o impacto do ataque na batalha corrente e perderam muitos cavalos, assim como um grupo de resgate francês sob o comando do conde de St. Pol, que foi ligeiramente ferido por um disparo de besta. Os homens de Ricardo estavam numa disposição sombria naquela noite e, para piorar as coisas, a comida começava a escassear, mesmo com o reabastecimento por mar, de 29 de agosto. Sentindo o moral em queda e informado da explosão dos preços dos alimentos num mercado negro informal, Ricardo demonstrou seu talento de administração de homens ao anunciar que haveria carne fresca para todos. Ele validou sua afirmação persuadindo seus cavaleiros a matarem cavalos suficientes para a ração de carne, pagando-lhes preços astronômicos pelo sacrifício de seus ganhões. Para conseguir espaço para respirar, enviou emissários de paz a Saladino, em 4 de setembro, enquanto o exército descansava. Na manhã seguinte, enquanto seus homens partiam para outra marcha extenuante até o rio Rochetaille, Ricardo saiu para conversar com Safadin, irmão de Saladino, levando Humpfrey de Toron consigo, como intérprete. Nada de significativo transpirou - era óbvio que ambos os lados estavam se esquivando. Saladino havia dito ao irmão para continuar empatando até que chegassem reforços sarracenos, enquanto Ricardo fazia a impossível exigência de que Saladino devolvesse até a última possessão cristã que havia conquistado. Enquanto isso, os cruzados haviam atravessado o obstáculo da floresta de Arsuf - muito nervosamente, pois havia um forte rumor de que os sarracenos pretendiam incendiá-la e emboscar o inimigo num inferno. Nada aconteceu, mas quando emergiram de entre as árvores para a planície de Arsuf, encontraram o exército de Saladino reunido em formação e pronto para lhes dar batalha. Os cruzados montaram acampamento na margem norte do rio Rochetaille, ao alcance da visão do inimigo.

UMA SÉRIE COMPLETA DE DONS MILITARES

Ricardo sabia que a batalha por vir seria um encontro entre seus cavaleiros pesadamente ataviados e os arqueiros montados do inimigo. Liberada exatamente no momento certo, uma carga dos cavaleiros ocidentais era irresistível, mas tudo dependia da administração do tempo, pois se os cruzados calculassem erradamente, o inimigo poderia abrir fileiras diante deles e então alvejá-los de um em um. As táticas de Saladino dependiam fortemente dos arqueiros montados e de sua habilidade em deter os cavaleiros antes que estes pudessem se pôr a caminho. A não ser disparadas de muito próximo, suas flechas não conseguiam perfurar as espessas armaduras dos cristãos a cavalo, de modo que, em vez disso, alvejavam os cavalos, mais vulneráveis, com a esperança de inutilizar a cavalaria inimiga antes mesmo que conseguisse entrar em formação para o ataque. Para enfrentar essa tática arrasadora, Ricardo usou cavaleiros leves (ou palestinos nativos ou mercenários turcos) para manter os arqueiros montados sarracenos à distância do braço e, como uma segunda linha de defesa, um pesado painel de infantaria usando um muro de escudos, de modo que o inimigo não pudesse diminuir a distância sobre os seus cavalos. Atrás desse muro os cavaleiros cristãos entrariam em formação, prontos para o sinal de irromper. O movimento pretendido exigia o mais metucioso julgamento, cálculo do tempo em frações de segundo e habilidade para antecipar e adivinhar os movimentos do oponente. Não é freqüente que um guerreiro possua brilho estratégico, extraordinários talentos administrativos e logísticos e gênio tático, mas Ricardo Coração de Leão possuía a série completa dos dons militares.

Na manhã de 7 de setembro, o exército cristão partiu cautelosamente, cruzou o rio e seguiu a estrada costeira, com o objetivo de acampar na cidade de Arsuf, por volta do meio-dia. Ali estavam as costureiras três colunas, mas Ricardo tinha toda a bagagem à direita, mais próxima à praia e, à esquerda, uma densa cortina de infantaria comandada pelo conde Henrique de Champagne. A ordem da marcha

desse dia encontrava os templários na vanguarda, seguidos pelos bretões, angevinos e poitevinos, e depois a quarta divisão de elite compreendendo os ingleses e normandos guardando o estandarte de dragão de Ricardo; atrás deles vinham os franceses e, na retaguarda, na posição de perigo iminente, estavam os hospitalários. Os soldados avançavam tão compactamente que Ambrósio lembrou que se você atirasse uma maçã na multidão, certamente atingiria alguém. As forças de Saladino acompanhavam seu passo, espreitando o primeiro sinal de fraqueza, enquanto Ricardo, por sua vez, cavalgava para um lado e para outro ao longo da ala esquerda, atento a qualquer sinal de movimento por parte dos sarracenos.

Ordens expressas foram dadas no sentido de que ninguém deveria romper as fileiras até que Ricardo desse o sinal - que seria um troar simultâneo de trombetas ao longo de todo o exército. Às 9h da manhã, Saladino fez seu movimento, enviando uma tempestade de flechas a se cravarem na retaguarda dos cruzados. Os hospitalários responderam valentemente, mas estavam em franca minoria e em pouco tempo os sarracenos estavam alvejando os preciosos cavalos com efeitos mortíferos. Já se debatendo no calor infernal, o Grão-Mestre dos hospitalários enviou um mensageiro a Ricardo, pedindo permissão para o ataque. Este se recusou.

Deliciado com os estragos que seus homens estavam causando à retaguarda, Saladino lançava mais e mais de seus homens na luta com os hospitalários, que, em pouco tempo, ficaram sob pressão intolerável, fazendo os cavalos voltarem quando se deparavam com o inimigo, enquanto tentavam assegurar que não se abrisse uma brecha entre eles e o centro cristão. Um mestre em desespero deixou seus homens para galopar adiante e abordar Ricardo, implorando-lhe para atacar, a fim de aliviar a pressão. "Senhor rei", disse, "estamos sendo violentamente atacados. Ficaremos manchados de desonra eterna se não ousarmos revidar". Mais uma vez Ricardo recusou-se, dando a exasperante resposta: "Pare com isso, mestre, ninguém pode estar em toda parte ao mesmo tempo". O mestre voltou à retaguarda para encontrar seus homens a ponto de explodir. As provocações dos inimigos a cavalo enraiveciam-nos, enquanto uma nuvem negra de flechas desenhava parábolas no céu e descia sobre eles num chuva mortífero. Testemunhas oculares descreveram cenas de caos extremo, com os gritos dos homens feridos, em contraponto com o ressoar dos tambores e o estrondo dos címbalos, tudo se desenrolando diante de um pano de fundo de temperaturas extremas e névoa trêmula produzida por ondas de calor. Os hospitalários enviaram outras mensagens desesperadas a Ricardo naquela manhã, mas a cada vez ele os exortava a agüentarem só um pouco mais, até que os sarracenos a cavalo estivessem cansados e não conseguissem fugir da nêmesse que pretendia desencadear sobre eles. O espírito na retaguarda ficou amotinado, com muitos maldizendo o rei; o consenso era de que se tinham de morrer, que preferiam fazê-lo atacando o inimigo em vez de permanecerem imóveis como alvos fixos. Finalmente os hospitalários não conseguiram suportar por mais tempo. Dois entre eles, o marechal da ordem e um cavaleiro chamado Baldwin Carew, romperam a cobertura e atacaram. Os outros hospitalários se precipitaram atrás deles e os franceses, na parte traseira da coluna central, assumiram que o sinal havia sido dado e juntaram-se a eles também. Esse foi um momento crítico. Se o ataque prematuro não fosse apoiado, os hospitalários seriam superados numericamente e cercados de modo irremediável.

RICARDO, O IMBATÍVEL

Percebendo a situação num instante, Ricardo ordenou um ataque geral da cavalaria. Primeiro, no grosso da ação, como sempre, habilmente apoiado pelos cavaleiros angevinos e poitevinos mais próximos. Não era a ação dos manuais que Coração de Leão havia imaginado, mas a sorte, companheira necessária de todos os generais de sucesso, estava com ele. Tornando-se excessivamente confiantes e imaginando que os cruzados fossem tímidos, muitos dos arqueiros a cavalo haviam desmontado para aproximar-se mais a fim de melhorar suas miras, só que como tartarugas sem cascos acabaram simplesmente atropelados pelo ataque dos cavaleiros, derrubados ao chão para serem liquidadas pela infantaria cristã que vinha

chegando rapidamente. Saladino mal podia crer em seus próprios olhos. Em minutos, seu ataque brilhantemente bem-sucedido contra a retaguarda do inimigo havia se convertido em um completo desastre. Psicologicamente, os sarracenos foram batidos de modo quase instantâneo, pois de súbito tiveram de enfrentar algo sobre o que vinham sendo constantemente advertidos: a cavalaria cristã a pleno vapor sobre os temidos corcéis (pesados cavalos de guerra). O pânico simplesmente aumentou a conta da matança, mas não houve dúvida de que os sarracenos entraram em pânico, pois alguns deles até subiram em árvores para tentar escapar de seu destino.

O caos da batalha estava em evidência por toda parte e o "fogo amigo", como era previsível, manifestou-se. Um observador disse que a poeira levantada pelo ataque era tão espessa que os cruzados "golpeavam a esmo à esquerda e à direita, porque não conseguiam identificar seus próprios companheiros pela visão, e cortavam a todos em pedaços como inimigos, sem reconhecer seus amigos". Mais uma vez a sorte interveio, e Saladino foi capaz de evitar a derrocada total por causa dos equívocos dos cruzados. As tropas normandas e inglesas que não haviam participado da primeira onda (porque formavam a reserva) galoparam para juntar-se à refrega e agruparam-se ao redor do estandarte real. Os angevinos e poitevinos da primeira onda viram o movimento e imaginaram que Ricardo ordenara que toda a cavalaria se concentrasse ao redor da bandeira. Interromperam, portanto, a sangrenta perseguição ao inimigo e cavalgaram de volta para o rei.

Vendo essa retirada inesperada, Saladino achou que havia uma oportunidade de retorno e enviou seus próprios reservas, as tropas de choque de seu regimento doméstico, esperando que eles reagrupassem seus recrutas fugitivos. Por algum tempo, houve luta feroz, quando os corpos de elite de ambos os lados se chocaram, mas Ricardo e Guilherme de Barres ambos conduziram ataques continuados até que esmagassem os sarracenos definitivamente. Enquanto o inimigo fugia do campo, Ricardo dirigiu mais três ataques para varrer a oposição no campo, mas manteve a cabeça clara. Na extremidade mais distante do campo de batalha havia bosques e ele deu ordens estritas para que sua cavalaria não perseguisse o inimigo ali, para o caso de Saladino ter armado uma emboscada como truque final. Sabia tudo sobre retiradas simuladas - uma tática favorita dos exércitos orientais - e que Saladino gostava de pensar meticulosamente em vários desenlaces de batalha e ter planos de contingência preparados. O cérebro frio de Ricardo no momento da euforia e da vitória exultante era outra de suas qualidades como guerreiro. Ele foi deixado com a posse do campo - por alguns cânonos, sinal clássico de vitória numa batalha - onde seus homens contaram cerca de sete mil inimigos mortos; os cruzados haviam perdido um décimo desse número.

Saladino foi seriamente atingido pela derrota e foi dito que ficou tão deprimido que não conseguia comer. Um de seus emires contou-lhe candidamente que Ricardo era imbatível, e os muçulmanos começaram a referir-se a ele como Melek Ricardo (Ricardo, o rei verdadeiro). Batido no cerco em Acre e agora na batalha campal em Arsuf, Saladino, cuja reputação cinco anos antes era a de martelo dos cristãos, agora, com efeito, parecia medíocre. Sua única esperança era manipular o inimigo, aproveitando-se de suas diferenças internas e sua facciosidade. Desse momento em diante, ele começou seriamente a mirar para o conde de Montferrat.

OBJETIVOS DIVERGENTES: SOLDADO OU PEREGRINO?

Após descansar no dia seguinte à batalha, os cruzados partiram outra vez a 9 de setembro e por volta de meio-dia do dia seguinte estavam chegando a Jafa; houvera apenas resistência simbólica dos sarracenos ao longo dos 18 quilômetros desde Arsuf. Mais uma vez, as forças da coalizão cristã entraram numa cidade-fantasma, quase inteiramente demolida pelo inimigo. Montaram rapidamente seu acampamento nos pomares e olivais das redondezas e começaram a descarregar suprimentos da frota naval, que chegara pouco depois deles, completando desse modo uma impressionante ação anfíbia. A marcha desde

Acre fora uma realização notável. Pela primeira vez os elementos heterogêneos dessa força multinacional haviam funcionado como uma unidade, sob um único comandante.

Ricardo havia não somente moldado seu exército num todo coeso, como também alcançado um grau de controle central e disciplina raro nas forças medievais. Não havia cometido os equívocos que um comandante menor poderia ter cometido, como deixar que o trem de bagagens seguisse a coluna principal, tornando-o vulnerável à interceptação, e ainda havia alcançado uma impressionante coordenação entre o exército e a frota naval. Além do mais, ainda tinha Saladino no escuro a respeito de seu destino final, levando o vizir a imaginar que seu destino fosse Ascalon em vez de Jerusalém, possivelmente com a intenção de atacar o Egito. Assim, ordenou que Ascalon também fosse demolida, para desalento de seus habitantes e de uma minoria significativa de seu conselho de guerra, que pensava que a ação tinha sabor de fraqueza e desespero. Ouvindo relatos sobre as ações de Saladino, vindos de seus navios que patrulhavam a costa, Ricardo pensou imediatamente num ataque-relâmpago para surpreender os sarracenos. Mas, de repente, descobriu que o milagre de um comando unido não existia mais.

Entre os cruzados, os conselhos divididos estavam sempre à espreita, resultando da falta de um propósito comum, ou da divergência entre objetivos seculares e sagrados. Aqueles que, como Ricardo, buscavam campanhas com base em realidades militares, desejando destruir Saladino, para isso assegurando toda a costa. Mas havia muitos outros que destacavam a peregrinação e a salvação como o único propósito das Cruzadas - e isso significava dirigir-se a Jerusalém. Ricardo argumentou em vão a favor de uma rota costeira e um assalto a Alexandria, e salientou os grandes perigos pela frente quando o exército se voltasse para o interior e não mais pudesse receber suprimentos por mar; foi derrotado pela maioria dos votos e teve de aquiescer. Descobrimo que os cristãos estavam se dirigindo para o interior, Saladino retornou a Jerusalém para colocar suas defesas em ordem e instruiu seu irmão a assumir uma posição de bloqueio em Ramla, na estrada Jafa-Jerusalém. Satisfeito por Jerusalém poder resistir a um cerco prolongado, ele voltou então a Ramla, em 30 de setembro, e, quatro dias depois, retirou seu exército para uma nova posição em Toron des Chevalers, 16 quilômetros a sudeste de Ramla, no meio do caminho entre Jafa e Jerusalém.

Enquanto isso Ricardo estava igualmente atarefado. Tendo notícia de que Acre ainda continha grande número de falsos doentes, desertores e ausentados, ele se abalou para a cidade e resolveu o problema oferecendo propinas aos proprietários de bordéis e casas de vício, para que mudassem suas operações para Jafa, onde a maior parte das tropas estava alocada, levando com eles suas damas da noite. Desse modo, os "velhacos do deserto" não viam nenhuma razão para permanecer em Acre e foram persuadidos a se reunir a seus camaradas no sul. O preço que Ricardo teve de pagar por isso foi o colapso de sua ordem "nada de mulheres no exército"; como Ambrósio o colocou num versinho rimado: "De volta ao anfitrião as mulheres vieram / e teceram a profissão da luxúria e da vergonha". Enquanto se achava em Acre, Coração de Leão soube por meio de seus espiões que as abordagens secretas de Saladino a Conrado estavam rendendo dividendos: Conrado concordara com a sugestão de Saladino de que deveria atacar Acre enquanto Ricardo estivesse no sul, e que, em retribuição, Saladino lhe daria Tiro e Sidon.

RICARDO, O CAÇADOR DE EMOÇÕES

Ricardo retornou a Jafa com Berengaria e Joan, a maior parte de sua frota e os soldados relutantes. Incapaz de ficar quieto por um momento, insistia em sair pessoalmente em missões de reconhecimento, quase tendo sido capturado em uma delas, em 29 de setembro. Foi salvo por um valente cavaleiro francês, de nome Guilherme de Preaux, que gritou afirmando ser ele o "Melek Rik", para assim desviar a

atenção dos sarracenos do verdadeiro Coração de Leão. Ricardo foi sempre severamente criticado por seus comandantes por esses inúteis contatos com a galeria - e Saladino achava que essa inquietação era a única coisa que impedia que Ricardo fosse verdadeiramente um grande capitão —, mas ele era surdo a seus pedidos. Achava que demonstrações de coragem pessoal e temeridade eram boas para o moral de seus homens e, ao mesmo tempo, gostava daquilo — Ricardo era como um caçador de emoções. Ele também ficara irritado porque seu grande plano para um ambicioso ataque ao Egito havia sido rejeitado em favor de um avanço inútil sobre Jerusalém.

Seu conselho de guerra havia votado por essa opção, mas deixara todos os aspectos práticos para serem resolvidos por ele. Sem a frota para repor-lhes os suprimentos, os cruzados teriam de avançar como lesmas, certificando-se que os suprimentos de água e comida fossem assegurados diariamente antes de seguirem adiante. E mesmo que Jerusalém fosse tomada, e daí? Em primeiro lugar, a cidade havia caído antes nas mãos de Saladino, por falta de colonos cristãos, e, para assegurá-la, os cruzados necessitariam de imigração em massa da Europa. Por um lado, não havia qualquer sinal de que isso ocorreria, e por outro, era bem claro que, uma vez vitoriosos, os "peregrinos" iriam bradar por um retorno à Europa, quando então Saladino simplesmente ocuparia a Cidade Santa mais uma vez. De qualquer modo, Ricardo estava numa corrida contra o tempo, pois o dinheiro para sustentar a Cruzada se esgotaria por volta da Páscoa de 1192, a não ser que novos suprimentos chegassem do oeste. Ele estava começando a ouvir rumores alarmantes acerca do comportamento revoltoso de seu irmão João, na Inglaterra.

Relutando a ser forçado à inútil aventura de Jerusalém, Ricardo tentou uma abordagem diplomática em duas vias. Prometeu, de um lado, maciças propinas aos pisanos e genoveses, até então inimigos jurados, para que fizessem causa comum e apoiassem suas idéias de um ataque anfíbio ao Egito. De outro, esforçou-se para ver o que poderia ser alcançado através de conversações com Saladino, empenhando-se, em particular, a neutralizar as aberturas do vizir para com Conrado. Ricardo negociou com Safadin e pediu-lhe que passasse ao irmão uma nova proposta no sentido da criação de um novo reino cristão de Outremer, entre o rio Jordão e o Mediterrâneo, incluindo Jerusalém.

Quando, previsivelmente, Saladino descartou a proposta, Ricardo adiantou-se para a fase dois de suas conversações e fez a extraordinária sugestão de que cristãos e sarracenos partilhassem a Palestina, sugerindo ainda que Safadin se casasse com sua irmã Joan e assumisse a posição de negociador honesto e avalista da divisão. Ricardo estava pagando na mesma moeda: Saladino havia ido, por trás de suas costas, seduzir o ambicioso Conrado, de modo que ele, por sua vez, iria contornar o flanco de Saladino, jogando com as imensas ambições de seu irmão Safadin. Essas propostas parecem quixotescas e logo foram atingidos pela notícia de que Joan havia recusado, com indignação, o marido gentio escolhido para ela. Não obstante, as propostas foram mantidas sobre a mesa, enquanto os dois lados empacavam, continuando, entretanto, a campanha militar de escaramuças e contra-escaramuças. Os sarracenos estavam ocupados demolindo fortalezas na estrada para Jerusalém e os cruzados estavam reconstruindo outras. Os nervos estavam à flor da pele, em ambos os lados, com os muçulmanos se especializando em exercer pressão por 24 horas, alternando incursões diurnas de comandos com ataques noturnos, usando os serviços de árabes que eram *experts* em assassinato, abdução e roubo de cavalos.

Era o início de novembro, período que antecedeu o recomeço das lutas pesadas. Arrastando-se lentamente na direção de Ramla, os cruzados ocuparam duas fortalezas arruinadas em 31 de outubro; enquanto isso Ricardo continuava a se misturar à tropa, atacando um grupo de batedores inimigos perto de Ramla, numa escaramuça em que facilmente poderia ter sido capturado. As coisas ficaram mais sérias em 6 de novembro. A apenas seis quilômetros de Yasur, em Ibn-Rak, os templários que protegiam uma partida de forragem deram de cara com um grande destacamento de sarracenos e enviaram um pedido urgente de ajuda. Ricardo, que supervisionava a reconstrução de uma fortaleza, enviou o conde de Leicester e o conde de St. Pol com uma companhia de cavaleiros, mas os pretensos reforços caíram, eles próprios, emboscados; descobriu-se que os sarracenos haviam preparado iscas para uma elaborada

armadilha de duplo blefe a fim de atrair grande número de homens para a emboscada. Dois destacamentos separados estavam agora em perigo de aniquilação e partir em seu resgate poderia parecer estar lançando bons homens atrás de maus homens, ou assim os conselheiros de Coração de Leão o advertiram, pois os dois grupos em campo pareciam prestes a serem engolfados.

Mas nunca Ricardo fora de fazer o jogo das percentagens. Ignorando as súplicas para reconsiderar, já que poderia ele próprio ser capturado, chamou os homens bons e leais para o seguirem: "Se os envie para lá e lhes pedi que fossem, se morressem ali sem mim, então, eu nunca mais poderia levar o nome de rei". Galopando para o resgate, Ricardo conduziu um ataque furioso, golpeando, cortando, rasgando e esmagando, rapidamente virando a maré. Ambrósio descreveu o rei em ação:

"Ele esporeou os flancos de seu cavalo e deu-lhe freio livre, e partiu, mais rápido que um falcão de caça. Então galopou no meio dos cavaleiros diretamente para a gente sarracena, irrompendo através deles com tal ímpeto que se um raio tivesse caído ali não haveria destruição maior daquela gente. Ele perfurava as fileiras e os perseguia; ele voltava e os encurralava, decepando mãos e braços e cabeças. Eles fugiam como bestas. Muitos deles estavam exaustos, muitos foram mortos ou aprisionados. Ele os caçou, seguindo-os e perseguindo-os, até que chegou a hora de retornar."

ALOJAMENTOS DE INVERNO: UM PERÍODO CREPUSCULAR

Seramente maltratados, os sarracenos recuaram, e, uma semana mais tarde, Saladino foi para os alojamentos de inverno, em Jerusalém. No início de dezembro, Ricardo decidiu que não tinha escolha senão fazer o mesmo, em Ramla. O clima havia mudado a essa altura e ambos os exércitos sofriam com a chuva, a neve, as tempestades de granizo, o barro e a lama; além disso, a comida era mal-cozida, a carne de porco salgada estava podre ou rançosa, as roupas ficavam ensopadas e as armas e armaduras enferrujavam; os homens estavam sujos; tudo estava impregnado de umidade e as listas de doentes aumentavam a cada dia. Ventos fortes, temperaturas baixas e lama escorregadia, que, às vezes, transformava os acampamentos em lodaçais, faziam do chamado período de descanso um verdadeiro pesadelo.

Nesse período crepuscular, cada lado tentou manobrar o outro em complexas negociações. Através de seu enviado Humphrey de Toron, Ricardo disse a Saladino que não podia deixar a Terra Santa até que obtivesse, no mínimo, um acordo de partilha. Saladino, preocupado com o moral em baixa e a indisciplina em seu próprio exército, tentou manter a carta Conrado em jogo, mas foi vencido pelos outros emires de seu conselho, que insistiam que qualquer paz duradoura teria de ser acertada com Ricardo; Conrado era traiçoeiro e não-confiável, e poderia não cumprir suas promessas. Saladino teve provas disso pessoalmente em 9 de novembro. Ele colocou diretamente ao enviado de Conrado que estava cansado de diplomacia de porta-dos-fundos, onde nunca acontecia nada de substancial, e que a credibilidade de seu mestre dependia de seu aparecimento em campo contra Ricardo, com um exército; essa exigência foi recebida com o previsível silêncio.

Quando Saladino convocou um conselho de guerra, em 11 de novembro, pouco antes de se recolher ao alojamento de inverno, apresentou uma resistência apenas simbólica quando os outros emires votaram a favor das conversações com Ricardo e do plano de partilha. Pelo Natal de 1191, os sarracenos haviam efetivamente dispersado seu exército e não havia planos para novas campanhas até maio seguinte.

O próprio Ricardo passou o Natal em Latrun, com grupos avançados lançados até Beit Nuba, a apenas 19 quilômetros de Jerusalém. Por algum tempo, a guerra de provas e contraprovas continuou. Ricardo comemorou outro triunfo no início do Ano Novo, quando desmantelou uma dupla emboscada numa saída-relâmpago, ficando deitado à espera durante toda a noite, para levar a efeito o golpe. No entanto, com o moral baixo e as deserções aumentando, os comandantes cristãos decidiram, em 11 de janeiro, que o

momento de decisão não podia mais ser adiado. Um grande conselho de guerra, não apenas o gabinete interno dos comandantes de regimentos, reuniu-se naquele dia para avaliar a factibilidade da captura de Jerusalém. Até esse ponto, os ingleses, franceses e contingentes de estrangeiros que tinham a "peregrinação" a Jerusalém como objetivo principal, somavam mais votos que os cristãos nativos, mas, em parte, porque os cruzados estrangeiros haviam ignorado os conselhos domésticos, sobre temas como o clima, e demonstrado estarem errados; agora estavam mais dispostos a se alinharem.

Um a um, os líderes cristãos locais, e depois os mestres da ordem dos templários e hospitalários, opinaram que a tomada de Jerusalém era missão impossível. Suas razões eram claras e coerentes. Saladino tinha um exército dentro da Cidade Santa e havia outro além dos muros, o que significava que eles poderiam ser apanhados entre dois fogos. Acampados fora de Jerusalém, os cruzados teriam linhas ásperas e precárias de suprimentos, a partir de Jafa e da costa. E se, mesmo que contra todos os obstáculos os atacantes conseguissem tomar a cidade, simplesmente não teriam homens suficientes para guarnecê-la e mantê-la diante de um contra-ataque, pois todos os cruzados estrangeiros partiriam para a Europa depois de prestarem culto aos templos sagrados. Não contando com a imigração em massa dos cristãos, nos quais depositavam esperanças, seguir adiante para Jerusalém seria loucura. Ricardo solicitou esclarecimentos desse ponto. Mapas detalhados de Jerusalém foram produzidos, provando que a guarnição deixada para trás não seria sequer capaz de guarnecer os muros, por ser o seu perímetro muito amplo.

Como o partido pró Jerusalém não pudesse propor argumentos convincentes, Ricardo assumiu o sentido da reunião e ordenou um regresso à costa. Isso causou consternação nas alas e fileiras. O prestígio de Ricardo entre as tropas desvaneceu-se quase que da noite para o dia, com muitos amaldiçoando seu nome. "Nunca, desde que o Senhor Deus criou o mundo, foi demonstrado tanto pesar", notou Ambrósio. Outros relatos diziam que o descontentamento era tão grande que um grande número de antigos veteranos podia ser ouvido publicamente se perguntando sobre a verdade de Deus e da fé cristã, que podia permitir tal desenlace. Os mais sóbrios dos comandantes de Ricardo podiam perceber que sua decisão estava certa, mas a facção Jerusalém-a-qualquer-preço enfatizava que a Cruzada era isso mesmo - uma tentativa faça-ou-morra de restaurar os lugares santos; os planos grandiosos de Ricardo para um ataque anfíbio ao Egito, a fim de destruir a fonte do poder de Saladino eram um objetivo puramente secular e nada tinham a ver com a causa para a qual o Papa havia convocado os fiéis.

Uma consequência imediata foi que o exército cristão, até então disciplinado e integrado, começou a se partir. Os franceses, sob o duque de Borgonha, nunca felizes por terem de aceitar o comando de Ricardo, foram os primeiros a liderar os grupos dissidentes; partiam em grande velocidade para os bordéis de Jafa e Acre. Apenas Henrique de Champagne, sobrinho de Ricardo e aliado confiável, manteve-se firme, e alguns dos mais extremados entre os desiludidos chegaram ao ponto de se juntarem a Conrado, em Tiro.

Desanimado, o resto do exército cruzado marchou de volta a Ascalon (alcançada em 21 de janeiro), onde os homens passaram mais uma semana deprimente, começando a trabalhar em novas fortificações com as quais Coração de Leão pretendia tornar a cidade inexpugnável. Incapazes de receber suprimentos da frota até o início de fevereiro, por causa das tempestades, os cruzados ficaram ainda mais desalentados pela notícia de que o contumaz Conrado rejeitara rancorosamente a convocação de Ricardo para que trouxesse suas próprias forças a Ascalon.

GUERRA DE MENTIRA E REBELIÃO INTERNA

Até o final de março de 1192, não houve novas refregas significativas entre cruzados e sarracenos. Esse período de guerra de mentira encontrou ambos os lados assoberbados por problemas internos e mais preocupados com lutas entre facções do que com o desafio de enfrentar o inimigo comum. O moral no exército de Saladino estava baixo e o nível de deserções, alto — com efeito, se os cruzados conhecessem

a extensão da desilusão entre os muçulmanos, poderiam até mesmo arriscar um ataque relâmpago sobre Jerusalém. Efetivamente, à parte a falta perene de apoio por parte do resto do mundo islâmico — Saladino com frequência enviava apelos vãos tanto ao califa de Bagdá quanto aos *almohads* do norte da África - o líder sarraceno estava com sérios problemas familiares. Seu irmão Safadin (aka al-Adil) era ambicioso e rumores de um desentendimento entre eles pode ter sido provocado pela proposta (à primeira vista, extraordinária) de Coração de Leão, quanto ao casamento de Safadin com sua irmã Joan. A idéia era aumentar o prestígio de Safadin à custa de Saladino, uma vez que nos conselhos de guerra muçulmanos os outros emires já tendiam a favorecê-lo e também ao partido pró-Ricardo, contrário a Saladino e a sua inclinação em tratar com Conrado; é significativo que tenha sido dito que o rumor sobre essa aliança de casamento causou júbilo no acampamento sarraceno, contrariamente à tépida resposta entre os cruzados.

Não há dúvidas sobre o pacto cordial de Ricardo com Safadin. Fontes árabes relatam: "Safadin apanhou o rei crédulo com esperteza e enganou-o com palavras suaves, de modo que no fim eles pareciam ter desenvolvido uma espécie de amizade mútua... Separaram-se amistosamente e espíritos leves, como calorosos amigos". Mais tarde Ricardo teve o gesto extraordinário de sagrar cavaleiro ao filho de Safadin, provocando acusações entre os cruzados de linha dura, de que Ricardo era "condescendente com o Islã". Mas Safadin não era o único problema de Saladino. Seu sobrinho, Taqui al-Din falecera recentemente e seu filho al-Mansur exigia a imediata confirmação de sua herança. Saladino, não querendo conceder grandes extensões de terra a um jovem obstinado e impulsivo, impôs várias condições ao legado, o que provocou a rebelião de al-Mansur.

No entanto, Ricardo dificilmente estaria em posição de tirar vantagens desses reveses de Saladino, pois ele próprio estava enfrentando quase o mesmo tipo de rebelião interna. Tentara atrair os franceses de volta para o grande projeto de reconstrução, e assegurou a concordância deles em servirem até a Páscoa, desde que pudessem partir mediante uma comunicação momentânea, caso se sentissem insatisfeitos. Com pouca margem de escolha e a partir do princípio do antes-pouco-do-que-nada, Ricardo concordou. De bocado em bocado, reconquistou seu prestígio entre as tropas, em parte por um ousado assalto contra Darin, que resgatou 1.200 prisioneiros cristãos, e, em parte, por sujar as próprias mãos e trabalhar ombro a ombro nas fileiras como um soldado comum. Por um período, houve genuína solidariedade orgânica no exército, e um observador escreveu: "Você teria visto todos trabalhando juntos, chefes, nobres, cavaleiros, escudeiros e homens-de-armas, passando pedras e rochas de mão em mão".

Hugo de Borgonha estava suficientemente intrigado para seguir para Ascalon, mas, quase previsivelmente, em pouco tempo, mais uma vez se indispôs contra Ricardo, agora porque Coração de Leão não iria garantir pagamento a suas tropas depois da Páscoa. Na verdade, o que Hugo propusera era absurdamente unilateral: Ricardo pagaria por tudo não obstante os franceses terem opções de afastamento instantâneo e poderes de veto em cada questão isolada. Mas o arrogante duque de Borgonha preferiu ver a recusa de Ricardo como uma afronta à sua honra e apressou-se em voltar a Acre. Aquela cidade, nesse meio tempo, se tornara o pivô de um conflito feroz, muitas vezes degenerando-se em violência física entre pisanos e genoveses, que apoiavam respectivamente Guy de Lusignan e Conrado de Montferrat como verdadeiro rei de Outremer.

Os pisanos apelaram a Ricardo, que realizou outra viagem relâmpago ao norte com seus cavaleiros, o que afugentou de Acre Conrado e seu aliado, o duque de Borgonha. Ele retalhou o feudo entre pisanos e genoveses e, então, seguiu para o norte para uma entrevista com Conrado, em Tiro. Conrado recusou-se mais uma vez a se reunir ao exército, em Ascalon. Em seguida, Ricardo convocou um conselho de notáveis que privou formalmente Conrado de qualquer parcela dos lucros do reino. Hugo de Borgonha destruiu o ás de Ricardo, enviando mensageiros aos 700 franceses ainda em Ascalon, para lembrar-lhes que também eram vassalos do rei Filipe, e que ele se havia comprometido com Conrado. Os franceses aproveitaram a oportunidade para deixar para trás o pesado trabalho nos muros de Ascalon e partir para

os prazeres carnavais de Tiro. Ricardo ficou tão furioso com o que viu como uma traição por parte deles, que recusou o acesso francês a Acre.

DIVIDIDO ENTRE A INGLATERRA E A PALESTINA

Procurando ganhar tempo com mais conversações com Saladino - desta vez a proposta era a de uma Jerusalém dividida, com o Rochedo e a cidadela em mãos muçulmanas e os cristãos controlando tudo o mais - Ricardo buscava uma solução definitiva para o problema Conrado. Isso pareceu ainda mais urgente quando regressou a Ascalon e encontrou um mensageiro da Inglaterra à sua espera, era Roberto, prior de Hereford, que trouxera notícias sombrias sobre os eventos em casa, inclusive a derrubada da administração que Ricardo havia deixado atrás de si para governar o reino, e a tentativa definitiva de João para usurpar o trono. Coração de Leão precisava voltar rapidamente à Inglaterra, mas não podia deixar a Palestina sem quaisquer realizações, pois assim apareceria como objeto do ridículo. Em 15 de abril, ele convocou um conselho e disse aos seus conselheiros que, em breve, teria de partir da Terra Santa e queria uma solução definitiva sobre quem iria ser o rei de Outremer. Pessoalmente, sempre favorecera Guy de Lusignan, mas, relutante, teve de chegar à conclusão de que apenas o tortuoso e traiçoeiro Conrado era suficientemente forte para fazer frente a Saladino. Guy de Lusignan, apesar de sua lealdade para com Ricardo, nunca realmente conseguira se desfazer da má reputação como o homem que havia perdido a batalha de Hattin; sua "exploração" em Acre, além do mais, somente havia terminado com sucesso porque Ricardo chegou para ajudá-lo. O rei inglês, sabendo que seria acusado de duplicidade, manobrou os procedimentos no conselho de modo que a decisão de adotar Conrado não parecesse ter partido dele, e depois fingiu surpresa. Para manter Guy dócil - pois os Lusignan eram um poderoso clã estendido que poderia causar problemas sem-fim para Ricardo nos domínios dos Angevin, na França - ele saiu-se com uma idéia engenhosa.

Quando deixou Chipre, vendeu-a aos templários, porém estes acharam que a ilha, cheia de sujeitos mal-humorados e rebeldes, era um estorvo e estavam procurando um novo comprador a quem entregá-la. Ainda faltava pagar 60 mil dos 100 mil marcos devidos pela aquisição, e isso deu a Coração de Leão a sua oportunidade. Ofereceu a Guy a chance de trocar seu difícil reinado na Palestina pelo trono de Chipre, pelo qual ele teria simplesmente de restituir aos templários o depósito de 40 mil marcos; Ricardo cancelou o resto do débito com a ficção de um "empréstimo" deferido, oferecendo assim aos Lusignan a pechincha do século. Todos ficaram satisfeitos.

Ricardo então enviou Henrique de Champagne a Tiro, para dar a boa notícia a Conrado. Conrado ficou extremamente feliz e aceitou a oferta do reino com entusiasmo; ficou acertado que ele seria coroado em Acre, em uma semana. Antes que isso pudesse acontecer, ocorreu a mais inimaginável calamidade. Em 27 de abril, Conrado foi morto por um membro dos Assassinos - um temido culto secreto islâmico que aceitava encomendas de serviços de qualquer um, por dinheiro. Quem teria sido o autor que encomendou a morte de Conrado nunca se saberá, pois os motivos possíveis são tão variados como a mente que planejou a atrocidade; Conrado tinha dúzias de inimigos e havia alienado outras dúzias, incluindo o próprio líder dos Assassinos.

Naturalmente, entretanto, Filipe Augusto e Leopoldo da Áustria acharam nisso um golpe de propaganda bom demais para ser desperdiçado e espalharam por toda a Europa o boato de que Coração de Leão teria sido o pagante que havia contratado os assassinos. Já que a decisão de eleger Conrado como rei havia sido do próprio Ricardo e como ele havia manipulado sua implementação pelo conselho dos cruzados, não parece plausível que desejasse liquidar sua própria escolha; o dedo da suspeita aponta para outra parte. No caos de incerteza que se seguiu ao assassinio, o duque da Borgonha tentou ocupar o precioso espaço, mas a viúva grávida de Conrado, Isabella, desafiou-o, baseada nas instruções do marido antes da morte, de que deveria devolver a cidade a Ricardo.

Coração de Leão acabou com a incerteza fazendo com que seu protegido Henrique de Champagne fosse coroado como rei, com a condição de que desposasse Isabella. Pela lei canônica, o casamento era altamente suspeito tanto porque o casamento original com Conrado fora irregular, por ela já estar grávida. Mesmo Henrique, sempre um joguete de Ricardo, tinha dúvidas sobre a união e a própria Isabella se mostrou extremamente relutante, mas Ricardo intimidou a ambos e fez com que se cassassem em 5 de maio, uma semana depois do assassinato de Conrado, algo que mesmo quem nutria simpatia por Ricardo considerou de uma pressa indecorosa. A esperteza dessa aliança foi o fato de que Henrique era sobrinho de Filipe Augusto, assim como de Ricardo, de modo que sua elevação satisfazia Hugo da Borgonha. Ele retornou à plena cooperação com Ricardo.

REGRESSO ÀS CAMPANHAS

Até a crise envolvendo Conrado, Ricardo saía a cavalo todos os dias, patrulhando o caminho entre Ascalon e Jerusalém, colocando-se deliberadamente no caminho do perigo, em patrulhas, escaramuças e assaltos noturnos, como se essa fosse a única maneira através da qual pudesse manter a frustração e o aborrecimento sob controle; em meados de abril houve até mesmo um emocionante encontro com um porco selvagem, em que o rei escapou por pouco de ser tosquiado. Agora com a Borgonha e os franceses de volta aos efetivos, ele podia recomeçar as campanhas com ânimo. Ordenou um ataque a Darum, 32 quilômetros ao sul de Ascalon, outro alvo costeiro que, tomado, iria pressionar Saladino ainda mais, pois dali comandavam-se as rotas marítimas do Egito para a Síria. Por demais impaciente para esperar que o exército completo aparecesse diante de Darum, Ricardo foi na frente com seus cavaleiros, encontrando-se com a frota.

Saladino enviou reforços apressados à guarnição em Darum, mas o comandante ali não tinha brilho e nem sequer tentou evitar que Coração de Leão desembarcasse máquinas de ataque dos barcos ancorados além da praia. Com seu olho clínico para as fragilidades dos inimigos, Ricardo detectara um ponto fraco na torre principal, uma das 16 que rodeavam o local. Uma operação de sapadores brilhantemente dirigida, coberta por uma barreira constante contra as catapultas de flechas, minou a fraca torre em três dias, e nesse meio tempo a força de socorro de Saladino não conseguiu chegar. A guarnição rendeu-se em 22 de maio, dando a Ricardo mais um grande triunfo: quando o novo rei Henrique e Hugo da Borgonha chegaram, pouco depois, ele pôde lhes contar que a tarefa já havia sido cumprida. Com seu talento para propaganda e publicidade, fez um grande alarde a respeito de estar entregando a fortaleza ao novo monarca.

Deixando uma guarnição cristã em Darum, os cruzados avançaram para al-Hasi em 28 de maio, varrendo a área em círculos, para apanhar todos os sarracenos numa rede de arrastão. Saladino ainda não foi capaz de dar uma resposta efetiva, porque muitas de suas tropas ainda não haviam regressado da licença de inverno. Ele próprio se sentia em crise, pois as esperanças de uma aliança com Bizâncio haviam se desvanecido recentemente.

O imperador de Constantinopla, embora cristão, temia os cruzados (e estava certo nisso, como demonstrou a destruição de sua cidade pela Quarta Cruzada, em 1204) e desejava uma aliança com Saladino se os termos estivessem corretos. Mas o imperador fez um lance alto demais, pois as condições que sugeriu a Saladino eram quase exatamente aquelas que o vizir havia rejeitado quando feitas por Ricardo; ele teria raciocinado: porque dar a um conjunto de infiéis aquilo que já neguei a outro? Mas Coração de Leão não se encontrava realmente numa situação melhor, pois um novo enviado, João de Alençon, chegara da Inglaterra com novas histórias sobre a traição de João, incluindo sua recente proposta de uma aliança anti-Ricardo com o arqui-inimigo Filipe Augusto. Ele informou ao conselho que poderia precisar voltar à Inglaterra em breve, mas a resposta não foi a que esperava. Os notáveis

reunidos resolveram que iriam avançar sobre Jerusalém pela segunda vez, não importando se Ricardo ficaria ou voltaria para casa.

Como Aquiles, Ricardo retirou-se aborrecido e foi dito que se jogara irritadamente sobre sua cama quando de volta em Ascalon. Não foi apenas porque fora vencido em votos, outra vez, por gente sem qualquer noção das realidades militares, mas os relatos que recebera do acampamento dos cruzados eram de que as pessoas estavam efetivamente celebrando a decisão de se dirigirem novamente a Jerusalém. Ele ia para casa e as pessoas celebravam? Por fim, ele teve um segundo pensamento. Se não reassumisse o comando, o conselho elegeria outro líder, e, sem a sua mão firme para guiá-los a todos, a expedição inteira implodiria. Havia uma chance paralela de que ele conseguisse tomar Jerusalém no verão e então retornasse à Inglaterra para lidar com João, sem perder a dignidade. Portanto, mandou informar a seus capitães de que iria ficar na Terra Santa até a Páscoa de 1193 ou até a queda de Jerusalém, aquilo que ocorresse primeiro.

A META DE JERUSALÉM

O exército cristão partiu outra vez pela estrada para Jerusalém com o ânimo otimista e até eufórico, apesar do contínuo nível de deserções. Em cinco dias, os soldados realizaram uma marcha que teria levado dois meses para se completar no ano anterior, e, a caminho, emboscaram com sucesso grupos de ataque sarracenos. No início de junho, Ricardo estabeleceu seu quartel-general em Beit Nuba, a 21 quilômetros de Jerusalém. Enquanto os cruzados aguardavam que Henrique de Champagne completasse a captura dos inevitáveis falsos-doentes e fujões que haviam conseguido se esgueirar de volta a Acre, outro conselho foi realizado, no qual Ricardo se vingou da desfeita anterior. Depois de repetir seus argumentos sobre a impraticabilidade de manter o domínio sobre a Cidade Santa por causa da falta de população cristã, ele anunciou que estava deixando o comando do assalto a Jerusalém; seguiria os demais, mas não iria liderá-los. "Vocês não me verão liderando o povo nesse empreendimento, pois isso me traria vergonha e desgraça. Vocês se mostram irrefietidos ao chamar-me para essa aventura. Entretanto, se desejam partir para Jerusalém agora, eu não irei desertá-los. Serei seu camarada, não seu líder. Irei segui-los, mas não precedê-los".

Perplexo com isso, o conselho cruzado elegeu um gabinete de 20 (cinco de Outremer, cinco franceses, cinco hospitalários e cinco templários) para decidir sobre a nova liderança. Subitamente, os franceses encontraram-se numa minoria. Os outros 15 anunciaram que a estratégia de Ricardo para um ataque ao Egito era a única viável, especialmente porque Coração de Leão havia prometido financiar sua maior parte. Os franceses protestaram em altos brados, mas em vão. Mais uma vez, foi ordenada uma retirada de Jerusalém; mais uma vez o moral despencou e o nome de Ricardo ficou sujo; para coroar tudo, os franceses se separaram do exército e montaram um acampamento à parte.

Com tudo isso, os cruzados pareciam ter esquecido Saladino. Mas ele não os havia esquecido e a essa altura preparara seu contragolpe. Em 12 de junho, uma grande partida de sarracenos atacou os "francos" perto de Beit Nuba. A luta engolfou mais e mais tropas, principalmente os franceses e, então, usando a antiga finta de uma fuga fingida. Saladino engambelou os templários e hospitalários para que os perseguissem. Quando a armadilha foi acionada, seguiu-se uma feroz luta corpo-a-corpo, com os sarracenos levando vantagem no início, até que reforços sob o conde de Perche e o bispo de Salisbury reverteram o panorama a favor dos cruzados. Ricardo esteve ausente desse encontro, uma vez que também estava virando o jogo contra pretensos emboscadores, em outro local, no Poço de Emaús. Ele matou 20 dos inimigos, capturou o arauto de Saladino e uma grande quantidade de suprimentos muçulmanos em trânsito; o próprio Ricardo foi um dos heróis daquele dia, ao lado do conde de Leicester e de Estêvão Longchamp.

Mas era claro que a pressão de Saladino estava aumentando. Em 17 de junho, houve um ataque de larga escala a uma caravana cristã perto de Ramla, atingindo principalmente os franceses. Inicialmente um ataque bem sincronizado pelos turcos a cavalo contra a retaguarda causou pânico, e, então, uma segunda onda de atacantes avançou, brandindo grandes bastões de ferro. Mais uma vez os franceses foram resgatados de uma situação difícil, e mais uma vez o conde de Leicester foi o principal agente. O moral do exército cruzado, nesse ponto, havia alcançado o ponto mais baixo: havia constantes ataques muçulmanos, a impopular decisão de retirar-se de Jerusalém e uma profunda irritação porque o rei Henrique, supostamente à procura dos fujões em Acre, parecia estar gastando um tempo desproporcional para a tarefa; era quase como se ele também tivesse decidido permitir-se uma pausa para recreação nos antros de prazer. Enquanto isso, o ânimo de Saladino se elevava. Ele soube da decisão dos cruzados de se retirarem, o que aliviava toda a pressão sobre Jerusalém, e também soube do descontentamento nas fileiras dos cristãos. Aquele parecia o tempo perfeito para golpear.

"NUNCA O SULTÃO FICOU TÃO ANGUSTIADO"

Saladino convocou um segundo exército, recentemente recrutado pelo meio-irmão de Safadin, Falak al-Din. Subindo do Egito com centenas de cavalos e mulas descansados e uma riqueza em mercadorias, essa nova força parecia capaz de virar a maré. Lamentavelmente para os sarracenos, o serviço de inteligência de Coração de Leão era soberbo. Seu principal espião, baseado em Cairo, um cristão sírio chamado Bernardo, informou Ricardo de que uma caravana imensa estava se dirigindo para o norte, na direção de Jerusalém. O pensamento rápido sempre foi o forte de Ricardo, que num átimo se deu conta de que a caravana de Farak al-Din era crucial para o destino de ambos os lados. Ele fez rápidos preparativos para um ataque. O duque de Borgonha e os franceses estavam preparados para juntar-se à empreitada, com a condição de receberem um terço de qualquer espólio (proporção maior do que o número deles garantia). Ricardo concordou e, na noite de 21 de junho, partiu com 500 cavaleiros e mil cruzados de sua melhor infantaria. Uma noite de marcha forçada ao luar levou os cruzados ao ponto de encontro, em Galácia, onde foram reabastecidos pelos cristãos em Ascalon, que haviam sido avisados pelo rei inglês. Enquanto isso, Saladino ficara ciente de que um destacamento inimigo se movia para o sul e, corretamente, adivinhou as intenções de Ricardo; por esse motivo, enviou uma grande tropa para reforçar a caravana. No dia 23, quando os atacantes de Ricardo estavam convergindo para al-Hasi, Falak al-Din decidiu tomar a rota mais curta para Jerusalém e acampou em Tel-al-Khuwialifia, a 23 quilômetros. Quando os reforços de Saladino chegaram, seu comandante advertiu Falak com irritação, por causa de sua decisão, mas este se manteve irreduzível quanto a não tentar a marcha noturna recomendada, temendo que sua caravana fragmentada não conseguisse manter-se em formação no escuro. Ele insistiu em permanecer onde estavam.

À notícia de que a caravana se achava a uma distância onde poderia ser alcançada, Ricardo mal conseguiu acreditar em sua sorte e inicialmente pensou numa armadilha. Mas quando seus batedores, disfarçados de beduínos, retornaram com a informação de que a caravana se preparava para repousar normalmente durante a noite, e que não havia nada suspeito em sua disposição, ele sentiu que tinha uma oportunidade sem precedente de destruir a estratégia inteira de Saladino para 1192. Depois de assegurar-se de que tanto homens quanto cavalos estavam bem alimentados e saciados de água, pois o amanhecer traria o início do calor escaldante do verão, ordenou outra marcha noturna. Pouco depois do nascer do dia, enquanto os camelos ataviados eram conduzidos para suas posições de partida rumo a Jerusalém, os sarracenos viram-se avassalados por uma onda tempestuosa.

Os homens montados de Ricardo derramaram-se pelo espaço como derviches. O comboio muçulmano e os reforços eram tão numerosos que tinham acampado em três locais diferentes, o que facilitou a tarefa

dos cruzados. Um dos destacamentos foi cercado e retalhado em pedaços; os outros dois fugiram em debandada para o deserto, perseguidos pelos triunfantes cristão ululantes.

Mais uma vez, Ricardo se achava bem no grosso da ação, manejando sua espada como a um sabre, retalhando e cortando o inimigo, e a seu lado seus dois favoritos, Estêvão Longchamp e o duque de Leicester, que prestavam hábil assistência à carnificina. O massacre foi tremendo, pois os sarracenos foram tomados completamente de surpresa e entraram em pânico sem qualquer tentativa de proteger a retaguarda. Cerca de 1.300 corpos de muçulmanos foram contados no campo da batalha, mas o total de mortes foi muito superior, uma vez que muitos dos feridos arrastaram-se para o deserto para morrer. Foram feitos cerca de 500 prisioneiros, porém, mais importante, os sarracenos perderam 4.700 camelos, milhares de mulas e burros juntamente com suas preciosas cargas de ouro, prata, armas e armaduras, medicamentos, especiarias, roupas, tendas e cordas. Foi uma catástrofe completa para os sarracenos, o tipo de derrota da qual os cruzados não conseguiriam escapar se os destinos tivessem sido trocados. Pensar nisso foi tudo o que Saladino pôde fazer para dominar os nervos assim que soube da notícia. O historiador Baha al-Din se achava na tenda do vizir, quando os relatos chegaram e registrou: "Nunca o sultão ficou tão angustiado ou foi deixado tão ansioso".

EGITO OU JERUSALÉM?

Do ponto de vista cristão, todas as preocupações monetárias imediatas estavam superadas. Os franceses, agora adequadamente financiados, mais uma vez começaram a clamar pelo assalto a Jerusalém. Mas Saladino, lendo a mente do inimigo, havia adivinhado que esse seria o desenlace da derrocada sofrida pela caravana e ordenou uma rigorosa política de "terra devastada" na estrada para a Cidade Santa, incluindo o envenenamento de todos os poços e olhos d'água nas estradas de acesso. Quando Henrique de Champagne (agora rei, por certo) regressou de Acre com outro grupo recapturado de arruaceiros e fujões, os franceses exigiram novamente que a questão fosse debatida em conselho. Ricardo dirigiu-se aos notáveis reunidos e destacou o grave problema dos suprimentos de água. Como era de se esperar que Saladino houvesse envenenado os poços, os cavalos dos cruzados teriam de ser levados a saciar a sede em um rio distante de Jerusalém, e, com metade deles em serviço e metade sendo levados para beber durante todo o tempo, seria fácil para Saladino lidar com a cavalaria cristã, drasticamente reduzida.

Os franceses acusaram Ricardo de derrotismo e pediram votação. Um "grande júri" de 300 homens foi escolhido, dentre os quais foi selecionada uma lista intermediária de doze e depois uma lista final de três. Concordou-se, então, que a decisão desses três bons homens seria realmente definitiva: sem grande surpresa para ninguém, eles optaram pela campanha egípcia, em vez do perigoso avanço sobre Jerusalém. Os franceses, tendo dado sua palavra de aceitar a decisão, renegaram-na imediatamente, com o duque de Borgonha declarando que nenhum francês jamais lutaria no Egito. Ricardo, então, falou de novo, explicando com paciência que sua estratégia egípcia, e particularmente sua planejada expedição Nilo acima, iria forçar Saladino a voltar e abandonar Jerusalém, de modo que o objetivo dos "peregrinos" poderia ser completado de forma indireta, tão bem quanto por meio do ataque direto.

Com os cruzados mais uma vez desanimados e em debandada, Ricardo mais uma vez jogou para ganhar tempo, reabrindo as negociações com Saladino. Advertiu Saladino para não chegar a quaisquer conclusões falsas a partir de sua "retirada estratégica". "Não se deixe enganar pela minha retirada. O bode se afasta para poder arremeter". Mas, na verdade, os dois comandantes estavam cansados e pareciam ter chegado a um impasse.

Nesse contexto, Coração de Leão ficou satisfeito em receber algumas propostas concretas de seu grande adversário, que parecia abrir espaço para genuínas esperanças de paz. Saladino ofereceu a Ricardo a posse cristã da contestada Igreja da Ressurreição e entrada livre em Jerusalém para os peregrinos; além disso, a Palestina seria partilhada, com as cidades do litoral permanecendo nas mãos dos cruzados e o interior ficando com os sarracenos. Bem quando Ricardo se permitia alimentar esperanças, Saladino cravou-lhe o espinho na carne: em troca dessas "concessões", o rei inglês devia prometer demolir Ascalon.

Isso foi demais para Ricardo, que tinha feito de Ascalon o seu modelo para operações defensivas e gasto uma fortuna com isso. Ele replicou a Saladino que toda a costa, desde Antióquia até Darum, deveria estar nas mãos dos cruzados antes que a paz pudesse ser assinada. E, retirando-se para a costa, de Beit Nubia para Acre, Ricardo salientou sua estratégia costeira como o trampolim para o assalto ao Egito. Saladino viu esses eventos de forma diferente e imaginou a retirada cristã para a costa com um sinal de que estavam em fuga. Além disso, seus informantes lhe disseram que, uma vez em Acre, Coração de Leão procederia a um cerco a Beirute, para salvar as aparências e, então, com tal vitória na bagagem, navegaria de volta para a Inglaterra. Saladino ainda estava determinado a vencer a batalha de esperteza contra seu mais formidável adversário e pensou ver um caminho à frente. Seu próximo movimento foi totalmente inesperado: em 27 de julho, ele ordenou um ataque-surpresa contra Jafa.

"AI DE NÓS, REI DA INGLATERRA, O QUE O LEVOU A ACRE?"

Não tendo encontrado qualquer oposição durante a marcha costeira de Jafa a Acre, que realizou em seis dias (em oposição ao dolorosamente e lento progresso de agosto anterior), Ricardo pensou que os sarracenos se preparavam para encerrar a guerra. Não exercendo seu cuidado costumeiro, deixou somente uma guarnição fraca em Jafa, junto a um grande número de doentes e feridos. Ele não sabia que Saladino acabava de ganhar um incentivo com a chegada de importantes reforços muçulmanos de Aleppo e Mosul. Ali, finalmente estava a oportunidade de reverter o veredicto de Arsuf. Catapultas e manganelas foram trazidas e começaram seu trabalho de devastação aérea, enquanto os sapadores se punham a trabalhar embaixo. Inicialmente desalentados por essa mudança inesperada da situação, os defensores enviaram uma mensagem a Ricardo, enquanto lamentavam sua ausência: "ai de nós, rei da Inglaterra, nosso senhor e protetor, o que o levou a Acre?". A guarnição foi ainda mais prejudicada pela covardia do castelão Aubrey de Reims, que de início se refugiou num dos navios ancorados no porto e teve de ser repreendido para voltar. Mas eles lutaram bravamente, enfrentando cada avanço sobre a cidade, dispostos na antiga formação de tartaruga dos romanos; somente as pesadas pedras atiradas pelas manganelas destruíram por fim a sua resistência. Todos os homens de luta cristãos retiraram-se para dentro da cidadela; por seu valor, haviam comprado dois dias preciosos.

Enquanto isso, os sarracenos se espalharam pela cidade, saqueando, pilhando e violentando, e procurando prisioneiros para resgate. Saladino não teve oportunidade de restaurar a ordem, pois, como relatou Baha al-Din: "havia muito tempo que os soldados não se apoderavam de nenhum botim ou conseguiam qualquer vantagem sobre o inimigo; por isso, estavam ansiosos por tomar a cidadela de assalto". Saladino, entretanto, queria evitar outras mortes e tinha esperanças de convencer os defensores da cidadela a abandonarem seu ninho de água.

O patriarca de Jerusalém, recém eleito, apresentou-se como principal negociador pelo lado dos cruzados e propôs a Saladino que concordasse numa trégua, a expirar às 3h da tarde do dia seguinte (1º de agosto), prazo em que, caso nenhuma ajuda chegasse de Acre, eles se renderiam ao vizir e lhe pagariam uma vultosa multa por sua indulgência em permitir a trégua. Confiante que Ricardo não conseguiria chegar a tempo para ajudar a guarnição enfraquecida, e satisfeito porque ele então teria tomado a cidadela sem qualquer perda de vidas sarracenas, Saladino concordou. Enquanto isso, em Acre, em 28 de julho,

Coração de Leão recebeu o desesperado pedido de ajuda da guarnição: "a vida e a morte de todos dependem apenas dele". Ele convocou seu conselho e pediu licença para marchar para o sul com o exército inteiro, mas os franceses recusaram-se. Todos os outros contingentes estando preparados para responder ao chamado às armas, Ricardo dividiu suas forças.

O exército principal sob Henrique de Champagne foi destacado para viajar para o sul pela rota terrestre com os templários e hospitalários; esse corpo nunca chegou a entrar na luta, tendo sido detido em seu avanço em Cesaréia, dizem que por um segundo exército muçulmano que se achava estacionado do outro lado da estrada, à frente. Para sua força de ataque marítima, Ricardo escolheu a dedo o melhor dos cavaleiros ingleses e angevinos, mais a infantaria de choque pisana e genovesa, mas a sorte desta vez não estava a seu lado, porque, estando afastada de Acre, a frota foi retardada por ventos contrários ao largo de Monte Carmelo; uma tempestade menor também colocou alguns barcos menores fora de curso. Caminhando para um e outro lado na popa, Ricardo amaldiçoava o atraso causado pela natureza, entrando num estado de alta agitação nervosa até o amanhecer de 1º de agosto. Chegando ao largo de Jafa com apenas sete navios, pensou de início que havia vindo tarde demais, pois a costa estava repleta de sarracenos atirando flechas. Os mais fracos tinham suas razões costumeiras para voltar, dizendo ao rei que a essa altura ninguém estaria vivo em Jafa, para ser resgatado.

Mas num extraordinário feito de valor, um sacerdote da cidadela mergulhou dos muros e nadou pelo mar infestado de tubarões até a frota, onde explicou a situação. Parecia não ser mais uma questão de trégua, pois algumas almas tímidas haviam deixado a cidade cedo, pagando multas aos sarracenos e depois sendo massacradas sem consideração. Aqueles que permaneceram para trás haviam entendido a pista e estavam resolvidos a morrer numa última resistência antes de confiar num inimigo tão traiçoeiro.

Ricardo exortou seus homens e disse-lhes que uma maldição aguardava qualquer um que demonstrasse menos que seu pleno valor naquele dia. Ele liderou o caminho de desembarque: "Sem qualquer proteção nas pernas, foi o primeiro a se lançar no mar, até as virilhas e forçou poderosamente o caminho até a terra seca". Embora apenas oito cavaleiros tivessem desembarcado ao lado da infantaria, sua habilidade e a pontaria dos atiradores genoveses logo asseguraram uma cabeça-de-praia. Baha al-Din relatou um redemoinho vermelho à medida que os cruzados avançavam, em parte o vermelho vivo de sangue, em parte a cor do cabelo esvoaçante de Coração de Leão, em parte o vermelho profundo de sua túnica e estandarte. Rapidamente, a força-tarefa lutou abrindo caminho costa acima, na direção da cidade e começou a fazer incursões nos subúrbios. Tolamente, Saladino concentrara seus melhores esforços em conseguir que a guarnição capitulasse em vez de concentrar toda sua força contra os invasores marítimos. Uma vez dominando a praia, Ricardo ordenou que escaramuçadores trouxessem madeira e construíssem uma paliçada, para servir como ponto de apoio se fossem rechaçados da cidade. Então ordenou um avanço para a cidade, que ganhou terreno rapidamente, com o inimigo em desordem, com muitos deles claramente empenhados em saquear em vez de se voltarem para encarar a nova ameaça.

Quando, por fim, os sarracenos formaram uma boa ordem de defesa para confrontar Ricardo, os defensores da guarnição saíram e os apanharam por trás. Em pouco tempo, os homens de Saladino se precipitaram em fuga desordenadamente, alguns retrocedendo tão depressa que sugeriam debandada, perseguidos o tempo todo pelos vorazes atiradores de bestas, ansiosos para aumentar sua lista de mortes. Saladino entrou novamente em desespero. Ricardo também estava na dianteira mais uma vez: "O rei os perseguia, enquanto corriam para fora da cidade, aplastando-os como um vento forte aplasta navios. Ele acreditava que devia pressionar na perseguição do sucesso, de modo que não pudesse ser acusado de poupar os inimigos da cruz de Cristo". Os sarracenos se precipitaram para fora de Jafa tão rapidamente que não levaram consigo qualquer dos itens da caravana derrotada, os quais haviam recuperado temporariamente e que eram, para Saladino, um dos principais objetivos da tomada de Jafa.

Ambos os lados necessitavam de espaço para respirar depois de tal campanha-relâmpago, assim as inevitáveis conversações de paz recomeçaram. Mais uma vez, Ascalon foi a pedra no sapato, com

Saladino recusando-se a estabelecer a paz sem reconquistá-la e Ricardo irreduzível quanto a não se render e nem demolir suas defesas. Mais uma vez, Coração de Leão teve um encontro com Safadin e mais uma vez as relações foram cordiais, embora o acordo entre oficiais e cavaleiros não fosse acompanhada por sentimentos similares entre as patentes e fileiras cristãs, onde alguns faziam questão de atirar num buraco os corpos mutilados de sarracenos misturados com carcassas descarnadas de porcos.

Saladino estava convencido de que tinha todas as cartas nas negociações porque achava que o tempo estava a seu lado: Ricardo teria de partir em breve para a Inglaterra ou encontrar seu irmão coroado rei em sua ausência, enquanto que ele poderia manter a guerra por mais uma década, se isso fosse necessário.

Com habilidade, Ricardo estendeu as conversações por tempo suficiente para que Henrique de Champagne e parte de suas forças chegassem. O número de cruzados agora era superior a dois mil - uma quantidade respeitável, mas nem de perto suficiente caso Saladino lançasse todo o seu poder contra Jafa. Para reduzir as incertezas, Ricardo ordenou que os muros de Jafa fossem reparados com toda pressa.

Por três dias, todo homem em Jafa com o corpo em condições trabalhou noite e dia nos muros, os dois reis (Ricardo e Henrique) trabalhando lado a lado com soldados rasos. No entanto, o primeiro movimento de Saladino não foi um ataque maciço, mas um comando de assalto. Ouvindo que Ricardo e a elite dos cruzados estavam acampados fora da cidade e não em locais mais protegidos, Saladino enviou um esquadrão de seqüestro para prender Ricardo enquanto dormia; haveria um ataque diversionista para mascarar o propósito real. Mas os sarracenos arranjaram apenas uma espetacular confusão: a maior parte da noite foi gasta numa discussão acalorada entre os irregulares turcos e mamelucos sobre quem deveriam agir como infantaria e quem como cavalaria. Estava amanhecendo quando os comandos finalmente chegaram a um acordo, mas sua aproximação foi percebida por um mercenário genovês. Despertado a tempo, Ricardo ordenou a seus homens que lhes dessem combate.

"PERPLEXOS COM SUA FIRMEZA"

Os instintos de Ricardo estavam corretos. Furioso com o fiasco do lance do seqüestro, Saladino ordenou imediatamente um ataque maciço para compensar. Houve alguma confusão no acampamento dos cristãos, com apenas dez cavaleiros conseguindo encontrar seus cavalos no início, mas a infantaria formou em boa ordem e animou-se ainda mais quando Ricardo proferiu um de seus inflamados discursos pré-batalha. Cavalgando para um lado e outro diante das fileiras, o rei inglês "estimulou-os a serem firmes, condenando como não merecedores de sua raça aqueles cujos espíritos enfraquecessem por medo ou covardia... Homens verdadeiros deviam ou triunfar corajosamente ou morrer gloriosamente". O surgimento da infantaria cristã foi tão determinada que os sarracenos pareciam relutantes em atacar. Baha al-Din relatou: "Como cães de guerra, eles (os cruzados) rosnavam, dispostos a lutar até a morte. Nossos soldados ficaram apavorados com eles, perplexos com sua firmeza".

Saladino ficou furioso porque seus homens pareciam temerosos apesar de estarem em numero muito superior ao do inimigo, e, pessoalmente, saiu percorrendo as divisões, tentando fazer emergir sua coragem. Mas os sarracenos tinham razões para seus temores, pois as disposições de Ricardo eram brilhantes. Na ala dianteira havia homens ajoelhados, cada um protegido por seu escudo, com o cabo da lança no chão e a ponta voltada para o alto, como uma estaca afiada. Atrás dessa falange apertada, havia arqueiros, cada um com um arco posicionado entre as cabeças da infantaria ajoelhada.

Os arqueiros trabalhavam em pares, um carregando e outro disparando, trocando os arcos o tempo todo, de modo que o fogo era contínuo. Embora numericamente inferior, essa espécie de tatu humano era capaz de derrotar carga após carga da cavalaria muçulmana. A cada vez que Ricardo sentia uma hesitação no ritmo do assalto inimigo, liderava uma carga de seus cavaleiros para fora da cobertura protetora da infantaria. Toda a lendária robustez física de Coração de Leão foi necessária naquele dia, já que ele

lutava com tanta força que "a pele de sua mão direita se rasgou por estar tão danificada pelo efeito de brandir continuamente a espada".

Entre seus atos de valor contaram-se o salvamento de Ralph de Mauleon da iminente captura pelos sarracenos, e o resgate do conde de Leicester, que foi derrubado de seu cavalo. Uma exibição ainda mais sensacional foi a de Ricardo galopando ao longo de suas tropas, desafiando o inimigo a enviar um campeão individual para combatê-lo. Quando Saladino viu que não havia ninguém disposto entre seus homens, voltou as costas ao seu próprio exército e tremeu de raiva. Safadin esfregou sal nas feridas do vizir, enviando dois cavalos árabes a Ricardo, em reconhecimento por sua coragem, mesmo enquanto a batalha ainda prosseguia.

A HORA MAIS ESPLÊNDIDA DE CORAÇÃO DE LEÃO

Ao longo de todo o dia, o ruído da batalha se fez ouvir, mas após oito horas, os sarracenos por fim desistiram. Uma carga final de Ricardo e seus cavaleiros os fez abandonar o campo em torrentes. Mesmo numa carreira militar repleta de superlativos, essa foi a hora mais esplêndida de Coração de Leão. Ao longo do dia, a situação esteve no fio da navalha, mas a energia, acuidade e bravura do rei ganharam o dia. A certa altura, ele estava completamente cercado e parecia inevitável que fosse capturado, mas lutou com tanta ferocidade, que as alas sarracenas finalmente se abriram e deram-lhe um largo espaço; ele emergiu da confusão coberto de flechas. Depois de Jafa, até mesmo os sarracenos concluíram que ele não era um homem comum, mas antes uma criatura lendária.

Saladino era um excelente general, mas cada vez que se levantava contra Ricardo era superado, seja no cerco de Acre, na batalha campal de Arsuf, no ataque à caravana em Tel al-Hesi ou nas duas batalhas de Jafa. Desta vez, ele tivera 700 homens mortos, tendo perdido 1.500 cavalos, enquanto os mortos entre os cruzados podiam ser contados em dois algarismos (embora centenas deles estivessem feridos). Baha al-Din se perguntava sobre o mistério daquele homem que parecia estar sempre no grosso da luta e ao mesmo tempo em todos os lugares, com olhos de águia dirigindo as operações; Ricardo parecia mais um feiticeiro do que um soldado.

No entanto, de modo algum os problemas de Coração de Leão haviam terminado. Saladino mandou um recado de que iria ordenar novas batalhas e não cessaria até que tivesse capturado "Melek Rik". Ainda temendo ser superado em número, Ricardo enviou mensagem ao resto do exército de Henrique de Champagne, em Cesaréia, para que viesse juntar-se a ele em Jafa, mas os homens se amotinaram e recusaram-se a obedecer a ordem. Pior ainda, ele próprio caiu doente em virtude dos esforços de batalha e desejava voltar para Acre, para convalescer. Porém, tanto em Jafa como em Ascalon, a quem ficou determinada defender as fortalezas na ausência de Ricardo recusaram a incumbência. Ficou claro que se ele partisse para Acre, as guarnições iriam jogar a toalha. Forçado a ficar em Jafa, Ricardo exasperou-se, desalentado, rosnando intimamente que não conseguia encontrar ninguém para concordar com qualquer de seus planos ou obedecer a qualquer de seus desejos.

O único caminho era a costumeira prática de impasse das conversações de paz. Seriamente doente, Ricardo tentou blefar para sair da situação inferiorizada. Enviou uma mensagem a Saladino, como segue: "Até quando devo fazer propostas ao sultão que ele não irá aceitar? Mais que tudo eu estava ansioso para retornar ao meu próprio país, mas agora que o inverno está aqui e a chuva começou, eu decidi permanecer". Entretanto, Saladino estava bem informado sobre o motim em Cesaréia, os altos níveis de deserção em Jafa e o moral geralmente baixo no exército cristão. A gota final era a recusa categórica dos franceses em tomar qualquer parte adicional na campanha - um esnobismo que aos supersticiosos pareceu provocar a ira divina, pois de repente Hugo, o duque de Borgonha, morreu.

Foi nesse período final na Terra Santa que as famosas relações cavaleirescas entre Ricardo e Saladino se manifestaram. Descobrimos que Saladino sabia sobre sua doença, Ricardo tentou transformar sua

enfermidade em uma virtude, pedindo calmamente ao líder sarraceno que lhe enviasse um presente de pêssegos e peras. Saladino preparou uma cesta de frutas escolhidas e enviou-a juntamente com uma quantidade de neve (cuja origem continua misteriosa), de modo que ele pudesse improvisar uma salada de frutas. Tendo sido picado muitas vezes, ele resistia a concluir que os cruzados estavam em desordem terminal, apesar dos relatos encorajadores; ao final de agosto, pensou em testar pessoalmente a situação e ordenou a seu exército que avançasse. Foi nessa conjuntura que uma nova oferta chegou da parte de Coração de Leão. Até aquele momento, Ascalon havia sido o ponto ao qual se agarrava, pois se voltasse para casa sem assegurar toda a linha da costa ou tomar Jerusalém, seus muitos inimigos e críticos diriam que seus assim chamados feitos na Terceira Cruzada tinham sido, na verdade, um fiasco. Mas agora ele encarava a crítica percepção de que seu exército poderia recusar-se a lutar outra vez, tão baixo o moral e tão alta a taxa de deserções. Alguns afirmaram que a esse tempo ele estava febril e tinha alucinações, e não mais *compos mentis*. Fosse qual fosse a verdade, subitamente ele disse a Saladino que, no final das contas, Ascalon era negociável; não apenas isso, mas estava preparado para entregá-la sem qualquer compensação, em troca de uma paz duradoura.

RICARDO E SALADINO: O JOGO FINAL

A trégua foi acertada em 2 de setembro de 1191. Os termos eram razoáveis, não obstante a paz nessa base pudesse ter sido obtida meses antes, certamente sem as duas sangrentas batalhas de Jafa. Ascalon seria demolida e não poderia ser reconstruída antes de três anos, tempo em que se tornaria posse de quem quer que estivesse vivendo ali; Jafa e a faixa costeira até Acre permaneceriam em mão cristãs, e aos cristãos seriam garantidos a passagem segura através da Terra Santa, livre comércio e livre acesso a Jerusalém. Esses termos eram um reconhecimento de necessidade, pois, sem a cooperação francesa, Ricardo não poderia atacar o Egito como desejava, e, sem a imigração em massa do oeste, não havia sentido em tentar tomar Jerusalém. Quais, então, poderiam ser os objetivos racionais de qualquer exército na Terra Santa? A resposta, naturalmente, era de que não havia existido nenhum objetivo racional, mas isso não evitava que os inimigos de Ricardo afirmassem que ele se vendera a Saladino, que ele havia entregue pacificamente o que ele e seus aliados conquistaram na guerra, e que ele ainda havia demonstrado a pura inutilidade de sua campanha de 16 meses na Palestina. Na mente de Ricardo, havia também a necessidade premente de voltar à Inglaterra e lidar com João antes que o irmão se fizesse coroar rei.

Atento às muitas críticas a respeito de seu comportamento, Ricardo buscava salvar as aparências, afirmando que a trégua com Saladino deveria durar apenas três anos, tempo em que iria jogar João e Filipe Augusto na poeira, para depois voltar à Terra Santa a fim de retomar a guerra com os sarracenos. Saladino graciosamente aceitou esse desafio esportivo e escreveu de volta: "Ele mantinha uma opinião tão exaltada sobre a honra, magnanimidade e excelência geral do rei Ricardo, que preferia perder seus domínios para ele em vez de qualquer rei que já houvesse visto - sempre supondo que alguma vez tivesse realmente que perder seus domínios".

A trégua foi confirmada e os líderes rivais partiram; Saladino, para Jerusalém, e Ricardo para Acre. Embora alguns dos cruzados aproveitassem a oportunidade para viajar à Terra Santa e completar sua peregrinação, embora não em triunfo marcial, Ricardo não o fez. Sua continuada enfermidade pode ser a explicação mais simples, mas alguns especularam que ele pretendia conduzir uma Quarta Cruzada. Se, então, ele fosse a Jerusalém e todos os seus soldados o acompanhassem, jamais poderia levantar um exército europeu no futuro, quando de sua segunda vinda. Por essa exata razão, o astuto Saladino descartou a sugestão de Ricardo de um sistema de quotas para peregrinos cristãos, em que apenas seria permitido visitar os lugares sagrados a quem ele aprovasse pessoalmente. Saladino compreendia que a quanto mais peregrinos cristãos ele permitisse visitar Jerusalém pacificamente, tanto menos homens Coração de Leão seria capaz de recrutar para qualquer cruzada subsequente.

Mas Ricardo não pode içar velas imediatamente, porque, antes da ratificação formal, Henrique de Champagne insistiu que todos os emires sarracenos, não apenas Saladino, deviam juntar seus nomes a um acordo, comprometendo-se a uma coexistência pacífica. Foi assim que, em 9 de outubro, tarde demais para navegar pelo Mediterrâneo, que Ricardo finalmente partiu de Acre em sua viagem para casa. Os apreciadores de romances sempre lamentaram o fato de Ricardo e Saladino nunca terem se encontrado - assim como Elisabeth I e Maria, rainha dos escoceses, ou o general Gordon e o Madhi - mas talvez Saladino fosse relutante por temer o naufrágio de sua própria estrela. Quase que como por uma harmonia preestabelecida, Saladino morreu cinco meses após a partida de Ricardo (em 4 de março de 1193). É difícil resistir a pensar que o trabalho real de sua vida foi o confronto com Ricardo.

O próprio Ricardo sobreviveu por outros seis anos. Depois de naufragar no Adriático e forçado a regressar à Inglaterra por terra, através de territórios inimigos, ele optou por fazê-lo incógnito, mas foi reconhecido e preso exatamente às portas de Viena. Isso o colocou nas mãos de seu velho inimigo Leopoldo da Áustria, que, na verdade, o vendeu ao seu suserano, o imperador Henrique IV da Germânia. O imperador germânico, em desafio a todos os cânones da lei internacional (primitiva na época, é verdade) e do código dos cruzados, reteve-o para resgate e exigiu enorme soma. Surpreendentemente, apesar de João fazer intrigas com Filipe Augusto, a fim de manter Ricardo indefinidamente confinado na Germânia, a Inglaterra levantou a soma exorbitante e Coração de Leão foi libertado.

Ricardo retornou à Inglaterra em triunfo, em março de 1194. Quase cinco anos depois, após entrar em guerra contra Filipe Augusto da França, Coração de Leão foi morto em decorrência de ferimentos causados por uma flechada, próxima a Limoges. Sua determinação de estar sempre no grosso da ação, para reconhecimento pessoal, ao final demonstrou ser sua ruína. Aventurando-se próximo demais às ameias de um castelo inimigo, ele sofreu um ferimento que não deveria ter sido fatal, mas que, após operações grosseiras de cirurgias com punhos de estivadores, resultou em septicemia e gangrena. O trono inglês passou para seu irmão João, que, em 16 anos de caos ininterrupto, perdeu uma boa fatia do Império Angevino, alienou as terras da Irlanda, Gales e Escócia, foi excomungado pelo Papa e finalmente enfrentado por seus barões numa guerra civil que só terminou após sua morte. Ricardo continua sendo o maior rei-guerreiro da Inglaterra e um dos mais exímios capitães da Idade Média no Ocidente.

CAPÍTULO 4

CORTEZ

O Conquistador Renegado

As explorações de Hernán Cortez foram tão incríveis e sua personalidade tão magnética que é uma surpresa encontrá-lo como um iniciante tardio no mundo da intrepidez; muitos exploradores e aventureiros deixam sua marca muito cedo na vida. Ele nasceu em 1484, na cidade de Medellin, na província de Extremadura, onde o oeste da Espanha faz fronteira com Portugal. O fato de ser um *EXTREMENO* (como são chamados os habitantes de Extremadura) foi significativo por duas razões. Primeiramente, ele absorveu a violência quase que junto com o leite materno. Localizada na parte mais selvagem de Castela, a Extremadura era um ninho da inércia ou discórdia que sacrificavam o reino de Castela no final do século XV - uma luta contínua por terra e castelos, freqüentemente conduzida por pessoas de dentro da mesma família estendida - e que acabaram transbordando em guerra civil ao longo da década de 1470. Em segundo lugar, a Extremadura se revelou o berço de conquistadores, produzindo (além de Cortez) figuras célebres como Orellana, de Soto, Balboa, Valvidia e os irmãos Pizarro. A erupção de guerreiros *EXTREMENOS* pobres para as Américas pode ser comparada à explosão similar de marinheiros e soldados desgarrados para a exploração da África, ao final das guerras napoleônicas, em 1815. Cortez provinha de uma família mal-ajambrada, na qual seu pai era um "desposuído": fidalgo ou nobre por nascimento, ele ganhava a vida como mercenário. Finalmente, como para confirmar que ele era uma pessoa a quem a fortuna sorriria sempre, a criança Cortez sobreviveu a uma experiência de quase-morte graças ao pensamento rápido de sua ama-de-leite.

UMA PASSAGEM PARA O NOVO MUNDO

Treinado no ofício de soldado pelo pai (ele se tornou um excelente cavaleiro), o jovem Hernán Cortez mudou-se de Medellin para Salamanca, em 1496, viveu com a tia e estudou latim e gramática com o objetivo de tornar-se um advogado. Mas o trabalho duro do estudo das leis não lhe agradou, e é significativo que os grandes amores de sua juventude tenham sido o jogo e a profissão das armas. Retornando à sua família em Medellin, com 17 anos, encontrou-os pouco felizes com seu descuido em relação aos estudos, de modo que decidiu tentar a sorte nas recentemente descobertas ilhas caribenhas (ou "as Índias", como eram então chamadas). Em Sevilha, enquanto aguardava uma oportunidade de embarcar, ele deu o primeiro sinal de certa tendência ao adultério, algo que mais tarde se tornaria notório: foi gravemente ferido enquanto entrava (ou saía) pela janela de uma jovem. Depois de passar por um acesso de sezão quartã, ou malária, em Sevilha, partiu para Valência, passou algum tempo como andarilho (foi dito que viveu em Granada e em Valladolid por curtos períodos) até que, por fim, conseguiu assegurar a viagem para o Novo Mundo, quando tinha 22 anos; os contatos de sua família tinham lhe garantido uma colocação como notário nas Índias, para o que um diploma em Direito era desejável, mas não essencial.

As andanças de Cortez já haviam aberto seus olhos para um mundo além da imaginação de um menino de Medellin, e o processo foi reforçado nas Índias. Chegando à ilha de Santo Domingo com o desejo e a atitude de ficar-rico-logo, teve a sorte de ganhar a proteção do governador, Nicolas de Ovando, outro *extremeno*. Por cinco anos trabalhou em relativa obscuridade como notário na cidade de Azua de Compostela, no oeste de Santo Domingo. Foi quando a oportunidade lhe acenou: outro protetor poderoso apareceu na forma de Diego Velásquez de Cuéllar, um aventureiro espanhol que conquistou Cuba em

1511 e ali foi feito governador. Como protegido de Velásquez, Cortez em pouco tempo mostrou dois lados salientes de seu caráter: passou a ser consumido pela febre do ouro e fez um filho numa jovem Índia.

Em 1514, Cortez já estava rico. Encontrou ouro, comprou uma *hacienda* e se tornou uma das luzes de liderança da sociedade cubana. Mas o relacionamento com seu patrão já apresentava certo ziguezague que, ao final, levaria Velásquez a detestá-lo mais cordialmente do que qualquer outro ser humano. Primeiro, houve um conflito sobre o tratamento dado aos índios locais. Velásquez era um paternalista católico, mas Cortez queria um controle maior sobre seus peões indígenas, reduzindo-os, na prática, a uma forma de servidão. A disputa se tornou tão amarga que, a princípio, Velásquez ordenou sua prisão, mas, homem fraco e indulgente, em breve perdoou o protegido, como faria em tantas ocasiões.

Houve outra passagem com armas, em 1515, quando Cortez seduziu uma jovem da classe dominante chamada Catalina Suarez, sob promessa de casamento, que depois renegou. Mais uma vez Velásquez encarcerou o contumaz Cortez, mas mais uma vez a língua desembaraçada assegurou-lhe o perdão. Como "penitência", ele acompanhou Velásquez numa expedição para acalmar uma rebelião no norte de Cuba e então cedeu ao favor, casando-se, finalmente, com Catalina, tendo Velásquez como testemunha. O casamento foi infeliz desde o início, com Cortez mais fiel a seus adultérios e Carolina respondendo com uma hipocondria permanente; cansado de sua constante enfermidade, Cortez censurava-a por preguiça. De qualquer forma, não houve filhos nesse casamento. Enquanto isso, Cortez continuava a fazer dinheiro com suas minas de ouro. Lisonjeando e engambelando Velásquez, fazendo de si a figura do filho pródigo, tornou-se o *alcalde* (principal magistrado) de Santiago de Cuba, na época a maior cidade da ilha.

Diego Velásquez era um juiz singularmente fraco e, evidentemente, Cortez fazia dele o que queria. O pobre governador, mergulhado em cegueira, considerava Cortez como seu conselheiro mais íntimo e, em termos políticos, uma criação inteiramente sua. Com o tempo, Velásquez aprendeu a tolerar a compulsiva tendência ao adultério de seu protegido, senão apenas porque ele, de outro modo, parecia um católico devoto que comparecia regularmente à missa. Cortez, enquanto isso, ganhava tempo, esperando por alguma grande oportunidade e nunca demonstrando sua real intenção política ou revelando seus verdadeiros sentimentos a ninguém. Com a mente poderosa para cálculos, havia aprendido a controlar seu temperamento e seu sorriso, mesmo enquanto planejava trair. Sua mente rápida capacitava-o a ver todas as maneiras que um advogado esperto tinha para manipular a lei; e como um dos poucos latinistas em Cuba, não tardou em tirar vantagem disso.

O ANO DA OPORTUNIDADE

Mas nesse estágio ninguém teria destacado Cortez por grandeza. Baixo em estatura, com 1m60, tinha a cabeça pequena, o peito largo, era magro, um pouco encurvado e com pernas arqueadas, tinha o rosto pálido e o cabelo castanho com laivos avermelhados. O ano de 1518 foi o momento da oportunidade pela qual ele sempre havia ansiado. Velásquez enviara uma expedição para colonizar a península de Yucatán, no continente, mas a empresa, comandada por seu sobrinho, Juan de Grivalja, foi um grande fracasso. Mesmo antes de Grivalja manquejar de volta a Cuba, Velásquez decidira enviar outra expedição, desta vez encabeçada por Cortez. O governador disse a seu "amigo íntimo" que iria suprir e pagar por dois navios, mas Cortez teria de arranjar outros que desejasse levar. Cortez recebeu a ordem de tomar todas as novas terras em nome do rei da Espanha, descobrir e povoar novos territórios à serviço de Deus e dividir os lucros da exploração com seu patrão. Talvez por conhecer pelo menos a natureza sexual de Cortez, quando não seus pensamentos internos, Velásquez incluiu em suas instruções escritas a curiosa determinação de que os espanhóis deveriam se abster de intercursos sexuais com mulheres nativas.

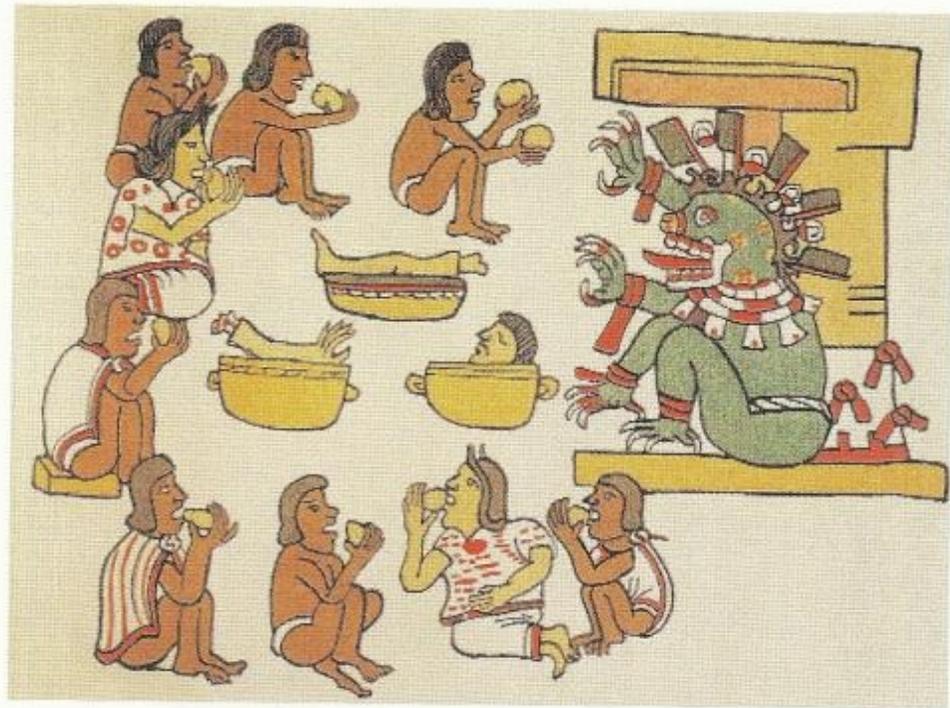
Cortez mal conseguia acreditar na própria sorte. Uma vez afastado de Cuba, pretendia ser seu próprio patrão e sacudir para sempre a poeira da ilha e a tutela de Velásquez. Fez elaboradas preparações no

porto de Santiago de Cuba, acrescentando mais e mais navios e homens à expedição. Para o segundo o comando, recrutou Pedro de Alvarado, um veterano da expedição de Grivalja ao Yucatán, e começou a se gabar da riqueza que iriam encontrar nos novos territórios; Alvarado servia como disfarce perfeito, sua abertura impetuosa agradando ao circunspecto e tortuoso Cortez. Alertado por fim, por espiões sobre a conversa desleal de Cortez e a escala de seus preparativos, Velásquez hesitou por tempo demais antes de assumir uma atitude decisiva contra o seu assim chamado amigo. No momento em que decidiu substituir Cortez como líder da expedição ou possivelmente cancelá-la por completo, Cortez já estava a caminho. E agora, pela primeira vez, Cortez revelou uma qualidade assassina que sempre iria caracterizar sua carreira posterior. Velásquez enviou um mensageiro ao porto, para substituir Cortez como líder por um homem chamado Luis de Medina. O mensageiro foi apunhalado até a morte pelo cúmplice de Cortez chamado Juan Suarez, e os papéis do governador foram entregues a Cortez. Percebendo o modo como os ventos estavam soprando, Cortez rapidamente comprou toda a carne de Santiago de Cuba e aprovisionou seis navios, pretendendo defrontar o governador com um *fait accompli*. Exatamente no último momento, Velásquez se precipitou para Santiago de Cuba pessoalmente, justo quando a frota estava içando velas. De acordo com uma história, Velásquez, da costa, berrava advertências a Cortez, que partia, mas replicava com reafirmações brandas e hipócritas. E desnecessário dizer que ele não voltou ao porto.

"O REBELDE CORTEZ"

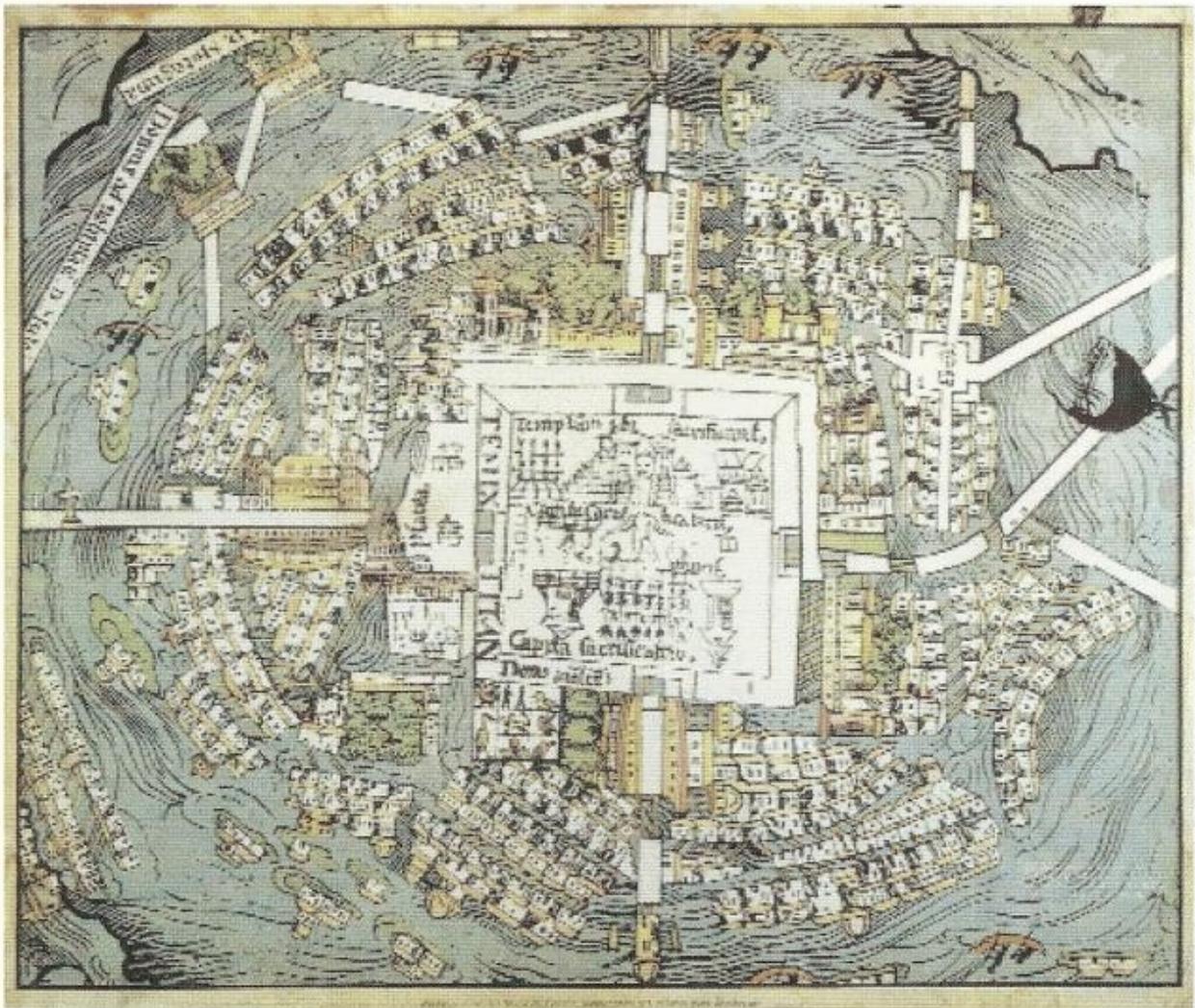
Partindo a 18 de novembro de 1518, Cortez velejou ao longo da costa sul de Cuba, parando algumas vezes ao largo e recrutando novos aventureiros por ali. Pela primeira vez, seus poderes de persuasão verbal, o dom da loquacidade, estiveram inteiramente visíveis enquanto persuadia oficial após oficial a cumprir sua vontade, mesmo quando em alguns casos eles tinham ordens expressas do governador para não cooperarem com "o rebelde Cortez". Ele se deu bem nesse sentido em Trinidad, mas, em San Cristóbal de Havana (o embrião da posterior cidade de Havana, naquela época situada na costa sudoeste) encontrou a maior parte dos habitantes leais a Velásquez. Era pouco demais, tarde demais, pois a essa altura o governador, nunca um homem forte ou decidido, havia virtualmente abandonado a esperança de deter seu antigo protegido. Contentava-se com sonoras queixas sobre a perfídia de Cortez, retratando-o como um egrégio ingrato que havia tomado seu dinheiro e escapado; na verdade, o custo provável da expedição tinha a proporção de 60/40 a favor de Velásquez.

Uma placa asteca retratando o sacrifício humano: o ritual que tanto horrorizava os conquistadores.



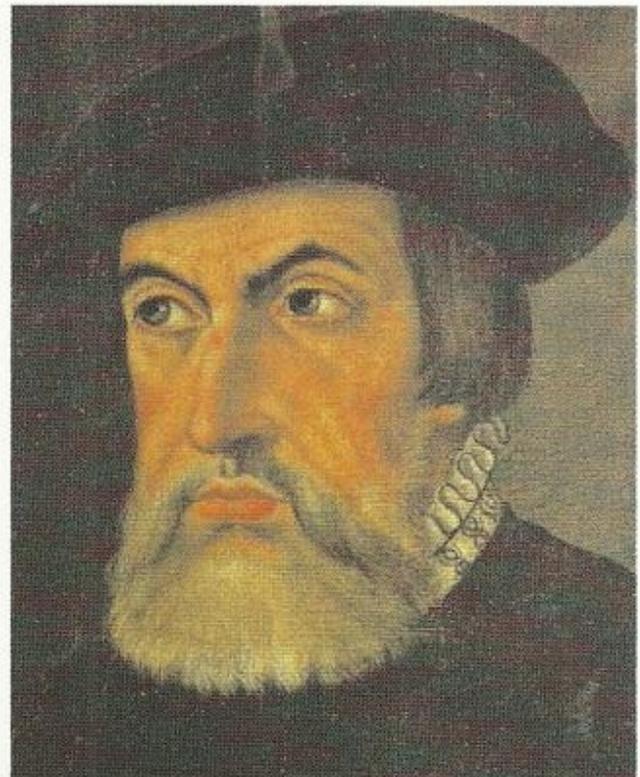
Detalhe manuscrito da conquista do México: uma violenta colisão de culturas.





Este mapa representa o labirinto onde estava localizada a cidade asteca de Tenochtitlán. Os espanhóis tiveram sorte de escapar da cidade e mais ainda em reconquistá-la.

Cortez: este retrato mostra sua frieza e determinação. Foi um homem que teria desafiado pessoalmente o rei da Espanha, sem nunca desistir de seus objetivos.





Lacrimae rerum: o crepúsculo dos *mexica*.

A versão cinematográfica do encontro entre conquistador e astecas. O filme *Captains from Castile*, de 1947, mostra a conquista do México quase como uma nota de rodapé em um drama bastante pessoal.





Rolo de pergaminho pintado com a imagem de Tokugawa Ieyasu: um gênio corpulento. Como Churchill demonstraria posteriormente, a obesidade não é barreira para a suprema liderança política.

Detalhe de parte de um painel dobrável que retrata Sekigahara, onde pelo menos 50 mil pereceram, em 21 de outubro de 1600. Segundo o costume *bushido*, Ieyasu fez contar meticulosamente 40 mil crânios de inimigos mortos.





TOKUGAWA IEYASU

Capacete de samurai japonês. O aspecto demoníaco pretendia aterrorizar a infantaria inimiga.

A cavalaria de Ieyasu desferiu o *coup de grâce*. Tomada genérica de cena da obra-prima de Akira Kurosawa, *Kagemusha*, de 1980.

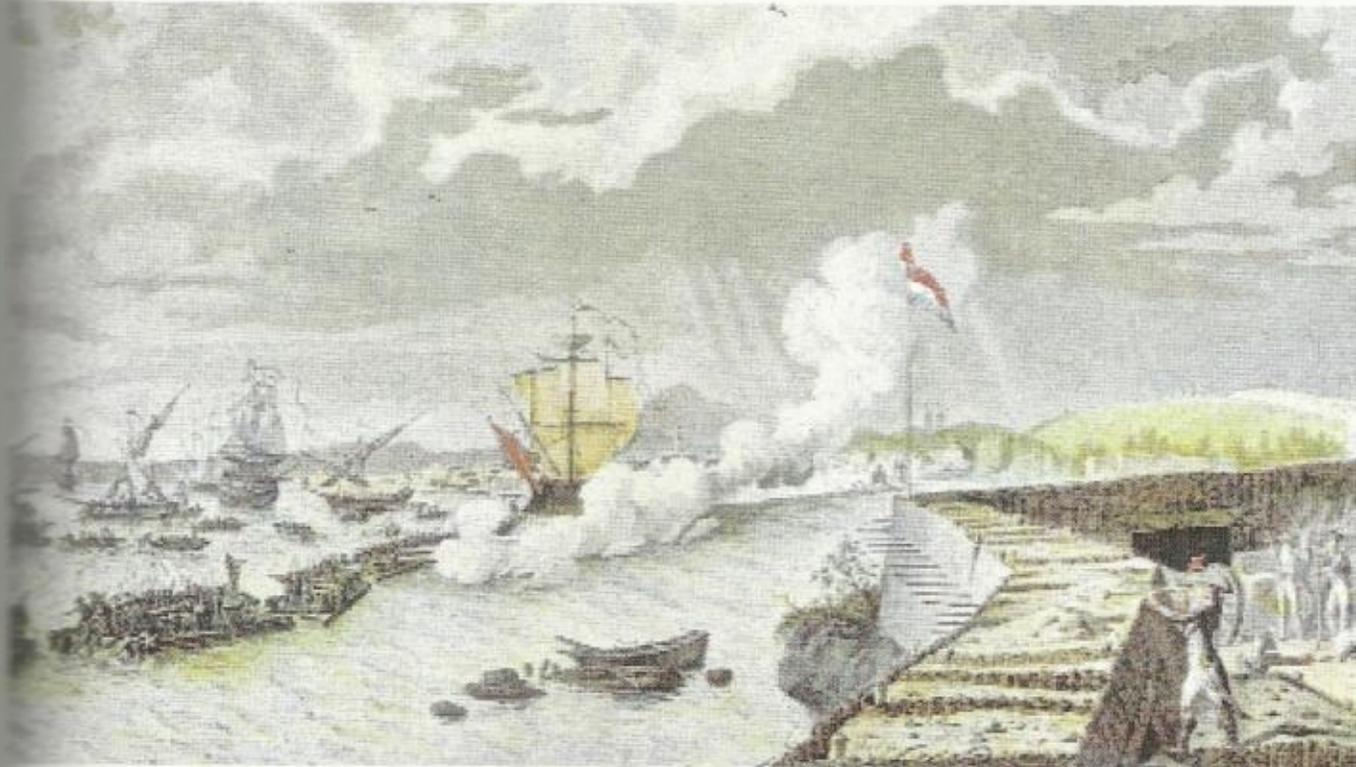


NAPOLEÃO

O jovem Napoleão,
segundo o pintor David.



Operações anfíbias
dominaram a luta de
três meses por Toulon.
Os franceses eram
superiores em terra e os
britânicos, no mar.



NAPOLEÃO

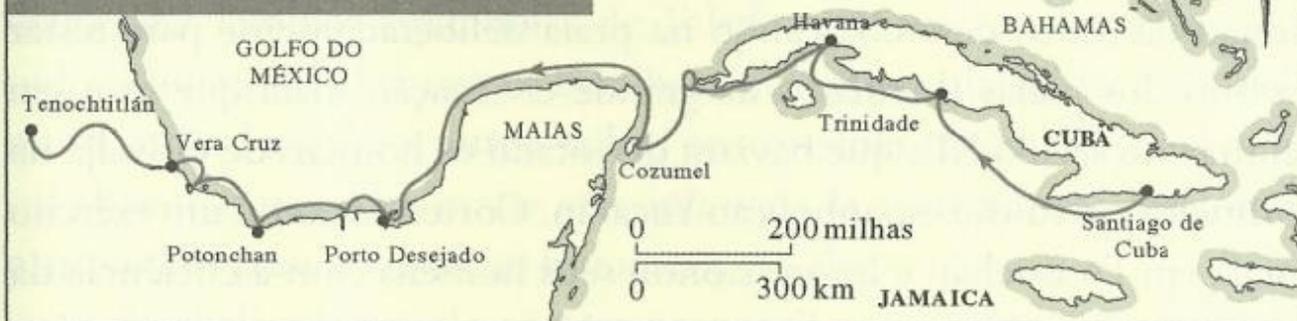
Napoleão, o mestre de artilharia. Ele não apenas identificou o ponto fraco do inimigo, mas compreendeu que maciças barreiras de artilharia lhe trariam a vitória.



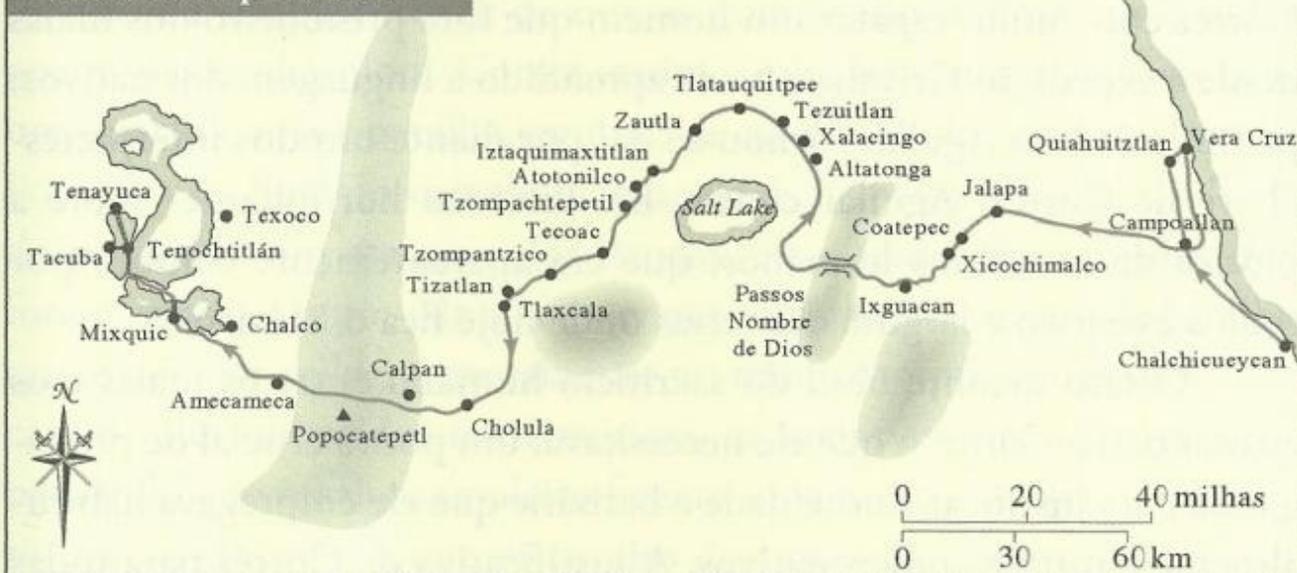
Gravura mostrando a destruição da frota francesa em Toulon, em dezembro de 1793. Cerca de onze navios foram incendiados, mas apenas seis, totalmente destruídos. Incrivelmente, a Marinha Real não havia traçado planos de contingência para a destruição dos navios franceses. Na França, o incidente causou grande amargura, fato que os britânicos intensificaram com uma destruição similar de navios de guerra franceses em Oran, na Argélia, em 1940.

As Rotas de Hernando Cortés, 1519-20

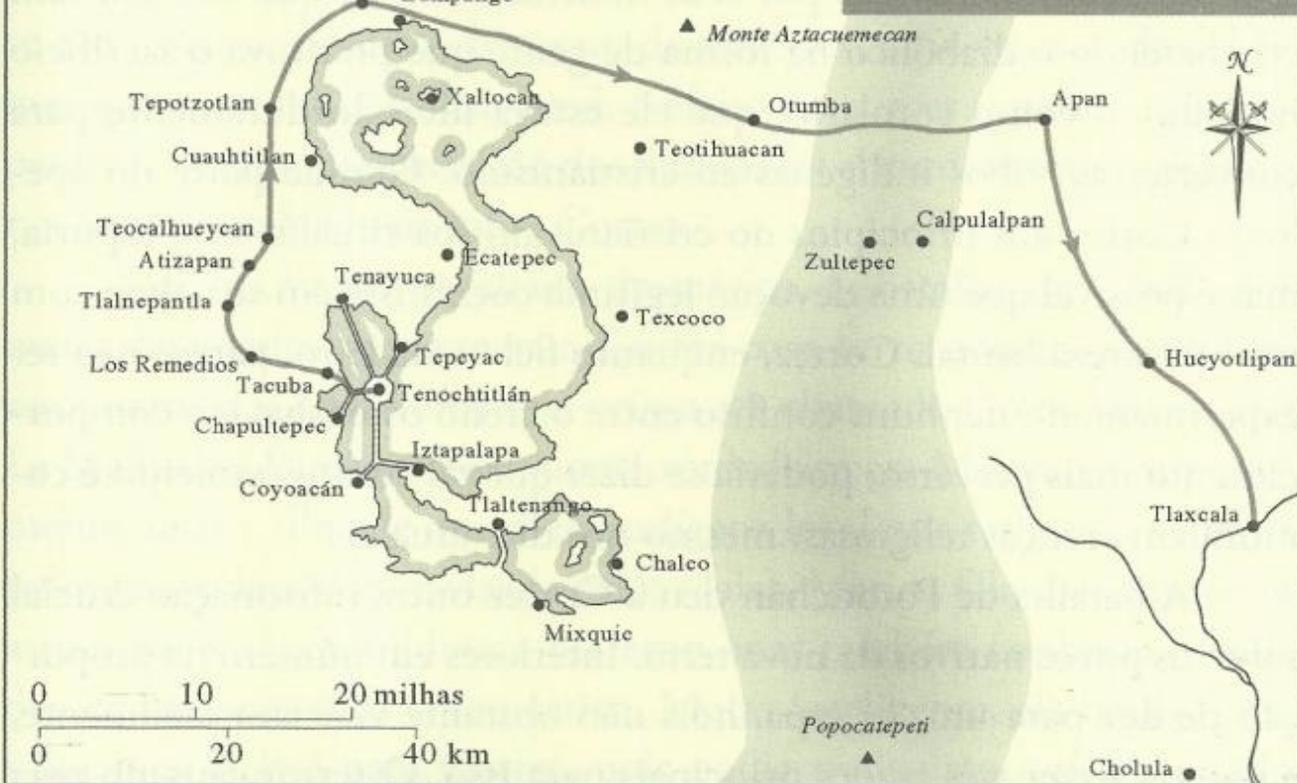
Atravessando a Península de Yucatán



Através do Império Asteca



Recuo de Tenochtitlán



Finalmente, no cabo Corrientes, na ponta ocidental extrema de Cuba, Cortez preparou uma lista de chamada que fez revelar que sua expedição continha 530 europeus, dos quais 30 estavam armados de

bestas e 12 possuíam arcabuzes; a bordo havia também 14 peças de artilharia leve, 16 cavalos e um grande número de mastins - pois os espanhóis estavam acostumados a entrar nas batalhas com os enormes cães lutadores. Os aventureiros dispunham de pão, toucinho, azeite e vinho para uma viagem de duas semanas, mas a água não era suficiente para a travessia até a península de Yucatán.

Cortez içou velas no rumo de Yucatán em 18 de fevereiro de 1519. Depois de parar ao largo, ele começou a avançar para o norte ao longo da costa, desembarcando na praia deliberadamente para testar o brio dos maias (herdeiros da grande civilização maia que teve seu clímax no século XI), que haviam derrotado os homens de Grivalja na primeira expedição espanhola ao Yucatán. Cortez derrotou um exército maia em Potonchán e impressionou seus homens com a eficiência da artilharia leve. No curso dessas primeiras escaramuças com os maias, Cortez conseguiu resgatar um homem que fora prisioneiro dos maias desde a expedição Grivalja e havia aprendido a linguagem dos nativos; padre Jerônimo Aguilar tornou-se daí por diante um dos intérpretes-chave de Cortez. Aguilar contou-lhe histórias horripilantes sobre a prática de sacrifícios humanos, que era aparentemente comum por toda a extensão e largura das terras onde hoje fica o México.

O fato incontestável do sacrifício humano entre os maias e os astecas deu a Cortez o que ele necessitava: um ponto crucial de propaganda para justificar a crueldade e barbárie que ele empregava habitualmente contra os povos nativos. A justificativa de Cortez para todas as atrocidades cometidas por seus homens era a de que eles estavam combatendo o diabólico na forma de gente que praticava o sacrifício humano e, como corolário, que ele estava lutando duramente para converter as tribos indígenas ao cristianismo. Grande parte do apelo de Cortez aos princípios do cristianismo soa ritualística e espúria, mas é possível que uma devoção legítima coexistisse em sua alma com uma natureza brutal. Cortez, enquanto fiel verdadeiro, parece não ter experimentado nenhum conflito entre o credo ostensivo e o comportamento mais perverso; poderia se dizer que tal comportamento é comum em crenças religiosas, mesmo nos dias atuais.

A batalha de Potonchán deu a Cortez outra informação crucial sobre os povos nativos da nova terra. Inferiores em número na proporção de dez para um, os espanhóis não obstante venciam facilmente, e parecia haver três razões principais para isso. O terror causado pela desconhecida artilharia era uma delas, e a inferioridade das espadas dos maias, feitas de obsidiana (uma rocha vulcânica, negra e afiada), diante das laminas espanholas de Toledo, era outra. Mas, acima de tudo, a inferioridade maia na batalha era causada pela cultura. Em comum com os astecas e outras tribos centro-americanas, eles travavam suas batalhas não para matar seus inimigos, mas para tomá-los como prisioneiros para o sacrifício humano posterior.

As civilizações maia e asteca proporcionam a mais espantosa refinação da simples crença de que as guerras são sempre conduzidas por razões econômicas. Cortez, assim, tinha três trunfos e descobriu um quarto em sua batalha seguinte de ampla escala contra os maias. Por volta do final do mês de março, ele os derrotou em Centla. Tendo planejado um ataque pelos flancos, ele e seus homens montados foram retardados por pântanos e então surgiram no campo de batalha quase que por milagre, exatamente no momento preciso. A visão dos cavalos, desconhecidos nas Américas, os maias entraram em pânico, pensando que cavalo e cavaleiro fossem uma única criatura. Entretanto, é absurdo sugerir que os cavalos desempenharam qualquer papel importante na eventual conquista do México. As tribos indígenas logo se acostumaram a eles e deixaram de temê-los, uma vez que descobriram que eram mortais. Em geral, o efeito das armas superiores dos espanhóis, cavalos e superstição dos nativos foi absurdamente exagerado nos relatos tradicionais sobre Cortez.

Mas houve um resultado dramático da batalha de Centla. Os maias derrotados presentearam Cortez com certo número de mulheres e entre elas havia uma que veio a ser chamada Dona Marina, ou La Malinche. Parece que seu nome verdadeiro era Malinali e, supostamente, seria a filha de um chefe indígena local que teria sido vendida pelos pais e depois escravizada pelos maias. Marina falava a linguagem asteca

nahuatl como idioma materno, mas também conhecia o maia devido aos seus anos como cativa. Muito inteligente, ela resultou ter valor inestimável para Cortez, pois podia traduzir o *nahuatl* para o maia, para Aguilar, que então o traduzia para o espanhol. Embora não especialmente bonita, tornou-se indispensável a seu novo senhor, que fez dela sua amante e acrescentou-a ao harém informal que começara a reunir. Sua lealdade a Cortez era absoluta e, ao final, ela lhe deu um filho, Martin.

EM TERRAS ASTECAS

Depois de batizar Marina e "converter" os maias, exigindo que freqüentassem a missa, Cortez e seus homens içaram velas no Domingo de Ramos, de 1519, e ancoraram em San Juan de Ulúa, na Quinta-Feira Santa. Estavam agora em território asteca, e apenas dois dias depois chegaram os primeiros emissários do imperador Montezuma. Quando Cortez chegou à sua terra, Montezuma tinha 50 anos, ocupava o trono desde 1502. Os astecas eram o poder dominante que hoje é o México (com efeito, chamavam a si mesmo de "mexica") e haviam estabelecido sua hegemonia sobre as outras tribos no século XV, depois de iniciarem sua jornada para o poder por volta de 1430, tendo conduzido a partir daí guerras de contínuas conquistas. Montezuma, quinto na linha de imperadores astecas e oitavo governante desde que sua dinastia fora fundada no final do século XIV, vivia cercado de esplendor em Tenochtitlán, no local onde hoje está a Cidade do México. Situada a uma altitude de pouco mais de dois mil metros, numa ilha próxima às margens de um grande lago, a cidade desfrutava de panoramas espetaculares ao redor do vasto vale que descia para o lago, com as altas montanhas atrás (sendo duas delas vulcões).

Os astecas haviam transformado Tenochtitlán numa versão de Veneza do Novo Mundo, fincando estacas no leito do lago, construindo caminhos elevados ao redor de cerca de mil hectares, elevando três pontes que ligavam a cidade "inexpugnável" à terra firme e preenchendo todos os vãos entre os caminhos com barro e pedras. Ao redor de todo o lago havia cidades e vilarejos que pagavam tributos e prestavam obediência à cidade grande situada no meio; o próprio lago fervilhava de canoas de todos os tipos. Com 250 mil habitantes, Tenochtitlán era maior que qualquer cidade da Europa, exceto Nápoles e Constantinopla. No centro da cidade havia um recinto santo cercado de muros, com numerosas construções sagradas e pirâmides encimadas por templos. O núcleo do nexo de poder dos astecas era sua aliança com as duas importantes cidades de Tacuba, a oeste, e Texcoco a leste, nas margens do lago. Dentro das óbvias limitações da detestável prática do sacrifício humano - que os astecas certamente não inventaram, embora ampliassem seu uso por razões religiosas e sociais - Montezuma presidia uma sociedade estável, ossificada em suas hierarquias e tacanha em seu modo de fazer as coisas. O crime era raro, e a cultura asteca era, a seu próprio modo, moralista, com uma diferenciação clara entre certo e errado. O principal defeito da cultura era uma visão de mundo pessimista, pois o mito asteca esperava por um Armagedon, bastante semelhante àquele de Ragnarok dos mitos nórdicos, quando tudo seria destruído e mergulharia nas trevas.

O que parecia ser um poderoso Império tinha um calcanhar de Aquiles, ou melhor, dois deles. Embora o domínio de Montezuma se estendesse até a costa do Caribe (Cortez havia desembarcado perto da moderna Vera Cruz), as tribos entre a costa e Tenochtitlán sofriam o jugo asteca num silêncio rancoroso e mal-humorado, alertas para qualquer oportunidade que lhes permitisse subverter os conquistadores. Particularmente voláteis nesse aspecto eram os tlaxcalas, que pagavam tributo sob coação, mas alimentavam um ódio amargo contra o povo mexica. Para tornar as coisas ainda piores para os astecas, Tenochtitlán estava superpovoada e não conseguia produzir alimentos para si própria; dependia maciçamente do tributo dos povos subjugados.

Na época de Montezuma, a sociedade asteca persistia no problema, tornando-se mais e mais estratificada, com rígidas distinções sociais. As classes superiores haviam desenvolvido um gosto por bens luxuosos, o que significava ainda mais tributos a serem pagos a elas, aumentando assim a

fragilidade de sua sociedade. Montezuma havia lidado com todos os sinais de desafeição, tanto dentro de Tenotchtitlán quanto no Império todo, com extrema impiedade, mas quando seus espiões chegaram com a notícia da chegada dos misteriosos homens brancos, ele ficou pasmo. Quem eram essas pessoas que haviam chegado do mar em "torres ou pequenas montanhas"? Montezuma manteve longas conferências com seus magos, sacerdotes e xamãs, e também com seu gabinete de conselheiros. Houve um longo e persistente mito no sentido de os astecas encararem os conquistadores como super-homens e Cortez como um deus em regresso, talvez Quetzlcoatl. A idéia dos espanhóis como deuses foi inventada posteriormente, um mito tecido para os índios pelos frades cristãos para ajudar a legitimar o domínio do rei da Espanha. Está claro que a maior parte dos conselheiros de Montezuma considerava os recém-chegados como criminosos ou terroristas. Não podemos acompanhar todas as agoniadas deliberações dos astecas, exceto o fato de que enviavam embaixada após embaixada para a costa para tentar descobrir mais sobre os estrangeiros. Devem ter existido conselheiros que aconselharam Montezuma a agir com decisão, a não demonstrar piedade e matar os "feiticeiros". Não importa a razão, o fato é que o imperador decidiu-se, em vez disso, optar por uma política de apaziguamento.

UM MESTRE DO MAQUIAVELISMO

Isso proporcionava vantagem psicológica a Cortez, pois um homem assim considerava a diplomacia e a conciliação simplesmente como fraquezas. Especialista em jogos mentais, ele começou por assustar e aterrorizar sistematicamente os enviados de Montezuma, impressionando-os com seus cavalos e armas. Em breve, fez a pergunta que para ele era vital: Montezuma possuiria ouro? Mentiroso contumaz, Cortez demonstrou a veracidade do antigo adágio - o melhor modo de contar uma mentira é contar a verdade - informando aos emissários astecas que tinha uma doença no coração que podia ser curada somente com ouro - algo tinha de verdade, embora não no sentido manifestado pelo comentário. O principal enviado asteca, Teudile, informou Montezuma a esse respeito, e o imperador enviou-lhe um capacete cheio de ouro, imaginando ingenuamente que isso satisfaria Cortez e que ele partiria; naturalmente, isso apenas fustigou seu apetite.

Enquanto isso, as conferências em Tenotchtitlán continuavam. A maioria dos conselheiros, incluindo o futuro governante Cuitlahuac, eram categóricos em afirmar que os espanhóis não deveriam ter permissão para adentrar mais no reino, mas Montezuma prevaricava. Ele decidiu empatar as coisas inventando uma miríade de razões pelas quais os espanhóis não poderiam viajar montanha acima para Tenotchtitlán e nem ele para a costa. Mas estava desperdiçando tempo precioso e deixando que a iniciativa fosse de Cortez. Este já havia dito aos seus amigos íntimos que mediante a evidência de sacrifício humano generalizado decidira ser impiedoso em suas negociações com os astecas.

Um sinal de que sua sorte mudaria ocorreu quando foi visitado por alguns indígenas da costa, da tribo Totonac, percebendo pela primeira vez o ódio profundo que os povos dominados nutriam contra os astecas. Foi então que começou a cristalizar suas idéias de fomentar uma aliança antimexica entre as outras tribos indígenas. Ele sabia muito bem que a famosa conquista de Granada, completada por Fernando e Isabel, em 1492, havia sido facilitada pelas divisões existente entre os mouros.

Entretanto, agora surgia outro problema - um problema que iria afligir Cortez durante os dois anos seguintes. Entre seus homens havia uma minoria significativa que, não obstante sua paixão pelo ouro, era leal a Velásquez, o governador de Cuba. Cada vez mais, essa facção pró-Velasquez defendia ou o retorno imediato a Cuba ou a fundação de um núcleo na costa. Cortez identificou seus principais oponentes e partiu para o seu jogo favorito de dividir para governar, despachando-os nas chamadas expedições importantes, diversionistas. Enquanto esses homens estavam afastados, ele encenou um virtual golpe de Estado, fazendo declarar a si mesmo Capitão-Geral da Nova Espanha (como o México foi chamado originalmente). Cortez anunciou que sua lealdade à coroa espanhola era inflexível, mas, que, como

governador soberano, não mais devia aliança ao governador de Cuba, nem recebia mais suas ordens. Como uma concessão para a facção rival, e em parte para disfarçar suas verdadeiras intenções, fundou a nova cidade de Villa Rica de la Vera Cruz (posteriormente Vera Cruz), em 28 de junho de 1519.

Mas o seu verdadeiro maquiavelismo manifestou-se um pouco mais adiante. Sabendo, através de aventureiros *free-lancers* que chegaram ao México em sua esteira, que Velásquez havia recebido novos poderes da coroa espanhola, os quais obviamente se sobrepunham a seu próprio *status* auto-proclamado de Capitão-Geral, decidiu enviar navios de volta diretamente à Espanha, desviando-se de Cuba, para apresentar seu caso em Madri.

O brilho de seu estratagema buscava matar dois coelhos com uma só cajadada: na condição de enviados à Espanha, despachou todos os principais líderes da facção pró-Velásquez. Mestre da ofuscação, da inversão lógica e da advocacia de caserna, Cortez sabia que as burocracias amam papeladas. Dessa forma, enviou para a Espanha uma verdadeira montanha de documentos, essencialmente uma mixórdia de "besteirol" jurídico concernente à fundação de Villa Rica de la Vera Cruz e à sua inquebrantável lealdade à coroa.

Usando de mistificação e de táticas de polvo deliberadas, buscou persuadir o monarca espanhol, Carlos V, a aceitar sua posição *de facto* no México; sendo Cortez, ele adozou a pílula enviando ao rei todo o ouro que havia recebido dos astecas. Os apoiadores de Velásquez tentaram capturar um navio para navegar de volta a Cuba e prevenir o governador para que interceptasse a embaixada à Espanha. Mas a trama foi denunciada a Cortez, e ele fez enforcar os cabeças, usando de terror para acovardar a oposição em suas próprias fileiras, tanto quanto o fizera para desalentar os astecas.

CONQUISTAR OU MORRER

Cortez então moveu-se rapidamente para adiantar seus desígnios contra os astecas. Derrotou a guarnição mexica e disse à tribo local, os totonacs, que era seu amigo e protetor e que eles não mais deveriam pagar tributo a Montezuma. Como último estágio de suas preparações para marchar em direção a Tenochtitlán, ordenou que todos os seus navios fossem trazidos para a praia e destruídos; todas as naves, menos três, foram desabilitadas. Contrariamente à famosa lenda, ele não as queimou - esse é mais um dos mitos sobre Cortez. Mas sugeriu-se que, sempre como um mestre no maquiavelismo, ele tenha acatado a "sugestão" feita por um de seus seguidores, de ocultar os navios, de forma que pudesse evitar qualquer censura mais tarde. Anunciou em seguida a seus homens que Tenochtitlán era seu objetivo. Pintou uma fantástica imagem do botim que lhes caberia e, com efeito, proclamou seu *status* real dizendo que uma vez que o rei da Espanha tivesse recebido seu "quinto real" de qualquer tesouro, como de costume, ele próprio também tomaria um quinto. Não são inteiramente claras as suas verdadeiras intenções nesse estágio: provavelmente, ele desejasse apenas instalar-se como o poder por trás do trono de Montezuma e se tornar uma espécie de eminência parda, controlando os destinos do México.

Mas, para seus homens, ele declarou retoricamente que sua meta era conquistar ou morrer, que grandes riquezas aguardavam-nos, mas que não deveriam alimentar ilusões sobre os terríveis obstáculos que teriam pela frente: uma marcha de 400 quilômetros, inicialmente através de trópicos em terras baixas; depois, a travessia de um passo a dois metros, para uma cadeia de montanhas temperadas; a travessia de outra planície e, finalmente, um conjunto de montanhas ainda mais íngremes (eles teriam de atravessar um passo a quatro mil metros de altitude), antes de desembocar na planície que antecede o lago e Tenochtitlán.

Em 8 de agosto, ele partiu em seu grande empreendimento. Com ele seguiram 300 castelhanos em seis companhias de 50, cerca de 40 atiradores de besta, 20 arcabuzeiros, três peças de artilharia, cinco cavalos e vários punhados de mastins rosnadores. A notícia de sua partida atirou Montezuma numa melancólica inércia, mas ele era constrangido por seus próprios códigos e cultura. Uma vez que Cortez

afirmara que estava vindo numa "embaixada", pelas regras de conduta astecas Montezuma tinha de recebê-lo, porque (em seu ponto de vista) se Cortez tivesse intenções guerreiras, deveria ter enviado uma declaração formal de guerra. Com seu fantástico nariz para fraquezas, Cortez já havia discernido esse comportamento fatal na armadura cultural de seu oponente. E seguiu adiante, sem remorso. A jornada foi exatamente difícil como ele havia previsto, com os espanhóis sofrendo de fome e de sede durante o dia, enquanto cruzavam terras desertas, e depois de frio excessivo à noite.

Os contatos iniciais com as tribos indígenas não foram tão promissores como Cortez havia imaginado. Ao perguntar a um chefe se era vassalo de Montezuma, o cacique pareceu surpreso: perguntou quem não era vassalo do governante asteca, já que ele era rei do mundo inteiro. Ainda pior: os tlaxcalas que ocupavam a região central entre a costa e Tenotchtitlán deixaram claro que se oporiam a ele, enquanto Cortez contava ser capaz de libertá-los da suserania asteca. Quando seus guerreiros apareceram emplumados e inteiramente ajazados para a batalha, ele derrotou rapidamente sua retaguarda, mas os tlaxcalas mataram dois dos cavalos e descobriram que aquelas eram criaturas mortais e não mágicas. Cortez ficou seriamente deprimido com a oposição tlaxcala - "naquele momento estávamos magros, cansados e infelizes em relação a essa guerra, da qual não conseguíamos ver nem prever o desenlace" mas confortou-se com descobertas-chave que fizera no decorrer da batalha.

Os tlaxcalas confirmaram que eles, juntamente com os astecas e outras tribos, lutavam apenas para capturar os inimigos, não para matar. Além do mais, lutavam de forma absurdamente perdulária, um combate frente-a-frente no qual, em qualquer momento, apenas a primeira fileira se empenhava; quando esta era então aniquilada, a segunda fileira se adiantava e assim por diante. Se era assim que todos os indígenas lutavam, concluiu Cortez, sua tarefa seria simples, pois o aço de Toledo era claramente superior às espadas de obsidiana no combate corpo-a-corpo, e sua artilharia iria abrir enormes rombos na massa compacta de guerreiros aguardando sua vez na linha de frente.

CICLOS DE VIOLÊNCIA A FAVOR DA FORTUNA

Outra boa notícia para Cortez chegou quando dois enviados tlaxcalas vieram com uma história para salvar as aparências, de que o ataque havia sido lançado por um clã rebelde do povo otomi. Mas os espanhóis permaneceram cautelosos e, por duas semanas, protegeram-se num topo de morro. Estavam certos em fazer isso pois ao que parecia, os tlaxcalas estavam mesmo jogando contra eles os próprios jogos maquiavélicos de Cortez. Queriam apaziguar os homens brancos e depois massacrá-los, mas estavam disfarçando suas reais intenções com os enviados: se destruíssem os espanhóis, tudo bem; caso contrário, simplesmente diriam que eram outra vez os renegados otomis. Mais tarde veio à tona que o repudiado ataque otomi era parte desse plano perverso.

Outra emboscada otomi foi tentada, mas Cortez replicou com sua tática favorita de "chocar e impor respeito", enviando seus homens para retaliações contra a população civil, orientados a cometer atrocidades planejadas. Por volta do dia 5 de setembro, os tlaxcalas lançaram um ataque noturno surpresa contra as posições espanholas, e foram batidos, mas com dificuldade. Aquela foi a batalha mais encarniçada que os conquistadores experimentaram até aquele momento, a qual prosseguiu durante o dia seguinte. Provavelmente, foi a artilharia que virou a maré, já que as balas de canhão espanholas semearam terror genuíno entre o inimigo.

De novo, Cortez respondeu com atrocidades planejadas, fazendo o ciclo de violência elevar-se a outro patamar. Quando os tlaxcalas recuaram para lamber as feridas, Cortez descobriu que tinha outra crise de confiança em mãos. Até esse momento, desde que partira de Cuba, havia perdido cerca de 50 homens em batalhas ou por causa de doenças, além disso, o moral estava despencando, com a maioria a favor de um retorno imediato a Vera Cruz. Como Cortez relatou posteriormente ao imperador Carlos V, da Espanha: "não havia entre nós nenhum que não estivesse muito assustado... eu os encorajei lembrando-lhes que

eram vassallos de sua majestade... além do mais, como cristãos, estávamos obrigados a lutar contra os inimigos de nossa fé... Eles deviam observar que Deus estava do nosso lado".

A sorte de jogador de Cortez se mantinha. Os tlaxcalas ficaram ainda mais desmoralizados pelos resultados das batalhas do que os conquistadores. Como um de seus líderes salientou: "o otomi era um bravo guerreiro, mas era impotente contra eles: eles o desprezaram como a um mero nada". O homem que havia argumentado mais veementemente pela guerra contra os espanhóis, um chefe de nome Xicotencatl, o Jovem, foi ao acampamento dos espanhóis levando propostas de paz, dizendo que os tlaxcalas obedeceriam ao comando de Cortez se ele os admitisse à aliança antiasteca. Cortez sabia por si mesmo como se sair bem: disse ao enviado que os tlaxcalas mereciam ser culpados pelo que havia acontecido, mas ele estava interessado apenas numa paz duradoura. Para seus próprios homens, especialmente os duvidosos, ele destacou o brilhante sucesso de sua técnica de "pular carniça": havia usado os totonacs com sucesso como aliados contra os tlaxcalas e agora iria usar os tlaxcalas do mesmo modo contra os astecas. Ele selou seu triunfo entrando na cidade de Tlaxcala em ostensiva no dia 18 de setembro, desfrutando de uma grande festa que os derrotados prepararam para ele.

Seguiram-se 20 dias de descanso e recreação para os espanhóis cansados. Os tlaxcalas presentearam os conquistadores com mulheres, as quais Cortez repartiu entre seus soldados de maior mérito. Houve alguma tentativa de explicar o cristianismo aos anfitriões perplexos, mas, com acerto, um frade advertiu os espanhóis para não forçarem a religião naquele estágio. Cortez usou bem seu tempo, aprendendo com minúcias tudo sobre Tenochtitlán, as lideranças astecas e o desenho da cidade. Impressionou os tlaxcalas com sua personalidade, carisma e eloquência, mas revelou-se um mestre político ao insistir que seus homens respeitassem a religião local e os costumes. Ambos os lados estavam ansiosos pelo conflito vindouro com os astecas. Os tlaxcalas viram que com ajuda dos estrangeiros eles poderiam ao menos derrotar os odiados mexicas, que haviam considerado invencíveis. Para Cortez, a permanência em Tlaxcala foi uma virada notável. Suas ambições não eram mais os sonhos de que "a fortuna favorece os bravos", para usar seu ditado latino favorito, mas estavam firmemente ancoradas à realidade. A conquista do México agora parecia estar a seu alcance.

MASSACRE EM MASSA EM CHOLULA

Em 12 de outubro, a expedição marchou descendo em direção a Cholula, uma grande cidade com população de 180 mil pessoas e 430 pirâmides. Os tlaxcalas haviam advertido Cortez para não tomar esse caminho para Tenochtitlán, sob a alegação de que era o itinerário que Montezuma sugerira a Cortez por meio de seus enviados. Mas, para os conquistadores, a credibilidade ditava que não deveriam esquivar-se desse encontro. Cortez começou enviando uma mensagem aos cholulas tão peremptória quanto absurda: disse-lhes que ou se submetiam ao rei da Espanha ou seriam tratados como rebeldes - uma patente contradição. Pelo ponto-de-vista deles próprios, os cholulas viram-se diante de dois constrangimentos: Montezuma exigia que se opusessem aos estrangeiros e seus próprios suprimentos de alimentos estavam perigosamente baixos - as sociedades primitivas geralmente viviam no exato limite da subsistência. No entanto, os cholulas estavam indecisos quanto a seguir as ordens dos astecas, e Cortez, com suas antenas supersensíveis, percebeu isso imediatamente.

Outro de seus ditados favoritos era "um reino dividido contra si mesmo deve cair", algo que ele estava justamente testemunhando ali. Como escreveu mais tarde: "Quando vi a discórdia e a animosidade entre esses dois povos não fiquei nem um pouco satisfeito, pois isso parecia retardar consideravelmente meu propósito". Decidiu que o caminho a seguir seria por meio de um golpe. Como os enviados cholulas afirmassem que o que os preocupava era a presença dos tlaxcalas nas fileiras espanholas, Cortez deixou os aliados além dos portões da cidade e entrou com seus conquistadores.

Suas suspeitas se confirmaram com a ausência de pessoas na cidade e existência de barricadas. O que sucedeu em seguida não pode ser reconstituído em detalhe, pois as fontes são confusas e contraditórias. Ou havia uma trama genuína preparada pelos cholulas, para massacrar os recém-chegados, ou Cortez persuadiu a si mesmo de que havia. De qualquer modo, convidou os aristocratas cholulas a se reunirem no pátio do templo para uma grande conferência, depois fechou todas as saídas e liberou seus guerreiros para massacrá-los; com o sangue estimulado pela original carnificina, os espanhóis mergulharam numa orgia de violência generalizada. Em seguida, os aliados tlaxcalas e totonacs também se precipitaram para dentro e juntaram-se com *gusto* à rapinagem, saqueando a cidade tão completamente que foram necessários dois dias para que se exaurissem os impulsos homicidas.

Os cholulas pensaram, de início, que Quetzlcoatl iria protegê-los, mas, quando os ídolos foram destruídos e nada acontecia, entregaram-se ao desespero; muitos dos que sobreviveram ao massacre original se atiraram dos telhados do templo. Na loucura geral, as ordens de Cortez para que as mulheres e crianças não fossem molestadas de nada valeram. Quando por fim saciaram a sede de sangue, ele ordenou que os tlaxcalas jurassem amizade eterna aos cholulas remanescentes. Os embaixadores de Montezuma, que se achavam com Cortez e testemunharam o massacre, ficaram horrorizados.

Seus relatos não serviram de nada para acalmar o espírito inquieto de Montezuma em Tenochtitlán, que ficou ainda mais deprimido com uma maquiavélica mensagem enviada pelo líder espanhol. Cortez informava a Montezuma que sabia que ele estava por trás da trama de Cholula, mas que o perdoava. Montezuma protestou com indignação de que nada sabia sobre trama alguma.

Cortez fingiu ficar satisfeito com isso e enviou outra mensagem para dizer que já não acreditava agora que os astecas haviam tramado contra ele, mas que em breve estaria em Tenochtitlán para se assegurar disso pessoalmente. Aterrorizado com isso e com os relatos sobre o massacre, Montezuma respondeu que de bom grado entreteria os espanhóis, mas que não dispunha de alimentos.

Lamentavelmente, a essa altura ele havia gritado "lobo" com frequência demasiada, inventando uma série de desculpas — saúde, religião, estradas intransitáveis - para justificar por que não poderia encontrar Cortez. Os conquistadores já haviam ouvido antes a desculpa da escassez de alimentos, porém, mesmo em Cholula, muito inferior em recursos do que Tenochtitlán, encontraram comida suficiente para permitir-lhes desfrutarem de outra quinzena de descanso e recreação. Quando a expedição partiu novamente, por volta de 1º de novembro, o moral espanhol estava alto.

UM AVANÇO INEXORÁVEL

Cortez estava agora confiante o suficiente para permitir que seus aliados iniciais, os totonacs, e seus vizinhos cempoalans partissem para casa com seu botim, mantendo apenas os tlaxcalas como aliados. Eram 80 quilômetros em linha reta de Cholula a Tenochtitlán, mas adiante elevavam-se as altas serras com passos de montanha nevados. De início, os conquistadores marcharam atravessando vilarejos amigos de Tlaxcala, mas quando começaram a subir a montanha, chegaram a uma bifurcação, com uma das estradas bloqueada e a outra aberta. A inteligência de primeira classe dos tlaxcalas revelou que os astecas estavam preparando uma emboscada na estrada aberta, de modo que Cortez simplesmente fez os seus homens removerem as plantas e árvores que obstruíam a estrada bloqueada e seguirem por ela, deixando a emboscada para trás. Cada vez mais desesperado para deter o avanço inexorável dos aterrorizantes homens brancos, Montezuma tentou todos os truques que conhecia para retardar o avanço de Cortez, chegando ao ponto de enviar um sócia para encontrá-lo, na esperança de que os espanhóis voltassem para casa depois de conhecê-lo. Enviou-lhes montes de ouro, o que simplesmente aumentou o desejo dos espanhóis de botarem as mãos em mais ouro. Enquanto isso, a maioria de seu conselho exortava-o a matar os estrangeiros. O mais perceptivo dos chefes astecas, Cuitlahuac, disse a Montezuma

sem rodeios: "Rezo aos nossos deuses que não permita que os estrangeiros entrem em sua casa. Eles irão arrancá-lo dali e derrubarão seu governo, e quando tentar recuperar o que perdeu será tarde demais". O imperador asteca ainda estava hesitando quanto ao que fazer quando Cortez desceu vindo dos passos cobertos de neve e chegou à extremidade sudeste do grande lago, a Chalco. Dali prosseguiu para Mixquic, para Cuitlahuac, a primeira cidade em uma ilha, e dali para Itxapalapa, no lado mais distante do caminho elevado de Tenochtitlán. Em 8 de novembro, a expedição finalmente atravessou o próprio caminho elevado, encontrando-o com 40 metros de largura e "o comprimento de uma lança" acima da água. Os conquistadores ficaram impressionados com o que se estendia à frente. Bernal Diaz, o mais conhecido cronista das explorações de Cortez, escreveu que era "como uma visão encantada da lenda de Amadis. Com efeito, alguns de nossos soldados perguntavam se não seria tudo um sonho... Era tudo tão maravilhoso que não sei como descrever esse primeiro vislumbre de coisas nunca ouvidas, vistas ou sonhadas antes". Cortez relatou ao imperador Carlos V:

"As ruas principais são muito largas e muito retas. Algumas destas e todas as ruas menores são feitas de terra até o meio, enquanto a outra metade é um canal onde os índios navegam em botes, e todas essas ruas, de uma ponta da cidade à outra, são abertas de uma forma que a água pode atravessá-las completamente. Todas essas aberturas - e algumas são muito largas — são atravessadas por pontes feitas de traves muito sólidas e bem-trabalhadas, de modo que através de muitas delas dez cavaleiros podem cavalgar lado a lado... Montezuma tinha um lugar na cidade de tal espécie, e tão maravilhoso, que me parece quase impossível descrever sua beleza e magnificência. Não direi mais que não temos nada parecido na Espanha."

A única visão assustadora eram as milhares de canoas singrando as águas do lago. Como disse Diaz: "Mal tínhamos 400 homens e nos lembrávamos bem das palavras e advertências". Mas, ao final, o encontro de Cortez e Montezuma aconteceu sem incidentes. O imperador chegou numa liteira magnífica, ele e Cortez trocaram saudações formais e os visitantes foram levados para seus alojamentos no palácio de Axayacatl.

Os poucos dias seguintes foram tomados por passeios panorâmicos escoltados. Cortez e Montezuma se encontraram diversas vezes e Montezuma chegou a fazer o que Diaz chamou de um bom discurso, o que Cortez afirmou sem ingenuidade significar que ele aceitava ser um vassalo do rei da Espanha. Entretanto, depois de alguns dias de civilidades superficiais, os líderes espanhóis ficaram ansiosos. Temiam estar sendo moscas numa teia de aranha, e a apreensão cresceu depois da visita a Huichilobos, o maior templo do México. Do alto ponto de observação no telhado, os tenentes de Cortez podiam perceber como seria fácil serem apanhados na grande ilha com suas pontes removíveis e estradas suspensas destrutíveis. Ansiedade maior foi despertada quando Cortez levantou tola mente a questão do cristianismo e perguntou se poderia fazer erguer uma cruz e uma estátua da Madonna no templo. Montezuma e seu sacerdote reagiram enraivecidos a essa conversa sacrílega, e Cortez teve dificuldade em apaziguá-los. Os nervos abalados dos conquistadores dificilmente se apaziguaram diante da insistência de Montezuma em continuar com seu ciclo costumeiro de sacrifícios humanos, enquanto entretinha os convidados. O único ponto positivo para os conquistadores febris por ouro foi quando, ao construírem um altar em seus próprios alojamentos, descobriram uma porta selada que levava a um cofre contendo um imenso tesouro.

UMA ABDUÇÃO IMPIEDOSA

Por algum tempo, Cortez pareceu contente em simplesmente explorar os atalhos do bravo mundo novo. Ficou particularmente impressionado com a cidade gêmea de Tenochtitlán, Tlatelolco, o centro comercial e o mercado. Escreveu ao imperador Carlos V:

"Ela tem... o dobro do tamanho da cidade de Salamanca, completamente rodeada de arcadas, onde todos os dias há mais de 60 mil pessoas que compram e vendem, e ali há todos os tipos de mercadorias de todas as províncias, sejam provisões, virtualhas ou jóias de ouro e prata. Não há nada que se possa encontrar em todo o país que não seja vendido nesses mercados... Cada tipo de mercadoria é vendido em sua própria rua particular, e nenhum outro tipo pode ser vendido ali: essa regra é muito bem controlada. Tudo é vendido por número e medida, mas até agora não foi observado nenhum uso de balanças. Uma construção muito fina na grande praça serve como uma espécie de câmara de audiência, onde dez a doze pessoas estão sempre sentadas, como juizes, que deliberam sobre todos os casos que surgem no mercado e passam sentenças contra os malfeitores... Eu as vi destruindo medidas que são falsas."

Os mercados, com efeito, pareciam uma obsessão para os conquistadores. Bernal Diaz escreveu que a capital asteca superava Salamanca de longe e maravilhava-se com as pedras lisas e brancas nos pátios abertos, maiores mesmo que a *plaza* de Salamanca: "Alguns de nossos soldados, que estiveram em muitas partes do mundo, em Constantinopla, em Roma e por toda a Itália, disseram nunca ter visto um mercado tão bem planejado, tão grande, tão ordeiro e tão cheio de gente".

Se Cortez estava se distraíndo, seus homens estavam assustadiços e nervosos. Tanto o fator "empurre" como o fator "puxe" estavam agora impelindo-o a alguma ação decisiva. Por um lado, seus tenentes exortavam-no a mover-se decisivamente antes que fossem todos apanhados como ratos; por outro, eles eram estimulados a novos atos de ousadia pela visão de ouro além de seus sonhos. Em 14 de novembro, Cortez desferiu um dos mais espetaculares golpes da história. Ele e um grande corpo de homens foram a uma audiência com Montezuma. Usando a esfarrapada desculpa de que os astecas haviam atacado seus homens na costa (na verdade, um conquistador voraz havia provocado uma briga sobre - inevitavelmente - ouro), Cortez disse a Montezuma que este devia acompanhá-lo a seu alojamento, onde, na verdade, ficaria sob prisão domiciliar. "Minha pessoa não pode ser presa", protestou Montezuma, incrédulo, num primeiro momento, diante da impertinência dos estrangeiros. Cortez lhe disse que deveria vir com eles ou então ser morto ali mesmo; Marina entrou com uma arenga apaixonada sobre o imperador, convencendo-o de que os espanhóis tinham razão. Mas a discussão consumiu a maior parte do dia. No final, para acabar com o impasse, Montezuma concordou em ir com seus captores.

O seqüestro de Montezuma foi um dos pontos decisivos na conquista do México e possivelmente o evento singular mais importante. A parte a mortal impiedade de Cortez, destacou-se aí a enge-nhosidade da cultura renascentista européia sobre a cultura asteca. Montezuma deveria ter resistido, tendo uma morte de mártir, o que teria inflamado os mexicas contra os intrusos, que certamente nunca escapariam vivos. Mas a formação mental de Montezuma estava enevoada: nunca havia sido confrontado com uma situação daquelas, que para ele era inconcebível, e simplesmente faltavam-lhe imaginação e recursos mentais para pensar em uma saída. Em vez de pegarem em armas quando souberam de seu seqüestro, os astecas caíram numa apatia e desânimo mal-humorados. Sua cultura minava a iniciativa, por ser uma sociedade baseada em regras. Não havia precedentes para o rapto de um líder — isso não era coberto pelo código mexica, nada existia a respeito em seu livro de regras — de modo que reagiram com incredulidade, estupefação e inércia.

Cortez, por outro lado, estava imbuído do *ethos* da Renascença de que a ousadia sempre recebeu grandes prêmios. Cortez contou mais tarde ao grande clérigo Bartolomé de Las Casas que sua justificativa para abduzir Montezuma era que "todo aquele que não entra pela porta da frente é um ladrão e assaltante" - o que Las Casas, acertadamente, tomou como um exemplo perfeito da qualidade de bandido de Cortez.

"BOM TIRA, MAU TIRA"

Durante as semanas de cativo que se seguiram, Cortez usou jogos psicológicos com seu prisioneiro, alternando ameaças e lisonjas (no idioma moderno, o mesmo que dizer "bom tira, mau tira"). Ele impressionou tanto a Montezuma como a seus súditos fora do palácio, com a própria temeridade ao fazer vir da costa o "criminoso" senhor mexica (o que revidara ao ser atacado), condená-lo por "traição" e mandar queimá-lo vivo; obcecados como eram pelo significado mágico da morte pela faca de obsidiana, os astecas teriam ficado profundamente chocados com a morte pelo fogo de um de seus maiores e melhores. No entanto, Cortez alternava essas "provas de dureza" com indulgência cortesã para com Montezuma, chegando a jogar com ele jogos de tabuleiro. Lidava severamente com qualquer um, de maneira grosseira, para não mostrar a devida deferência ao cativo real. Mas cutucava impiedosamente Montezuma sobre o cristianismo e os males do sacrifício humano.

Por tudo isso, Montezuma, num precoce exemplo do que devemos hoje reconhecer como a síndrome de Estocolmo, em pouco tempo passou a apreciar muito a seus raptos, conhecendo-os a todos pelos nomes. Em certa ocasião Cortez, de forma histriônica, removeu as correntes dos tornozelos de Montezuma e disse-lhe que podia sair livre; é incerto se isso era encenação ou uma oferta genuína. Mas a essa altura, Montezuma temia haver perdido a credibilidade junto a seu próprio povo e não aproveitou a oferta.

Enquanto isso, Cortez encarregou seu marceneiro naval de construir bergantins para levá-lo, bem como a seus 300 homens e aos cavalos, de volta à terra firme, evitando as pontes e caminhos elevados. Quatro barcos foram construídos e num deles, tal era a cordialidade superficial entre carcereiro e prisioneiro, que Cortez com efeito levou Montezuma num longo cruzeiro ao redor do lago. Em dado momento, provavelmente por volta da passagem para o ano novo, Montezuma realmente prometeu, desta vez genuinamente, tornar-se vassalo do rei da Espanha. Isso era importante para Cortez, o rábula chicaneiro, pois significava que qualquer oposição dali por diante poderia ser rotulada como rebelião e traição.

A vida em Tenochtitlán entrou num curioso limbo. Na superfície, a rotina diária continuava normal, quase como se nada inapropriado jamais houvesse acontecido. Cortez enviou muitas expedições para extrair tesouros das minas de ouro astecas, cuja localização Montezuma parece finalmente ter revelado. Mas sob a superfície havia correntes mais escuras. Cacama, rei da vizinha Texcoco, passou a se opor de maneira declarada aos espanhóis e encabeçou um incipiente movimento de resistência, até que Cortez, sempre supremamente eficiente em espionagem, descobriu tudo a respeito e mandou prendê-lo (foi típico de Cortez que seu agente secreto nessa ocasião fosse o irmão do próprio Cacama).

O FASCÍNIO DE DEUS E DO OURO

A soldadesca de Cortez certamente tinha razão para suspeitar de peculato. Financeiramente desonesto, ao lado de suas outras qualidades "legítimas", Cortez extraiu das minas ouro no valor de 700 mil pesos e depois apresentou um número de apenas 160 mil. Bernal Diaz disse reconhecidamente que ele e os conquistadores haviam vindo ao Novo Mundo para servir a Deus e enriquecer, e nesses dias de limbo em Tenochtitlán havia uma curiosa simbiose entre o mundo sagrado e o de Mammon. Quando não estava discutindo sobre a tomada do ouro, Cortez engajava-se em tediosas manifestações sobre cristianismo e idolatria. Quando Cortez revisitou o Grande Templo e encontrou ídolos cobertos do sangue de recentes sacrifícios humanos, explodiu em fúria e atacou um ídolo com uma barra de ferro, procedendo então a arrancar as máscaras de ouro que adornavam os outros ídolos. Ele correu para ver Montezuma e exigiu peremptoriamente que os ídolos fossem removidos e que uma cruz e um templo para a Madonna fossem colocados em seu lugar. Essa era, sem tirar nem pôr, a demanda que havia apresentado antes a Montezuma. O infeliz imperador desta vez ofereceu uma saída alternativa: tanto os ídolos cristãos quanto os pagãos habitariam o mesmo templo, mas os desiludidos astecas removeram seus ídolos e os esconderam em lugar secreto.

No início de março de 1520, os astecas pareciam ter-se recuperado da paralisia inicial. Mais e mais rumores de conspirações começaram a emergir e o próprio Montezuma advertiu explicitamente Cortez para que partisse antes que os espanhóis fossem atacados. Cortez pediu carpinteiros para que pudesse construir uma frota oceânica com a qual regressar à Europa, mas então demoliu a breve animação de Montezuma, acrescentando, como se repensasse, que, com certeza, seria necessário que o imperador o acompanhasse quando retornasse à Espanha. Montezuma forneceu os trabalhadores, que seguiram para a costa com Martin López, e, em breve, a costa atlântica reboava com o som da derrubada de árvores, madeira sendo serrada e pregos martelados.

Na realidade, Cortez não tinha a menor intenção de regressar à Espanha de imediato, pois o fascínio pelo ouro ainda era forte. Mas a cada dia notava-se mais e mais os sinais de que os astecas haviam alcançado o limite da paciência em relação a seus atormentadores brancos. Os espiões que Cortez havia plantado próximo à pessoa de Montezuma continuavam insinuando, mas sem providenciar nenhuma prova clara, que Montezuma andava conduzindo negociações secretas com seus chefes mais aguerridos fora do palácio e que um levante geral era iminente. Subitamente, chegou outra notícia dramática. A oscilação de gangorra entre fatores astecas e cubanos pendeu, de repente, para estes últimos, na forma de uma grande expedição enviada ao México por Velásquez, o governador de Cuba.

A VINGANÇA HÁ MUITO PLANEJADA DE VELÁSQUEZ

Velásquez estava implementando sua planejada vingança contra o protegido rebelde. Enviou ao México um arrogante castelhano, Pánfilo de Narváez, à frente de uma força de 900 homens e 18 navios. Muitos de seus camaradas eram rijos conquistadores conhecidos de Cortez, veteranos de antigas campanhas em Hispaniola e Cuba. Haviam se juntado a Narváez em parte pelo desapontamento com as pilhagens a serem feitas nas ilhas do Caribe e, em parte, porque o governador sugeriu obliquamente que iria confiscar suas posses de terras caso não cooperassem com ele. A fraqueza da nova expedição, à parte as débeis qualidades pessoais de Narváez, era a motivação dos homens. A lealdade a Velásquez mal chegava a ser um fator, mas havia o fascínio com as riquezas - e isso era algo com o que Cortez, rico em ouro, poderia jogar. Assim que Narváez desembarcou em Vera Cruz, no início de abril de 1520, Cortez despachou um enviado ao acampamento de Narváez, um frade, para dizer aos tenentes que seu futuro estaria mais bem servido por meio de uma aliança com Cortez, o único que sabia onde se localizava todo o ouro dos astecas. Inicialmente, no entanto, Narváez não cometeu qualquer equívoco óbvio, mas foi quando convenceu os totonacs a se alinharem a seu lado que Cortez se deu conta de que precisaria lidar rápida e firmemente com essa nova ameaça, caso não quisesse ver subvertida sua posição no México. Deixando Pedro de Alvarado no comando em Tenochtitlán, com apenas 120 homens, ele partiu para o leste, na direção da costa.

Em Cholula, Velásquez de Leon, que estivera ausente numa missão de exploração, veio se juntar a ele. Com seus 260 homens, a força de Cortez agora somava 350, muito menos gente do que a de Narváez. Era imperativo compensar a desvantagem numérica com o elemento surpresa, portanto, após um discurso estimulante feito a seus homens, o líder delineou sua estratégia. Enquanto sustentava a troca de delegações, cada uma oferecendo termos à outra, Cortez iniciou uma marcha forçada, planejando cair inesperadamente sobre o inimigo. Dois dias depois de sair de Cholula, ele encontrou seu enviado, o frade, na estrada e recebeu a mais alarmante notícia, que o desequilibrou momentaneamente: Narváez, aparentemente, havia aberto um canal secreto de comunicação com Montezuma e ambos concluíam para destruir Cortez. Continuando na direção da costa via Orizaba e Tanpanguita, Cortez ordenou uma parada rápida, enquanto distribuía ouro a seus soldados, prometendo-lhes todos os tipos de benefícios uma vez que tivessem derrotado Narváez. Mandou o enviado frade de volta a Narváez, com um ultimato linha-dura, desistindo da prévia simulação de negociações: ou Narváez se juntava a ele e trabalhava pela causa

comum, ou seria destruído. No meio tempo, enviou Velásquez de Leon, que era amigo de Narváez, a seu acampamento para conversar com ele sobre fazer um acordo. Narváez zangou-se porque Velásquez não colocaria a antiga amizade antes da lealdade a Cortez e quis prendê-lo, mas foi dissuadido. Enquanto isso Velásquez, com sucesso, semeou a dissensão entre os seguidores de Narváez, ao ler os termos de Cortez em voz alta para o exército reunido e aproveitar para falar sobre o El Dorado que era Tenochtitlán. Um cronista estimou que quando deixou o acampamento, ele havia conseguido subornar não menos do que 150 dos homens de Narváez.

Tendo minado o moral no acampamento de Narváez e até mesmo subornado seus atiradores para desativarem as grandes peças, Cortez preparou seu golpe final. Num discurso eloqüente disse a seus soldados que eles agora não tinham escolha senão lutar ou morrer, já que Narváez os estava tratando como mouros e olhando-os como foras-da-lei. Os dois exércitos se aproximaram um do outro em Cempoallán, e os comandantes rivais exortaram seus homens oferecendo atraentes prêmios financeiros (até dois mil pesos) ao homem que capturasse o líder inimigo.

Cortez pretendia concentrar suas forças em dois objetivos principais: a rápida captura da artilharia inimiga e a prisão de Narváez. Era a noite de 28-29 de maio. A hoste de Narváez acomodou-se para dormir durante a noite chuvosa, esperando travar a batalha pela manhã. Mas Cortez levantou acampamento pouco após a meia-noite e avançou sob a cobertura da chuva e da escuridão. Próximo às posições de Narváez eles foram descobertos por uma sentinela que voltou correndo para dar o alarme, mas, no escuro, houve confusão e então perceberam que as armas grandes não estavam prontas. Um dos grupos sob comando de Cortez conseguiu cortar as cilhas dos cavalos, frustrando uma possível contra-resposta da cavalaria. Parece que inicialmente Narváez estava incrédulo em relação ao assalto, acreditando que nenhum conquistador jamais atacaria outro no meio de selvagens. Ele e sua guarda pessoal foram rapidamente isolados por uma companhia de 80 homens de Cortez, sob o comandante Sandoval, e na luta confusa que se seguiu Narváez perdeu o olho direito num golpe de lança, sendo capturado. Mais confusão foi causada quando os arcabuzeiros de Narváez descobriram que a chuva havia molhado sua pólvora. Ao ouvir que seu líder havia sido capturado, o grosso da tropa de Narváez, nunca muito motivado, simplesmente depôs as armas.

Foi outra grande vitória de Cortez, vencida com facilidade, com um saldo de dois de seus próprios homens mortos contra 15 do inimigo. Alguns historiadores comentaram que a batalha foi ganha antes pelo ouro do que pelo aço, apontando para a bem-sucedida campanha de suborno e subversão, mas a verdade é que os recém-chegados eram soldados sem brilho, enquanto os de Cortez eram já veteranos de meia dúzia de encontros de lutas difíceis. Tendo perdido o líder, os capitães dos navios obedeceram docilmente, aceitaram as ordens de Cortez, descarregaram suas copiosas cargas de alimento e então puxaram os navios para a areia, de acordo com os comandos do vencedor.

Cortez manteve Narváez em Vera Cruz como refém, mas simplesmente integrou todo o resto de seus homens e capitães à sua própria força. Agora dispunha de um arranjo muito mais formidável para volta a Tenochtitlán. Cortez havia planejado um regresso tranqüilo à capital asteca, mas, de repente, chegaram notícias terríveis. O teimoso Pedro de Alvarado, a quem deixara atrás no comando, havia escalado o conflito latente até o ponto de não-retorno. Antes de Cortez partir, Montezuma havia assegurado sua permissão para realizar a tradicional festa asteca de Toxcatl, mas o paranóico Alvarado colocou na cabeça que a ocasião seria usada para um levante generalizado. Para evitar isso, ele desceu para a praça principal com seus homens e começou a massacrar todos os que haviam se reunido ali para o festival. Ele executou Cacama e acorrentou outros líderes, mas o massacre e o tratamento brutal dispensado aos caciques transformaram os temores de Alvarado numa profecia auto-realizada: os astecas se levantaram numa insurreição geral. Alvarado forçou Montezuma a ordenar que seu povo parasse de lutar e, por algum tempo, assim foi feito. Mas era evidente para todos que ele havia perdido a autoridade e que Alvarado e os espanhóis agora estavam cercados em seus quartéis.

O vitorioso Cortez havia dividido suas forças após a batalha com Narváez, de modo que teve de chamá-las às pressas com ordens para que todos os soldados se reunissem em Tlaxcala a toda velocidade, para que fosse feita uma chamada geral. Cansados, desprovidos de alimentos, desanimados e abatidos, os conquistadores marcharam de volta da costa através de paisagens silenciosas, como se as tribos locais estivessem se escondendo, esperando para ver em que resultaria a prova final de forças entre espanhóis e astecas. Em Tlaxcala Cortez contou um exército de cerca de mil soldados espanhóis e dois mil aliados tlaxcalas. Ele então partiu para Tenochtitlán, seguindo uma rota para oeste ao redor do lago e aproximando-se, vindo do oeste pelo caminho elevado de Tacuba. Ali ficou sabendo que Alvarado e seus homens ainda resistiam, mas em situação desesperadora. Em 24 de junho, o exército conquistador entrou novamente em Tenochtitlán, para o silêncio mal-humorado dos astecas e para o grande alívio de Alvarado e seus defensores que, nos últimos dias, não dispunham de comida nem de água. Leal aos amigos próximos, Cortez não censurou

Alvarado por sua extraordinária loucura, mas certificou-se de nunca mais lhe dar a tarefa de segundo comando. Racionalizando o fiasco e ainda ruminando sobre a correspondência secreta entre Montezuma e Narváez, Cortez inicialmente recusou-se a falar com o líder asteca, cedendo apenas quando se deu conta de que este agora era cifra sem autoridade e, portanto, não possuindo mais qualquer significação.

UMA GUERRA SEM REMORSOS, DE ATRITOS E ATROCIDADES

Montezuma, não é certo se por ingenuidade ou esperteza, aconselhou Cortez dizendo que caso ele desejasse devolver Tenochtitlán à vida normal e reabrir os mercados, a única maneira de conseguir isso seria libertando seu irmão Cuitlahuac. Cortez o atendeu, talvez inconscientemente, apesar de Cuitlahuac sempre tê-lo odiado e desprezado a política de apaziguamento de Montezuma. De agora em diante, o verdadeiro imperador asteca era Cuitlahuac. Como no caso de Lucknow no motim indiano de 1857, a força libertadora foi ela própria imediatamente cercada, de modo que teve início um segundo cerco. Começou uma guerra urbana de guerrilhas: instalou-se um estado contínuo de escaramuças leves, todos os grupos de procura de alimentos e de sondagens foram atacados, alimentos e água ficaram escassos e as baixas entre os conquistadores, especialmente por ferimentos, aumentavam diariamente. Sob uma constante chuva de pedradas, os espanhóis estavam começando a perceber que sua tão elogiada artilharia era quase inútil na triste ocupação das lutas de rua. Veteranos de guerras na Itália, França e contra os turcos concordaram que os astecas eram os oponentes mais duros que jamais haviam enfrentado. Ainda pior, tendo sido enganados e mistificados por seis meses pelos jogos mentais de Cortez, os mexicas agora levavam vantagem na guerra psicológica, pulverizando o moral espanhol numa guerra sem remorsos, de atritos e atrocidade.

O que costumava ser o trunfo dos conquistadores era agora não mais que uma mão de jogo fracassada. Desesperando-se sobre continuar a fazer avanços contra a guerra de guerrilhas, Cortez insistiu que um relutante Montezuma subisse ao telhado do palácio e se dirigisse a seu povo; foi dito ao imperador que sua escolha estava entre fazer o discurso ou morrer. O que demonstrou não ser escolha nenhuma. Os apelos de Montezuma foram recebidos com um coro de insultos e apupos, e depois uma chuva de pedradas. Um Montezuma gravemente ferido cambaleou para fora da visão e um Cortez frenético tentou negociar com os líderes entre os atiradores de pedras. Foi-lhe dito inequivocamente que os astecas nunca deixariam de lutar até que os espanhóis partissem, embora fosse, naquela altura, completamente incerto se os homens brancos teriam oportunidade de partir pacificamente.

Em 28 de junho, Cortez fez uma sondagem para ver que resistência haveria diante de uma tentativa de escapada. Seus piores temores foram confirmados quando uma forte força espanhola foi forçada a voltar, com pesadas baixas. Cortez continuou a exigir que os astecas se rendessem e, por razões de credibilidade,

lançou um ataque ao templo de Yopico, no dia 29; o templo só caiu após o mais sangrento combate corpo a corpo. Finalmente, como para enfatizar que os velhos dias haviam acabado definitivamente, Montezuma morreu em decorrência dos ferimentos causados durante a saraijada de pedras. Em retaliação, Cortez matou todos os astecas de casta elevada que mantinha cativos.

EXODUS

Cortez de início havia sido categórico em relação ao fato de que nunca iria deixar Tenochtitlán, mas ficaria e lutaria até o fim. Durante a terrível semana em que a força libertadora esteve na capital, seus capitães persuadiram-no por fim de que isso seria o suicídio, e apontaram-lhe a proporção de perdas: o número de tlaxcalas ao lado deles havia encolhido de forma alarmante, estavam carentes de alimentos e pólvora, e o inimigo se fortalecia a cada dia, enquanto eles estavam se enfraquecendo. Finalmente persuadido por esses argumentos, Cortez traçou planos elaborados para a evacuação. Os espanhóis iriam deixar o palácio de Axayacatl à meia-noite, e Sandoval e Marina estariam na vanguarda, com Cortez e o grosso do exército seguindo pouco atrás. Os tlaxcalas formariam a penúltima coluna e então viria a retaguarda propriamente dita, comandada por Alvarado e Velásquez de Leon. Como os astecas haviam arrancado trechos do caminho elevado e destruído as pontes, os conquistadores construíram uma ponte portátil com as traves do teto do palácio. A idéia era que, como havia três brechas, a ponte seria transportada de uma para outra, assim que exército passasse. Como os astecas não gostassem de lutar à noite, se a sorte os acompanhasse, os espanhóis não seriam vistos e estariam fora da órbita de Tenochtitlán ao raiar do dia.

Em má hora, Cortez proclamou que os homens poderiam servir-se do ouro, uma vez que a parcela de um quinto do rei havia sido carregada sobre os animais de carga. "Peguem o que quiserem dele", disse. "É melhor que vocês o tenham do que esses cães mexicas". Os mais incautos encheram caixas, bolsas e mesmo suas roupas com barras, moedas e lingotes.

O exército desgarrado começou a deslocar-se para fora do palácio à meia-noite, os cascos dos cavalos protegidos e o êxodo mascarado pela neblina e pela chuva leve. A rota escolhida por Cortez era pelo caminho elevado de Tacuba. A princípio, tudo correu bem, e os aventureiros até encontraram intactas as primeiras quatro pontes, na cidade propriamente dita. Mas assim que começaram a cruzar o lago, uma mulher mexica os avistou e deu o alarme. Quase imediatamente, os fugitivos ouviram o temido som do tambor de guerra no topo da grande pirâmide. Guerreiros astecas se precipitaram para suas canoas e em pouco o lago era um caldeirão fervilhante de remos batendo na água, enquanto as pirogas voavam feito flechas na direção do caminho elevado de Tacuba. Já nos primeiros contatos, os espanhóis viram que aquele seria seu teste mais severo até ali, pois daquela vez os astecas golpeavam para matar e não mais para ferir ou capturar. Os engenheiros conseguiram lançar a ponte sobre o primeiro vão e a vanguarda mais o centro de Cortez passaram em segurança; sob uma fuzilaria de flechas, eles ainda assim conseguiram alcançar a terra firme perto de Tacuba, embora tivessem de nadar para cruzar os dois últimos canais, uma vez que o caminho elevado estava quebrado.

Cortez, a cavalo, e cinco companheiros também montados, voltaram atrás, para ajudar seus camaradas atacados na retaguarda. A essa altura, o exército, marchando provavelmente com 15 homens lado a lado, no máximo, estava irremediavelmente disposto ao longo do caminho elevado, com a retaguarda apanhada entre a primeira e a segunda brechas. A ponte portátil ficara encalhada na lateral do dique, as vigas comprimidas contra as pedras e a terra. Enquanto isso, os astecas trepavam pelo lado do caminho elevado, concentrando-se em força na segunda brecha, cortando a retaguarda espanhola.

A NOITE DO SOFRIMENTO OU "LA NOCHE TRISTE"

Os pretensos salvadores encontraram cenas e caos indizíveis e fizeram pouco progresso. Muitos soldados já haviam sido mortos ou se afogaram, e o caminho elevado inteiro estava sendo assaltado por uma miríade de canoas. Alguns dos feridos desistiam da luta e caíam na água, outros entravam em pânico, ficavam paralisados de terror ou incapacitados de outras maneiras, preferindo cometer suicídio por afogamento a serem apanhados vivos e arrastados para o sacrifício. Uma testemunha ocular escreveu mais tarde que não havia um só homem que levantasse a mão para ajudar um companheiro, nem mesmo seu próprio pai ou irmão. Em uma cena de pesadelo de horror noturno, era cada homem por si. O canhão, muitos dos cavalos e a maior parte do ouro foram perdidos bem cedo na batalha. O ouro era uma verdadeira maldição, pois os homens eram retardados por sua ansiedade em escapar com ele, e percebeu-se que isso se aplicava particularmente aos homens vindos com Narváez.

Havia sangue por toda parte, homens berrando em angústia mortal, cavalos gemendo em agonia, os guerreiros mexicas ululando de forma a gelar o sangue e as batidas do toque de rebate e do tambor marcavam um contraponto macabro. O pânico era um inimigo pior do que os astecas, pois não foi feita nenhuma tentativa de organizar uma resistência agressiva ou qualquer espécie de última posição. Homens aterrorizados simplesmente pisoteavam-se uns aos outros e empurravam seus camaradas para os lados, para conseguir chegar mais perto da brecha ou saltar para a água.

O principal desastre foi no canal Toltec, o segundo corte no caminho elevado depois da cidade. Tantos homens caíram ali que por um certo tempo o vão ficou preenchido por uma massa de corpos mortos, de modo que os que vinham por último podiam passar-lhes por cima como uma fundação sólida. O próprio Cortez esteve próximo de ser capturado quando caiu na água e teria sido agarrado e levado para o sacrifício não fosse pela valente intervenção de dois de seus guarda-costas. Ele de fato conseguiu encontrar um caminho através da água e exortou seus homens a seguirem aquela rota, mas no barulho infernal ninguém o ouviu. Em pouco tempo, ele e o punhado que havia aberto caminho através do inferno da retaguarda saltaram de volta para a água que os separava da terra firme; outros mais morreram ali, e os sobreviventes conseguiram chegar por se agarrarem às crinas e caudas dos cavalos.

Alvarado, no comando da retaguarda, conseguiu salvar-se em circunstâncias controversas - mais uma vez Cortez não inquiriu com minúcia sobre a conduta de seu favorito. Mas seu co-comandante, Velásquez de Leon, nunca mais foi visto outra vez: ou pereceu na luta ou foi sacrificado mais tarde. Muito poucos da retaguarda conseguiram alcançar a segurança e o *espirit de corps* espanhol dificilmente seria reforçado pelo desastre. De acordo com um relato, 270 espanhóis estacionados na área externa do palácio nem sequer foram informados da decisão de evacuar e então foram cercados, capturados e arrastados para a morte no sacrifício pela faca de obsidiana.

Por quaisquer padrões, os eventos do que veio a ser conhecido como "La Noche Triste" (A Noite das Lágrimas) foram uma catástrofe e de longe o maior revés para as armas espanholas desde a descoberta do Novo Mundo. Mais de 600 espanhóis pereceram naquela noite e quase todos os tlaxcalas.

Cuitlahúac, saudado como o libertador e redentor, foi creditado pelos astecas como a mente por trás da sangrenta retribuição contra os atormentadores, embora a batalha fosse, na verdade, uma farra espontânea de matança, quando os mexicas por uma vez tiveram os espanhóis à sua mercê. Ele foi imediatamente coroado como novo imperador e prometeu a seu povo que iria livrar o país daquela praga estrangeira de uma vez por todas.

A VITÓRIA CONTRA CUITLAHÚAC

Voltando desconsoladamente à terra firme, Cortez demonstrou um sangue frio estóico (ou brutal indiferença). Não demonstrando sinais de pânico, ele disse a seus homens que ainda pretendia conquistar Tenochtitlán e que simplesmente haviam fracassado numa das batalhas de uma longa guerra. Perguntou então por uma única pessoa - Martin Lopez, o construtor de navios — e, ao saber que se encontrava a

salvo, comentou laconicamente: "Bem, vamos, pois neste caso não nos falta nada". Sua sóbria satisfação sem dúvida era produto da notícia de que os mortos, na maior parte, eram homens de Narváez. Mas os espanhóis ainda estavam longe da segurança. Enquanto Cortez recuava de Tacuba para o norte, ao longo do lago, estavam sob constantes ataques dos astecas perseguidores. Ele manteve seus homens marchando o dia inteiro, então, fez uma breve parada ao anoitecer, para dormirem antes de se colocarem de novo a caminho à meia-noite. Voltando-se para leste, ao norte do lago, os conquistadores devem ter pensado que haviam escapado com facilidade, pois os ataques dos perseguidores agora pareciam esporádicos e sem coordenação. Mas Cuitlahuac estava apenas acalentando sua presa antes de lançar o ataque principal. Talvez uma semana após "La Noche Triste", em Otumba, a hoste asteca caiu sobre o exército espanhol, agora reduzido a cerca de 340 homens, quase todos feridos; cerca de 400 haviam chegado à terra firme em Tacuba, mas outros 60 haviam morrido por causa dos ferimentos resultantes da marcha extenuante.

Otumba pode muito bem ter sido a maior exploração militar de Cortez. A batalha durou toda a manhã, com os confiantes astecas alinhados contra os conquistadores feridos e desmoralizados. Mas os mexicas retomaram o antigo equívoco de tentar fazê-los prisioneiros, para o sacrifício, ao invés de avançar para matá-los. Reduzidos a 27 cavalos - três haviam morrido na trilha ao redor do lago - Cortez fez montar seus guerreiros mais hábeis e avançou diretamente sobre os líderes astecas agrupados ao redor do estandarte. Vencendo rapidamente a resistência e capturando a bandeira, os espanhóis semearam confusão nas fileiras inimigas, já que a perda do ponto de reunião deprimia e, ao mesmo tempo, confundia os guerreiros mexicas.

Cuitlahuac demonstrou que afinal não era um guerreiro poderoso. Não apenas havia ordenado a seus homens que fizessem prisioneiros ao invés de liberarem a natural fúria homicida em evidência durante La Noche Triste, como também cometera o engano elementar de atacar homens montados em campo aberto. Os astecas era mortíferos em lutas de rua ou na guerra de guerrilhas urbana, mas não tinham resposta para a súbita carga de cavalaria, no que Cortez era excelente. Nem conseguiam lidar com a arma secreta dos espanhóis, em evidência nessa batalha: os ferozes mastins caçadores de escravos, treinados para atacar a garganta. Se a vitória contra Narváez devia um bocado ao ouro, a vitória contra Cuitlahuac devia muito aos animais — cavalos e cães.

Os conquistadores alcançaram o território tlaxcala em 9 de julho, e, para seu grande alívio, encontraram seus antigos aliados amigáveis. Sabendo como as tribos indígenas podiam se mostrar voláteis, temiam que os tlaxcalas não se mantivessem firmes, e, com efeito, seus temores eram bem fundamentados, pois a decisão de apoiá-los havia sido tomada num repente. Cuitlahuac havia enviado mensageiros a Tlaxcala para tentar persuadi-los a abandonar os espanhóis derrotados, e a forte facção anti-Cortez em Tlaxcala quase conseguira vencer naquele dia, sendo superada nos votos apenas por uma pequena margem, ao final, pelos leais a Cortez. O ódio aos astecas havia superado seus interesses verdadeiros. Mesmo assim, os tlaxcalas conduziram uma barganha difícil. Cortez teve de concordar em entregar Cholula, guarnecer nova fortaleza em território tlaxcala para protegê-los contra uma recuperação asteca, prestar garantia de perpétua liberação dos tributos de quem quer que viesse a governar em Tenochtitlán e dividir todo o botim com eles.

O maquiavélico Cortez concordou, sabendo que se derrotasse os astecas, poderia repudiar facilmente o acordo e não haveria nada que Tlaxcala pudesse fazer a respeito. Ele tinha mais problemas com seus próprios homens, pois muitos deles não partilhavam de sua confiança num eventual desenlace bem-sucedido e clamavam por retornar a Cuba. Mais uma vez, Cortez demonstrou ser um gênio em relação às palavras persuasivas. Ele apelou ao *ethos* castelhano da honra, para conseguir que ficassem. Seu discurso dirigido aos descontentes continha alguns pontos notáveis: se recusassem, os tlaxcalas iriam juntar-se aos astecas; ele argumentou que todos os conquistadores sofrem uma derrota (afirmação não estritamente verdadeira) e que nenhum grande capitão desistiu após ter perdido em apenas um confronto.

PERSEGUINDO UM SONHO DORADO: RUMO A TENOCHTTLÁN

Nesse meio tempo os astecas ainda não haviam capitalizado sua grande vitória de "La Noche Triste". Pensando que os espanhóis haviam partido para sempre, ficaram demasiado confiantes, reconstruíram a cidade e retornaram às suas festas tradicionais. Quase imediatamente enfrentaram dificuldades. A varíola os atingiu em setembro de 1520 e, embora o impacto desse fato não deva ser exagerado (como o foi, por alguns historiadores), psicologicamente não se poderia dizer que os deuses os estivessem favorecendo, especialmente quando o próprio Cuitlahúac morreu da doença, pouco depois de ser escolhido imperador. Cuauhtémoc, um homem mais capaz, foi eleito em seu lugar. Para desalento dos mexicas, eles souberam que os espanhóis (com sua imunidade adquirida na Europa) não sucumbiam à varíola como eles.

A busca dos astecas por novos aliados também não foi muito bem-sucedida, e Cortez aumentou o problema atacando o povo de Tepeaca, uma das tribos mais firmes da coalizão mexicana. A ação de Cortez foi esperta, já que atingiu várias metas de uma só vez: desmoralizou os astecas, alertando-os para a rapidez da recuperação espanhola; impressionou os tlaxcalas; tirou o chão da facção que desejava retornar a Cuba, e atraiu as mentes dos muitos que se mantinham por cima do muro.

Mais navios chegaram a Vera Cruz para consolidar a expedição de Narváez, de modo que Cortez simplesmente incorporou-os às suas próprias forças. Quando partiu para Tepeaca, 65 quilômetros a sudoeste de Tlaxcala, contava com 500 homens na infantaria, 17 cavalos e seis atiradores de besta. No início de agosto, ele venceu uma batalha feroz e então espalhou um reinado de terror por toda a província de Tepeaca. Nessa época, ele aumentava sua lista de atrocidades: primeira vez, vendeu mulheres e crianças para a escravidão e, ostensivamente, fechou os olhos ao sacrifício humano praticado pelos tlaxcalas, que previamente deplorava. Sua campanha mais brutal, no entanto, assegurou-lhe ricos dividendos. Ele inspirou temor por toda parte, conquistou novos aliados, assegurou uma base de operações sólida e isolou os astecas tanto do mar quanto de importantes fontes de suprimento no interior. Alguns especularam que, após "La Noche Triste", o ferro tomou conta da alma de Cortez e ele se tornou um genuíno monstro em seu tratamento reservado aos indígenas, mas pode ser simplesmente que ele não precisasse mais dissimular nada como fez nos primeiros dias no México. E a cada dia sua força aumentava. Mais seis navios chegaram a Vera Cruz, alguns enviados pelo governador Velásquez, que ignorava o que havia acontecido a Narváez; pelo menos mais 200 homens foram acrescentados ao exército. O núcleo dos primeiros aventureiros de Cortez era agora apenas um entre três grupos distintos de conquistadores, sendo que os outros eram formados pelos sobreviventes dos homens de Narváez e pelos recém-chegados.

Finalmente, Cortez estava pronto para realizar seu sonho dourado: a tomada de Tenochtitlán. Avançando com uma hoste formidável, ele chegou à cidade lacustre de Texcoco na véspera de Ano Novo de 1520. Disponha de 550 espanhóis na infantaria, 80 atiradores de besta e arcabuzeiros, 40 cavalos, oito peças de artilharia de campo e dez mil auxiliares tlaxcalas.

Texcoco era uma cidade virtualmente fantasma, pois a maior parte de seus habitantes fugira, mas Cortez descansou ali por três dias antes de marchar ao redor do sul do lago, em direção a Ixtapalapa. Os astecas demonstravam sua crescente engenhosidade desenvolvendo um esquema para afogar o exército espanhol, ao desviar a água de enchentes para a cidade, mas, por um golpe de sorte, os conquistadores haviam acampado fora da cidade, de modo que não foram molestados pelo mini-tsunami. Até o final de janeiro, Cortez esteve ocupado arrastando bergantins de 12 metros por sobre as montanhas, até as margens do lago, aprontando-os para um assalto anfíbio. O poder marítimo seria de importância crucial na luta vindoura e Cortez abençoava a sorte que o fizera preservar as partes de ferro e os cordames de sua armada trazida para a praia em Vera Cruz.

Cortez partiu para oeste ao redor do lago, até Tacuba, onde, numa estada de seis dias, lutou em diversas escaramuças sangrentas; houve outros desses confrontos também quando dirigiu seus passos até Texcoco.

Ali precisou sufocar outra conspiração contra si (por um agente do governador cubano, de nome Antonio de Villafana) e executar os cabeças. Em três meses de atividades contínuas de guerra, ele enviou expedições a lugares afastados, como Cuernavaca. Enquanto isso, ao redor do lago, travavam-se batalhas ferozes, pois Cuauhtémoc enviou ondas de guerreiros através do lago numa contra-ofensiva. Numa batalha em Xochimilco, Cortez, um gato de muitas vidas, certamente teria sido morto se os astecas estivessem lutando para matar e não apenas capturar. Ao final dos três meses, Tenochtitlán estava efetivamente cercada, sofrendo de escassez de comida e outros suprimentos, recebendo poucos tributos e forçada a guerrear na estação de plantio.

A MAIS LONGA BATALHA ININTERRUPTA DA HISTÓRIA

Enquanto a varíola abria clareiras na população mexica, durante todo o tempo os astecas se enfraqueceram enquanto os espanhóis se fortaleciam. Lentamente, Cortez ia aprendendo novas técnicas, como o uso dos atiradores de besta contra ataques aquáticos e como dispor cavaleiros nos caminhos elevados. Ao final de abril, com reforços constantes, ele tinha 700 homens na infantaria, 120 arcabuzeiros e atiradores de besta, 90 cavaleiros, três armas pesadas e outras 15 menores montadas nos bergantins. Em 28 de abril, ele lançou 12 bergantins no lago, um sinal de que agora tinha o domínio sobre a água assim como também em terra. Sua estratégia era muito clara: assolar a cidade pela fome, destruir todas as canoas de guerra, ocupar os caminhos elevados e não desperdiçar homens sem necessidade; como era de seu costume, Cortez sempre tentara fazer com que os tlaxcala se encarregassem de receber o impacto das lutas iniciais, usando os conquistadores como tropas de choque. Taticamente, ele dividiu suas forças em quatro grupos, três dos quais lutariam em terra e o quarto como marinheiros, nos bergantins. Nos estágios iniciais da campanha, os três exércitos de terra deveriam tomar e manter os caminhos elevados de Coyoacán, Tacubs e Ixtapalapa, enquanto os bergantins limpavam o lago. No dia 1º de junho, Cortez ordenou aos bergantins que avançassem através do lago; encontrando canoas de guerra mexicas na metade da travessia, eles alcançaram uma vitória esmagadora, com os canhões de bronze, os arcabuzes e bestas, cada qual contribuindo com sua parte para a destruição do inimigo. Cortez tinha agora o domínio do lago. O contingente de Coyocán sob Cristóbal de Olid acompanhou à altura, com importante sucesso em terra.

Cuauhtémoc ordenou uma grande mobilização do povo asteca - pela primeira vez a sociedade era organizada para a guerra total, em lugar das campanhas de uma classe guerreira. Agora as mulheres também pegavam em armas, confirmando por fim as lendas sobre "as amazonas", tão freqüentes na conquista espanhola e responsável pelo nome do maior rio da América do Sul. Os mexica já se encontravam sob grande pressão, desde que no início de junho os espanhóis haviam desabilitado o aqueduto que abastecia a cidade; com o principal suprimento de água cortado, os defensores de Tenochtitlán tinham de depender de poços. Entretanto, semanas de lutas de início não produziram progressos de fato, em parte por causa da ferocidade da resistência asteca, em parte porque Cortez, escrupuloso em relação à morte de espanhóis, deixava os tlaxcalas arcarem com a maior parte da luta, e, homem por homem, eles não eram páreo para seus oponentes.

Em 10 de junho, Cortez encarregou os espanhóis de atacarem o centro da cidade atravessando o caminho suspenso, mas eles foram rechaçados por um feroz contra-ataque; a luta continuada já estava reduzindo os arredores da cidade em entulho. Cortez se deu conta, afinal, e com alguma tristeza, de que, nas palavras de uma frase famosa da história posterior, ele teria de destruir a cidade para salvá-la. A tristeza não se devia tanto ao esplendor arquitetônico de Tenochtitlán, mas à sua própria credibilidade; ele desejara entregar uma cidade bonita aos agentes de Carlos V, da Espanha, mas agora encarava a realidade de que iria entregar não mais do que uma ruína fumegante. Um ataque similar em 15 de junho veio reforçar a mensagem de que os astecas iriam lutar até a morte, que toda a Tenochtitlán seria

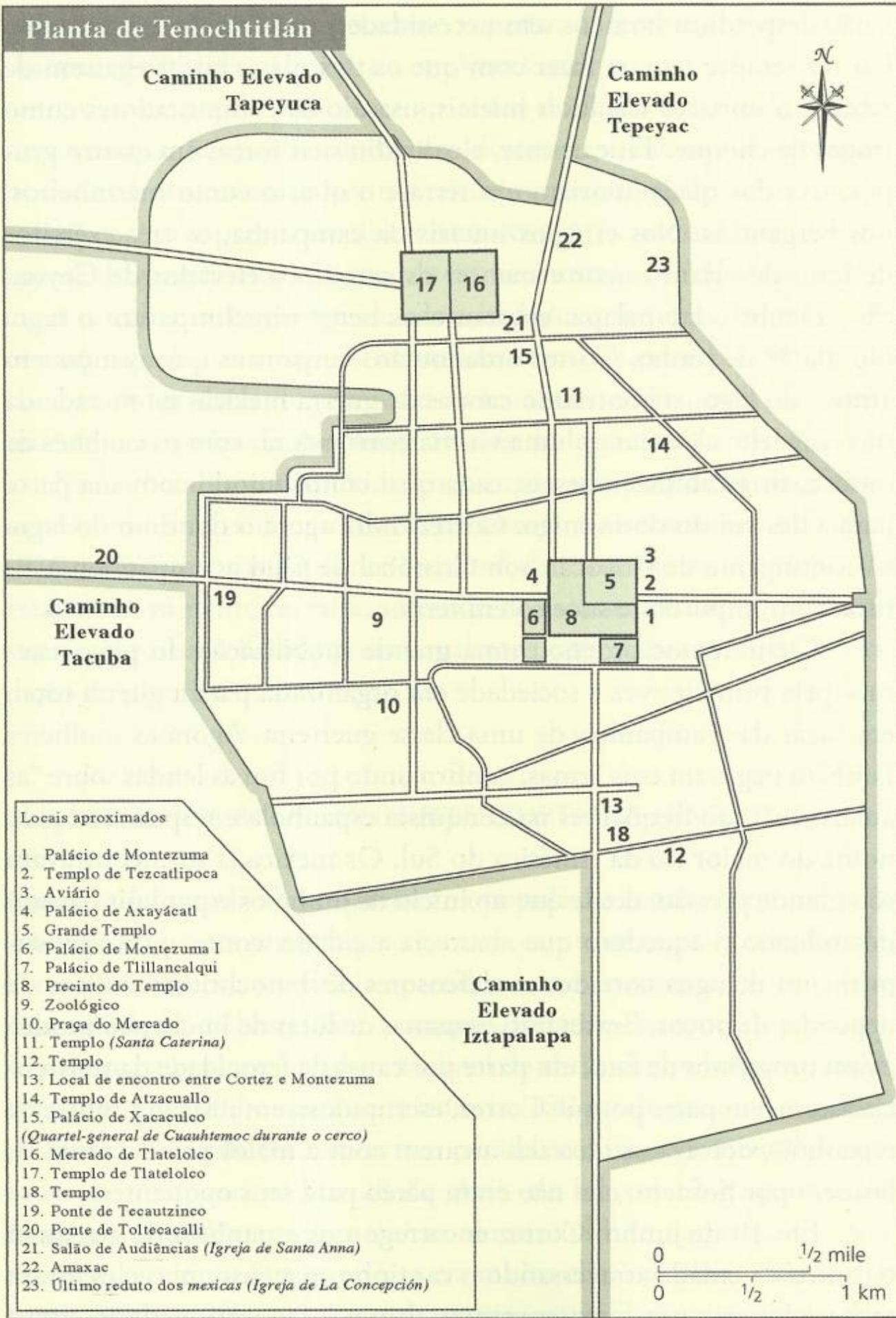
consumida no holocausto e que nenhuma parte do ouro perdido na "Noche Triste" jamais seria recuperada.

Nenhuma descrição do combate feroz, sangrento, realizado de casa em casa, durante a luta por Tenochtitlán, poderia retratar de maneira fiel a diabólica qualidade de um inferno na terra. Os espanhóis avançariam por uma rua até chegarem a um dique ou canal, antes atravessado ao estilo de Veneza, por uma ponte há muito destruída. Ali os astecas teriam uma posição por trás de barreiras de pedra, eriçadas com suas lanças estendidas. Inevitavelmente, os conquistadores ordenariam então uma barreira de atiradores de besta e arcabuzeiros, mas quando os estampidos dos mosquetes e o sibilar das flechas não causassem impressão contra as barricadas de pedra, os canhões seriam chamados a fazer sua parte. Apenas quando um feroz canhão abrisse rombos nas barricadas os astecas recuariam, seguido pelo avanço dos espanhóis, saltando para as águas rasas e escalando as defesas do outro lado.

O próprio Cortez escreveu que o ruído da batalha era tão ensurdecedor que soava como se o fim do mundo tivesse chegado. A cacofonia tinha muitas causas: os estampidos dos tiros, os gritos de guerra dos mexicas, o relinchar dos cavalos, as lamentações dos feridos, os gritos de ajuda dos que eram arrastados para o sacrifício, o rugido das construções desmoronando, os berros de mulheres sepultadas pelos escombros e os gritos daqueles cujas gargantas estavam sufocadas com a poeira do entulho, implorando por água. Alguns historiadores afirmaram que a luta por Tenochtitlán foi a mais longa batalha ininterrupta em toda história humana e, certamente, apenas a titânica competição por Stalingrado, no final de 1942, pode-se lhe igualar em termos de horror continuado. Por toda parte aonde os conquistadores iam, encontravam estacas, barricadas, taludes, buracos ocultos e outras formas de trincheiras. A impressão era a de uma chuva de granizo caindo continuamente, tal a barreira de pedras, dardos e flechas sibilantes.

Os astecas estavam provando ter um talento superlativo para as lutas de rua. Qualquer vantagem inicial proporcionada pelo aço de Toledo fora negada pelas pilhas de armas espanholas capturadas em mais de um ano de lutas. Os homens de Cuauhtémoc lutavam agora com lanças encimadas por lâminas castelhanas, e também com as espadas dos conquistadores. Escondidas nos telhados, suas fundas lançadoras de pedras eram muito eficientes, e tornou-se claro que para exterminá-las os espanhóis teriam de destruir cada casa isolada e não deixar pedra sobre pedra.

Planta de Tenochtitlán



Locais aproximados

1. Palácio de Montezuma
2. Templo de Tezcatlipoca
3. Aviário
4. Palácio de Axayácatl
5. Grande Templo
6. Palácio de Montezuma I
7. Palácio de Tlillancalqui
8. Precinto do Templo
9. Zoológico
10. Praça do Mercado
11. Templo (*Santa Catarina*)
12. Templo
13. Local de encontro entre Cortez e Montezuma
14. Templo de Atzacuallo
15. Palácio de Xacaculco
(*Quartel-general de Cuauhtemoc durante o cerco*)
16. Mercado de Tlatelolco
17. Templo de Tlatelolco
18. Templo
19. Ponte de Tecautzinco
20. Ponte de Toltecacalli
21. Salão de Audiências (*Igreja de Santa Anna*)
22. Amaxac
23. Último reduto dos mexicas (*Igreja de La Concepción*)

0 1/2 mile
0 1/2 1 km

Cuauhtémoc continuava alimentando esperanças de que os espanhóis cometessem o erro de estabelecer uma base no centro de Tenochtitlán, quando então poderiam rodeá-los e massacrá-los, mas Cortez era

esperto demais para isso; ele esclareceu a seus capitães que, com uma base permanente no centro, eles teriam de lutar toda a noite e por todas as noites.

Em vez disso, ele tentava desgastar o inimigo com uma campanha de atrito, entrando e saindo constantemente da cidade em novas incursões, nunca estabelecendo um quartel-general fixo ali. E, no entanto, a cada vez que os espanhóis chegavam mais perto do centro de Tenochtitlán, tinham de responder com as próprias vidas. Tinham de destruir cada uma das construções de uma rua antes de se aventurar por ela, pois se deixassem as casas intactas, os astecas voltariam a ocupá-las quando os espanhóis se recolhessem à noite, prontos a desfechar uma fuzilaria de pedras e flechas na manhã seguinte, de modo que uma luta de rua idêntica tinha que ser reencenada no dia seguinte.

A coragem e a tenacidade dos astecas pareciam inacreditáveis. Cada vez que Cortez pensava que finalmente havia dobrado a espinha do inimigo havia um novo revés. O excesso de confiança sempre trouxe sua própria nênese. Em certa ocasião, após um feroz combate na praça principal, os conquistadores pensaram que os inimigos haviam fugido e os perseguiram pelo interior do templo, apenas para serem expulsos outra vez por números superiores, já que os astecas haviam escondido suas reservas ali. Cada centímetro de solo tinha que ser disputado em luta.

Os espanhóis carregavam pontes flutuantes para colocar sobre os caminhos elevados destruídos e empregavam os tlaxcalas para preencher com adobe e troncos as brechas que os astecas haviam aberto, mas a cada manhã haveria novos buracos e brechas. Bandos de astecas apareciam na retaguarda espanhola e, de repente, Cortez tinha de lidar com frenéticos ataques simultâneos em três setores diferentes. As baixas espanholas aumentavam regularmente. Desnecessário dizer, o julgamento de Alvarado voltou a ser falho e, em 23 de junho, um engano atroz levou cinco de seus camaradas a serem capturados e arrastados para o sacrifício. Pior ainda, alguns dias depois, um bergantim acostou num dos canais periféricos, supostamente território conquistado, quando comandos astecas arrastaram outros 15 para apaziguar seus deuses selvagens nos altares de pedra.

Não obstante, ao final de junho a vitória final dos espanhóis parecia próxima, com todas as tribos não-mexicas tendo se passado para o lado de Cortez e os astecas recolhidos a seu reduto final em Tlateloco, um subúrbio ao norte. Em 30 de junho, Cortez deu o sinal de ataque aos soldados espanhóis e tlaxcalas, para que convergissem de todos os lados. Uma prova da determinação com que os astecas estavam defendendo sua cidade foi o fato de que Cortez teve de contradizer seus próprios capitães em conselho, para ordenar esse ataque; a maioria deles havia votado contrariamente à idéia, temendo que Cuauhtémoc, que demonstrara ser um tático talentoso, conseguisse de alguma forma preparar uma armadilha para eles ali. Naquela ocasião, a maioria desprezada mostrou-se composta de profetas melhores que o líder, de modo que Cortez simplesmente reescreveu o episódio em suas memórias, afirmando que havia se oposto ao ataque, mas seus tenentes haviam insistido.

A verdade é que Cortez usou um plano do qual tinha muito orgulho, mas que resultou desastroso. Entrando da forma costumeira numa Tenochtitlán agora deserta, na manhã de 30 de junho (quase um ano após "La Noche Triste"), os soldados de Cortez marcharam para a praça principal, que havia sido cena de muitas batalhas. Depois ele dividiu sua principal força de assalto em duas. Julian de Alderete, comandando uma coluna de 70 homens de infantaria e oito a cavalo, deveria atacar o noroeste, em Tlateloco, enquanto Cortez procedia na direção norte, ao longo de uma estrada mais estreita, para encontrarem o inimigo num movimento tenaz.

O ataque começou a dar errado quase imediatamente. Cortez não havia considerado em seus cálculos as ruas estreitas e tortuosas de Tlateloco, acostumado que estava às largas avenidas de Tenochtitlán. Tendo feito um progresso lento, ele se encontrou com pesada oposição, de modo que decidiu abandonar o plano original, voltar atrás e seguir Alderete na direção de Tlateloco. Desafortunadamente para ele, os astecas, numa brilhante ação de comando, haviam cortado uma larga brecha do caminho elevado, assim que a coluna de Alderete terminara de passar; o vão recente fora preenchido pelos tlaxcalas, mas agora se

abria ali outra vez e havia uma trincheira de 11 metros cheia de água com 2,5 metros de profundidade entre as duas colunas.

Forçado a recuar por uma oposição resistente, os homens de Alderete viram-se de repente sendo lançados na água, pois a nova brecha criou um caos generalizado. Incapazes de usar seus cavalos ou canhões nas ruas apinhadas, os espanhóis foram encurralados e, agarrando-se rapidamente à sua vantagem, os astecas pularam em suas canoas e remaram em círculo para a ré dos conquistadores. Como na "Noche Triste", Cortez tentou ajudar o contingente cercado e, também nessa ocasião, esteve por um fio de ser capturado pelo inimigo; foi salvo apenas pela insistência dos astecas no costume de capturar em vez de matar e, daquela vez, isso dependeu muito do valor de um espadachim espanhol chamado Cristóbal de Olea, que sacrificou a vida pelo comandante.

O ÚLTIMO HURRA DOS ASTECAS

Os espanhóis sofreram uma derrota inequívoca, com 20 castelhanos mortos na furiosa confusão ao redor da brecha e, de acordo com algumas versões, dois mil de seus aliados indígenas. O destino mais macabro aguardava os 53 conquistadores capturados na refrega. Os líderes espanhóis tiveram de olhar à distância, enquanto seus camaradas eram arrastados escadarias acima para o grande templo de Tlategolco, com sonoro acompanhamento de tambores, trombetas, cometas e conchas, para serem sacrificados. Forçados a dançar diante dos ídolos, os cativos eram atirados sobre o altar e tinham os peitos abertos pelas facas de obsidiana; seus corações ainda latejando eram então segurados e erguidos e os cadáveres entregues aos magarefes para serem retalhados. Essa foi a pior derrota que os espanhóis sofreram desde "La Noche Triste", e teve um efeito dramático. Os aliados indígenas começaram imediatamente a desertar dos conquistadores, e por quatro dias um sombrio Cortez permaneceu em seu acampamento, guardado pelos bergantins que se mantinham perto. Por maior que fosse como guerreiro, Cuauhtémoc demonstrou não ser diplomata e, nesse período crucial, ele perdeu sua oportunidade de levantar o México contra os invasores brancos. Em parte para atingir um alvo fácil, em parte para restaurar a credibilidade, Cortez comandou um ataque diversionista a Cuernavaca, contra os otomis, que haviam rompido com ele imediatamente após o desastre. O sucesso dessa campanha mais uma vez restaurou a iniciativa para os espanhóis.

A grande vitória de 30 de junho acabou sendo o último hurra dos astecas. Agora os seus números aparentemente ilimitados haviam diminuído muito pela horrenda taxa de mortes de um mês inteiro de batalha; eles estavam física, mental e moralmente exaustos, perigosamente carentes de comida e água, já que os bergantins espanhóis ainda controlavam o lago. Quando a luta se renovou em meados de julho - após o espaço para respirar proporcionado pela campanha de Cuernavaca —, os astecas imediatamente pareceram menos eficientes; não houve mais brechas nos caminhos elevados ou estradas. Com a estação chuvosa começando, haviam chegado ao limite de sua resistência, e os espanhóis deram-lhes o *coup de grâce* tomando o último poço de água fresca. Com reforços e nova munição para Cortez chegando diariamente de Vera Cruz, mesmo Cuauhtémoc admitiu que era o final da estrada. A partir de 15 de julho, os conquistadores foram brindados com um rosário de sucessos, incluindo a captura simbólica do templo de Tlatelolco. Mas a luta ainda continuava. Cortez e Cuauhtémoc, ambos, terminaram na posição de "pombas" ladeadas por gaviões e linhas-duras. Cada vez mais desesperada, a luta brutal e sangrenta continuou até que os tlaxcalas finalmente saciaram sua ânsia de sangue, com um grande massacre dos sobreviventes mexicas, em 12 de agosto. A batalha final foi travada no dia seguinte.

Cuahtémoc foi capturado e trazido acorrentado diante de Cortez, que o manteve preso por algum tempo. A derrota dos astecas foi o sinal para um genocídio pelos enlouquecidos aliados índios que, em seu ódio acumulado pelos mexicas, mataram tudo o que se encontrava à vista. Supõe-se que 100 mil astecas foram mortos na conquista do México. Os espanhóis tiveram pelo menos cem mortos no cerco de três meses a

Tenochtitlán, mais de mil em todas as lutas contra os astecas e cerca de 1.800 ao todo, nos anos 1519-21. As atrocidades foram alcançadas por renovada febre do ouro e Cuauhtémoc foi quase torturado até a morte por seus guardas, para que revelasse novas fontes do metal amarelo. Como seus homens estivessem insatisfeitos com seu miserável resultado de 50-60 pesos para cada um, Cortez foi forçado a apaziguá-los concedendo-lhes terras juntamente com trabalho indígena, o que significava que, na verdade, ele introduzia assim o detestável sistema de *encomiendas* na América continental, condenando a população ameríndia à servidão.

Quanto à desonestidade financeira de Cortez, não há dúvidas, pois o tesouro que enviou a Espanha para ganhar o favor de Carlos V contra seus muitos críticos e detratores mostra claramente que havia mentido a seus homens e possuía muito mais ouro do que havia admitido. Esse sempre foi o método de Cortez - observar todos que tivessem importância na Espanha e suborná-los com ouro mexicano. É uma ironia final o fato de que o ouro que enviou para as cortes espanholas para conquistar amigos e influenciar pessoas nunca tenha chegado, tendo sido interceptado perto da costa espanhola pelo notório corsário francês Jean Fleury.

UM GRANDE, MAS CONTROVERSO CONQUISTADOR

Cortez foi um grande conquistador, mas seus métodos foram sempre controversos e ele fazia inimigos poderosos. Juan Rodríguez de Fonseca, bispo de Burgos, era na época da conquista o conselheiro-mor de Carlos V sobre "as Índias", e via diretamente a duplicidade de Cortez. Ele enviou um inspetor-geral chamado Cristóbal de Tapia ao México, em 1521, com poderes plenipotenciários, mas Cortez, apoiado no poder de seu exército, simplesmente o ignorou. Ele se apoiava na facciosidade da corte em Madri, na plethora de agentes que empregava na Espanha com ouro asteca para zelarem por seus interesses, na tempestade de papéis com que inundava a corte e, mais que tudo, nas consideráveis quantidades de tesouros que continuava a embarcar para o Velho Mundo, para abrir-lhe os caminhos. Seus instintos estavam corretos. Embora o tratamento dispensado por Cortez a Tapia fosse traição na linguagem de qualquer um, o monarca espanhol, de qualquer maneira entediado com o Novo Mundo, permitiu a si mesmo ser enganado e aplacado pelo ouro e pelos constantes protestos de serviço leal de Cortez; é possível que tenha sido dito a Carlos que seria mais trabalhoso livrar-se de Cortez do que satisfazê-lo, pois um repúdio expresso da corte espanhola iria quase certamente levar a uma declaração unilateral da independência mexicana pelo súdito supostamente leal. Fonseca perdeu o favor de Madri, Carlos V nomeou um tribunal para decidir as pendências entre Cortez e o governador Velásquez de Cuba, e o tribunal, recheado de nulidades pró-Cortez, promulgou um decreto (datado de 15 de outubro de 1522), nomeando Cortez governador e capitão-geral da Nova Espanha.

Somente em 1526 prevaleceram conselhos mais sábios e, com mais e mais veteranos descontentes acusando Cortez de ingratidão e peculato, ele foi suspenso de sua posição como governador. Retornou à Espanha em 1528, para buscar compensação. Lá teve magníficas boas-vindas de Carlos V, mas não foi outra vez nomeado como governador. Quando regressou ao México, em 1530, os oficiais coloniais apropriadamente indicados mantiveram-no à distância e ele passou uma década infeliz, defendendo-se contra acusações de especulação e assassinato. Em 1540, ele regressou à Espanha e viveu retirado em Sevilha até a morte, em 1547.

Mesmo embora a moralidade não seja a primeira qualidade que se busca nos grandes guerreiros, Cortez era singularmente destituído dela. Seus defensores ressaltam seu catolicismo aparentemente devoto, mas ele nunca permitiu que a doutrina cristã se interpusesse no caminho de seus interesses pessoais; e seu apoio à religião contra o paganismo e idolatria dos ameríndios sempre pode ser visto como tendo uma clara motivação política. É certo que ele tenha sido culpado de assassinato fora do contexto da guerra, no qual era possível ao menos argumentar a favor ou justificar excursões convenientes. Mulherengo

frenético, uma vez obrigado a se reunir à sua mulher Catalina Suarez, ele se assegurou de seu falecimento súbito. Sabemos que ela morreu depois de uma briga envolvendo o harém de amantes informais mantido por Cortez, com grande probabilidade de ter sido morta com um soco furioso desferido pelo grande conquistador. Os defensores de Cortez falam, de forma pouco convincente, sobre um "coração fraco", mas tais extenuantes circunstâncias não podem ser aplicadas no caso das outras mortes misteriosas - e justamente de quem o contrariava. Julian de Alderete se desentendeu com ele e decidiu regressar à Espanha, para expor ao rei os verdadeiros fatos por trás da conquista do México, mas ele morreu subitamente por envenenamento.

Francisco de Garay, governador da Jamaica, foi identificado como rival de Cortez no Novo Mundo e expirou subitamente após jantar na mesa de Cortez. Em 1526, o mesmo aconteceu a Ponce de Leon e Marcos de Aguilar, ambos homens que haviam sido enviados pela Espanha para investigá-lo. A lista de mortes misteriosas ao redor de Cortez compreende, portanto, Catalina Suarez, Francisco de Garay, Julian de Alderete, Ponce de Leon e Marcos de Aguilar. Seria interessante conhecer a probabilidade estatística de todos esses importantes contatos de Cortez terem morrido de morte natural, antes de 1526. No entanto, o caudilho da Nova Espanha se livrou dela, justamente como havia jogado com a fortuna inúmeras vezes em sua luta de vida e morte com os astecas. Cortez viveu segundo o *motto* que diz que: "a fortuna favorece aos bravos", mas a verdadeira lição a ser aprendida de sua vida é mais cínica: nada como o sucesso.

CAPÍTULO 5

TOKUGAWA IEYASU O Legendário Xógum do Japão

Tokugawa Ieyasu foi o fundador do xogunato Tokugawa, uma ditadura que governou o Japão até a Restauração Meiji de 1868. Os primeiros 60 anos de sua vida foram os mais turbulentos de toda a história japonesa, uma Era de guerra civil quase constante. Pode-se dizer que ao longo desses 60 anos o Japão passou por uma grande transformação, de uma sociedade baseada em vilarejos para uma autocracia centralizada. O principal senhor, ou xógum, comandava a aliança de senhores menores baseados territorialmente, porém, ainda assim muito poderosos. Eles, por sua vez, dominavam seus territórios com castelos e forçavam todos os samurais (guerreiros) a servirem como seus dependentes pessoais. O vilarejo costumava ser um microcosmo da sociedade japonesa, com todas as classes e funções ali representadas, mas o crescimento dos senhores territoriais, ou daimios, transformou-os em meros apanágios de plantação de arroz.

Dois tipos de luta ocorriam simultaneamente: entre os senhores territoriais e outros magnatas proprietários de terra tentando ser o supremo ou xógum, e entre os senhores territoriais e as outras ameaças a seu poder em suas próprias terras - samurais despossuídos, revoltas de camponeses, seitas religiosas fanáticas.

Na segunda metade do século XVI, quase todos os samurais foram obrigados a fazer alianças com quem detivesse o maior poder central. A história japonesa evoluiu num ritmo diferente da do Ocidente, motivo que faz alguns historiadores, ao usar modelos ocidentais para estudá-la, ficarem freqüentemente intrigados. Por um lado, o Japão experimentou uma concentração de poder autocrático centralizado semelhante ao dos Tudor na Inglaterra. Por outro, apenas então, pela primeira vez, surgiu no Japão algo semelhante ao feudalismo ocidental, em que as estruturas locais anteriores, baseadas em patrimônio e parentesco, começaram a ser substituídas.

UM PEÃO NA LUTA PELO DOMÍNIO

Nada disso, porém, importa aqui, porque o que interessa são os guerreiros, embora seja pertinente fazer algumas considerações. Se a evolução da sociedade japonesa no período 1550-1600 é confusa para o ponto de vista atual, tanto maior devem ter sido a incerteza, a imprevisibilidade e o caos generalizado de ver e se envolver com aquele turbilhão de exércitos marchando pela mudança das alianças políticas, diante de deslealdades, traições e de irmãos lutando contra irmãos em disputas civis. Ieyasu era uma dessas pessoas: ele nunca deve ter conhecido um único dia calmo até sua idade adulta. Ele nasceu em 31 de janeiro de 1543, na província de Mikawa, no leste do Japão, com o nome de Matsudaira Takechiyo (o primeiro nome em japonês sempre denota o clã de origem). Seu pai foi Matsudaira Hirotada, que morreu aos 23 anos, quando seu filho tinha apenas seis anos. Sua mãe, O-Dai-No-Kata, era a filha de um senhor vizinho. Os pais eram, na verdade, meio-irmãos, tinham 17 e 15 anos, respectivamente, quando o filho nasceu (para evitar confusão sobre os patronímicos japoneses, aqui ele será chamado de Ieyasu). Dois dias depois do nascimento do filho, Hirotada enviou sua mulher de volta à família dela e nunca mais a viu. Ambos os pais casaram-se novamente e tiveram outros filhos, de modo que Ieyasu acabou tendo onze meios-irmãos e meias-irmãs.

Uma das antigas lutas pelo domínio do Japão acontecia entre os clãs Oda e Imagawa, e foi aí que o princípio do caos se instalou primeiramente, pois um ramo da família Matsudaira optara pela vassalagem

aos Imagawa, e outro tinha queda pelos Oda. Os anos de infância de Ieyasu foram marcados por guerras constantes dentro de seu próprio clã, entre os Oda e os Imagawa, como parte de um embate mais amplo; seu pai havia favorecido os Imagawa, mas a maior parte dos Matsudaira era constituída de partidários dos Oda.

Em 1548, quando os Oda invadiram a província de Mikawa, o pai de Ieyasu, Hirotada, voltou-se para o chefe do clã Imagawa, buscando ajuda. Este concordou, com a condição de que Ieyasu, então com cinco anos, fosse enviado ao seu castelo, em Bumpu, como refém; todos os senhores japoneses temiam a traição, por isso a tomada de reféns era parte normal do estado de guerra. Mas quando o clã dos Oda soube do fato, eles emboscaram a caravana e raptaram o menino. Informaram então ao pai que o garoto seria executado, a não ser que Hirotada abandonasse os Imagawa; Hirotada recusou-se, dizendo que a morte de seu filho mostraria aos Oda sua seriedade. Com esperteza, os líderes Oda não mataram Ieyasu, mas mantiveram-no como penhor por três anos em seu quartel-general em Nagoya. Hirotada morreu misteriosamente aos 23, e, quando os Oda foram atingidos por uma epidemia (não se sabe qual), os Imagawa aproveitaram a oportunidade para acabar com eles. Organizando um cerco ao principal castelo dos Oda, prometeram levantar o bloqueio se Ieyasu fosse entregue; a sabedoria da original política de misericórdia foi assim confirmada. Aos nove anos, Ieyasu foi libertado e levado ao castelo de Sumpu, onde viveu até a idade de 15 anos, mais uma vez como refém.

Embora ainda mantendo o patronímico do clã Matsudaira, Ieyasu mudou de nome mais duas vezes, ao final da década de 1550; a segunda vez quando se casou, com a idade de 16 anos. Considerando que já tinha idade para ser um guerreiro, os Imagawa permitiram que retornasse a sua aldeia nativa de Mikawa, sob a condição de que reunisse uma força para lutar contra os Oda. Em breve, ele se distinguiu vencendo uma batalha menor em Terabe e depois atraindo a atenção, por meio de um ousado ataque que lhe permitiu enviar suprimentos a um forte fronteiriço. Mas ele estava lutando pelo lado perdedor, pois, em 1560, a liderança dos Oda passou ao brilhante Nobunaga, destinado a ser um dos "três grandes" da história japonesa do final do século XVI.

Ieyasu sempre fora um afortunado e a sorte estava com ele naquele momento. Os Imagawa invadiram as terras dos Oda com um exército de 20 mil homens, mas foram aniquilados por Nobunaga na batalha de Okehazama. Ieyasu, destacado para capturar um forte de fronteira, permaneceu ali para defendê-lo, de modo que não participou das hostilidades. O líder Imagawa, que o havia submetido a juramento, morreu em Okehazama, e Ieyasu, interpretando corretamente o vaticínio, declarou a si próprio absolvido de todas as alianças prévias e prestou submissão a Nobunaga. Era típico das negociações duplas da época, algo que caracterizava toda a atividade política e militar do Japão de então, que ele o fizesse secretamente, pois sua mulher e filho ainda criança eram mantidos como reféns pelos Imagawa, em Sumpu. Somente em 1561, quando Ieyasu capturou a fortaleza de Kaminojo, é que pôde resgatar a mulher e o filho, trocando-os pela mulher e filha do castelão de Kaminojo.

UM ESTRATEGISTA POLÍTICO

Livre de todos os laços e com a idade (18 anos) em que um líder político ambicioso precisava começar a imprimir a sua marca, Ieyasu agiu como um vassalo exemplar de Nobunaga, passando muitos anos reorganizando e reformando seu próprio clã dos Matsudaira, pacificando a turbulenta província de Mikawa e acrescentando terras a seus principais dependentes e vassallos. Sua única excursão armada nesse estágio de sua carreira foi para debelar uma rebelião de monges aguerridos em Mikawa - típica dos muitos levantes com os quais um senhor territorial tinha de se defrontar; no decorrer da luta, ele quase foi morto por um projétil que o atingiu, sem, no entanto, penetrar na armadura.

As armas de fogo, introduzidas pelos portugueses em 1542, eram um fator novo na cultura de guerra japonesa, algo que Ieyasu observava com atenção. Crescendo com auto-confiança, em 1567 Ieyasu

finalmente adotou o nome pelo qual a história passaria a conhecê-lo, Tokugawa Ieyasu (com a devida permissão do imperador), para isso afirmando, sem qualquer prova ou fundamento, descender do prestigioso clã dos Minamoto; assim deixou o nome Matsudaira para as famílias menores de seu clã ou para premiar senhores menores que se mostrassem cooperativos.

Os senhores japoneses tinham de provar sua ancestralidade nobre e com freqüência mantinham dois mapas genealógicos diferentes, exatamente como os fraudadores atuais mantêm dois conjuntos de livros contábeis. Ieyasu tinha dois desses mapas: um o ligava à burocracia imperial, afirmando descendência da família Fujiwara; e o outro ligava-o à grande família militar dos Minamoto. A partir daí, ele se dedicou a um programa de expansão, sempre cuidando de obter a aprovação de Nobunaga para seus empreendimentos, dessa forma, mantendo-se protegido pelo fianco ocidental. Em 1568, ele e Shingen, chefe do clã Takeda, da província de Kai, formaram uma aliança para conquistar as terras dos Imagawa; dois anos depois, ele já havia acrescentado a província de Totomi a seu domínio, enquanto Shingen capturou a província de Suruga, incluído o castelo de Sumpu. Temendo que Shingen tivesse se tornado demasiado poderoso, Ieyasu então o abandonou e fez aliança com o clã Kesugi - inimigos hereditários dos Takeda.

Nesse ponto, a estratégia política de Ieyasu estava clara. Primeiro, seguir o poder e não alienar os mais formidáveis da terra, no momento representado por Nobunaga, já em vias de ascender ao domínio supremo no Japão. A carreira de Nobunaga mostrava a importância de suas bases de poder estrategicamente localizadas. As dele eram Owari e Kinai, que tinha várias vantagens: a autoridade central ali era bastante fraca, mas, paradoxalmente, era o coração político do Japão, com os mais elevados níveis de produtividade; Owari tinha campos férteis, adjacentes às grandes bacias fluviais, como o delta do rio Kiso, em que avançadas técnicas de prevenção de enchentes permitiam o florescimento de sofisticados vilarejos autogovernados. Ieyasu aprendia com rapidez, usufruindo muito bem das lições que aproveitou da ascensão de Nobunaga: consolidar a base de poder, assegurar-se de contar com suprimento de arroz para alimentar um grande exército e dispor de infra-estrutura para resolver problemas logísticos - e ainda não tirar os olhos dos rivais. Era muito importante jamais desafiar prematuramente o poder dominante ou "hegemônico", razão pela qual Ieyasu marcou um ponto ao liderar cinco mil homens para a batalha em Anegawa, em 1570, quando Nobunaga derrotou os clãs Asai e Asakura. A deferência de Ieyasu para com Nobunaga pagou seus dividendos, quando seu antigo aliado, Shingen, agora aliado do clã Tojo, atacou suas terras em Totomi, em 1571.

Entretanto, essa ainda não foi a melhor hora de Ieyasu.

Para ilustrar o panorama de traições e duplas negociações na história japonesa da época, os três mil homens que Nobunaga enviou para auxiliar Ieyasu desertaram, permitindo que Shingen derrotasse Ieyasu em Mikatagahara, em 1572; a tradição conta que Ieyasu fugiu do campo com apenas cinco homens. Ieyasu, embora um político brilhante, nunca foi um general de primeira classe, e, sabiamente, decidiu evitar lutar novamente contra Shingen, adotando, em vez disso, táticas fabianas. Felizmente para si - a sorte sempre acompanhou Ieyasu -, Shingen foi morto durante um cerco, em 1573, logo sucedido por um filho menos hábil. Quando o clã Takeda, de Shingen, atacou o castelo Nagashimo, em sua província natal de Mikawa, Ieyasu conseguiu finalmente persuadir Nobunaga a levar a sério os acontecimentos dos reinos do leste. Dessa vez, o temível Nobunaga saiu pessoalmente à frente de 30 mil homens. Acrescida dos oito mil soldados de Ieyasu, a força combinada esmagou os Takeda, em Nagashino, em 28 de junho de 1576. Embora o filho de Shingen tivesse escapado e pudesse empreender uma guerra de guerrilhas durante os seis anos seguintes, Nobunaga recompensou seu leal vassalo dando a Ieyasu a província de Suruga, dos Takeda. O poderio combinado de Nobunaga e Ieyasu demorou até 1582 para pacificar completamente a província de Kai, quando finalmente foram capazes de acuar o filho de Shingen. Quando ele e seus parentes sofreram nova derrota esmagadora, em Temmokuzan, em 1582, cometeram o *seppuku* (suicídio), colocando um ponto final às guerras Kai.

ESTRELA EM ASCENSÃO, MALABARISTA POLÍTICO

Naquela época, Ieyasu já era uma estrela em ascensão na política japonesa, amplamente reconhecido como um importante jogador; Nobunaga o colocava entre os 12 principais daimios do país. Após 1573, quando derrubou o antigo xogunato Ashikaga (que havia durado 230 anos), Nobunaga tornou-se o verdadeiro governante do Japão - pois o imperador era mera figura decorativa - e o destino de Ieyasu estava intimamente entrelaçado ao seu. Ieyasu navegou com habilidade pelas correntes traiçoeiras, chegando a sobreviver a um escândalo em 1579, quando sua mulher e filho foram considerados culpados de conspirar ao lado dos Takeda, visando assassinar Nobunaga. Ieyasu encolheu os ombros, considerando o resultado como um karma budista e não levantou objeções quando Nobunaga os executou; ele simplesmente nomeou seu terceiro filho, Hidetada, como seu herdeiro. Entretanto, exatamente quando Ieyasu estava por galgar a posição de segundo homem do Império, Nobunaga foi assassinado por Akechi Mitsuide. Na época do crime, Ieyasu se encontrava longe de sua base doméstica, na cidade portuária de Sakai, e teve de empreender uma jornada secreta e perigosa atravessando o país para voltar à província de Mikawa, desviando-se dos sicários de Mitsuide, que o haviam identificado como outra das cabeças da hidra que era Nobunaga.

Uma vez de volta à província de Mikawa, ele arregimentou um exército para uma guerra de vingança, apenas para descobrir que Toyotomi Hideyoshi havia batido duramente e derrotado Mitsuide na batalha de Yamazaki. Ieyasu reconheceu que Hideyoshi era agora o poder no país, de modo que não contestou sua conquista. Mas foi típico dele usar a morte de Nobunaga para assenhorear-se de províncias governadas pelos vassalos deste, nas quais havia se comprometido a não interferir enquanto seu patrão estivesse vivo; assim, ele logo invadiu prontamente a região de Kai e acrescentou-a a seu portfólio.

A ascensão de Hideyoshi ao poder supremo obrigou Ieyasu a viver seu mais difícil malabarismo político. Por um lado, ele sabia não ser suficientemente forte para se opor abertamente a Hideyoshi, especialmente porque o novo senhor hegemônico mostrava ser ainda mais talentoso do que Nobunaga como comandante militar. Por outro lado, seria politicamente tolo e pessoalmente vergonhoso ceder diante de Hideyoshi com demasiada facilidade. Ieyasu decidiu ver até onde poderia pressionar, sem alienar diretamente Hideyoshi. Começou por apoiar discretamente o segundo filho e herdeiro de Nobunaga, contra os aliados de Hideyoshi. Depois, chamecou as barbas do grande homem, lutando em duas incursões limitadas contra aliados de Hideyoshi, em Nagakute e Komaki, como uma espécie de prova de bravura. Mas, em 1582-1583, Hideyoshi tinha as mãos cheias, lutando pelo domínio contra outros pretendentes ao manto de Nobunaga, em especial os líderes dos clãs Shibata e Shizu. Astuto, Ieyasu manteve-se neutro nesse conflito, devotando-se, em lugar disso, a rechaçar o clã Hojo, que invadira Kai, perseguindo suas próprias aspirações territoriais. O exército de Ieyasu e as forças dos Hojo rodearam-se mutuamente, mas ao final optaram pela paz baseada em concessões: Ieyasu iria manter as províncias Kai e Shinano, enquanto os Hojo ficariam com a província Kazusa. Mas o dia do acerto de contas deveria chegar em breve, pois Hideyoshi vencera brincando seu principal inimigo, Katsuei Shibata, aniquilando suas forças em Shizugatake.

Hideyoshi era, agora, inquestionavelmente, o senhor da guerra número um do Japão, e a política de Ieyasu de apoiar o filho e herdeiro de Nobunaga começou a despontar como opção bastante perigosa. De início, Hideyoshi esteve inclinado a punir aquele moscardo pestilento em seu flanco e enviou um grande exército contra Ieyasu. Longos meses de marchas, fintas e contrafintas seguiram-se, na assim chamada campanha de Komaki, antes que Ieyasu conseguisse vencer uma batalha campal em Nagakute. Dando-se conta de que seria necessário um esforço supremo para se livrar de Ieyasu, que iria permitir que elementos precariamente pacificados do oeste do Japão se levantassem contra ele, Hideyoshi, com sensibilidade, optou por uma acomodação negociada. Confirmou Ieyasu como governante das cinco

províncias de Mikawa, Suruga, Kai, Totomi e Shinano, e, em retribuição, Ieyasu assumiu submissão formal como vassalo de Hideyoshi, no castelo de Osaka, em 1586. Para selar a barganha, ele entregou seu segundo filho a Hideyoshi, para que fosse adotado e casou-se com uma das irmãs do grande homem; a mãe de Hideyoshi foi enviada a Ieyasu como refém. Os dois governantes se encaravam com respeito, mas Hideyoshi nunca confiou completamente no poderoso vassalo de seu flanco oriental; o fato de Ieyasu não ter prestado qualquer contribuição às bem-sucedidas invasões de Hideyoshi, de Shikoku e Kyushu, no Japão Ocidental, não passou despercebido para ele. Não obstante, com Hideyoshi plenamente ocupado no oeste e Ieyasu tentando consolidar-se no leste, a aliança se manteve bem durante os quatro anos seguintes.

TOYOTOMI HIDEYOSHI — INOVADOR E MODELO

Se Ieyasu havia aprendido muito com Nobunaga, ele se tornou um homem sábio, observando Hideyoshi e copiando suas inovações mais bem-sucedidas. Hideyoshi era, de muitas maneiras, uma pessoa ainda mais distinta e talentosa do que Ieyasu, uma vez que conduziu o Japão a novas direções, enquanto Ieyasu pouco fez. Talvez o aspecto mais notável da carreira de Hideyoshi tenha sido o fato de provir do meio rural e ter construído sua ascensão na escala social gradualmente. Enquanto jovem, ganhava a vida costurando, depois entrou para o serviço de um samurai rural, para em seguida deixá-lo e entrar para a equipe de colaboradores de Nobunaga, onde chegou até o topo, tornando-se seu general mais talentoso. Hideyoshi demonstrou ser brilhante na arte do cerco, brilhante em logística e mobilização em massa, e brilhante na organização da estrutura de guerra, construindo estradas, pontes e navios de transporte que podiam levar seus exércitos rapidamente de uma ponta a outra do Japão. Seu talento também se manifestou na inovação militar. Construiu os primeiros navios protegidos por placas de armaduras, com os quais depois aniquilou a frota de Mori, constituída de navios de madeira. E foi o primeiro a utilizar arcabuzes com efeito devastador, usando três fileiras de atiradores e disparando em rotação para vencer a batalha de Nagashimo, em 1573, e aniquilar os guerreiros montados do clã Takeda.

Já falamos do "feudalismo centralizado" do Japão do final do século XVI - um amálgama das incipientes sociedades "modernas" da Europa Ocidental e da entrada tardia da nação nipônica no feudalismo. Se alguém, isoladamente, pode ser descrito como responsável pela introdução desse sistema, essa pessoa foi Hideyoshi. Primeiro, ele derrotou seus rivais mais poderosos e tratou de unir todos os daimios guerreiros numa federação; Nobunaga havia dado os primeiros passos nesse sentido, mas era mais um destruidor impiedoso do que um construtor de nações e criador de instituições duradouras. A natureza feudal do Japão de Hideyoshi foi marcada pela forma como os daimios renderam suas terras a Hideyoshi e receberam-nas de volta como feudos, depois de jurar aliança com ele. Enquanto isso, quase todos os samurais rurais estavam agora concentrados nos castelos dos daimios territoriais. Hideyoshi, então, tratou de manter a sociedade de vilarejos no limiar, incapaz de planejar a rebelião rural, ao cobrar dois terços de suas colheitas de arroz a título de imposto territorial; financeiramente astuto, além de outras qualidades que possuía, Hideyoshi era capaz até mesmo de manipular o preço do mercado de arroz. Foi somente sob Hideyoshi que o feudalismo propriamente dito se instalou, pois ele converteu a base agrícola da escravidão para a servidão. Nas cidades, ele se mostrou muito mais bem-sucedido do que Nobunaga, ao afirmar sua autoridade sobre as guildas mercantis e outros nexos de poder urbano. Num decreto de 1585, ele finalmente aboliu as guildas, o que lhe garantiu o controle pessoal da vida econômica. Ao esmagar o poder dos vilarejos e forçar todos os samurais a viverem em castelos com os daimios, ele quebrou o elo entre samurai e campesinato. Daí por diante, bastava-lhe controlar os poderosos daimios territoriais para controlar tudo.

Hideyoshi também organizou o equivalente japonês de um *Domesday Book*, tentando realizar pesquisas cadastrais que lhe proporcionassem um quadro completo da vida social e econômica da nação. Anunciou uma política de paz que traria tranqüilidade a todas as ilhas do Japão, baniu a pirataria num decreto de 1588 e passou uma lei confiscando todas as armas mantidas por fazendeiros. Engenhosamente, usou então as armas assim confiscadas para propósitos religiosos, fazendo com que fossem fundidas para construir o grande templo de Buda, em Kyoto - colocando em prática o uso da religião para fim de controle social. Os daimios locais receberam ordens de manter vigilância estrita sobre todos os que ganhavam a vida no mar e crucificar qualquer indivíduo chegado à pirataria; essa foi uma das maneiras de assegurar que os fazendeiros, agora privados dos samurais das aldeias, jamais pudessem estabelecer uma causa militar em comum com os pescadores.

Político brilhante, ao conduzir uma guerra, Hideyoshi se valia de forças mistas, convocadas nos contingentes dos vários daimios, de modo que não houvesse deserção em massa ou traição; fazia com que os soldados dos daimios recém-aliados lutassem na vanguarda, para provar sua lealdade. Tendo abolido as guildas dos mercadores, adulou e subornou os mais poderosos entre eles, fazendo o comércio florescer em sua época. Transformou a estrutura do comércio e colocou a moeda num patamar sólido, sobretudo ao aumentar a produção de barras de ouro e de prata; o Japão passou assim a produzir um terço do ouro e da prata do mundo. Foi também o primeiro senhor poderoso a ficar alarmado com o crescente poder dos portugueses em seu enclave de Nagasaki e alimentar suspeitas sobre as atividades dos jesuítas, que chegavam em enxurradas depois da famosa jornada missionária de Francisco Xavier, na década de 1540.

O estado centralizado de Hideyoshi introduziu a idéia de *kogi*, sua própria autoridade, superior àquela de todos os outros daimios e mesmo a do próprio sistema imperial. Nobunaga havia mostrado o caminho ao abolir o trabalho compulsório prestados pelos camponeses a seus senhores locais, decretando que a única corvéia legal era a que ele mesmo ordenara. O decreto de 1587, de Hideyoshi, saiu ainda melhor: estipulava que embora os vassallos pudessem ser movidos de um feudo a outro, os camponeses e fazendeiros deviam ficar ligados ao solo.

O PODER DA PERSUASÃO

Acima de tudo, Ieyasu aprendeu com Hideyoshi que era sempre melhor conciliar do que coagir, deixando a guerra como último recurso. Hideyoshi gostava de conquistar os aliados relutantes, persuadindo-os de que estariam melhor como seus vassallos do que vivendo de maneira independente. Ieyasu admirava o modo como Hideyoshi gradualmente eliminava ou neutralizava todos os rivais, assim como silenciava os esnobes oligarcas japoneses, obcecados com as minúcias sobre posição e linhagem. Ciente das fofocas sobre sua "baixa" origem, Hideyoshi se fez adotar pela família Fujiwara, guardião hereditária do ofício de regente - um posto que Hideyoshi também reservou para si. Por fim, ele mudou seu sobrenome para Toyotomi, e, uma vez que não houvesse mais um xógum, Hideyoshi teria o nome para isso, bem como o fato. Quando derrotou o recalcitrante clã Shimazu, de Kyushu, em 1587, e também seus aliados Chosokabe, em Shikoku, com isso restaram apenas quatro super daimios a serem manipulados como marionetes - um deles era o hiperleal vassallo Ieyasu. Hideyoshi decidiu que a peça seguinte a ser retirada do tabuleiro de xadrez deveria ser o clã dos Hojo, de Kanto - oito províncias do noroeste do Japão.

Ieyasu havia conservado seus recursos militares, enquanto Hideyoshi fazia campanhas no oeste e no sul do país, usando seu poder para ordenar pesquisas territoriais e fazer com que o imposto territorial fosse pago em arroz - duas inovações que devia a Hideyoshi. Mas, quando Hideyoshi declarou guerra aos Hojo, Ieyasu não pôde mais ficar em cima do muro, mesmo considerando que Ujimasa, daimio do Kanto,

era seu amigo. Quando Hideyoshi liderou um enorme exército de 160 mil homens contra Kanto, Ieyasu teve de acrescentar seus 30 mil soldados às forças invasoras.

A gigantesca força combinada de assalto dirigiu-se diretamente para o quartel-general dos Hojo, no castelo Odawara. Hideyoshi se assegurou de que, desta vez, Ieyasu não fugisse às suas obrigações e usou seus 30 mil homens na linha de frente de um amargo cerco de seis meses, em 1590, que terminou com o suicídio em massa dos líderes Hojo, encerrando, assim, 450 anos de domínio desse clã no norte. Quando o castelo de Odawara caiu e os Hojo foram derrotados, os poucos daimios que permaneceram independentes, no norte, especialmente o clã Date, prestaram sua submissão. Hideyoshi agora se tornava senhor de todo o Japão, e, mais uma vez, demonstrava ser um soberbo maquiavélico. Concluindo que Ieyasu agora se tornara demasiado poderoso, ordenou-lhe que, como seu vassalo, mudasse de feudo; em vez das cinco províncias que governava, inclusive Mikawa (as outras eram Totomi, Suruga, Kai e Shinano), ele deveria assumir Kanto. Era aparentemente uma promoção, já que a posse de Kanto faria de Ieyasu o maior proprietário de terras do país, maior até mesmo que Hideyoshi, mas a transferência foi entendida pelos seguidores de Ieyasu como um exílio disfarçado. Desarraigava-o de sua base de poder e colocava-o diretamente na periferia, no castelo de Edo, longe do centro dos acontecimentos. O êxodo em massa de milhares de famílias foi realizado com impressionante rapidez, e 18 dias depois de deixar Mikawa, Ieyasu e sua corte estavam escondidos em Edo. Hideyoshi deixou claro como funcionava sua mente, instalando seus vassalos mais fiéis como senhores das terras desocupadas por Ieyasu.

A HORA DE IEYASU: VITÓRIA PELA ESPERTEZA

De alguma maneira, essa foi a hora de Ieyasu, um verdadeiro teste de caráter e de fibra moral. Um homem de estatura menor teria aproveitado a sugestão, contentando-se em ser periférico, secundário, mas Ieyasu trouxe sua energia costumeira para seus novos domínios. Kanto permanecia intocado pelo sistema feudal de Hideyoshi, de modo que havia muitos samurais de vilarejo recalitrantes à solta - e fora precisamente por essa razão que Hideyoshi havia ordenado a transferência, achando que punha seu poderoso vassalo numa cama de pregos. Ieyasu aceitou o desafio e, em curto prazo, impôs o sistema de Hideyoshi que ele próprio havia adotado em seus antigos feudos de Mikawa. Ou melhor, que o havia adotado parcialmente, rejeitando-o como solução do tipo serve-para-tudo, desviando-se assim dos problemas de um feudalismo monolítico que implicasse ruptura local.

Surpreendentemente, em pouco tempo ele conquistou a maioria dos carrancudos e desalentados samurais que estavam lamentando a morte de seu clã, transformando-os ao oferecer terras e postos burocráticos. Logo Hideyoshi estava perguntando a si mesmo se havia tomado a decisão errada, pois Ieyasu conseguiu até mesmo aumentar a produtividade agrícola. Tarde demais, portanto, Hideyoshi percebeu que havia subestimado o potencial econômico de Kanto, cuja produção bruta poderia em breve chegar ao triplo daquela que Ieyasu havia gerado em seu feudo original. Ieyasu mostrou grande habilidade política ao reforçar seu controle sobre Kanto, expandindo o pessoal burocrático e administrativo e também subornando a oposição. Numa grande divisão de terras e riquezas, ele tomou um terço para si, deu a seus daimios sêniores outro terço e deixou o último terço para os vassalos menores. Como o Kanto era um lugar atrasado politicamente, Ieyasu desfrutou de autonomia local quase completa, tornando-se o número dois no Japão. A mudança para Kanto trouxe-lhe ótimos resultados, como comentou mais tarde um escritor: "Ieyasu venceu o Império com a retirada".

Como Ieyasu não esboçasse qualquer movimento para entrar na arena da política nacional, Hideyoshi contentou-se em deixá-lo isolado em seus domínios do leste. Mais preocupado com os clãs taciturnos e morosos conquistados no oeste, Hideyoshi decidiu deslocar energias marciais contra um inimigo externo - um dos estratagemas clássicos dos autocratas ao longo da história. Em 1592, ele enviou uma enorme força de invasão à Coreia - prelúdio para um assalto posterior contra a dinastia Ming, na China. Numa

antecipação bizarra da futura guerra coreana, a se realizar 350 anos depois, os exércitos japoneses começaram então por varrer tudo o que encontravam pela frente, beneficiando-se da experiência de décadas de guerras domésticas e de seus mortíferos atiradores. Foi quando os chineses cruzaram o rio Yalu em apoio à Coréia sitiada. Em pouco tempo, a guerra encolheu para um impasse e Hideyoshi perdeu prestígio. Ieyasu manteve-se fora do conflito e não mandou soldados ao teatro da guerra - uma repetição de sua manobra da época em que Hideyoshi estava conquistando os clãs ocidentais. Talvez pensando que não poderia confiar na quietude de Ieyasu no leste, enquanto tantos de seus soldados se encontravam na Coréia, em 1593, Hideyoshi convocou Ieyasu a estabelecer residência permanente em Kyoto, como seu conselheiro militar. Essa era uma tática típica de Hideyoshi. Cada vez que conquistava um clã, ordenava que as mulheres e os filhos dos daimios derrotados viessem morar com ele como reféns, na cidade capital. Ele também requisitava a presença quase permanente dos próprios daimios e lhes garantia recursos para pagar residências em Kyoto, quase como se fossem embaixadores de uma corte estrangeira; obviamente, era muito difícil revoltar-se quando se estava prisão domiciliar virtual. Ieyasu podia assim dar-se por contente pelo fato de Hideyoshi não ter solicitado sua presença antes.

EM MEIO À TURBULÊNCIA POLÍTICA DE KYOTO

Enquanto ele se encontrava em Kyoto, os filhos e dependentes leais de Ieyasu controlavam Edo e o Kanto para ele. Não sabemos que papel ele desempenhou na turbulenta política da década de 1590, causada pelo toque titubeante de Hideyoshi. O primeiro sinal de que o grande homem não era mais a mente penetrante de outros tempos aconteceu em 1591, quando ele se retirou da regência — a posição que mantinha oficialmente como o verdadeiro poder no Japão — e a entregou a seu filho adotado, Hidetsugu, embora sem abrir mão do controle geral. A seqüela foi previsível. Em breve os decretos de Hidetsugu começaram a se chocar com os do pai; tornou-se aparente que a única falha no aparato mental de Hideyoshi era o fato de ele não compreender a lei das burocracias auto-sustentáveis e não conseguir ver que o sistema de corte (o regente usava servidores civis, cuja lealdade primeira era dedicada ao imperador) tinha ritmo próprio, ao menos quando não controlado por mão forte. Essa mão não era a de Hidetsugu, e está claro que Hideyoshi deveria tê-lo afastado e governado por meio de ordens. Em vez disso, deixou as coisas correrem, e, em 1594, a tensão entre seus seguidores e os de Hidetsugu se tornou bastante visível. Subitamente, Hideyoshi acusou Hidetsugu de traição e ordenou que cometesse *seppuku*; por fim, Hideyoshi arrancou a máscara e emergiu como governante absoluto e único.

Não é certo se foi a conselho de Ieyasu que uma trégua foi negociada com os chineses, por quatro anos (1592-1596), embora tivesse sido de seu interesse que a guerra continuasse arrastando-se, consumindo o sangue e o tesouro de Hideyoshi. Não importam quais eram os planos, mas Ieyasu tinha algo em mente quando acabou surpreendido, em 1593, com a notícia de que Hideyoshi tivera um filho, Toyotomi. Esses são os anos obscuros da biografia de Ieyasu, mas há sinais de que ele já estivesse traçando planos para a época da sucessão, porque Hideyoshi, envelhecendo, subitamente parecia estar perdendo ainda mais o controle.

Em 1597, perdendo a paciência com as prolongadas negociações de paz com a China, ordenou uma segunda invasão da Coréia; desta vez um exército de 140 mil homens deixou a costa do Japão. Os chineses e coreanos se opuseram aos invasores com táticas de guerrilha e, em pouco tempo, os suprimentos de comida dos soldados japoneses começaram a escassear. A Coréia era uma ruína fumegante de vilarejos devastados e arruinados, as colheitas de arroz não eram feitas e foi dito que um corvo voando por sobre a Coréia central teria de carregar consigo suas próprias provisões. Cada vez

mais exasperado por uma guerra que parecia incapaz de vencer, Hideyoshi reabriu as negociações de paz, mas morreu pouco depois (em 18 de agosto de 1598). Deixou um Conselho de Regência composto por cinco homens: Ieyasu mais os notáveis Maeda Toshiie, Mori Terumoto, Ukita Hideie e Uesugi Kagekatsu, todos nomes importantes na biografia de Ieyasu.

A ROTA PARA O PODER

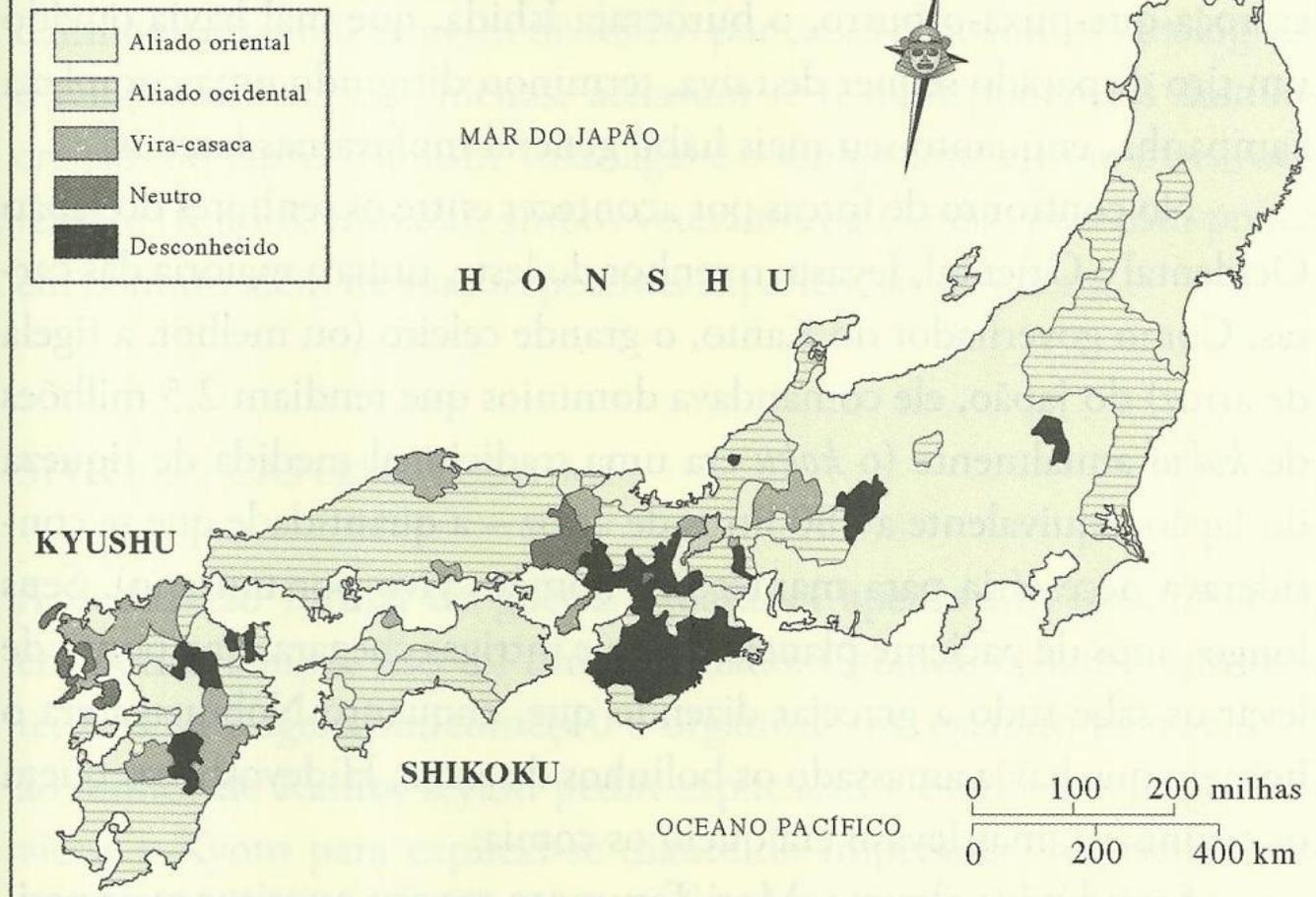
As habilidades políticas de Ieyasu eram agora cobradas até o limite, pois os outros regentes estavam inclinados pela continuação da dinastia Toyotomi e de seu sistema. Além disso, os cinco regentes estavam eles próprios enfrentando o grave desafio de tomar decisões em relação a uma outra instituição de Hideyoshi, a dos Cinco Comissários, formada por administradores, mas que eram rivais dos regentes pela supremacia. Como o Japão ameaçasse mergulhar no caos, os grandes daimios nipônicos encaravam uma escolha óbvia: ou teriam de apoiar os regentes e se declarar pela sucessão de Toyotomi ou teriam de sair por Ieyasu. Muitos daimios Toyotomi — ao menos aqueles que tinham liberdade de ação - decidiram que Ieyasu seria o vencedor em qualquer julgamento nacional, e assim se passaram para o lado dele. Mas os daimios do oeste estavam determinados a nunca serem governados a partir de Edo, além disso, havia grandes senhores cujos destinos estavam atados a Hideyoshi e seus sucessores, gente que sofreriam pesadas perdas se Ieyasu se tornasse o xógum.

A única vantagem de que Ieyasu desfrutava era o fato de seus opositores estarem tomados pela facciosidade. As divisões da elite eram marcadas pelos notáveis anti-Ieyasu separados por uma facção burocrática representada pelos cinco comissários baseados em Osaka e pelos senhores militares do Japão Ocidental. Essa era uma ferida que jamais seria curada e acabaria contribuindo para o triunfo de Ieyasu.

Imediatamente após a morte de Hideyoshi, Ieyasu elevou as apostas, mudando-se para o castelo Fushimi, a fortaleza pessoal do finado governante. Os outros regentes consideraram o fato como uma usurpação, mas evitaram lançar a nação numa guerra civil. Inicialmente, ensaiaram, sem muita convicção, algumas tentativas de assassinar Ieyasu, mas nenhum dos planos funcionou.

Em 1599, o mais antigo dos regentes, Maeda Oshiee, morreu, removendo o principal obstáculo à rota de Ieyasu para o poder; Oshiee tinha imenso prestígio, e teria sido difícil para Ieyasu desafiá-lo abertamente. Uma vez que ele se fora, Ieyasu começou a lançar decretos como se já fosse o sucessor de Hideyoshi. Irrados, os outros três regentes se prepararam para a guerra e chamaram os senhores do oeste e os comissários. Gradualmente, o principal mentor e centro nervoso da oposição de Ieyasu emergiu na figura de Ishida Mitsunari, um dos cinco comissários, um "mediador" e corretor de transações, mas não um soldado. Sob a égide de Ishida, ele aos poucos foi formando uma coalizão de clãs do oeste, com os principais contingentes sendo supridos pelos clãs Date, Mogami, Satake e Meda. Mas Ishida acabou se revelando uma escolha desastrosa como coordenador dos aliados ocidentais.

As Alianças: Japão, setembro de 1600



Originalmente promovido apenas por sua proficiência na tradicional cerimônia do chá, era um homem astuto, mas de modos bruscos e pouco charme; alguns líderes de clãs optaram por lutar por Ieyasu só por causa dessa razão pessoal. O grande talento militar entre os ocidentais era Mori Terumoto, cabeça do poderoso clã dos Mori, mas o ciumento Ishida, que não tinha habilidades marciais, recusou-se a entregar a direção a Terumoto; numa clássica inversão, como a da carroça-que-puxa-o-burro, o burocrata Ishida, que mal havia ouvido um tiro disparado sequer de raiva, terminou dirigindo uma complexa campanha, enquanto seu mais hábil general mofava nas laterais.

No confronto de forças por acontecer entre os senhores do Japão Ocidental e Oriental, Ieyasu, o senhor do leste, tinha a maioria das cartas. Como governador do Kanto, o grande celeiro (ou melhor, a tigela de arroz) do Japão, ele comandava domínios que rendiam 2,5 milhões de *kokus* anualmente (o *koku* era uma tradicional medida de riqueza do Japão, equivalente a 180 litros de arroz - a quantidade que se considerava necessária para manter um homem vivo por um ano). Seus longos anos de paciente planejamento e intrigas chegaram ao ponto de levar os sabe-tudo a agradecer dizendo que, enquanto Nobunaga era o homem que havia amassado os bolinhos de arroz, Hideyoshi era quem os cozinhava, mas Ieyasu era quem os comia.

Sem dúvida alguma, Mori Terumoto era seu opositor mais perigoso, também um homem rico, com recursos pessoais de 1,2 milhões de *kokus* anuais. Foi dito que, enquanto Ieyasu podia construir uma estrada da planície de Kanto até Kyoto, Terumoto poderia construir uma ponte de ouro de seus domínios até a capital. No entanto, para além disso, Ieyasu e seus aliados lutavam por um objetivo claro: ver o senhor de Kanto entronizado como xógum; a disciplina e a unidade caracterizavam suas forças e seus aliados. Os clãs do oeste não tinham essa clareza de objetivos, exceto por um vago compromisso de manter a existência do legado de Hideyoshi e de sua dinastia.

Suspeitando dos motivos de uns e de outros, e com muitos suspeitando que o ambicioso Ishida, em última instância, desejava o poder supremo para si, mostraram-se mais vulneráveis a ter clãs e daimios subornados por Ieyasu. O primeiro choque dessa natureza foi a deserção de Kato Kiyomasa, um veterano da campanha da Coréia e legalista de Hideyoshi, simplesmente porque odiava Ishida. Kiyomasa acabaria desempenhando um papel crucial na campanha por vir, pois prevenira Kyushu para não se juntar à aliança do oeste. Além disso, os daimios ocidentais estavam divididos por causa de assuntos ideológicos e religiosos. Em suas fileiras, achavam-se o mais poderosos daimios cristãos do Japão (Konishi Yukinaga) e o senhor anti-cristão mais vociferante (Kato Kiyomasa), ambos veteranos da Coréia, mas com pouco em comum além de suas respectivas experiências na guerra.

SÍTIO AO CASTELO FUSHIMI

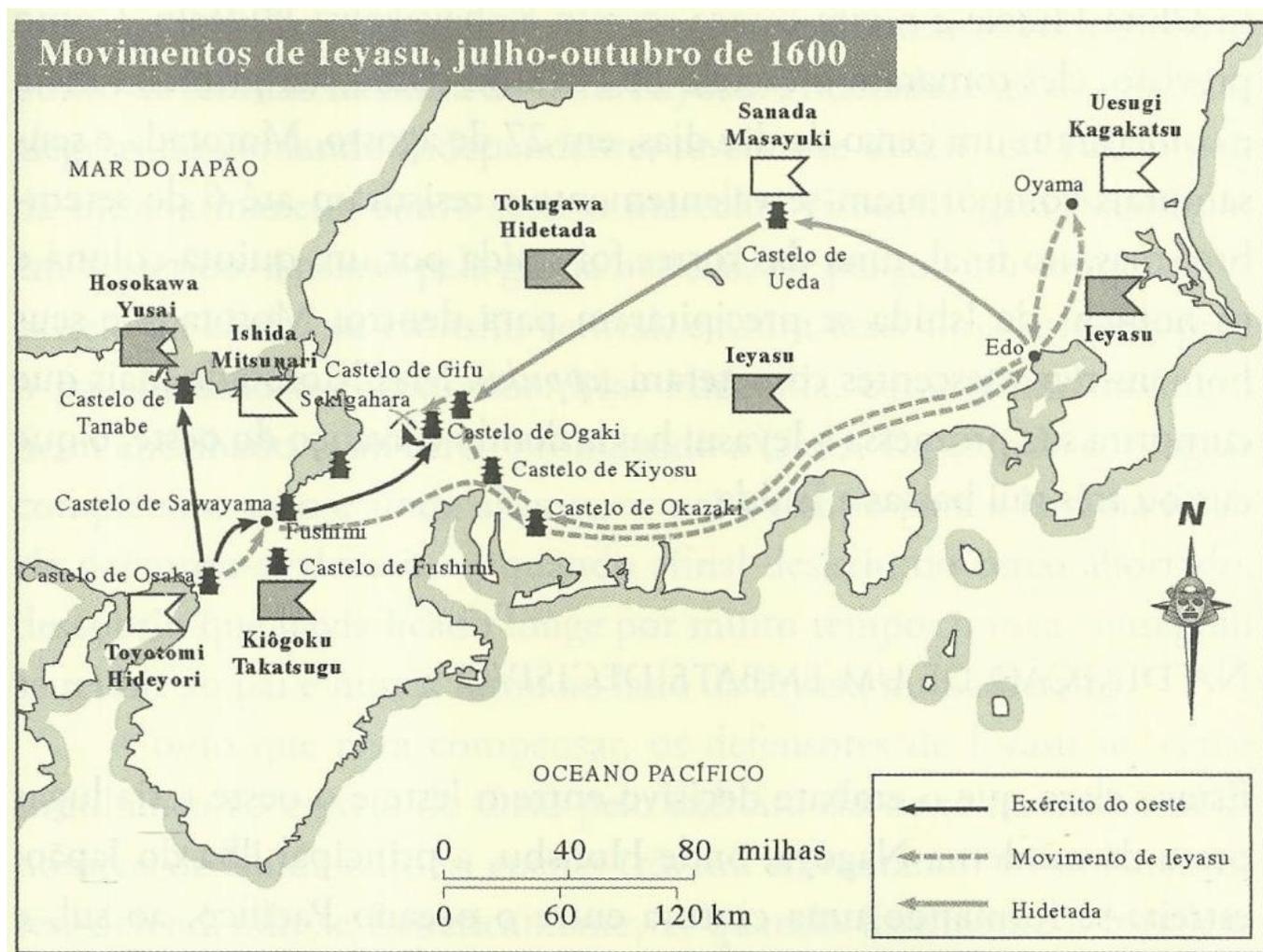
A declaração formal de guerra aguardava apenas um *casus belli*, e, em pouco tempo, isso foi providenciado. Quando o daimio do oeste, Uesugi Kagekatsu, começou a organizar um exército para se opor ao senhor de Kanto, Ieyasu pediu explicação e exigiu que Kagekatsu viesse a Kyoto para explicar-se diante do imperador. Kagekatsu respondeu com uma contra-acusação de que Ieyasu havia quebrado todas as regras de Hideyoshi e zombado das instituições sagradas do Japão. Por insistência de Ishida, o Conselho de Regência apoiou Kagekatsu, anunciando a condenação formal de Ieyasu, indiciando-o por 13 motivos, inclusive a contratação de casamentos políticos unilaterais e a ocupação do castelo de Hideyoshi. Enquanto Ieyasu se dirigia para o norte, para castigar Kagekatsu, Ishida anunciou a formação de um segundo exército, prendeu alguns dependentes dos Tokugawa como reféns e aprisionou-os no castelo de Osaka. Ieyasu precisou deixar seus subordinados lidarem com as perturbações de Uesugi, enquanto marchava para oeste contra essa nova ameaça.

Por outro lado, Ishida perdia prestígio desastrosamente, mediante um episódio escandaloso no castelo de Osaka. Entre os reféns que Tokugawa havia tomado, havia uma senhora cristã muito bem educada chamada Gracia Tadaoki, esposa de um dos generais de Ieyasu. Determinada a não ser um "peso" para o marido, nem para o senhor feudal, ela ordenou a uma criada que a matasse - sem dúvida para evitar o suicídio, condenado pelos cristãos - e depois ateasse fogo em seus aposentos. Na confusão que se armou, muitas das outras reféns mulheres conseguiram escapar. Ishida perdeu prestígio por dois motivos: por não haver colocado guardas suficientes para evitar que a senhora efetivamente cometesse suicídio, e pelo fato de o incidente lançar dúvidas sobre seu julgamento. Se ele não conseguia controlar o castelo de Osaka, como poderia lidar com o astuto e engenhoso Ieyasu?

Ieyasu, enquanto isso, prosseguia com sua prática de considerar a luta efetiva apenas como último recurso, quando todas as outras medidas tivessem falhado. Seu primeiro plano era atrair o maior número possível de aliados indecisos e dúbios da Aliança Ocidental, por meio de propinas e generosas promessas futuras. Seu maior sucesso se deu com Kobayakawa Hideaki, sobrinho de 19 anos de uma das esposas de Hideyoshi e filho adotivo do falecido governante. Como tantos da aliança ocidental, Hideaki estava aborrecido com um insulto do temperamental e indiscreto Ishida. Durante a guerra da Coréia, Ishida denunciou Hideaki a Hideyoshi como imaturo e incompetente, o que fez com que o jovem fosse chamado de volta da frente, em desgraça. Hideaki lembrou-se de que fora Ieyasu quem intercedeu por ele junto a Hideyoshi e conseguiu reconciliá-lo com o padrasto. Quando Ieyasu o abordou e lhe ofereceu a condição de *kanpaku* (chanceler) no governo que esperava formar assim que tivesse derrotado os ocidentais, Hideaki teve um duplo motivo para apoiar o leste, representava tanto uma dívida de honra quanto a esperança de preferência futura. Tudo apontava para um entendimento com Ieyasu, mas antes Hideaki consultou sua madrasta (a viúva de Hideyoshi): ela recomendou que ele seguisse sua consciência. Interpretando como que devesse seguir "sua própria vontade", Hideaki disse que o que era solicitado seria difícil, mas ele o faria; Ieyasu percebeu que o melhor a conseguir com o novo recruta

seria deixá-lo continuar como membro ostensivo da Aliança Ocidental, pronto a mudar de lado quando fosse necessário.

Outras sondagens feitas pelos agentes secretos de Ieyasu, especialmente entre o clã Mori, indicaram que havia lá outros vira-casacas em potencial, gente que não daria tudo de si numa batalha-chave; a estes também Ieyasu fez ricas promessas e deixou-os pensando nos eventuais prêmios a receberem pela traição. Outro valioso recruta secreto foi o daimio Kikkawa Hiroie, mais um que foi motivado por mágoas pessoais em relação a Ishida. Sentindo que a insistência de Ishida em dirigir as operações era um insulto a Terumoto e ao clã Mori, Hiroie enviou informações clandestinas a Ieyasu de que seus homens também não iriam lutar quando chegasse o momento, esperando encorajar o clã inteiro a agir da mesma forma. Os espiões de Ieyasu trouxeram notícias encorajadoras mesmo de Kato Kiyomasa, o daimio anticristão. Prometendo que, se fosse bem-sucedido, iria erradicar o "câncer" cristão do Japão, Ieyasu acenou com uma isca que fez Kiyomasa pensar duas vezes.



Ishida e seus aliados retiraram-se temporariamente do castelo de Osaka, quando Ieyasu marchou, na esperança de ampliar suas linhas de comunicações e atraí-lo para o oeste, para sua perdição. Mas Ieyasu descobriu a armadilha e marchou lentamente de volta para Edo, partindo em 24 de julho de 1600. Na noite seguinte, parou no castelo Fushimi e passou a noite bebendo com o administrador, um velho amigo chamado Torii Mototada. Estava claro para ambos que o exército Ocidental iria atacar o castelo e dominar Mototada e seu samurai, de modo que a bebedeira foi mais uma triste despedida; o *pathos* da despedida tornou-se um tema favorito para poetas japoneses.

Ieyasu então prosseguiu para Edo (alcançada em 10 de agosto), onde permaneceu até 1º de outubro, organizando seu exército e assegurando-se de que todos os problemas de comissariado e logística fossem

adequadamente tratados. Enquanto isso, Ishida convocava um conselho de guerra no castelo Sawayama, em 17 de agosto, aonde todos os poderosos senhores do oeste se reuniram, inclusive o regente Ukita Hideie e o vira-casaca secreto Kobayakawa Hideaki. Como previsto, eles tomaram o castelo de Fushimi como sua primeira meta e começaram um cerco de dez dias, em 27 de agosto. Mototada e seus samurais comportaram-se valentemente e resistiram até 6 de setembro, mas, no final, uma das torres foi traída por um quinta-coluna e os homens de Ishida se precipitaram para dentro; Mototada e seus homens remanescentes cometeram *seppuku*. Mas Mototada mais que cumprira sua promessa a Ieyasu: havia detido o avanço do oeste, o que custou três mil baixas a Ishida.

NA DIREÇÃO DE UM EMBATE DECISIVO

Estava claro que o embate decisivo entre o leste e o oeste teria lugar perto da moderna Nagoya, onde Honshu, a principal ilha do Japão, estreita-se formando uma cintura entre o oceano Pacífico, ao sul, e o mar do Japão, ao norte. Os aliados do oeste reuniram-se no castelo Ogaki, aparentemente para preparar uma invasão a Mikawa. No entanto, Ieyasu antecipou-se a eles, enviando numerosas forças para tomar os dois castelos de Kiyosu e Gifu, de ambos os lados de Ogaki, a cerca de 24 quilômetros de distância; quem quer que controlasse essas fortalezas protegeria também as estradas Tokaido e Nakasendo, permitindo que os exércitos marchassem diretamente para Osaka e Kyoto. Kiyosu foi como um passeio, já que estava em mãos de um neto de Nobunaga, que se declarara a favor de Ieyasu, mas Gifu, defendida por simpatizantes ocidentais, não se saiu muito melhor e caiu em 28 de setembro.

Quando a notícia alcançou Ieyasu, em Edo, ele partiu para oeste com seu exército principal, com esperanças de forçar uma conclusão decisiva. Para certificar-se de que não houvesse nenhuma tentativa de punhalada pelas costas enquanto marchava para oeste, ele enviou seu terceiro filho e herdeiro aparente, Hidetada, numa varredura a noroeste, através de Honshu, com instruções para encontrar-se com ele num ponto de reunião na linha de Gifu/Kiyosu. Hidetada, intoxicado pelas alegrias do comando independente, revelou-se desastroso para o pai, da mesma maneira como seria o marechal Grouchy para Napoleão, em Waterloo. Ansioso pela glória marcial, ele pensou em conquistar o castelo de Ueda, na Honshu central, e assim fazer uma surpresa para o pai, quando o encontrasse. Mas Hidetada, com 36 mil homens, ficou enalhado num cerco prolongado a Ueda. Esperando conseguir completar o sítio e ainda alcançar o pai a tempo para a batalha final, ele demorou-se demais, e, quando afinal desistiu do cerco abortado, descobriu que havia ficado longe por muito tempo: nunca conseguiu se reunir ao pai e nunca lutou ao lado de Ieyasu numa batalha.

Como que para compensar, os defensores de Ieyasu no cerco simultâneo ao castelo de Otsu pelo exército do oeste mantiveram os homens de Ishida retidos; apenas três mil enfrentaram 15 mil atacantes, defendendo-se freneticamente, e, quando finalmente a fortaleza caiu, em 21 de outubro, já era tarde demais para que as forças do oeste fossem desempenhar qualquer papel na batalha-chave. A luta implacável e sangrenta por Otsu (às margens do lago Biwa), que, em certo estágio, viu o envolvimento dos famosos assassinos profissionais do Japão, os ninjas, se transformou em uma espécie de espetáculo, já que o público podia acompanhar o conflito das encostas das colinas próximas e até mesmo dos telhados de Kyoto; foi como que um eco antecipado da famosa viagem de piquenique a Buli Run, durante a guerra civil norte-americana (1861), quando as senhoras aristocráticas "se divertiam" com um dia de derramamento de sangue.

Enquanto isso, Ieyasu continuava a avançar rapidamente do leste. Ishida, alarmado pela velocidade da aproximação dos orientais, começou a temer ser superado numericamente e enviou pedidos frenéticos ao clã Mori, que por fim levou seu exército de 30 mil homens a Osaka. Não obstante, a iniciativa ainda estava em mãos de Ieyasu. Quando alcançou Kiyosu, em 17 de outubro, ele tinha a opção de passar ao largo do exército ocidental em Ogaki e marchar diretamente para Osaka ou Kyoto pelas estradas

principais que agora estavam sob seu controle. Mas isso lhe parecia um adiamento do inevitável; melhor seria atacar a jugular agora, antes que o oeste pudesse ganhar força. Alegando-se por uma nova mensagem do vira-casaca Kobayacawa Hideaki, dizendo que mudaria definitivamente de lado quando a batalha estivesse em curso, Ieyasu lançou-se para Ogaki, chegando aos arredores (ao vilarejo de Akasaka, a apenas cinco quilômetros de distância) no dia 20 de outubro. Acampado junto a um rio, ele passou a tarde e a noite combatendo escaramuças de Ishida, na tentativa de tomar a ponte que ligava Akasaka a Ogaki.

SEKIGAHARA: O CONCEITO DAS ASAS DO GROU

Aquele era o momento para que o oeste usasse a imaginação, e Shi-Tokugawa Ieyasumazu Yoshiro, um general talentoso, sugeriu o caminho a seguir: um ataque noturno em escala total contra Ieyasu, antes que ele tivesse rearranjado suas forças; o regente Ukita Hideie, segundo no comando, apoiou a idéia com entusiasmo. Yoshiro argumentou que as forças de Ieyasu estiveram marchando sem parar durante quase duas semanas, comendo e dormindo sem tirar as armaduras, de modo que estariam cansadas e desmoralizadas. Ishida e seus conselheiros rejeitaram a proposta, argumentando (incorretamente) que os números estavam a seu favor e que ataques noturnos consistiam em ação desesperada de forças fracas atacando forças mais fortes. Yoshiro sentiu-se insultado pela rejeição de sua estratégia e pela crítica implícita de que era um covarde desonroso, de modo que ali acabava de nascer mais um daimio poderoso ressentido com Ishida, e que não pararia tão cedo de ruminar o tratamento insolente que recebera.

Ishida deixou claro para Ieyasu que estava aceitando seu desafio, ao mover suas forças para a planície de Sekigahara, um campo de batalha natural, quase todo cercado de montanhas. Seu exército saiu para arrastar-se sob uma chuva forte, uma precipitação misturada com neve e soprada pelo vento. O avanço para o campo de batalha numa noite tão fria, escura, chuvosa, varrida pelo vento dificilmente poderia ser uma experiência animadora: incapazes de ver muito adiante em meio à escuridão, as vanguardas de alguns regimentos chocavam-se com a retaguarda de outros, gerando pânico de que o inimigo tivesse sido encontrado. Chegando à planície por volta de uma hora da madrugada de 21 de outubro, Ishida logo se consultou com Hideaki, que havia posicionado sua tropa de 15 mil homens no monte Matsuo, ao sul do campo de batalha. Ishida extraiu de Hideaki, a respeito de quem podia ter algumas dúvidas, a solene promessa de que seus soldados desceriam sobre o flanco de Ieyasu assim que ele acendesse um fogo de sinalização.

A estratégia de Ishida era extraída dos manuais, e, não fosse por traição interna, poderia ter sido bem-sucedida. Era a clássica abordagem das asas do grou, descrita em antigos textos das guerras chinesas, onde as asas do pássaro ao final se fecham sobre a presa depois da investida. A intenção era apanhar o avanço de Ieyasu numa espécie de armadilha em forma de *canyon*, numa espécie de caixa humana, com o monte Matsuo ao sul, o monte Tengu ao leste e o monte Sasao ao norte. Quando Ieyasu entrasse na armadilha, o clã Mori o rodearia por trás, vindo do sul, apanhando-o pela retaguarda, completando, assim, o cerco. O grosso das forças, sob Ishida e Ukita Hideie, estaria firme, aguardando o assalto inicial do exército do leste. Assim combinado, no momento certo, Ishida acenderia os faróis, os Mori impediriam a retirada para leste e Hideaki atacaria o flanco esquerdo do inimigo, descendo as encostas do monte Matsuo. Nenhum bom general iria se aventurar num caldeirão assim - os riscos eram grandes demais mas Ieyasu tinha um ás na manga sobre o qual Ishida nada sabia.

Hideaki havia se comprometido secretamente com ele, de modo que o ataque pelo flanco jamais aconteceria. Mas, também, e ainda pior, na vanguarda dos regimentos de interceptação de retirada, que deveriam dar a volta por trás de Ieyasu, não estaria outro senão Kikkawa Hiroie, herói formado no clã

Mori, ainda remoendo o insulto dirigido a Mori Terumoto e determinado a revidar, atacando o odiado Ishida.

O exército de Ieyasu se pôs a caminho por volta das 2h da madrugada, os soldados marchando através da lama espessa. Uma vez no vale, ele estabeleceu seu posto de comando ao pé do monte Nangu, num rústico quartel-general feito de varas de bambu cercadas por cortinas de acampamento e um tapete grosseiro no chão. Ambos os exércitos agora cochilavam com sobressaltos em suas armaduras ensopadas, aguardando o amanhecer. Quando o dia clareou, hesitante, a chuva parou dando lugar a um pesado nevoeiro.

No diário do médico de Ieyasu, que foi posteriormente encontrado, lê-se o seguinte: "Leve chuva. Neblina densa no vale da montanha. Não se pode ver nada além de 80 metros. A neblina se elevou durante alguns momentos e foi possível ver a uns 200 a 300 metros; depois a neblina ficou densa de novo. Mal dava para ver as bandeiras do inimigo. Montado, o senhor Ieyasu estimou as posições de Ishida Mitsunari, Konishi Yukinaga e Otani Yoshitsugu. Distância aproximada de seis a sete quilômetros".

DISPOSIÇÃO DE BATALHA NA PLANÍCIE SEKIGAHARA

Cerca de 170 mil soldados apinhavam-se na planície de Sekigahara, no memorável dia 21 de outubro de 1600. O exército Oriental de Ieyasu era ligeiramente maior, com 89 mil homens contra os 82 mil da aliança do oeste. As melhores unidades de cada lado eram, respectivamente, os 30 mil samurais do próprio Ieyasu e os 17 mil sob o comando do regente Ukita Hideie. Entre a perambulação dos soldados e os relinchos dos cavalos, os sentidos teriam sido atraídos para as cores turbulentas, a variedade de armaduras e a coleção totêmica de capacetes. A maior parte dos arcabuzeiros japoneses vestia uma sólida couraça de placas de aço rebitadas, mas o simples soldado de infantaria tinha ou uma placa de barriga básica ou uma armadura dobrável de placas hexagonais, e algum tipo de capacete. Também vestiam mangas acolchoadas com tiras inteiras de metal laqueado e malha costurada por cima, além de alguma proteção rudimentar para as pernas, tanto grevas quanto protetores de coxa.

Suas principais armas eram uma lança comprida e dois tipos diferentes de espada, com lâminas entre 35 e 70 centímetros de comprimento. As unidades de elite, seus líderes e os daimios vestiam armaduras especiais, elaboradas, e intrincados capacetes. Em Sekigahara, Ieyasu usou um traje especial de armadura européia, que lhe fora presenteado pelos portugueses, embora ele próprio desdenhasse o capacete, usando em seu lugar um chapéu cônico. Talvez pretendesse pregar as virtudes da simplicidade e marcar um contraste em relação a Hideyoshi, que era famoso por seu capacete reluzente ao sol.

O senhor da guerra Ii Naomasa, que lutava com Ieyasu, comandava uma divisão de 3.600 homens chamada Diabos Vermelhos, todos vestindo armaduras laqueadas em vermelho; eles tinham uma reputação feroz, semelhante à dos furiosos vikings. As insígnias mais notáveis eram os capacetes e estandartes do daimio. Ii Naomasa e seus homens tinham dois cornos dourados espetados no alto dos capacetes, semelhantes às antigas antenas de televisão. Date Masasuma usava o que parecia uma cabeça de veado em seu capacete, enquanto Honda Tagatsuku usava uma espécie de coroa justa que lembrava uma lua minguante. Os capacetes eram certamente os mais bizarros e elaborados usados em operações de guerra avançadas desde os dias dos vikings; no século XVI, possivelmente apenas os astecas poderiam superar os japoneses em se tratando de plumagens na cabeça.

Além da confusão de cores, havia a plétora de estandartes. O *sashimono* era uma longa bandeira presa a uma barra cruzada, sobre uma vara presa à parte de trás da armadura, representando o timbre da unidade e de seu comandante. Os daimios e senhores tinham porta-estandartes para carregar versões maiores desses timbres. Supostamente, esses emblemas seriam similares em modelo, formato e pictograma aos de outros aliados, de modo que pudessem ser reconhecidos num instante, diferenciados dos do inimigo, mas apesar dessa doutrina da perfeição, enganos aconteciam; não era raro o fato de um inimigo inescrupuloso aparecer no campo em momento vital, exibindo cores falsas. As bandeiras eram importantes como pontos

de reagrupamento, pois as hierarquias dos exércitos modernos eram quase desconhecidas: os recrutas feudais e samurais seguiam seus daimios, e não havia batalhões, regimentos, brigadas e corpos como os compreendemos hoje. Rivalidades existentes entre os diferentes daimios significavam que era difícil manter a disciplina geral; nesse ponto, os exércitos japoneses se assemelhavam aos exércitos dos cruzados de Ricardo Coração de Leão e Felipe da França.

A mais notável diferença entre os exércitos que lutavam em Sekigahara e aqueles que combateram 50 anos antes era a quase total ausência de arqueiros. Os arcos e as flechas haviam sido superados pelo arcabuz e pelo mosquete, geralmente considerado a arma vencedora das batalhas. Chamados *TEPPO TAI*, esses mosquetes eram agora produzidos artesanalmente, a partir de modelos introduzidos pelos portugueses.

PARA A BATALHA COM OS DIABOS VERMELHOS

Ieyasu havia disposto seus homens em três fileiras, com seus 30 mil samurais como reserva. Havia concedido a honra de conduzir o ataque aos seis mil homens de Fukushima Masanori na ala esquerda da primeira fileira, mas até no exército do leste, mais disciplinado, as rivalidades pessoais, o prestígio e o culto da "honra" e "face" pesavam mais do que instruções precisas do líder supremo.

Batalha de Sekigahara



Ii Naomasa assumiu a opinião de que era um antigo legalista Tokugawa, enquanto Fukushima era um "atrasado", cuja lealdade primeira sempre fora para Hideyoshi; só estava com os orientais agora por causa de seu ódio a Ishida. Por isso, ele não iria permitir a Masanori a honra do lugar. Fingindo estar conduzindo uma inspeção, pouco depois 8h da manhã, partiu a cavalo à frente de 30 de seus Diabos Vermelhos.

Estimou-se que o intervalo entre os dois exércitos equivalia à distância que um homem com bom preparo físico poderia correr em dois minutos; em instantes, portanto, os homens de Naomasa estavam vencendo a distância, numa verdadeira aparição "vermelha", já que trajados da cabeça aos pés em armaduras vermelho-fogo, com bandeiras e até as lanças pintadas da mesma cor. Furioso com a impertinência, Masanori ordenou a seus homens que avançassem para se aproximar das unidades oponentes, que eram os soldados de elite do regente Usite Hideie, na ala direita do exército ocidental. Enquanto os mosqueteiros de Masanori despejavam fogo sobre o inimigo, ligeiramente ao sul, à extrema esquerda do exército oriental, atacou-se uma brecha suspeita na direita de Ishida, enquanto que à direita e ao centro do exército de Ieyasu, com força de 20 mil homens, realizou-se um ataque em massa ao posto de comando de Ishida. Seguiu-se uma feroz luta corpo-a-corpo, com os orientais parecendo levar vantagem. Na extrema esquerda de Ishida, Kuroda Nagamasa, no lado leste, estava sedento por apanhar as reservas de Ishida, para vingar-se do insulto sofrido na Coréia. Mas os homens de Ishida defenderam bem sua posição, e, para prevenir o colapso nesse setor, Ieyasu foi forçado a ordenar a vinda de mais artilheiros Tokugawa para despejarem fogo mortífero sobre o flanco da linha de frente de Ishida. Mais uma vez, Ishida respondeu bem, trazendo cinco canhões pesados, normalmente usados em ações de cerco, disparando grandes saraivadas contra o inimigo. A tática funcionou e os inimigos recuaram, alarmados e castigados; no entanto, se reagruparam de maneira a rechazar um contra-ataque ordenado por Ishida, para tentar ganhar vantagem psicológica. Ieyasu então avistou forças ocidentais tentando dar a volta por sua retaguarda e fechar a saída para o leste, ordenando um ataque para empurrá-los de volta. O comandante da força do flanco mandou avisar a divisão Mori, de 15 mil homens, no monte Nangu, para que descessem para apoiá-lo, mas, antes que os Mori pudessem fazer um movimento, teria de receber um sinal de Kikkawa Hiroie, que era o mais próximo ao inimigo e tinha plena visão. Com o perigo de ser bloqueado e rodeado, Ieyasu contava com que a traição lhe rendesse o dia, e, com certeza, suas esperanças estavam bem fundadas. Os Mori aguardaram pelo sinal de Hiroie, mas este nunca chegou. Enquanto isso, a pressão da batalha estava tão forte como de costume no setor central: o ruído surdo dos mosquetes fazia contraponto aos gritos dos feridos e dos que morriam no vale cavernoso, produzindo um eco aterrorizante. Para aumentar a atmosfera infernal, a fumaça negra das armas de fogo fazia o dia parecer noite.

UM MOMENTO CRÍTICO NEGADO

Por volta das 10h da manhã, depois da batalha se estender furiosamente por duas horas, não havia vantagem clara para nenhum dos lados. Em três lugares distintos, havia ferozes matanças, com samurais cansados cortando e decepando corpos, e o som dos mosquetes. Um desses minicampos-de-batalha estava à esquerda de Ieyasu; outro no centro, mas o encontro mais desesperado de todos foi entre a direita e o centro, onde os 17 mil soldados selecionados do regente Ukita Hideie estavam engajados num combate selvagem e sem quartel, com a centro-direita de Ieyasu. O ruído da batalha ecoava por toda a planície, enquanto a luta se deslocava para trás e para diante, com a vantagem primeiro para um lado, depois para o outro. Ieyasu avançou seu posto de comando até um quilômetro de distância da bandeira de Ishida, mas seus auxiliares notaram que pela primeira vez ele parecia incerto do resultado, tenso e nervoso quando as decisões de comando eram-lhe apresentadas, enraivecendo por trivialidades e mordendo as unhas compulsivamente, como sempre fazia quando estava sob estresse.

Os efeitos de longo prazo da personalidade abrasiva de Ishida estavam se fazendo notar. Shimazu Yoshiro não havia esquecido o modo insultuoso e zombeteiro com que Ishida havia rejeitado seu conselho de proceder a um ataque noturno. Agora, ele simplesmente se mantinha sentado sobre o cavalo, apenas observando Ishida enfrentar um forte ataque, sem comprometer seus 1.500 homens. Ishida enviou repetidas mensagens, mas ainda assim Yoshiro não moveu um só músculo. Finalmente, o próprio Ishida

chegou galopando e deu-lhe uma ordem direta para atacar; Yoshiro respondeu maldosamente que faria isso quando chegasse o momento certo. Enlouquecido pelo desenvolvimento imprevisto, Ishida teve algum consolo graças à brilhante demonstração do regente Ukita Hideie, que começava a abrir uma brecha em seu setor. Com efeito, Ishida calculou que se avançasse muito mais, a vantagem do ataque pelo flanco de Kobayakawa Hideaki poderia ser perdida. No entanto, as coisas já estavam assumindo um *momentum* próprio. Na esquerda imediata de Hideie, os homens de Konishi Yukinaga estavam sendo repelidos pelos orientais, e a batalha pareceu desintegrar-se em meia-dúzia de conflitos separados. Entretanto, as esperanças ocidentais foram elevadas pelo forte avanço de seus soldados, à direita imediata de Hideie.

Chegara o momento de Ishida acender os fogos de sinalização e ordenar o *coup de grâce*. Eram onze horas da manhã, três desde o início da batalha, e o momento crítico havia chegado. Ishida acendeu os faróis para ordenar que Hideaki com seus 15 mil homens descessem de sua posição sobre o flanco de Ieyasu. Para consternação do exército ocidental, Hideaki ignorou o sinal. Ainda pior, o mesmo fez Kikkawa Hiroie no flanco distante; a traição crescia em progressão geométrica. Quando o impaciente Mori enviou batedores para perguntar a Hiroie o que estava acontecendo, este lhes disse para irem embora porque estava tomando o desjejum e não queria ser perturbado. Incapazes de se moverem de suas posições sem a confirmação de Hiroie para evitar que caíssem numa emboscada do outro lado das encostas, os Mori simplesmente ficaram parados; o que supostamente seria a força-chave de ataque não chegou a entrar na batalha.

Enquanto isso, Hideaki estava revelando abertamente sua mão traiçoeira. Não importando quantos mensageiros fossem enviados a seu ninho-de-águia, ele simplesmente se recusava a se mover. Ieyasu notou com alívio que a apostasia de Hideaki era um fato, mas começou a se preocupar mesmo ao ver que ele não se movia em nenhuma direção. Poderia ser que o jovem fosse ainda mais vicioso do que suspeitara? Estaria escondendo o jogo, esperando para ver o resultado antes de esboçar qualquer movimento? Ou seria ainda mais assustadoramente ambicioso, com esperanças de que Ieyasu e Ishida se devorassem um ao outro para que ele pudesse emergir como a afortunada terceira parte, e talvez mesmo o novo poder no país? Ieyasu não sabia, mas não iria permitir que Hideaki saísse dali com sua mera neutralidade e recusa em se comprometer. Ordenou a seus arcabuzeiros que detivessem o assalto contra Hideie e Ishida, e, em vez disso, dirigissem o fogo total de suas salvas contra o monte Matsuo. A saraivada fez efeito. Forçado a ir de um lado para outro, Hideaki deu ordem para atacar a ala da extrema-direita do exército do oeste.

IEYASU, O VENCEDOR

A batalha toda foi resolvida num instante. Inferiorizado em número e atacado pela frente e por um flanco, o brilhante general Yoshitugu foi avassalado; vendo-se ameaçado de captura, pediu que um dependente o atravessasse com a espada. Lançando-se para além dos homens restantes de Yoshitsugu, os traidores de Hideaki em seguida caíram sobre o regente Hideie, muito pressionado e claramente despreparado para tal deslealdade. Com inimigos por todos os lados, os rumores de traição e deserção se espalhando e gritos de "fomos traídos" elevando-se no ar, a frente ocidental começou a desmoronar com rapidez. Jurando cortar a cabeça do traidor Hideaki antes de morrer, o valente Hideie tentou abrir caminho até ele, mas seus ajudantes agarraram suas rédeas, domi-naram-no e o retiraram do campo de batalha. A essa altura restava apenas a ala esquerda do exército do oeste e o carrancudo e inerte Yoshihiro finalmente viu o perigo mortal se aproximar; mal conseguindo escapar. Diante da defecção de Hideaki, ou melhor, de Ieyasu tê-lo obrigado a sair à força, a maré mudara, mas o ponto crucial para a decisão da batalha seria a inação de Kikkawa Hiroie: sua traiçoeira letargia evitou que todos os que se encontravam

no monte Nangu, o clã Mori e outros, 25 mil no total, tivessem qualquer atuação no conflito. Isso, somado à traição de Hideaki, foi o evento-chave. Os relutantes combatentes do monte Nangu espalharam-se todos e, por volta das 2h da tarde, Ieyasu venceu. Com seus generais em retirada e seu próprio posto de comando em perigo, Ishida aceitou a derrota e fugiu para as montanhas.

Ieyasu montou acamamento no lugar de sua grande vitória e passou a tarde recebendo os aplausos de seus generais e olhando as cabeças dos líderes inimigos decapitados. O horrível costume de olhar cabeças cortadas era parte integral do *ethos* militar japonês, confirmando assim a vitória para além de qualquer questionamento, permitindo que o lado vencedor fizesse reflexões morais a respeito dos derrotados, amaldiçoando-os e zombando deles ou elogiando-lhes a coragem por terem morrido de forma tão valente. Foi dito que Ieyasu finalmente consentiu em doar seu capacete cerimonial, agora que a contenda fora decidida. Os escribas se amontoaram a seu redor, ansiosos por ouvir as pérolas de sabedoria que saíssem de seus lábios, ou mais provavelmente, que eram colocadas ali na roda por eles mesmos. Há certamente uma porção de ditos autênticos de pós-Sekigahara atribuídos a Ieyasu. "Após a vitória, aperte as correias de seu capacete", disse um deles - em outras palavras, não fique confiante em demasia pensando que venceu -, mas isso parece ter sido um ditado ou aforismo tradicional. De cunho mais autêntico, parecem ter sido os agradecimentos rituais expressos aos comandantes de suas divisões: "A vitória de hoje é inteiramente devida à sua lealdade e esforços. Enquanto minha casa florescer, o seu clã não passará por nenhuma privação".

O colóquio com o líder dos Diabos Vermelhos mostra o discurso cavalheiresco japonês em ação. Um li Naomasa muito ferido foi trazido e Ieyasu insistiu em lhe enfaixar os ferimentos ele mesmo. Li elogiou o filho de Ieyasu, Tadashi, que havia lutado com ele, mas acrescentou: "Águias de fina estirpe sempre terminam bem". Ieyasu mostrou habilidade devolvendo o gracioso comentário: "Não importa o quanto é nobre a estirpe da águia, é sempre necessário um bom treinador".

A medida que a tarde prosseguia, mais e mais solicitantes de favores chegavam ao acampamento. Kobayakawa Hideaki, que supunha que Ieyasu havia descoberto tudo, prostrou-se a seus pés e implorou perdão, acrescentando, num gesto para manter a dignidade, que lamentava ter participado do cerco ao castelo Fushimi sob ordens de Ishida. Na realidade, ele estava pedindo que Ieyasu relevasse sua hesitação na encosta do monte Matsuo naquela manhã; o código foi compreendido e o perdão concedido. Havia pouca magnanimidade ou disposição para perdoar aqueles que falharam, e menos ainda àqueles que se opuseram a ele. Muito depois, na parte da tarde, depois que todas as cabeças haviam sido contadas e era tempo de partir, Hidetada finalmente chegou. Ieyasu estava de início inclinado a puni-lo severamente e, no começo, recusou-se a vê-lo ou falar com ele. Abrandando mais tarde, chamou o filho à sua presença e repreendeu-o amargamente: ele não se dava conta de que a perda de 36 mil homens que ele havia desviado para ir atrás de não-sei-o-que no castelo Ueda poderia ter significado a diferença entre o triunfo e a derrota? Hidetada foi então formalmente perdoado, mas Ieyasu nunca esqueceu a idiotice do filho e nunca mais lhe confiou um trabalho importante. A decisão mais difícil era decidir o que fazer com o homem do meio, Mori Terumoto: por um lado, ele não havia tomado parte da batalha (apenas porque era assim que Ishida queria), mas, por outro, havia aceito ser o comandante chefe do oeste, um ato de hostilidade expressa. Ieyasu desprezava Terumoto e deixou claro seu desagrado: simplesmente não era suficiente dizer que estava obedecendo aos desejos de Ishida, pois Ishida poderia nem mesmo ter ido a Sekigahara sem o clã Mori; Terumoto se comportava como um invejoso. No entanto, Ieyasu não desejava uma eclosão renovada da guerra, com os incólumes guerreiros Mori ainda nas redondezas. Ele resolveu tudo com um modo tipicamente maquiavélico de punir Terumoto. Sabendo que o vira-casaca Kikkawa Hiroie havia feito o que fez para bajular os Mori, ele simplesmente confiscou os feudos mais lucrativos de Terumoto e deu-os a Hiroie, colocando-o, assim, à beira de lutar com o líder Mori. A fabulosa riqueza de Terumoto, de 1,2 milhão de *kokus*, encolheu para meros 360

mil. Quando Hiroie tentou elucidar seus motivos e mencionou as promessas que havia feito a Ieyasu antes da batalha, o líder vitorioso afirmou não saber do que se tratava.

SEKIGAHARA: 40 MIL CABEÇAS CORTADAS

Sekigahara foi a maior batalha na história doméstica do Japão (ela foi eclipsada na história total japonesa por apenas três campanhas: uma contra os mongóis, no final do século XIII; outra, pela guerra russo-japonesa de 1904-5; e a outra, pela guerra do Pacífico de 1941-5), dando fim a um longo período de guerra civil que desfigurou as ilhas nipônicas na segunda metade do século XVI. Talvez 50 mil homens tenham morrido naquele campo fatídico, pois os homens de Ieyasu afirmaram ter contado 40 mil cabeças cortadas do inimigo, além das perdas do próprio leste não terem sido poucas. No entanto, embora fosse uma grande vitória em termos de conseqüências, não pode ser incluída entre os grandes triunfos militares da época, simplesmente porque o generalato de Ieyasu teve pouco a ver com ela; a batalha foi vencida e perdida por meio da traição, pura e simplesmente.

É verdade que ele dispunha das vantagens oferecidas por uma disciplina maior e de um comando unificado, além de ter calculado com perfeição o clímax de sua campanha, exatamente antes que a neve do inverno pusesse um fim às suas manobras. A história do mundo conta que muitos dos grandes capitães fazem seu esforço supremo em outubro, precisamente por essa razão. Outubro costuma ser o mês mais cruel, período em que geralmente ocorre o maior número de grandes batalhas singulares, mais do que em qualquer outro mês. Sem apresentar uma lista exaustiva, pode-se mencionar os gregos contra os persas em Salamina (480 a.C.); Alexandre, o Grande, em Gaugamela (331 a.C.); a derrota de Otaviano para Marco Antônio, em Actium (31 a.C.); a batalha de Hastings (1066); Henrique V, em Agincourt (1415); os cristãos derrotando os turcos, em Lepanto (1571); a decisiva batalha marítima de Quiberon (1759); as batalhas de Saratoga e Yorktown, na guerra da independência norte-americana; a vitória de Nelson, em Trafalgar (1805); a de Napoleão, em Jena (1806) e sua derrota, em Leipzig (1813); Balaclava na guerra da Criméia (1855); Caporetto na Primeira Guerra Mundial e El Alamein na Segunda; e a batalha marítima do golfo Leyte, em 1944, para não falar da crise dos mísseis cubanos em 1962 e da guerra do Yom Kippur, em 1973.

Se o cálculo temporal de Ieyasu foi perfeito, sua decisão de lutar em Sekigahara pode ser censurada, pois, sem as deserções e traição, seria difícil imaginar como ele teria evitado que as mandíbulas da armadilha dos ocidentais se fechassem sobre ele. Por outro lado, considerada a geografia japonesa, ele tinha poucas opções realistas na época. Talvez uma questão mais interessante seja: o que havia de mais profundo que permitisse que Ieyasu fosse bem-sucedido? Além de sua indiscutível habilidade política, podem ser citados: sua experiência de vida (73 anos era uma idade madura para se morrer no Japão do século XVI), seus 11 filhos capazes, a localização de suas bases de poder - tanto a região original de Mikawa-Owari, um local favorável para dominar a capital imperial (todos os três grandes unificadores começaram dali), quanto o distrito "celeiro" de Kanto, com sua riqueza e produtividade agrícola. Ieyasu sempre dispôs dos maiores recursos pessoais de seus inimigos, a quem podia desprezar, por seu sectarismo.

SEM PIEDADE

Mas embora ele pudesse sentir ressentimentos, para seus inimigos declarados não houve nenhuma piedade. Ieyasu avançou rapidamente sobre o castelo de Ishida, em Sawayama, que se rendeu depois de dois dias. Ishida e seu associado mais próximo, Ankokoki Ekei, foram ambos capturados e executados. A lenda conta que Ishida foi mantido numa jaula até o dia de sua execução, mas há uma base mais segura para a história de que Ishida aceitou seu destino como karma e foi para o campo de execução em Kyoto,

com equanimidade. Quando ele e Ekei estavam sendo escoltados para a decapitação, um morador local lhes ofereceu alguns caquis para comerem. Ishida declinou mencionando sua digestão. Quando os outros salientaram que isso era certamente uma consideração acadêmica, já que ele iria morrer dentro de uma hora, Ishida citou um dito japonês que equivalia a dizer que entre um momento e outro: "Muita água passa debaixo da ponte", acrescentando que até que a espada baixasse sobre ele, nunca se poderia saber ao certo o que iria acontecer. Mais interessante à luz dos desenvolvimentos futuros foi o destino do daimio fanaticamente cristão, Konishi Yukinaga. Ele se voltou para seu companheiro cristão, Kuroda Nagasama, na esperança de receber bom tratamento e permissão para confessar-se e receber os últimos sacramentos.

Mas Nagasama temia que qualquer concessão ao correligionário simplesmente traria a fúria de Ieyasu sobre si mesmo, e recusou quaisquer privilégios cristãos a seu cativo. Curiosamente, ofereceu a Yukinaga a oportunidade de cometer *seppuku*, embora soubesse perfeitamente que o suicídio era proibido pelo dogma cristão. No entendimento de Nagasama, ele estava negando uma confissão e extrema-unção cristã para que a comunidade cristã inteira do Japão não viesse a sofrer. Talvez ele já tivesse discernido o modo pelo qual a mente de Ieyasu estava trabalhando: Nagasaki significava o extremo oeste, o oeste era o inimigo, e Nagasaki também significava o poder arrogante dos jesuítas, aos quais Ieyasu pretendia aparar as asas.

O mais afortunado dos sobreviventes de Sekigahara do lado derrotado foi o regente Ukita Hideie. Ele foi se esconder na remota província de Satsuma, onde seus leais companheiros de clã lhe prestaram auxílio. Quando seu esconderijo foi delatado a Ieyasu, sua ira pós-batalha já se havia abatido. Sentenciou-o à morte pela formalidade da questão, mas, em lugar disso, exilou-o: Hideie chegou à idade de 84 anos e morreu no exílio em 1655.

A DISTRIBUIÇÃO PÓS-SEKIGAHARA

Ieyasu tinha agora 58 anos e não esperava durar muito tempo mais, por causa de sua notória obesidade. Rival de outro déspota do século XVI em termos de volume e circunferência, Ieyasu nessa fase de sua vida se assemelhava a um imenso lutador de sumô, embrulhado em caríssimos roupões de cetim que o faziam parecer uma vistosa tenda móvel. Gostava de usar um roupão de cetim azul bordado com muitas estrelas prateadas e meias-luas, sugerindo um mago ou feiticeiro, exceto por usar sempre uma espada à cintura, para lembrar aos incautos de que era um guerreiro. Longos cílios e uma barba encrespada completavam a impressão de um feiticeiro, talvez dado ao charlatanismo, e foi dito que, na corte de Ieyasu, havia muito riso abafado por trás de suas costas. Os rumores diziam que era tão gordo que não conseguia atar o cinto que prendia seus volumosos roupões, e, nos últimos anos de vida, não conseguia sequer montar a cavalo sem ajuda. Frio e destituído de humor, era muito tenso e funcionava com pavio curto. Seu hábito de roer as unhas quando sob estresse foi muito notado, e também se notou que quando dirigia uma batalha montado em seu cavalo — ele afirmava ser veterano de 90 batalhas costumava socar o arçã da sela até escorrer sangue de suas mãos; por isso, foi dito que desenvolveu uma mal-formação dos dedos, com as falanges calejadas e reumáticas, de modo que na velhice tinha as mãos endurecidas e incapazes de serem flexionadas. Um fiel das leis suntuárias e roupas que distinguissem a posição, Ieyasu também insistia na completa deferência dos subordinados. Em sua corte, os criados entravam e saíam em sua presença sobre mãos e pés, e atuavam em silêncio total e extrema reverência; qualquer pessoa que não se curvasse o suficiente em sua presença arriscava-se a ter a cabeça decepada pelo corte rápido de uma espada samurai.

O resultado imediato da distribuição pós-Sekigahara foi uma maciça expropriação e redistribuição das propriedades dos perdedores - a maior transferência de terras em toda a história japonesa. Ieyasu tomou terras no valor de 6,5 milhões de *kokus*, de 90 dos vencidos, e repartiu-as entre seus camaradas; Hideaki

foi generosamente apoiado, mas morreu dois anos mais tarde, mal tendo entrado na casa dos 20. Hideyori (filho de Hideyoshi) perdeu dois terços dos domínios deixados pelo pai, mas reteve o castelo de Osaka.

Ieyasu poderia ter tomado também o castelo de Osaka, mas hesitou em atacar os Toyotomi de frente; muitos de seus aliados mais importantes tinham laços emocionais com Hideyoshi e sua família. Não obstante, estava claro que a zona crepuscular e os princípios gerais entre as facções de poder dos Tokugawa e dos Toyotomi não poderiam continuar indefinidamente. Por algum tempo, Ieyasu decidiu tentar a coexistência pacífica. Entregou a Hideyori as províncias de Settsu, Kawachi e Izumi, com uma renda de 650 mil *kokus* e, em 1603, prometeu-lhe a neta de seis anos em casamento. A generosidade de Ieyasu, sem dúvida, foi um resultado do outro grande evento de 1603, quando o imperador Go-Yozei finalmente lhe concedeu o título de xógum - um galardão que Hideyoshi nunca fora capaz de receber por causa de seu nascimento humilde. O imperador também consentiu na ficção de que Ieyasu era descendente da família Minamoto e concedeu-lhe os títulos honoríficos correspondentes. Dois anos depois (1605), Ieyasu se aposentou oficialmente como xógum e passou o título ao filho Hidetada.

Chamava a si mesmo de *ogoshi* (xógum aposentado) e retirou-se para o castelo de Sumpu, deixando Hidetada encarregado de Kyoto. A "aposentadoria" não enganava ninguém. Ieyasu continuava manejando os cordões, mas pensava que duas camadas de autoridade iriam confundir seus inimigos ocultos e latentes. Ao nomear Hidetada abertamente como seu herdeiro, ele ao mesmo tempo estabelecia o precedente da sucessão direta como assegurava que as pretensões da facção de Hideyori fossem cortadas pela raiz, evitando uma luta pela sucessão legítima.

EXTRAINDO PRAZER DO PODER

Ieyasu nunca relaxou seu domínio sobre o Japão, desenvolvendo elaborados jogos de divisão e governo, fomentando o ciúme de um daimio contra outro, sempre atento a qualquer sinal de parcialidade dos veteranos de Sekigahara para com Hideyori. Depois de 1600, aqueles que se haviam comprometido com Ieyasu antes de Sekigahara eram chamados de daimio *fudai*, para distinção destes em relação aos senhores *tozama*, que haviam prestado submissão somente depois da batalha. Ieyasu gostava de balançar iscas diante dos *tozama*, dando a entender que poderiam perder o *status* parcial desde que realizassem atos de extrema lealdade para com ele.

Nunca confiou inteiramente em Kato Kiyomasa, o leal vassalo de Hideyoshi, cuja deserção para o leste tanto havia chocado Ishida, encarando suas ações como provocações pessoais a Ishida mais que compromissos ideológicos para com ele. Elevou sua riqueza para 520 mil *kokus*, mas compensou essa largueza tornando Maeda Toshinaga o real beneficiário da reorganização pós-1600, com uma riqueza total de 1 milhão e 250 mil *kokus*. Mas, quando finalmente suspeitou que, em qualquer embate entre ele próprio e Hideyori, Kiyomasa iria apoiar a família Toyotomi, providenciou que ele fosse envenenado (em 1611).

Em Sumpu, nesse meio tempo, Ieyasu estabeleceu uma corte com todos os talentos. Embora recebendo relatórios diários de Kyoto, por parte de seus agentes, ele dava demonstração de estar retirado para cuidar de questões privadas, ocupado com seus passatempos favoritos, caçar com falcões, nadar e praticar as artes da espada; gostava de nadar ao redor do fosso de seu castelo como exercício diário. Esse também foi um dos grandes períodos de Ieyasu como expoente da bissexualidade, quando seguia a grande tradição japonesa do *shudo* ou pederastia; se tornaria emblemático do xogunato Tokugawa o fato de a maioria dos grandes senhores (oito entre dez homens adultos, de acordo com um estudo recente) tomarem rapazes jovens como amantes. Tinha um sodomita favorito chamado Ii Manchiyo e era criticado por passar tempo demais com seus parceiros de cama juvenis; um estudioso japonês do século XVIII

disse que Ieyasu foi "um sábio que não conseguia controlar sua vida sexual". Tudo isso se dava adicionalmente à sua atividade heterossexual, pois Ieyasu tinha 19 esposas e concubinas, com quem teve 11 filhos e cinco filhas.

A EXPULSÃO DOS CATÓLICOS

Ieyasu também pôs um fim a quase um século de progresso cristão no Japão, quando ele, abruptamente, expulsou todos os missionários católicos em 1614. A penetração missionária no Japão foi encabeçada pelo famoso Francisco Xavier (posteriormente canonizado), amigo e associado de Ignacio de Loyola, fundador da Ordem Jesuíta e pelo assim chamado "Apóstolo das Índias". Xavier inicialmente tornou o cristianismo palatável, traduzindo suas doutrinas para uma terminologia quase budista, e encontrou poderosos daimios para serem os patronos da nova crença, especialmente na ilha ocidental de Kyushu. Os daimios pensavam que o cristianismo lhes traria os benefícios do comércio português com a China, e para encorajar isso, os jesuítas seduziram as autoridades civis portuguesas para permitirem que seu "Grande Navio" entrasse nas docas de portos japoneses.

Durante a década de 1560, os missionários cristãos estavam fazendo progressos e os jesuítas por fim se aproveitaram das endêmicas guerras civis japonesas para conseguir o ingresso a Nagasaki, onde, em 1580, o clã Omura vendeu a cidade e os arredores aos jesuítas, "em caráter perpétuo". Dificilmente os jesuítas ajudaram sua causa de longo prazo ao mostrarem o lado mais intolerante do cristianismo: destruíram os templos budistas e os santuários xintoístas, deixando claro que pretendiam agarrar-se a Nagasaki, se necessário, pela força. Sua única oportunidade de conseguir isso, naturalmente, se daria enquanto o Japão permanecesse fragmentado. Mas a hegemonia de Hideyoshi mudou tudo isso. A sujeição das instituições religiosas era o objetivo de todos os três grandes unificadores, mas Nobunaga nunca controlou Kyushu. Hideyoshi, sim, e desse modo os dias dos jesuítas ficaram contados. Em 1587, ele confiscou Nagasaki, enviou seu próprio intendente para governá-la, baniu todos os missionários e deu-lhes 20 dias para deixarem o país. O que o havia irritado era a destruição dos santuários japoneses e o constatado gênio dos jesuítas para a intriga. Até ali a atitude para com os cristãos era inteiramente decidida pelos daimios locais, mas aqueles dias haviam terminado.

Hideyoshi, entretanto, decidiu não forçar o cumprimento de seus decretos anti-cristãos, desde que os católicos permanecessem discretos. Mas dois fatos endureceram sua atitude. Em 1593, os franciscanos espanhóis chegaram ao Japão, e, em sua rivalidade com os jesuítas portugueses, elevaram o perfil cristão mais uma vez, até o ponto em que um governante não poderia simplesmente fazer vista grossa. Num evento ainda mais sério, em 1596, o grande navio de tesouro espanhol, o galeão Manilla, foi afundado ao largo da costa japonesa. Com o galeão Manilla, os espanhóis dominavam o Pacífico.

Partindo de Callao, no Peru, o galeão seguiu para as Filipinas, cruzando o Pacífico, utilizando as correntes favoráveis do oceano para oeste, depois virou para o norte antes de cruzar o Pacífico norte até Acapulco. Encantado com essa trova de tesouro, Hideyoshi ordenou o confisco da carga do navio, mas o piloto espanhol, esperando assustar o governante com histórias sobre o poder espanhol, ameaçou-o de retaliação. Gradualmente, Hideyoshi ouviu a história inteira da conquista espanhola nas Américas, sobre Cortez, Pizarro e o resto dos conquistadores. Parecia inteiramente claro para Hideyoshi, a partir disso, que os recém-chegados franciscanos eram, na verdade, uma guarda avançada do imperialismo espanhol. Afinal, eles próprios não lhe haviam dito que os missionários eram sempre enviados na frente como uma quinta-coluna, para amaciar as populações nativas antes que os *tercios* (soldados espanhóis) chegassem? De acordo com isso, Hideyoshi ordenou um programa de perseguições e execuções por atacado; em 1597 os "26 santos" do Japão foram crucificados em Nagasaki. Os cristãos tiveram sorte, pois Hideyoshi morreu no ano seguinte e Ieyasu, por um longo tempo, teve outras coisas em mente. Ironicamente foi outro disparate dos portugueses que chamou sua atenção para eles. Sabedor de que eles haviam dado grandes

propinas aos membros da administração doméstica dos Tokugawa, Ieyasu ressuscitou os decretos de Hideyoshi, denunciou o cristianismo como uma superstição estrangeira hostil ao Japão e expulsou todos os missionários. Isso foi em 1614. Ieyasu ficou ainda mais irritado naquele ano, no cerco a Osaka, ao encontrar grande número de cristãos entre seus opositores, lembrando que os cristãos haviam lutado em grande número por Ishida, em Sekigahara.

A população de 25 mil habitantes de Nagasaki era, nessa época, quase toda cristã e os jesuítas não tinham intenção de abandonar a cidade sem lutar. Eles assim entraram para a clandestinidade e, em 1621, cinco anos após a morte de Ieyasu, ainda havia 36 padres católicos no país. Hidetada, filho de Ieyasu, ordenou novas perseguições - só no "grande martírio" de Nagasaki, em 1622, cerca de 55 cristãos foram executados. Mas coube ao terceiro xógum Tokugawa, Iemitsu, que governou entre 1623 e 1651, acabar com o cristianismo no Japão. Em 1644, não restara mais nenhum missionário, nem nenhum português, expulsos por um decreto de 1639, que resultou, efetivamente, em dois séculos de isolamento japonês em relação ao mundo exterior.

UM CANTO DE SEREIA CONTRA OS CATÓLICOS

Um dos cantos de sereia que apressou Ieyasu a lidar com os católicos foi o de seu favorito europeu, Will Adams. Num daqueles episódios históricos em que a realidade parece ser mais estranha do que a ficção, um marinheiro inglês nascido em Kent tornou-se um samurai de alto *status* no Japão de Ieyasu. Natural de Gillingham, William Adams cumpriu serviço na Marinha Real, serviu com *sir* Francis Drake, participou de uma expedição que buscava a passagem a noroeste e combateu a Armada Espanhola, em 1588. Empregado por uma firma de comerciantes de Roterdã para emular as viagens de Magalhães e Drake ao redor do mundo, porém com objetivo comercial, William partiu da Holanda, em 1599, com uma frota de cinco navios, com ordens de buscar vantagens comerciais no Peru e nas ilhas Molucas, como parte de uma circunavegação ao globo. Continuamente castigada por tempestades e mares revoltos, a frota de Adams foi quase destruída; apenas a nau-capitânia, *Liefde*, chegou à costa do Japão, necessitados de alimentos e reparos.

Quando desembarcou em Bungo (a moderna Usuki), em abril de 1600, os portugueses e os jesuítas disseram a Ieyasu que Adams era um pirata e pediram que fosse crucificado de acordo com as leis antipirataria de Hideyoshi. Atirado a um cárcere, Adams foi então minuciosamente questionado por Ieyasu sobre seus motivos e experiências em três ocasiões separadas, até que o governante se deu por satisfeito. No meio da carga do *Liefde* havia 19 canhões de bronze e cinco mil balas de canhão, que foram descarregados pelos japoneses e empregados por Ieyasu em Sekigahara, embora, estranhamente, os únicos relatos de primeira-mão sobre canhões na batalha se referem ao uso deles por Ishida. Cada vez mais afeito ao protegido estrangeiro, Ieyasu ordenou a Adams que construísse um navio de estilo ocidental. Quando uma nau de vigilância de 80 toneladas foi-lhe entregue por Adams, Ieyasu ficou tão encantado que ordenou a construção de um navio de 120 toneladas, no qual tinha esperanças de fazer viagens ao México e ao Peru.

Além disso, deu ordens para que Adams tivesse acesso constante a ele: "Sempre preciso comparecer à sua presença", relatou Adams.

Ele não teve permissão para regressar à Inglaterra e nem mesmo (até 1613) deixar o Japão, mas gradualmente foi sendo agraciado com mais e mais honras. Finalmente nomeado *hatamoto* (porta-bandeira) por Ieyasu - um dos mais valiosos dependentes do xógum — e recompensado com terras, servos e rendas (um feudo valendo 250 *kokus*), Adams se tornou um homem com quem se podia contar na política japonesa, temido e odiado principalmente por jesuítas e portugueses por ter revelado a cisão religiosa entre católicos e protestantes na Europa e conquistado o apoio de Ieyasu para os últimos.

Os jesuítas relataram: "Depois de haver aprendido a língua, ele tinha acesso a Ieyasu e entrava no

palácio a qualquer tempo". Embora Adams tivesse uma esposa e uma filha na Inglaterra, Ieyasu decretou que Will Adams, o marinheiro inglês, não existia mais e que o renascido senhor Piloto (*anjin-sama*) devia casar-se novamente e estabelecer-se no Japão. Ele se casou com Oyuki, filha de um burocrata encarregado das estradas. No castelo de Sumpu, Ieyasu reuniu um gabinete de todos os talentos, uma espécie de consórcio de cérebros, incluindo o monge budista Tenkai, Hayashi Razan, um estudioso confucionista que se tornou seu principal legislador; Ina Tadatsugu, um especialista em administração e governo; Goto Mitsusugu, seu mago em finanças e moeda, e Adams, seu principal conselheiro em assuntos navais e negócios exteriores. Outros visitantes distintos ao Sumpu foram Miyamoto Musami, o maior samurai e espadachim (*kensei*) da história japonesa, mais um que se supunha ter lutado valentemente em Sekigahara (com Ukita Hideie, embora não exista um registro histórico irrefutável a esse respeito).

A DERRUBADA DO ÚLTIMO BASTIÃO: O CERCO AO CASTELO DE OSAKA

O feudalismo japonês esteve no ápice sob Ieyasu, com todos os ornamentos conhecidos: senhores feudais prestando homenagens por suas terras e jurando vassalagem, servos em lugar de escravos trabalhando a terra e uma plétora de castelos supostamente inexpugnáveis. A posição de destaque coube à grande fortaleza em Osaka, onde Hideyori e os Toyotomi residiam. Esse era o orgulho do Japão, uma massa de baluartes, ameias, crenas e frestas protegida por uma pesada ponte levadiça e um fosso. Dentro do castelo, havia um vasto parque que se assemelhava aos jardins do futuro palácio de Versalhes, com paisagens inteiras em miniatura e árvores e plantas de todas as quatro estações mantidas em coexistência por horticultura extensiva. Por algum tempo, o novo xógum permitiu que a opulência de Osaka superasse seu castelo mais modesto no leste.

Mas por todo o tempo, durante os dias tranquilos em Sumpu, Ieyasu estava observando o filho e herdeiro de Hideyoshi. O ano de 1611 (ano em que envenenou Kiyomasa) foi o marco das mudanças nas relações entre Ieyasu e Hideyori, que agora alcançava a maturidade. Desejando sondar o jovem sobre suas ambições e pensamento, ele o entrevistou no castelo de Osaka, ficando alarmado com o que descobriu. Confirmando seus piores temores, ele insistiu que todos os dimios fizessem um juramento pessoal de aliança consigo, admitindo-o como o cabeça do poderio militar do Japão. Ainda tentando evitar a guerra declarada, ele tentou enfraquecer o castelo de Osaka, esvaziando seu enorme depósito de lingotes designados a pagar por monumentos em honra de Hideyori. Mas, achando a facção Toyotomi tão forte como sempre, ele finalmente desistiu, em 1614, optando pelas hostilidades como a única forma de assegurar o futuro de seu filho.

Buscando um motivo fútil para provocar uma luta, declarou ter sido deliberadamente insultado pela inscrição num sino de templo, feito fundir por Hideyori. Partiu então para estabelecer um cerco ao castelo de Osaka, ansiosamente acumpliciado por todos os daimios que se haviam oposto a ele em Sekigahara e sobrevivido para contar a história.

Entretanto, embora Hideyori não tenha conquistado nenhum dos grandes senhores para sua causa, o castelo de Osaka era uma noz formidável a ser partida. Defendido por 90 mil samurais - guerreiros sem-terras, despossuídos pelas reformas de Ieyasu, mas também por aqueles que haviam estado do lado perdedor, em Sekigahara, e, desde então, esperavam a oportunidade de revidar por terem perdido apenas por causa da traição - e rodeado por um duplo circuito de muros, com três quilômetros de extensão e 30 metros de altura, o castelo era a maior fortaleza do Japão.

Os defensores, muitos deles cristãos irritados com o decreto prematuro de Ieyasu, que viam ali a oportunidade de deter o *ogoshi*, lutaram com desespero e valor, e, por um longo tempo, Ieyasu não conseguiu causar-lhes impressão, embora tenha despejado 180 mil soldados na batalha e usado fantásticos suprimentos de pólvora. Provavelmente, sua barragem de artilharia se mostrou decisiva no

final. Sempre um psicólogo hábil, Ieyasu supôs que a mãe de Hideyori, a senhora Yodo, poderia ser o elo fraco. Identificando seus aposentos no palácio, fez com que seus artilheiros se concentrassem sobre aquele setor do castelo; a pobre mulher em pouco tempo começou a implorar ao filho que iniciasse as conversações de paz, de modo que o bombardeio pudesse cessar.

Percebendo que os Toyotomi estavam ficando mais fracos - eles tinham de lutar continuamente, enquanto Ieyasu sempre podia trazer soldados descansados para lutarem, revezando-se -, Hideyori concordou com uma trégua., que chegou bem a tempo: Ieyasu estava perdendo prestígio e a credibilidade política porque seus exércitos não conseguiam abrir uma brecha na resistência de Osaka.

Ieyasu consentiu na trégua, sob a condição de que parte dos fossos ao redor do castelo fossem aterrados. O tolo Hideyoshi concordou, dando-se conta tarde demais de que Ieyasu havia, com efeito, identificado o ponto forte da defesa e estava usando o armistício para remover o principal obstáculo aos atacantes. Quando se sentiu preparado, em maio de 1615, Ieyasu retomou o ataque. Desta vez foi bem-sucedido; o castelo foi tomado e pilhado, e os defensores massacrados. Hideyori e sua mãe cometeram *seppuku*. Por fim, todas as barreiras ao xogunato Tokugawa haviam enfim sido removidas e a memória dos Toyotomi, destruída. Sentindo que havia realizado a missão de sua vida, Ieyasu morreu no ano seguinte. E assim terminou a vida da maior figura isolada da história japonesa.

CAPÍTULO 6

NAPOLEÃO

O Mestre Tático e Gênio Militar

Embora nenhuma operação militar possa jamais ser plenamente compreendida sem seu contexto político, esse é justamente o caso do cerco de Toulon, em 1793 — ocasião em que o jovem Napoleão Bonaparte deixou sua primeira marca no mundo. A Revolução Francesa de 1789 começou como uma espécie de coice moderado na corrupção e deficiência do Antigo Regime dos reis Bourbon, mas, como em todas as revoluções, o radicalismo teve lugar numa série de eventos posteriores.

TESTEMUNHA OCULAR DA FRANÇA REVOLUCIONÁRIA

Os historiadores geralmente identificam o divisor de águas da Revolução como sendo o dia 10 de agosto de 1792, quando a multidão atacou o palácio das Tulleries, trucidou a guarda suíça de Luís XVI e exigiu o fim da monarquia; curiosamente, Napoleão Bonaparte, então com 23 anos, foi uma testemunha ocular de tudo isso. A Prússia e a Áustria, como vanguarda da Europa monarquista, encarregaram-se de acabar com a "revolução vermelha" e juraram saquear Paris como vingança ao ultraje sofrido por Luís XVI. Os prussianos invadiram a França, mas estavam demasiado confiantes de que poderiam lidar com os recrutas revolucionários. Em lugar disso, o Exército do Povo derrotou-os em Valmy, em 20 de setembro. Esse evento causou sensação na época. O grande escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe disse a seus compatriotas: "Este é o começo de uma nova era na história e vocês podem afirmar que foram suas testemunhas".

Valmy tornou-se um símbolo famoso da resistência francesa. O mais famoso francês do século XX, Charles de Gaulle, escreveu em sua época: "Como podemos entender a Grécia sem Salamina, Roma sem as legiões, o cristianismo sem a espada, o Islã sem a cimitarra, nossa própria Revolução sem Valmy?". A França revolucionária, que agora tendia à esquerda, sob o partido jacobino, desafiou a Europa monarquista a mostrar o seu pior lado e deliberadamente provocou-a executando Luís XVI, em janeiro de 1793. Isso foi demais para a Bretanha, que havia permanecido neutra até então; em fevereiro de 1793 expulsou o embaixador francês e foi recompensada com uma declaração de guerra dos revolucionários. A França agora se encontrava sozinha contra o resto da Europa: entre seus inimigos se incluíam a Bretanha, a Prússia, a Áustria, a Rússia, a Espanha e os principados italianos de Nápoles, Toscana e Piemonte.

Mas os revolucionários franceses enfrentavam um inimigo interno assim como à hoste de adversários externos. Por cerca de dois anos, a partir de agosto de 1792, os jacobinos tiveram o domínio da política interna da França. Tinham como objetivo a destruição da burguesia e o uso sistemático do terror. Mas a direita política, representando a nova classe média, que se beneficiara da venda de propriedades da Igreja, da realeza e da aristocracia, aguardou o momento propício para agarrar o poder, o que finalmente conseguiu em 1794.

Embora os jacobinos estivessem triunfando em Paris, eles tiveram de se empenhar numa amarga guerra civil para deter o resto do país. No noroeste, os rebeldes clericais e monarquistas da Vendéia constituíam uma séria ameaça, e, no sul, as principais cidades foram tomadas por "contra-revolucionários". Durante a supremacia jacobina, o porto de Toulon experimentou meses particularmente violentos, com esquerdistas no controle da cidade interna e os conservadores dominando os arredores e os distritos rurais. O comandante da cidade, marquês de la Flotte, tentava seguir um curso intermediário

entre as facções, mas, para seu azar, foi apanhado e enforcado pelos jacobinos em setembro de 1792. Em reação, os conservadores buscaram inspiração no antigo partido moderado girondino, expelido do governo central (Convenção Nacional) pelos jacobinos em maio de 1793.

Os girondinos sopraram as chamas da revolta no sul, fazendo votos de que não haveria nenhum governo de partido único ao longo da costa do Mediterrâneo; esse foi o assim chamado "golpe federalista". Em julho de 1793, os conservadores estavam firmes no poder em Toulon. Isso aconteceu em grande parte porque a retórica extremista jacobina sobre a abolição da propriedade não tinha nenhum apelo ali. A classe trabalhadora local, disposta de empregos estáveis nas docas e no arsenal naval, era uma espécie de aristocracia do trabalho e queria paz e prosperidade - e não o terror e a "revolução permanente" dos jacobinos.

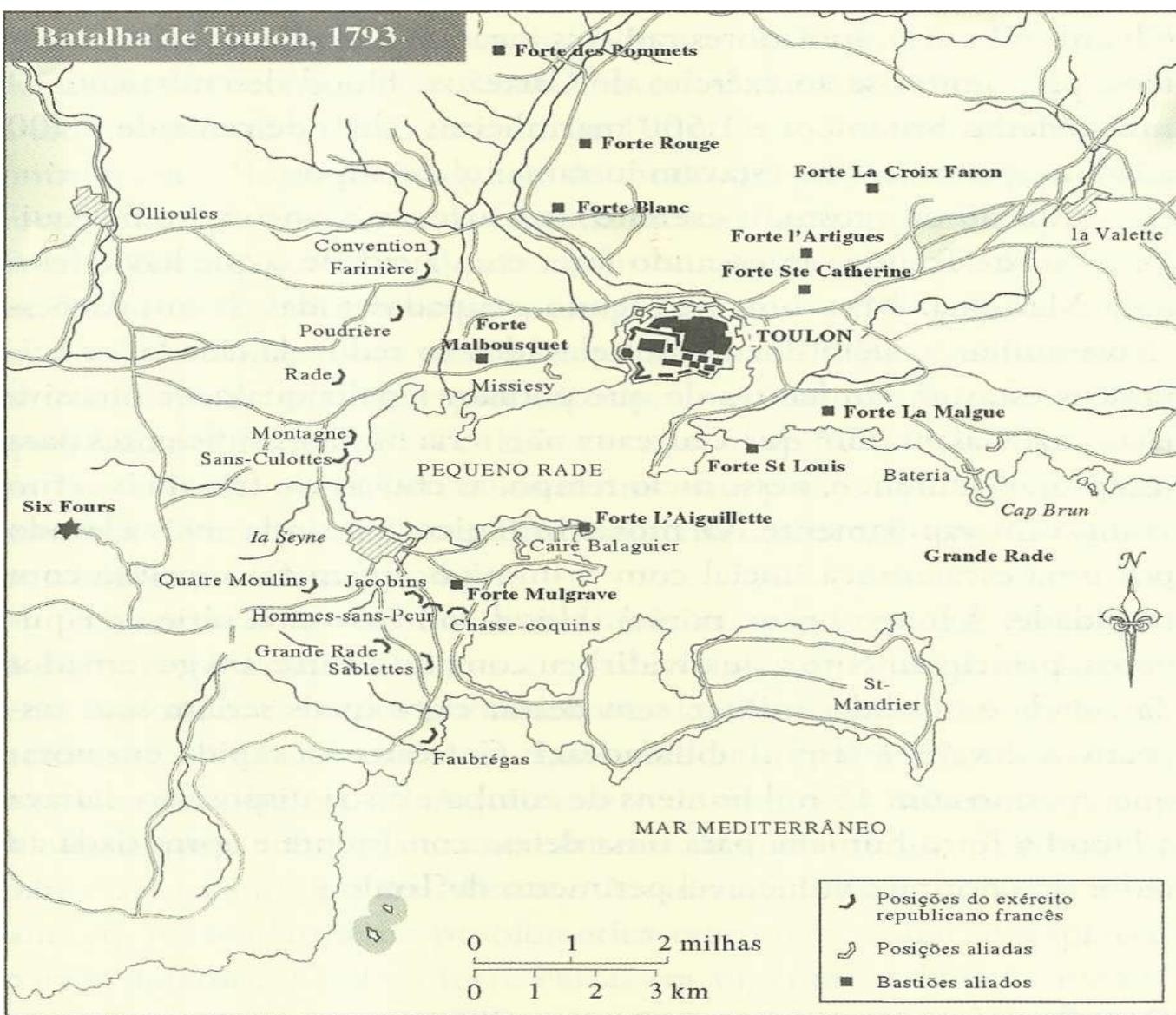
No entanto, os exércitos revolucionários dos jacobinos eram formidáveis e logo avançaram decisivamente tanto contra a Vendéia do oeste, como contra os rebeldes do sul. Enquanto estabeleciam cerco aos girondinos rebeldes em Lyons e Marselha, o governo burguês de Toulon entrava em pânico e entregava a cidade aos britânicos. Como parte de um projeto geral de bloqueio dos portos-chave franceses, pela Marinha Real, uma poderosa frota estivera ancorada ao largo de Toulon e Marselha. Em 21 de agosto, um exército revolucionário sob o general Jean-François Carteaux tomou Aix-em-Provence e começou a se aproximar de Marselha e Toulon. Alarmadas, as autoridades de Marselha pediram ajuda à Marinha Real, sob o almirante lorde Hood. Hood lhes respondeu que não poderia fazer nada no momento - estava desprovido de homens -, mas enviaria o pedido a seus aliados nos reinos de Piemonte e Nápoles, em busca de soldados. Era muito pouco, e tarde demais: em 25 de agosto, Carteaux irrompeu através das defesas de Marselha e capturou a cidade, desencadeando uma orgia de massacres e atrocidades pelos soldados jacobinos, irritados com o que consideravam alta traição (*la grande trahison*).

O PRÊMIO DE TOULON

Entretanto, Hood interessou-se muito mais por uma proposta similar de Toulon, pois isso lhe dava a oportunidade de capturar a frota francesa. Tradicionalmente, a Marinha Francesa estacionava seus navios de guerra em quatro portos: Toulon, Brest, Rochefort e L'Orient. Em 1793, a segunda maior concentração de navios de guerra se achava em Toulon. Havia ali 24 navios de linha e 22 fragatas (contra 39 e 34, respectivamente, em Brest). Enquanto Brest era a primeira base naval, Toulon seguia de perto como a segunda, muito à frente de Rochefort e L'Orient (em terceiro e quarto lugares, respectivamente). Não dispo de instruções específicas do almirantado, Hood consultou-se com seus oficiais (incluindo Horatio Nelson, uma estrela em ascensão). Decidiram aceitar a oferta dos rebeldes de Toulon, mas nos termos de Hood: os britânicos deveriam ter controle total sobre a cidade, o porto e o interior; em troca, supririam com grãos a população esfomeada, que pagaria todas as transações com moeda, e não com o dinheiro inflacionado e desprezado, os *assignats*, as notas bancárias usadas pelos jacobinos.

Eram termos duros, mas com o exército de Carteaux à porta, a burguesia de Toulon realmente não tinha escolha. Permanecia o problema da frota francesa. O almirante francês, conde de Trogoff de Terlessy, estava disposto a entregá-lo a Hood, mas havia perdido toda autoridade e credibilidade por causa de ausências contínuas motivadas por "doença". O comandante efetivo era seu segundo no comando, St Julien de Chambord, um simpatizante jacobino que recusava se render. Em 27 de agosto, Chambord ordenou que seus homens assumissem posições de batalha, mas eles se recusaram.

Batalha de Toulon, 1793



Por um lado, não lhes agradava a perspectiva de ficar entre dois fogos: dos rebeldes, na própria Toulon, e da frota de Hood, mas, por outro lado (e de modo mais importante), Hood os havia subornado prometendo fazer valer todos os seus pagamentos atrasados em moedas de ouro. Descobrimo que um filete inicial de deserções estava se transformando em motim, Chambord e seus apoiadores radicais jogaram a toalha e partiram por terra para juntar-se ao exército de Carteaux. Hood desembarcou 12 mil soldados britânicos e 1.500 marinheiros, além de cerca de 1.400 aliados espanhóis. Eles estavam justamente a tempo.

Em 30 de agosto, o exército de Carteaux avançou até 6,5 quilômetros de Toulon, ameaçando fazer com a cidade o que havia feito com Marselha. Mas, uma vez tendo ocupadas todas as instalações-chave militares, além dos pontos elevados ao redor da cidade, os britânicos estavam confiantes de que podiam repelir qualquer ofensiva jacobina. Calculavam que Carteaux não teria homens suficientes para recapturar Toulon, e, nesse meio tempo, as chuvas e o frio do inverno avançavam rapidamente. O moral britânico foi ainda mais elevado por uma escaramuça inicial com o inimigo, quem foi repelido com facilidade. A longo prazo, porém, Hood cometeu uma série de equívocos, principalmente o de dividir seu comando entre um governador da cidade e um líder militar, sem deixar claro quais seriam seus respectivos deveres e responsabilidades. E Carteaux foi rápido em notar que, mesmo com 15 mil homens de combate à sua disposição, faltava a Hood a força humana para uma defesa consistente e apropriada ao redor do enorme e vulnerável perímetro de Toulon.

DISPOSIÇÃO COMPLEXA PARA UM CERCO

A geografia de Toulon é complexa, mas o cerco de 1793 parecia fácil sem os devidos conhecimentos sobre a topografia do porto, da cidade e de seus arredores. Quem se aproximasse de Toulon pelo mar rodearia o cabo Brun e se encontraria na baía externa ou Grande Rade. Velejando para dentro da Grande Rade notaria imediatamente o espelho d'água se estreitando, enquanto a península de Saint-Mandrier se elevava no oeste. A península, íngreme e rochosa, tinha 120 metros de altura e era guarnecida por pesadas baterias que comandavam o todo da Grande Rade. Logo, um promontório no lado leste avançava até quase se encontrar com Saint-Mandrier, afunilando o tráfego para a estreita entrada da baía interna, ou Petite Rade. Aqui também havia outra bateria (forte La Malgue), de modo que os dois promontórios fortificados, de cada lado da entrada da baía interna, tinham a Petite Rade inteira à mercê; qualquer assalto vindo do mar, portanto, seria suicida. A baía externa estava protegida do sul e do sudoeste e, por trás, havia montanhas; embora não tendo mais do que 600 metros de altura, eram escarpadas e precipitosas, com uma crista descontínua quebrada por gargantas. A cidade e o arsenal de Toulon, no lado leste da Petite Rade, ocupavam dessa forma uma posição protegida. Uma muralha defensiva rodeava a cidade e o arsenal, cercada por um fosso parcialmente sujeito às marés.

Dentro do porto havia duas bacias, o cais antigo e o novo. Adjacente ao primeiro estava a cidade velha, uma confusão de ruas estreitas onde viviam os trabalhadores das docas; perto do novo cais achava-se a área residencial de classe média de St Roch. Em terra plana a oeste de Toulon, a 1,5 quilômetro de distância, achava-se o forte Malbousquet, coberto por uma bateria de cerca de um quilômetro, para trás, na subida para Missiesy. A cadeia Faron, ao norte de Toulon, era particularmente problemática tanto para o atacante quanto para o defensor. Onde o forte Faron era superado pela extremidade leste da cadeia do monte Faron, cerca de 150 metros acima, Hood construiu uma fortificação chamada forte La Croix Faron, a uma altitude de 565 metros.

Um vale separava a extremidade oeste da cadeia Faron da elevação vizinha, Le Croupatier; embora largo, o vale era espremido por uma série de picos em sua extremidade norte - e esses picos eram dominados por uma estradinha que atravessava o vilarejo de Les Moulins. A cerca de 1,5 quilômetro adiante, o forte Pomets coroava o pico do extremo sul, mas não estava bem colocado para cobrir as rotas vindas do norte, assim, o posterior reduto Saint-André havia sido acrescentado para cobrir tanto Pomets como o cruzamento de estradas próximo. Com essa rota, era um ponto fraco óbvio, outras fortificações foram acrescentadas, cujos nomes se repetem com monótona freqüência nos copiosos despachos revolucionários: Saint-Antoine, Petite Sainte Antoine, forte Rouge e forte Blanc. E isso basta para os lados leste e norte da baía de Toulon. Mas eram os lados sul e oeste que se revelariam o setor mais vital no conflito que se aproximava.

Seguindo a estrada que rodeava a baía desde o forte Malbousquet até o vilarejo de La Seine e além dele, chegava-se ao promontório que cobria a Petite Rade do oeste, a cerca de três quilômetros da cidade de Toulon, atravessando a baía. Era a península La Cairne, e ali se encontravam os fortes LAiguillette e Balaguiet, os mais cruciais entre os elos da defesa, já que dominavam tanto a cidade quanto a Grande e a Petite Rade. Por fim - mas só depois de ter sido alertado por um ataque francês — Hood se deu conta da importância dessas posições e ordenou que se comesse a trabalhar numa tela de proteção adicional, atrás das mesmas, que veio a ser conhecida com o forte Mulgrave. É justo dizer que a criação do forte Mulgrave é datada do dia 22 de setembro. Disposto ao redor de uma elevação de 90 metros chamada Hauteur de la Grasse ou La Cairne, esse complexo conjunto de posições parecia tão inexpugnável ao final que os franceses comandados por Carteaux o chamavam *le petit Gibraltar* (o pequeno Gibraltar). Do forte Mulgrave, a rota até uma nova bateria na península de Saint-Mandrier passava pelo estreito istmo de Les Sablettes.

IMPASSE EM TOULON

As disposições de Hood para a defesa de Toulon eram admiráveis, e ele era bom em se guardar contra uma possível aproximação a partir do leste (pelo exército revolucionário francês da Itália). Ao redor do forte La Malgue e a leste dos muros da cidade, ele ocupou as posições de Saint-Louis, Grosse Tour e Sainte-Catherine, e também instalou uma guarnição em L'Artigues, ao nordeste (atual Corniche des Farons). Se a corrente de comunicações do leste era sólida e formidável, a posição do lado oeste da baía era menos segura. O forte Malbousquet, posicionado para prevenir qualquer ataque de Ollioules, estava isolado, distante demais do forte Mulgrave, e, assim, vulnerável a uma ultrapassagem pelo flanco. Carteaux não era um grande general, mas mesmo ele podia notar que o ponto fraco da posição britânica estava no complexo de La Cairne, com as duas baterias nos fortes Balaguier e L'Aiguillette. Se conseguisse tomá-los, ou mesmo se achasse um meio para descer à península de Saint-Mandrier, ele tornaria a posição de Hood em Toulon insustentável.

Uma pergunta se impõe imediatamente: por que os britânicos também não perceberam o perigo óbvio? Eles perceberam, sim, mas foram forçados a negligenciar o setor oeste por duas razões. Em primeiro lugar, Carteaux não tinha, de início, o número de homens para qualquer assalto significativo a Toulon, mas era provável que, de última, viesse a ser reforçado pelo exército da Itália, o que significava uma ameaça do lado leste. Hood também considerava improvável um ataque anfíbio do oeste, porque isso significaria que os jacobinos teriam uma Marselha não-confiável pela retaguarda, que muito bem poderia se levantar contra o opressor numa situação desse tipo. Entretanto, acima de tudo, Hood estava limitado pela falta de homens. Seus soldados já estavam raleados ao redor do perímetro defensivo e reforços eram complicados. O primeiro-ministro William Pitt já havia amputado as forças do exército britânico e a maior parte de seus regimentos já estava destacada para serviço nas Índias Ocidentais, o que significava que novos soldados teriam de vir dos aliados ou serem trazidos como mercenários. O problema subjacente era que Toulon jamais fora uma prioridade para Londres. Hood deveria ter removido a frota francesa de Toulon para Minorca ou Gibraltar, mas ele hesitava, temendo que tal ação defensiva mobilizasse a população de Toulon contra ele.

A estratégia francesa óbvia era flanquear o forte Malbousquet, ocupar La Seine e avançar em massa para um assalto ao Balaguier e o L'Aiguillette; se tomassem a margem oeste do porto interno de Toulon, a cidade e os britânicos estariam liquidados. Em 7 de setembro, Carteaux fez o seu movimento. Descendo cautelosamente as gargantas de Ollioules, ele enviou seus endurecidos veteranos à inevitável luta pelo desfiladeiro, na extremidade sul da garganta. Encontrou uma oposição mais forte do que esperava. Inicialmente, a guarda nacional de Toulon fez uma corajosa demonstração e deteve os irmãos revolucionários por cinco horas, à custa da baixa de dois terços de seu efetivo (cerca de 70 homens). A infantaria espanhola veio posteriormente em resgate, mas também foi severamente surrada pelos homens de Carteaux, sofrendo cerca de 50 baixas. Ao final, Carteaux foi forçado a recuar, mas como havia levado a melhor, forçou os aliados a guarnecer mais fortemente a frente de Ollioules, enfraquecendo, assim, outros setores.

No entanto, não chegara nem perto de resolver o problema de como tomar a península de La Cairne. Interpretando corretamente sua estratégia, Hood ordenou a seus navios que se posicionassem de forma a dar o máximo de apoio a Balaguier e L'Aiguillette. Percebendo que os navios maiores não poderiam operar nas águas rasas da extremidade oeste da Petite Rade, ao redor da linha da costa de La Seine, decidiu dispor forças mais leves ali. Ordenou a construção de dois grandes pontões, cada um armado com quatro canhões longos de 24 libras e dois morteiros de bronze; adicionalmente, fortaleceu La Cairne desembarcando grandes canhões tomados do imobilizado navio de guerra francês *Aurore*. Na segunda semana de setembro, o cerco de Toulon chegara a um impasse, com Hood se preocupando com o efetivo e Carteaux não fazendo mais do que disparar a esmo contra Malbousquet.

UM PATRIOTA CORSO EM TOULON

Esse foi o momento em que Napoleão entrou em cena. Nascido em 1769, em Ajaccio, na costa oeste da Córsega, segundo filho de um advogado empobrecido, Cario Bonaparte, Napoleão fora educado nas escolas militares de Brienne e Paris, e, em 1785, foi comissionado como segundo-tenente de infantaria no regimento de La Fère, aquartelado em Valence. Sempre ambivalente politicamente, preparado para correr com a lebre e com os cães, Napoleão começou como patriota corso chegando até mesmo a colocar sua carreira em perigo por voltar tarde ao regimento, depois de ficar tagarelado sobre a política de sua ilha natal. Mas então ele caiu em desgraça perante Pasquale Paoli, outro oportunista político posando de patriota, fantasiado de pai da liberdade corsa. Todos os sobreviventes da família Bonaparte (Cario já havia falecido) tiveram que partir da Córsega rapidamente e chegaram a Toulon no verão de 1793 (antes da rendição aos britânicos), para ali encontrar o terror em seu clímax.

Sem um vintém, a família Bonaparte foi salva graças à intervenção de um velho amigo de Napoleão, Cristophe Antoine Saliceti, o líder da facção corsa que Napoleão, sem sucesso, havia apoiado contra Paoli. Saliceti tinha poderosas conexões na Convenção Nacional, em Paris, e entrou com uma solicitação alegando que os Bonaparte, com todos os seus bens expropriados pelos paolistas, haviam sofrido muito por causa da revolução. Votou-se uma doação em dinheiro no valor de 600 mil francos, que aparentemente nunca foi paga, mas a sorte da família se recuperou agora que Napoleão e seus irmãos foram apontados como heróis (na verdade, o único verdadeiro esquerdista era seu irmão Lucien). Além do mais, o talento de Napoleão como panfletista e mestre em propaganda despertara a atenção de Augustin Robespierre, irmão do mais famoso líder do novo governo de 12 homens, em Paris. A aliança de Augustin Robespierre e Saliceti fez maravilhas por Napoleão, então com 24 anos, pois ele agora tinha amigos nos altos círculos do governo.

Saliceti viu a oportunidade de catapultar o seu protegido para uma promoção precoce. Como tenente da artilharia, Napoleão recebeu ordens para escoltar carretas de pólvora de Marselha a Nice, a serem usadas pelo exército da Itália. Saliceti então dispôs que Napoleão deveria parar em Beausset, para prestar-lhe os respeitos e também a seu colega Gasparin. Saliceti e Gasparin eram ambos *deputés em mission* - comissários políticos com amplos poderes para supervisionar generais cuja lealdade política era suspeita. Aconteceu que o general Carteaux havia perdido recentemente seu comandante de artilharia Dommartin, invalidado por ferimentos sérios. Saliceti sugeriu a Carteaux que empregasse Napoleão como substituto. Carpeaux relutou, mas não se atreveu a se opor à vontade de um comissário político, sob risco de ser denunciado como "inimigo do povo". Carteaux estava certo em alimentar suspeitas quanto ao recém-chegado, pois Napoleão logo se colocou contra ele, classificando-o como um militar incompetente. Ele tinha 12 mil soldados sob seu comando e outros cinco mil destacados do exército da Itália, sob o general Lapoype, mas não tinha nenhuma pista sobre como tomar Toulon. Carteaux engrossava a longa lista de pessoas que detestavam o jovem corso - uma lista que se alongaria consideravelmente durante os 20 anos seguintes.

Napoleão tinha a clássica personalidade "ame-o ou odeie-o", atraindo imediatamente devoção e lealdade fanática de quem o apoiava e ódio visceral por parte dos inimigos. O ódio se estendia até mesmo para dentro de sua família, pois embora três de seus irmãos o admirassem e respeitassem-no, o quarto, Lucien, era ao mesmo tempo ciumento e profundamente ressentido contra ele. Sentindo que Carteaux era recíproco em sua baixa opinião, Napoleão se pôs em desacreditá-lo perante o governo de Paris, dando a Saliceti e Gasparin (este também um admirador devoto de Napoleão) retalhos de informações condenatórias que estes, devidamente, repassavam aos Robespierre em Paris.

PRIMEIROS SINAIS DO GÊNIO MILITAR

Napoleão começou por descer até as linhas francesas, perto de La Seyne para fazer reconhecimento. Embora indivíduos isolados de ambos opositores tivessem sugerido, de tempos em tempos, que a península La Cairne era a chave das operações, ninguém, até a chegada do corso, havia visto como era realmente um ponto vital. Hood e os britânicos tinham ali desarmado os velhos canhões franceses e depois abandonado a posição ao final de agosto, supondo que os navios de guerra fossem suficientes para se contrapor a qualquer ataque nesse teatro. Até meados de setembro, eles estiveram certos. Carreaux concentrava-se em investir sobre Toulon por todos os lados, fechando o circuito ao reduzir o perímetro ao redor da cidade e da baía. Mas tentar reduzir Toulon por esses métodos resultaria num sítio tão longo quanto o de Tróia, mesmo considerando que a Convenção Nacional estivesse preparada para comprometer os 150 mil soldados que Carreaux achava necessitar para a tarefa. Os planos de Carreaux eram imprecisos, já que ignoravam tanto a geografia peculiar de Toulon — a concentração de força deveria ser trazida para pesar sobre L'Aiguillette -, como pressupunham níveis de efetivos que simplesmente não estavam disponíveis.

Napoleão percebeu imediatamente que a queda da península La Cairne teria um efeito multiplicador negativo sobre o moral britânico: por um lado, eles gostavam de lutar de costas para o mar; e, por outro, estariam conscientes de que com a queda de L'Aiguillette os franceses poderiam interditar toda assistência enviada por mar, tornando a queda de Toulon inevitável. A percepção do jovem tenente de artilharia era de que só a artilharia poderia derrubar esses "muros de Jericó", e que Carreaux teria de aceitá-la como a ponta-de-lança do ataque, com a infantaria no apoio, justamente ao contrário do que diziam os manuais táticos clássicos. Se a artilharia fosse o instrumento de ataque, seu poder seria avassalador sobre as defesas do "pequeno Gibraltar" e sobre o poder de fogo dos navios de guerra da Marinha Real. Por isso, portanto, Napoleão argumentou que todos os recursos militares deveriam ser gastos em baterias de artilharia.

Em 18 de setembro, ele abriu fogo de uma bateria camuflada que havia feito erguer atrás de uma cortina de pinheiros, a noroeste da estrada interna. Ele convidou os representantes para observarem seu trabalho, e Saliceti admirou-o; Fréron se encontrava em Nice. O bombardeamento de La Cairne pela artilharia pegou de surpresa o almirante Hood, mas este reagiu rapidamente, empregando algumas baterias flutuantes com canhões pesados, canhoneiras e galeotas a remo, de fundo raso, para varrer as baterias de Bonaparte. Esse duelo de artilharia continuou até o dia 19, com os franceses levando a melhor no início. Mas, ao anoitecer do dia 19, as baterias republicanas foram silenciadas, embora ao custo da perda de um par de canhoneiras britânicas. Mulgrave viu por fim que esse setor era a chave para a campanha inteira. "A estrada não teria utilidade para a frota se o inimigo tomasse posse... tornou-se absolutamente necessário reunir uma força para ocupá-la".

Mulgrave, por sua vez, entrou em ação rapidamente e desembarcou 500 soldados espanhóis e britânicos em Balaguier, na noite de 20 para 21 de setembro. Esses soldados assentaram as fundações do que mais tarde viria a se tornar o forte Mulgrave, cortando árvores e levantando uma rústica defesa na frente deles. Ao crepúsculo, os franceses atacaram com 400 homens, sem apoio de canhões ou cavalaria; foram facilmente repelidos. Tão débil foi o ataque que Carreaux foi acusado de falhar deliberadamente, para "provar" que as idéias de Napoleão para um *coup de main* eram impraticáveis (ele esperava que ninguém olhasse com muita atenção para o calendário). Ao amanhecer do dia 22, os aliados iniciaram a construção formal do que se tornaria o forte Mulgrave, ou *le petit Gibraltar*. Desse momento em diante, a península La Cairne deixou de ser vulnerável a um *coup de main*.

Convém ressaltar que, embora tenham sido feitas tentativas esparsas de desembarcar homens na península, antes do meio de setembro, só Napoleão havia visto que com a artilharia seria possível tomar a posição rapidamente. Carreaux mais tarde afirmou que a contribuição de Napoleão ao cerco não foi

nada de especial, já que ele próprio tinha visto a importância do que se tornou o forte Mulgrave. Esse é o caso em que surge a óbvia pergunta: por que então ele não marchou com seus homens até lá e a ocupou? Hood e Mulgrave também perceberam o erro que haviam cometido e tentaram tumultuar o registro, afirmando que o desembarque dos soldados espanhóis era um reforço, não uma ocupação inicial. Por seu brilho em captar tanto a importância da península quanto a melhor maneira de tomá-la (por meio de fogo concentrado da artilharia), Napoleão havia inadvertidamente entregue o jogo. Pelo resto de seu tempo em Toulon, ele continuou a se lamentar pela oportunidade perdida. Em 14 de novembro, ele escreveria ao ministro da guerra, em Paris: "se o plano original tivesse sido seguido desde o início, com um pouco mais de ardor, é provável que estivéssemos agora em Toulon".

Saliceti havia escrito antes, impugnando Carteaux: "A península permaneceu inteiramente desguarnecida até que Bonaparte, não tendo permissão do cético Carteaux para seu *coup de main*, erguendo baterias para afastar a frota aliada de posições perto da península, alertou os aliados para a importância da posição. Para ocupar e manter uma península vazia parece razoável requerer apenas um punhado de homens', algo razoável para um gênio militar captar isso."

Napoleão ficou furioso porque o inimigo reagiu tão rapidamente e estava agora construindo um forte sólido. "Eles vão receber socorro considerável e nós precisamos preparar o espírito para um sítio".

UM HOMEM DA ARTILHARIA DE ORIGINALIDADE E GÊNIO

Naturalmente, todo o pensamento de Bonaparte, seja sobre *coups de main* ou sobre artilharia, era heresia para Carteaux, que resistia, mas Napoleão mais uma vez foi capaz de intimidá-lo com a ajuda de Saliceti e Gasparin. Seu problema eram os recursos, já que o armamento militar dos franceses consistia meramente de oito canhões de 24 libras, três de 16 libras e dois morteiros. Havia tempo que ele vinha sendo considerado um apóstolo da artilharia em massa. Quando o regimento La Fère esteve estacionado em Auxonne, em 1788, ele devorou o manual escrito pelo general Jean de Beaumont du Teil, que recomendava o uso em massa de armas pesadas em movimentos decisivos na batalha. Napoleão acreditava que a concentração de poder de fogo sobre um setor singular e vital poderia neutralizar mesmo uma severa superioridade numérica da infantaria.

As semanas seguintes assistiram a uma atividade frenética, enquanto as bases de uma divisão armada eram assentadas. Napoleão, um dínamo de energia, montou cem peças de artilharia, na maior parte canhões longos de calibre médio de 24 libras e pesados morteiros. Em Ollioules, ele reuniu cavalos para arrastar as grandes armas e construiu seu próprio arsenal, com 40 artesãos - ferreiros, construtores de rodas, carpinteiros - trabalhando dia e noite. Ele construiu uma fundição e uma oficina de armeiro onde os mosquetes podiam ser reparados. Notável era seu hábito de percorrer a Provença para cima e para baixo, buscando o que queria. De Marselha, ele contratou um grupo de homens para tecerem cestos e trabalhos de vime, para empalhar garrafões e preparar gabiões; adicionalmente cinco mil sacas para terra foram confeccionadas em Marselha. Ele requisitava cavalos de lugares tão distantes como Nice, Valence e Montpellier, e usou toda a madeira nas cercanias de La Seine e La Ciotat.

Napoleão tinha uma grande vantagem. Em 1793, a França estava à frente da Europa na tecnologia de artilharia. Contundida após a derrota decisiva para a Bretanha, na Guerra dos Sete Anos, de 1756-1763, a França dali por diante começou um programa maciço para melhorar suas habilidades técnicas na condução de guerras.

Como resultado das inovações do engenheiro Jean-Baptiste de Gribeauval, as armas de campo tinham os canos e as carretas mais leves, tornando possível produzir calibres de 12 ou 24 libras, um nível de artilharia até então possível apenas com pesadas armas de sítio. A famosa vitória em Valmy, em 1792, foi a mais avançada batalha até aquela data, em termos de grandes canhões e descargas de artilharia disparadas. A febre de guerra de 1793 assistiu à produção maciça de armas de artilharia — sete mil

canhões somente naquele ano —, considerando ainda que os esforços de cientistas como Gaspard Monge asseguraram à França manter sua liderança tecnológica. Tudo o que faltava era apenas um homem que fosse gênio nos duelos de artilharia: essa era, porém, a descrição precisa de Napoleão Bonaparte, em 1793.

Napoleão percebeu que, numa disputa de curto alcance de artilharia, ele teria a vantagem, desde que conseguisse manter a mosqueteria afastada. Nisso ele tinha a vantagem de que a mosqueteria só era realmente acurada a uma distância de menos de 45 metros. Napoleão, por isso, supriu seu esquadrão de ataque com carabinas de canos estriados - armas mais leves, de calibre menor - que permitiam a atiradores de elite e escaramuçadores cobrarem um alto preço da infantaria inimiga, enquanto se mantinham fora do alcance efetivo dos mosquetes. Ao desfechar um bombardeio devastador usando suas armas maiores, ele enviaria densas nuvens de escaramuçadores para diante, para acertarem oficiais inimigos fora de compasso e semearem o caos e a confusão. Como regra básica, Napoleão gostava de dispor de quatro armas pesadas para cada mil homens da infantaria.

"LYONS FEZ GUERRA CONTRA A LIBERDADE. LYONS NÃO MAIS EXISTE"

Enquanto Napoleão soprava vida nova na campanha até então desanimada do general Carteaux, em Toulon, o almirante Hood estava encontrando mais e mais problemas. Do almirantado veio uma ordem substituindo sua escolha original como governador de Toulon, da parte do general Charles O'Hara, então baseado em Gibraltar. De seus espões chegaram relatórios preocupantes sobre os cinco mil marinheiros capturados, todos revolucionários dedicados, que seriam traidores em potencial e a quem ele não tinha condições de policiar adequadamente. Esforçando-se por fim, Hood destacou quatro de seus navios de guerra menos utilizados, embarcou neles os marinheiros franceses e (em 17 de setembro) despachou-os para repatriação em Rochefort e Brest. Talvez fosse maquiavelismo, pois quatro dias antes os marinheiros da frota de Brest amotinaram-se, dando ainda mais dor de cabeça à Convenção Nacional, em Paris. Lentamente, os eventos estavam se voltando a favor dos jacobinos.

Os exércitos revolucionários fechavam o cerco ao redor de Toulon, com o general Lapoype e o exército da Itália movendo-se do norte para o leste. Os comissários políticos Barras e Fréron, que estavam acompanhando o exército da Itália, forçaram os cidadãos de Marselha a ceder, com relutância, um empréstimo de quatro milhões de *livres* (após as recentes atrocidades, o povo de Marselha dificilmente ousaria recusar), de modo que Carteaux e Lapoype — e conseqüentemente Napoleão - tiveram todo o dinheiro de que necessitavam.

Ordens de mobilização foram enviadas a todo homem são com idades entre 16 e 60 anos, no Departamento de Var; assim, Napoleão pôde forçar ao serviço todo homem de artilharia que recentemente tivesse se aposentado na Provença. A campanha de Toulon estava se transformando, em parte por ressentimento, em parte como teste de credibilidade; os jacobinos sabiam que se não esmagassem Toulon rapidamente, a resistência aumentaria em outros lugares e as chamas da Vendéia seriam avivadas numa guerra civil de âmbito geral e nacional.

O moral nos quartéis revolucionários elevou-se dramaticamente com a notícia da queda da cidade monarquista de Lyon, no início de outubro. Mais uma vez, horripilantes represálias foram desferidas contra os defensores. Os vitoriosos jacobinos montaram uma coluna trazendo uma inscrição onde se lia: "Lyon fez guerra contra a liberdade. Lyon não mais existe".

Enquanto isso, Napoleão completou seus dois primeiros pontos de baterias perto de Bregailon, um povoado ao norte de La Seyne, com arcos claros para a Petite Rade. Seguindo o hábito revolucionário de dar nome "inspiradores" a tudo, ele chamou as duas baterias de Sans Culotte e La Montagne, nomes claramente revolucionários; logo, elas foram acrescidas de uma terceira e todas as três tinham o alcance exato para atingir o forte Malbousquet. Sua arma de captura era uma colubrina de 44 libras, com um cano

de 25 a 30 vezes o diâmetro do furo (contra 18 normalmente). Especialista em armamento, Napoleão sabia que o comprimento extra dessa arma assegurava maior acurácia, alcance e consistência de mira. Seu primeiro alvo foram os pontões de Hood, e um bombardeio na noite de 17 para 18 de setembro alertou os britânicos para a presença de algumas formidáveis armas francesas; infelizmente, porém, faltavam-lhes homens para desembarcar um grupo de ataque para tomar essas armas.

Hood ordenou que o navio de 98 canhões, o Saint-George, se aproximasse da margem e desencadeasse uma banda de artilharia, mas é axioma provado na atividade da guerra que o fogo de artilharia naval raramente consegue dominar artilharia baseada em terra. Os atiradores da Marinha Real estavam treinados para disparar rápidas bandas de artilharia, a curta distância, não os bombardeios acurados, de precisão a longa distância, uma especialidade de Napoleão. Havia ainda o fato de os navios ancorados ondular e estremecerem, enquanto seus adversários em terra podiam desenvolver um fogo firme, sem balanceios.

Com os atiradores de Napoleão usando tiros ao rubro (os assim chamados *boulets rouges*), o confronto militar tinha seu contraponto ao nível da artilharia, com troca de canhoneiros que prosseguia virtualmente sem parar, desde meados de setembro. O passo seguinte de Napoleão foi apertar o laço sobre o forte Malbousquet. As sondagens francesas permitiram instalar mais três baterias nas pequenas colinas: a Redoute de la Convention, sobre a elevação de Les Arènes; a Farinière, sobre as alturas de La Goubau e a Poudrière, sobre os Hautes des Gaux. Passo a passo, Napoleão começou a estabelecer o domínio na margem oeste da Petite Rade. Não foi de admirar que, em 30 de setembro, Gasparin e Saliceti relatassem a seus superiores políticos em Paris que Napoleão era "o único capitão de artilharia capaz de controlar operações".

TOULON NA BALANÇA

O almirante Hood estava cada vez mais preocupado porque as guarnições aliadas sobre o promontório do oeste e a península de Saint-Mandrier estavam ficando isoladas; agora que os atiradores de Napoleão dominavam a terra de ninguém entre o forte Malbousquet e o forte Mulgrave, os redutos do oeste dependiam de comunicação confiável com o comando da Marinha Real na água. As táticas francesas visavam manter os britânicos e seus aliados estirados no lado leste, enquanto eles castigavam as posições do oeste, conduzindo uma batalha de atrito, penosa e arrastada de bombardeios. Hood necessitava desesperadamente de mais efetivos, mas agora as deficiências da grande estratégia de Pitt e Henry Dundas, na Junta de Controle, se tornavam claras. A política do oportunismo, criando numerosos "pontos quentes", havia sido muito bem-sucedida; eles tinham pontos estratégicos nas mãos, mas faltavam-lhes homens para assegurá-los. Hood recebera a promessa do envio de cinco mil reforços britânicos, para manter a linha em Toulon, mas, após a oposição do duque de York, a ordem foi revogada. A única opção de Hood era pedir mais soldados aos aliados da Bretanha no Mediterrâneo, mas ele estava insatisfeito com a qualidade desses homens: referia-se aos soldados de Napoleão como "lixo".

A fonte mais óbvia para os reforços era a Espanha, mas Madri havia entrado na guerra sem convicção contra sua aliada "natural", a França, e permanecia morna e suspeitosa em relação às intenções da Bretanha no Mediterrâneo. Uma vez que achava os lutadores austríacos mais bem preparados, Hood tentou obter soldados dali, mas Viena recusou-se. O secretário do exterior, William Grenville, primo de Pitt, prometeu (em meados de setembro) transferir cinco mil hessianos (famosos ou notórios por suas atividades na guerra da independência norte-americana) de Flandres, mas esse compromisso nunca foi honrado.

Com o almirante espanhol Don Federico de Gravina, um relutante colaborador de Hood, as perspectivas de reter Toulon a longo prazo pareciam tênues, mas, por fim, foi lhe assegurado que

reforços estavam a caminho de Gibraltar e que a Áustria finalmente havia concordado em enviar seus cinco mil homens. Os comandantes de campo de Hood tendiam a ser complacentes, embalados pela inatividade de Carteaux e sob a atmosfera geral de "guerra de mentira", exceto pelo incessante duelo de artilharia com as baterias de Napoleão.

Apoio consistente pareceu, finalmente, quando a Sardenha concordou em enviar 20 mil soldados a Toulon, em troca de um subsídio de cinco milhões de libras e ajuda na recuperação de Nice e Sabóia; embora esse acordo tenha sido ratificado, na verdade, apenas dois mil sardos chegaram, enquanto o despacho do complemento todo poderia tornar a posição de Hood inexpugnável. Com todos os seus problemas de escassez de homens, Hood concordou com um pedido de ajuda de Paoli, o velho inimigo de Napoleão na Córsega, e de seus "patriotas". Hood enviou três navios de guerra sob o comodoro Linzee, com três navios de guerra e duas fragatas, mas não realizou nada e se deu mal na Córsega, sendo deixado na mão pelo não-confiável Paoli; ironicamente, Hood veio a ter a mesma opinião que Napoleão sobre o "pai da Córsega". Outro fator de irritação para o muito pressionado Hood foi o comportamento de Gênova. Oficialmente neutros, os genoveses eram culpados de várias graves infrações à sua alegada condição, de modo que Hood retaliou de modo semelhante, abordando navios de guerra franceses em águas genovesas. Quando Gênova arrancou a máscara de neutralidade e se declarou pela França, Hood ordenou o bloqueio do porto, mas os austríacos usaram esse fato como desculpa para não enviar os cinco mil homens prometidos, sob o frágil pretexto de que Gênova era para ter sido porto de trânsito.

O "PRESUNÇOSO CORSO" E O FACCIONISMO FRANCÊS

Enquanto trabalhava diariamente para deixar sua artilharia no ponto em que seu poder de fogo combinado fosse devastador e irresistível, Napoleão se sentia cada vez mais frustrado com o inativo e letárgico Carteaux. Napoleão, apoiado por Saliceti e Gasparin, inundou a Convenção Nacional em Paris com queixas sobre seu general, mas a folha corrida de Carteaux mostrava uma série de vitórias a seu favor e a Convenção relutava em agir, mesmo com a intervenção de seus comissários políticos. As relações entre o general e seu diretor de artilharia chegaram ao fim quando o zangado e enciumado Carteaux deixou seu ressentimento contra o "presunçoso corso" ainda mais óbvio. Mas Carteaux dificilmente ajudou a própria causa ao se desentender também com Lapoype, que comandava o exército da Itália. Os *deputés em mission*, que acompanhavam Lapoype, Paul Barras e Fréron, também eram pró-Bonaparte, de modo que o azarado Carteaux tinha agora quatro comissários políticos dizendo aos irmãos Robespierre o quanto ele era inútil. Tanto Barras como Fréron iriam desempenhar importantes papéis na história subsequente de Napoleão: Barras, como figura sênior no posterior corpo de governo, o Diretório; e Fréron, como amante da belíssima irmã de Napoleão, Pauline.

Irritado com a campanha conduzida contra ele pelos comissários, Carteaux decidiu trabalhar. Quando Hood, altamente preocupado com a crescente força das baterias de Napoleão, desembarcou uma força de 600 soldados britânicos e espanhóis de Toulon, para ocuparem a margem do promontório do oeste, Carteaux, deliberadamente, enviou uma força mais fraca contra ele, que foi previsivelmente derrotada. Isso então possibilitou que Carteaux escrevesse a Paris que "os planos de Bonaparte" haviam sido abortados. Animado pela derrota de Carteaux, em 23 de setembro Hood ordenou que as frotas combinadas extirpassem as baterias de artilharia francesa da face das margens do oeste. Seguiram-se 11 horas de bombardeio espetacular, com um só dos navios espanhóis usando 1.700 cargas. Os aliados relataram que as baterias haviam silenciado, mas Napoleão fez pouco caso iniciando nova fuzilaria no dia seguinte com seus canhões apenas ligeiramente danificados.

O final de setembro viu ambos os lados experimentando acontecimentos bem diferentes. Cerca de dois mil soldados de Napoleão chegaram finalmente para encorajar os defensores de Hood, mas os franceses, nesse meio tempo, estavam divididos pela facciosidade. No lado leste, Carteaux deu as mãos ao exército

de Lapoype, além da cadeia no monte Faron, apertando assim o cordão ao redor de Toulon, mas imediatamente os dois comandantes desentenderam-se outra vez a respeito da estratégia. Carteaux queria tomar o cabo Brun, na extremidade leste por trás de La Malgue, olhando para a península de Saint-Mandrier em frente, o que iria apertar ainda mais a rede e cortar a ancoragem aliada na Grande Rade. Mas Lapoype, apoiado por todos os comissários, decidiu que o próximo movimento seria feito contra o alto de Faron; pode-se ver, assim, que tanto Carteaux quanto Lapoype estavam agindo por conta própria e cortando deliberadamente a assistência disponível para a artilharia de Napoleão - a única chance real de sucesso. Embora o forte La Croix Faron, o ponto mais alto da cadeia somente pudesse ser abordado pelo lado leste, pelos rochedos escarpados, os alpinistas de Lapoype agiram valentemente; após escalamer vertiginosas trilhas de cabritos, caíram em massa sobre a fortificação totalmente surpresa.

Quando o forte Faron, agora dominado pelos invasores, enviou sinais, pedindo ajuda em 1º de outubro, os britânicos enviaram 1.200 soldados para tentar expulsar os franceses das alturas. Depois de subirem com esforço até o alto, os cansados britânicos encontraram uma força de talvez 1.800 nas proximidades do forte La Croix Faron. Mas os britânicos eram soldados de choque e os defensores, uma força de desgaste. Seguiu-se então uma decisiva vitória dos aliados, com os franceses amargando 700 mortos - fuzilados, perfurados por baionetas ou perecendo ao despencar dos rochedos. Somente a luz fraca evitou um genuíno massacre, e esse triunfo significativo foi alcançado ao preço de apenas 11 aliados mortos e 70 feridos. Carteaux não perdeu a oportunidade de apontar para o Comitê de Segurança Pública, em Paris, alegando que suas idéias estavam corretas e as de Lapoype desastrosamente erradas, mas Lapoype ainda dispunha do apoio do governo e sobreviveu para lutar outra vez.

CAOS NAS FILEIRAS DA COALISÃO

Com dois mil napolitanos acabando de chegar e os sardos e piemonteses desempenhando bem o seu papel, os britânicos poderiam agora estar eufóricos a respeito de suas perspectivas, não fosse pelos espanhóis. Altamente indisciplinados e inclinados a se voltar para o banditismo franco, caso não conseguissem o que quisessem, os soldados espanhóis alienaram Hood e seus oficiais, mas o orgulho nacional fez Gravina e os outros comandantes espanhóis cerrarem fileiras apoiando seus próprios homens, com um conseqüente esfriamento nas relações entre a Espanha e a Bretanha. Na primeira semana de outubro, oficiais espanhóis acharam que o caos em suas próprias fileiras havia ido longe demais, e um major escreveu sobre os comandantes mais graduados: "Não é possível saber quem comanda, pois cada um puxa para sua própria direção". Estava ficando claro que a coalizão era, no melhor dos casos, um caldo intoxicante - e como não ser, dado que ingleses, napolitanos, piemonteses, espanhóis e mesmo os mercenários suíços tinham suas próprias agendas.

Mas o melhor general de Hood, lorde Mulgrave, que havia comandado a vitória do forte La Croix Faron, estava tão encorajado pela demonstração de seus soldados que decidiu atacar diretamente as baterias de Napoleão, destacando uma para o sul do vilarejo de La Seyne, outra para Quatre Moulins e duas para terrenos elevados em Regnier. Na noite de 8 para 9 de outubro, Mulgrave liderou uma surtida em massa do forte Malbousquet, realizando avanços iniciais e inutilizando alguns canhões antes de se retirar para a base. Cinco dias depois, os franceses, animados pela notícia da queda do reduto monarquista de Lyons, contra-atacaram e desenvolveram uma enérgica escaramuça perto de Malbousquet. Não conseguiram tomar o forte, mas desmoralizaram os defensores espalhando o boato de que aqueles que não eram mais necessários em Lyons estariam se dirigindo para o sul, a fim de se juntarem ao exército de Carteaux.

Carteaux deveria ter mantido a pressão nesse setor, mas deixou-se desviar quando Lapoype enviou mensagem dizendo que agora estava interessado no assalto ao cabo Brun que o próprio Carteaux havia defendido antes, mas que havia sido preterido no ataque aos cumes de Faron. Em 15 de outubro, dois mil soldados franceses surpreenderam a guarnição do cabo Brun, que não tinha traçado planos para manter a

posição. Mulgrave reagiu diligentemente. Percebendo que os franceses haviam estendido suas linhas de comunicação quase ao ponto de ruptura, tornando-se vulneráveis em relação a um contra-ataque na linha de retirada, através de La Garde e Thouar, ele então tentou apanhá-los num movimento tenaz, enviando uma coluna para retomar o cabo Brun e outra para La Vallette, na estrada de Thouar, para interceptar a retirada. A inutilidade da captura do cabo Brun pelos franceses logo se tornou evidente. Ouvindo que Mulgrave estava marchando, vindo do forte La Malgue, debandaram de volta para a estrada e assim passaram por La Vallette antes que os soldados espanhóis pudessem cortar-lhes a linha de retirada. Mulgrave, muito coerentemente, estabeleceu uma bateria nas alturas de Thouar, para assegurar que o mesmo plano nunca pudesse ser tentado outra vez, mas estragou suas eficientes ações cometendo dois equívocos políticos.

Em primeiro lugar, queixou-se a Hood, injustamente, de que apenas a letargia dos espanhóis havia permitido aos franceses escapar de sua armadilha; inevitavelmente, a notícia da queixa vazou, exacerbando ainda mais as relações anglo-espanholas. Ainda pior, enviou despachos a Londres, gabando-se de sua capacidade, ao que o governo de Pitt reagiu anunciando que iria retirar as tropas de Toulon para que agissem em outros teatros, já que Mulgrave tinha as coisas tão bem controladas.

Enquanto o número de franceses vinha aumentando com o envio ao sul das tropas vitoriosas em Lyons, a carência de efetivos de Hood se tornava mais aguda a cada dia. Quando ele pediu ao governador de Gibraltar para liberar 1.500 soldados, a fim de compensar as retiradas ordenadas por Pitt, alegando que Gibraltar só precisava de guarnição quando havia uma ameaça real por parte da Espanha - sendo que, naquele momento, a Espanha tinha se tornado uma aliada -, o governador então lhe enviou apenas metade do número de soldados solicitados.

Os 750 homens chegaram ao final de outubro, ao mesmo tempo que um novo general, Charles O'Hara, enviado pelo Ministério do Exército em substituição ao lorde Mulgrave. Justamente quando Hood estava se consolando, novas instruções chegaram de Londres ordenando que um regimento inteiro deixasse Toulon e seguisse para Gibraltar, onde seria embarcado para serviço nas Índias Ocidentais. Hood e O'Hara viram-se forçados à embaraçosa situação de ter que admitir que toda a conversa do lorde Mulgrave não passara de um blefe, e que a situação em Toulon estava se deteriorando rapidamente.

Agora, para onde se virasse, Hood via tudo indo de mal a pior. O moral aliado estava baixo, com os soldados mal provisionados, e, no final do outono, começara a chover. Os pães eram um problema particular, além da escassez geral, muitos estragaram; os franceses, a essa altura, tinham cortado o suprimento de água dos quatro moinhos de Toulon. E os espanhóis estavam criando mais problemas do que nunca: o rei, em Madri, promoveu Gravina a tenente-geral, de modo que ele iria superar Hood em graduação e automaticamente se tornaria comandante-em-chefe aliado, mas os britânicos se recusavam a aceitar esse fato. As tensões diplomáticas anglo-espanholas aumentaram; assim que houvesse um regime de direita em Paris, a Espanha não perderia tempo em mudar de lado. Hood revidou promovendo O'Hara a tenente-geral também, embora não se importasse muito com o recém-chegado, pois detestava seu pessimismo e preferia muito mais a atitude positiva de seu predecessor, lorde Mulgrave. Para coroar tudo, os recém-chegados napolitanos, sob o marechal Forteguerra, proclamaram-se um comando independente, que não estava sob ordens de nem Hood, nem de O'Hara.

IDENTIFICANDO O VERDADEIRO OBJETIVO

Enquanto isso, a campanha sussurrada de Napoleão contra Carteaux e o apoio dos quatro comissários políticos finalmente deram frutos; até mesmo Paris não conseguia mais entender o jogo de Carteaux ou adivinhar sua estratégia final. Em 23 de outubro, ele foi transferido de posto, indo encabeçar o exército da Itália, tendo sido substituído pelo general Doppet, outro general revolucionário que havia alcançado seu posto por causa de sua ferrenha crença jacobina; ex-dentista, dizia-se que não suportava a visão de

sangue. No entanto, era claro que havia sido indicado pelos Robespierre, com o intuito de que fosse bastante duro, por isso entrou em ação imediatamente. Começou explorando toda a extensão do perímetro, desde o forte Mulgrave ao cabo Brun, mas finalmente pareceu deter-se no forte Malbousquet, que atacou em 15 de novembro. Essa excursão demonstrou ser uma finta e o verdadeiro objetivo logo se tornou óbvio: o forte Mulgrave, alvo de Napoleão por dois meses.

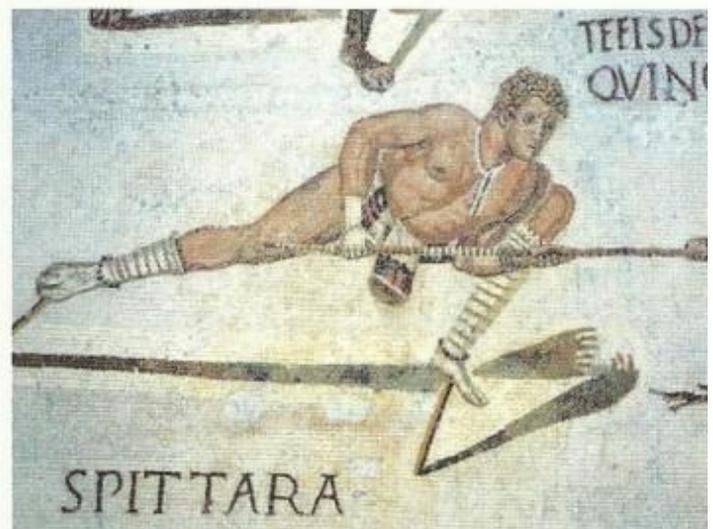
O ataque de Doppet, com quatro mil homens em três ondas, foi de longe o mais determinado, abrindo caminho e forçando os defensores espanhóis a recuar para a segunda linha de defesa. O general O'Hara desembarcou e dirigiu um contra-ataque pessoalmente, coberto por canhoneiras da Petite Rade. Logo os franceses tiveram graves baixas e desistiram da empreitada, deixando para trás 600 mortos; os aliados não tiveram mais do que 90.

Napoleão havia sido promovido a major quando Doppet chegou, e outro oficial sênior que também chegava naquele momento acabou por elevar sua posição: esse homem não era outro senão o barão Jean-Pierre du Teil, que fora oficial de comando quando Napoleão servira em Auxonne, e marcara o jovem corso como "alguém a ser observado". O manual de artilharia que Napoleão achara tão impressionante na época tinha sido escrito pelo irmão de du Teil. Novo supremo da artilharia, o general du Teil, porém, caiu doente em Toulon, dando carta branca ao jovem colega. Saliceti, Gasparin, Barras, Fréron, duTeil - parecia não haver fim para os influentes apoiadores que Napoleão podia conquistar para sua causa. Sempre com as antenas ligadas, ele havia se tornado amigo do general, elogiando-o muito ao compará-lo com Carteaux. E escreveu: "Livre-se de seus emplastos pustulentos, de modo a podermos colar alguns no pescoço do inimigo".



Em Cápua os gladiadores usavam elmos similares a este, encontrados em Pompéia.

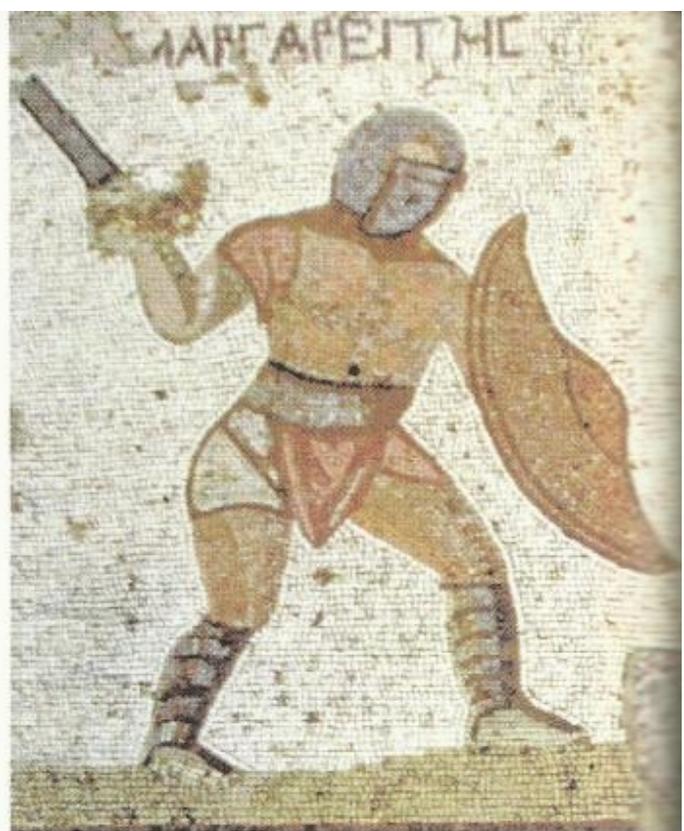
Um gladiador em ação, demonstrando o afamado atletismo. Os gladiadores podiam ser de muitos tipos: samnitas, trácios e gauleses; o *retiarius* (homem da rede); o *secutor* (caçador); o *mimirillo* (homem do tridente); e os *velites* (gladiadores que lutavam a pé, com lanças).



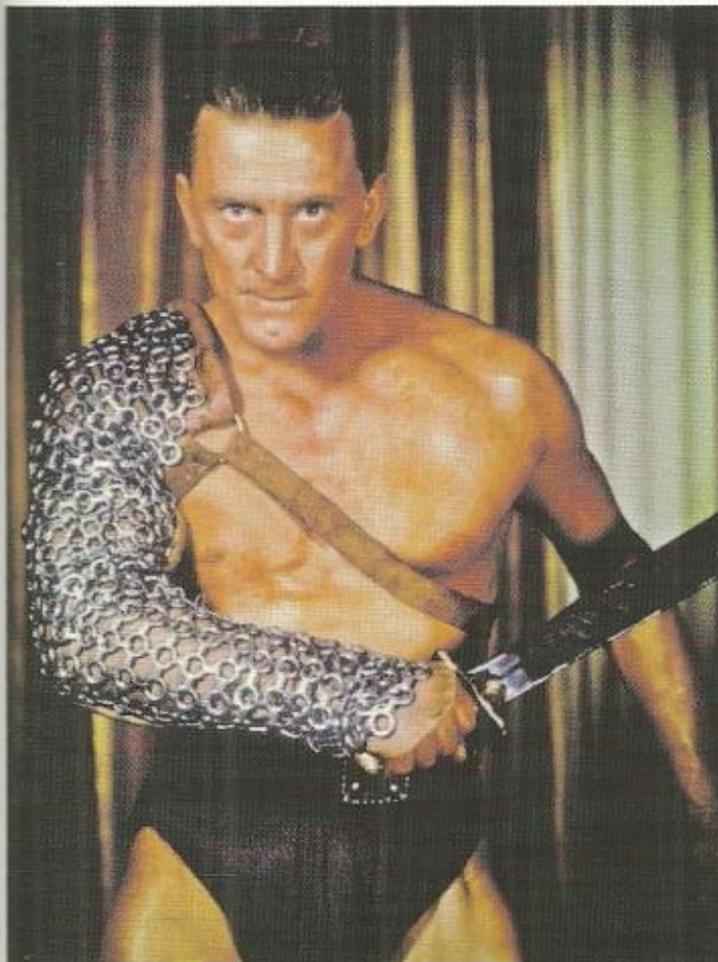
ESPÁRTACO

Um gladiador samnita aproxima-se para matar, neste mosaico. Espártaco, embora trácio por nascimento, era, na verdade, um gladiador samnita.

Os perigos da arena. Esta pintura, num mural de Pompéia, mostra o motim no anfiteatro, ocorrido ali no ano 59.



ESPÁRTACO



Um *retiarius* em meio à poeira. Este detalhe de um mosaico ilustra uma luta de gladiadores de Torre Nuova.

Kirk Douglas como Espártaco, no filme de 1960. Com sua ironia acentuada, Peter Ustinov, que interpretou Batiatus, proprietário da escola de gladiadores de Cápua, afirmou que o tempo para produzir e rodar o filme foi muito mais longo do que o gasto pelos romanos para derrotar Espártaco.

ÁTILA, O HUNO

Príncipes cristãos tremem diante do huno. Átila foi o primeiro líder bárbaro a conduzir uma operação de extorsão, no estilo da máfia italiana, contra o Império Romano: exigiu dinheiro mediante ameaças.

Jack Palance como Átila, no filme *Sign of the pagan*, de 1954. Esse foi mais um retrato atual da série de vilões psicopatas do mundo Antigo vividos por Palance, incluindo o ás gladiador Torvald, em *Barabbas*, e Ogodei, filho de Genghis Khan, em *The mongols*.

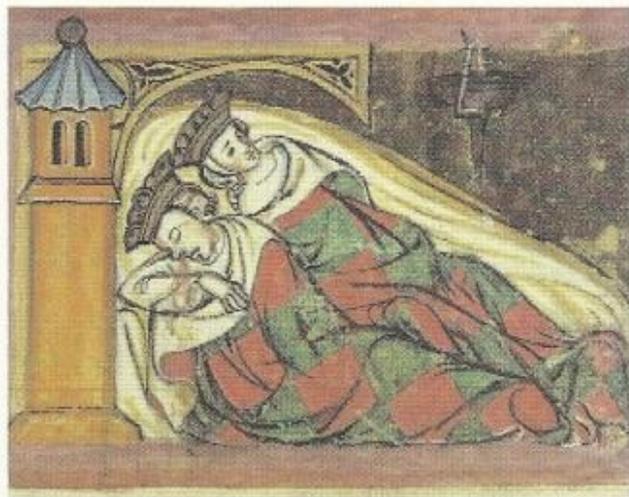




São Pedro e São Paulo ajudam o Papa Leão a desviar Átila de Roma, em 452. Na realidade, foi a cólera, e não uma aparição nos céus, o principal motivo da dissuasão.



Moeda com o perfil da imperatriz Galla Placidia, a mulher que tanto fascinou o psicólogo C. G. Jung.



A noite de núpcias fatal de Átila é retratada nesta miniatura. A causa de sua morte continua sendo um enigma histórico.



Sarracenos *versus* cruzados. Ambos os lados estavam equilibrados em termos de contingente militar, embora a pesada cavalaria dos cruzados lhes proporcionasse uma pequena vantagem.



Poder naval: a chave para o sucesso dos cruzados. Ricardo refreou a frota sarracena e reabasteceu seu exército a partir de Chipre.



RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO

Saladino: o gênio militar sarraceno não demonstrou ser páreo para o Coração de Leão.

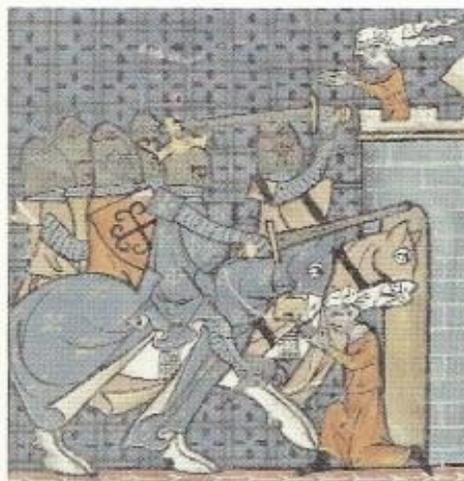
Massacrando os prisioneiros em Acre. O “crime de guerra” de Ricardo foi revivido por Napoleão, quase no mesmo lugar e nas mesmas circunstâncias — talvez o mais claro exemplo da história repetindo-se.



RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO

Miniatura mostrando o cerco de Acre. O gênio militar de Ricardo manifestou-se num desfecho rápido para um cerco de dezoito meses.

Ricardo numa pose de pleno triunfo. Há certa ironia em colocar a estátua do despótico rei-guerreiro da Inglaterra no exterior do palácio de Westminster, supostamente o berço da democracia.



Doppet retribuiu o cumprimento em Toulon, falando sobre a combinação da intrepidez de Napoleão com sua energia incansável. "Sempre que visitava os postos durante minha permanência naquele exército,

sempre o encontrei no seu; se ele precisava de um momento de descanso, deitava-se no chão, embrulhado em seu manto: ele nunca abandonava suas baterias". No entanto, nada desse sentimento pessoal teve peso para Napoleão quando percebeu em Doppet um obstáculo, tanto para sua própria glória, quanto para a queda de Toulon. Mais uma vez, ele se queixou amargamente a Paris sobre seu comandante. Escreveu diretamente ao Comitê de Segurança Pública, dizendo que estava sendo deixado de lado, e, especificamente, que precisava de mais artilharia, o que lhe foi negado. Mais uma vez o *lobby* de Bonaparte fez efeito: depois de ser mantido por três semanas, Doppet deixou de comandar o exército dos sitiadores.

Enquanto os franceses aguardavam seu novo comandante, Hood e O'Hara consideravam suas opções. O giro de inspeção de O'Hara deixou-o mais pessimista do que nunca, mas ele sublinhou habilmente a fraqueza das posições aliadas: o perímetro era extenso demais para uma defesa bem-sucedida, os postos avançados não estavam adequadamente fortificados e o suprimento de água já estava periclitante, com os postos avançados sob risco de ficarem sem o precioso líquido se as neves de inverno os isolassem de Toulon. Acima de tudo, estava o permanente pesadelo da falta de efetivos.

Quando mais 1.500 napolitanos chegaram no final de outubro, Hood pôde contar, num relatório, a força de 19.500 defensores (cinco mil em Toulon e o restante espalhado por todas as guarnições e fortes), mas por causa de doenças e da higiene precária, apenas cerca de 12 mil eram verdadeiros "efetivos". O único cintilar de esperança que O'Hara pôde oferecer a Hood foi que, se os prometidos cinco mil soldados austríacos e 10 mil sardos acaso chegassem, então seria possível passar um grande arrastão para expulsar os franceses de todas as cercanias imediatas de Toulon.

Tudo o que Hood podia fazer era roer as unhas com ansiedade enquanto a força inimiga crescia - em meados de novembro, as forças francesas contavam com 35 mil homens. Pedidos frenéticos a Londres resultaram apenas em mais um administrador sênior - e Hood já tivera muitos deles. O novo indicado, supostamente para supervisionar os assuntos municipais em Toulon, era *sir* Gilbert Elliott, tão superotimista quanto O'Hara se mostrara superpessimista. Nem a menor das opiniões de Hood tentava se integrar aos *insights* da dupla. A primeira tarefa de Elliott foi manter afastados os problemáticos monarquistas franceses. O conde da Provença se declarara regente de Luís XVII, então com apenas sete anos, e expressara o desejo de fazer de Toulon uma fortaleza monarquista; as instruções de Pitt a Elliott eram de que ele deveria evitar isso a qualquer custo.

AS FUNDAÇÕES DE UMA CLAQUE NOTÁVEL

O general Jaques Coquille assumiu como o novo comandante francês, usando o nome de guerra Dugommier, junto a um soldado de carreira e mais um admirador de Bonaparte, que concedeu carta branca a Napoleão e até mesmo o promoveu a tenente-coronel. Nessa época, Napoleão havia reunido uma claque notável a seu redor: o núcleo de sua futura equipe militar, o que incluía muitos homens que ele iria elevar à condição de marechal da França, quando se tornasse imperador, onze anos depois. Um de seus primeiros amigos foi Androche Junot, um homem inteligente e espirituoso, na época jovem sargento da Borgonha. Quando Napoleão procurou um soldado voluntário com boa caligrafia, Junot deu um passo à frente. Já impressionado pela caligrafia e pela atitude geral do homem, Napoleão estava um dia ditando-lhe um despacho quando uma bala de canhão disparada de um navio britânico aterrissou perto dele, cobrindo de areia o papel em que estava escrevendo. "Bom", disse Junot, "não vamos precisar usar mata-borrão nesta página". Esse humor de soldado era exatamente o que Napoleão apreciava e imediatamente encaminhou Junot à sua equipe geral. Outra descoberta foi um tenente-coronel de 29 anos chamado Claude Victor Perrin, que se tornou o futuro marechal vencedor. Outros futuros marechais que se ligaram a Napoleão em Toulon foram um capitão de 19 anos, de nome Auguste Marmont, e um tenente de 23 anos, Louis- Gabriel Suchet. Mas talvez as amizades mais valiosas foram

aquelas que encontrou em Louis Charles Desaix, de 25 anos, que se tornaria o maior de seus generais, e seu amigo mais próximo, Gerard Christophe Duroc. Considerando o futuro império napoleônico, Toulon foi para Napoleão e seus jovens amigos o equivalente a uma educação em Oxford ou Cambridge (ou Yale ou Harvard).

Continuou o duelo de artilharia entre os navios de guerra da Marinha Real e as baterias de Napoleão. Pouco a pouco, Napoleão foi apertando o parafuso, com mais e mais baterias e armas melhores, tanto nas localizações antigas como em novos locais. Ele decidiu focar primeiro o forte Malbousquet, estabelecendo uma intensa barragem para mascarar seu verdadeiro objetivo, que sempre foi o complexo Balaguier/L'Aiguillette/forte Mulgrave. A partir da noite de 27 de novembro, Malbousquet ficou sob o fogo de três baterias: uma nova, chamada Convention, oculta num bosque de oliveiras, e os 14 canhões das baterias Poudrière e Farinière, a primeira das quais possuía agora um dos longos canhões prezados por Napoleão, que podia não só devastar Malbousquet como também alcançar a própria cidade de Toulon.

A superioridade técnica de seu armamento já era evidente, pois a resposta dos aliados foi um bombardeio descuidado do forte Mulgrave e dos navios de guerra. O único problema de Napoleão agora era a aproximação do inverno. Com 35 mil bocas para alimentar, o exército de Dugommier estava ele próprio sofrendo uma crise moral, com alimento inadequado (por causa do bloqueio aliado) no momento exato em que os ventos gelados do inverno começavam a soprar. Tão ruim estava a situação dos suprimentos que Barras e Fréron recomendaram ao Comitê de Segurança Pública que Dugommier se retirasse e fosse para alojamentos de inverno em Vaucluse, para agir apenas na primavera. Os Robespierre, no entanto, não estavam prontos a admitir a derrota. Enviaram quatro navios para provocar a frota britânica - não um desenvolvimento crucial, mas não obstante uma distração irritante. Hood foi ficando cada vez mais frustrado porque a Marinha Real não conseguia interditar suprimentos enviados por mar aos franceses, apesar de saber que seus navios não poderiam patrulhar cada fenda e enseada do Mediterrâneo. Mas já não era segredo que Napoleão recebia sua pólvora por mar, por isso passou a procurar por bodes expiatórios. Acreditava-se que os espanhóis, que eram aliados relutantes da Bretanha, porque os dois países abraçavam o princípio monárquico, tivessem negociações secretas com a França republicana, e corria o boato de que sempre ofereciam resistência apenas simbólica aos soldados franceses antes de abandonar suas posições.

O MAIOR PERIGO ISOLADO DA COALIZÃO

A essa altura, Hood e seus capitães haviam identificado Napoleão e sua artilharia como o maior perigo isolado que enfrentavam. O perigo era mais agudo do que o que conheciam, porque Dugommier havia finalmente dado a Napoleão a carta branca pela qual ele ansiara desde sua chegada a Toulon. Em 25 de novembro, Dugommier escreveu ao Comitê de Segurança Pública que "não achava que pudesse submeter um plano mais luminoso e factível que o submetido pelo major que comandava a bateria (isto é, Napoleão), que, tendo seguido as idéias daquele plano, ele havia, por sua vez, organizado um, e esse plano, pelo qual era um prazer dar crédito a seu autor primário, ele agora apresentava diante do Conselho". Dugommier chegou a empregar a fraseologia matemática do próprio Napoleão, referindo-se a "um cálculo exato dos meios... suas corretas proporções... seus respectivos procedimentos"; essa era a linguagem que o jovem usava habitualmente quando explicava suas táticas. Agora, todos os relatos de Toulon apontavam na mesma direção e os elogios a Napoleão haviam se tornado unânimes, sem qualquer voz dissonante.

Além dos elogios de Dugommier, Saliceti, Gasparin, Fréron e Barras, duTeil também ressaltou seu protegido: "Não posso encontrar palavras para retratar o mérito de Bonaparte: uma porção considerável de ciência, um tanto igual de inteligência e também muita bravura, tal é um pálido esboço das virtudes

daquele oficial". A importância de Napoleão para os jacobinos havia, nesse meio tempo, aumentado mais um ponto com a indicação de Lazare Carnot como ministro da guerra *de facto*, ele que se tornava o membro do Comitê de Segurança Pública responsável por dirigir todos os 14 exércitos da França. Saliceti desfrutava de relações particularmente boas com Carnot e era extremamente persuasivo. Carnot examinou todos os outros planos para o cerco de Toulon, dispensando-os bruscamente, a favor do plano do jovem Bonaparte.

Finalmente Hood e O'Hara haviam feito os preparativos necessários e, às 4h da manhã de 29 de novembro, lançaram uma grande força aliada contra Napoleão, na esperança de varrer suas baterias de uma vez por todas. O ataque começou brilhantemente, os franceses foram pegos de surpresa e logo soldados aliados estavam avançando sobre as localizações das armas, capturando as baterias Convention, Poudrière e Farinière. Mas então a disciplina se esfarelou. Eufóricos pelos primeiros sucessos, os aliados dividiram-se em corpos menores e fragmentados para perseguir e saquear. Dugommier não demorou a perceber que, na verdade, tinha clara superioridade numérica, e então contra-atacou. O combate que resultou foi frenético e sangrento, com desesperada luta corpo-a-corpo e o consumo de cerca de 500 mil cartuchos. Em uma das minibatalhas de grande intensidade, o próprio O'Hara foi ferido e capturado, arrastado para um longo cativeiro na França. Inacreditavelmente, percebeu-se que os soldados espanhóis na vanguarda do ataque às posições não haviam trazido barras ou outras ferramentas para inutilizar as armas francesas; apressadamente, enviaram alguns a Malbousquet, para trazer o equipamento, mas era tarde demais. Dugommier precipitou-se para baixo e empurrou os aliados com suas reservas, levando o inimigo de volta a Malbousquet. Fora do forte, os aliados se detiveram, cobertos pelos soldados dentro da fortaleza.

Os franceses realizaram três ataques animados, mas foram rechaçados todas as vezes. Gradualmente, a vantagem voltou a ser dos aliados, à medida que recebiam reforços da reserva espanhola e das baterias Moulins e Petit Saint-Antoine. Depois de sete horas de luta ininterrupta, ambos os lados caíram para trás exaustos e se retiraram para as posições originais. As baixas foram muitas pelos padrões até então obtidos em Toulon: os britânicos tiveram 148 mortos, feridos e desaparecidos; os espanhóis 119, os napolitanos 65 e os sardos um número similar. Dugommier relatou 271 baixas. No entanto, ele foi o vencedor moral. Essa batalha foi o "ponto da virada", em que a França começou decisivamente a mostrar superioridade, e, em seu relatório, Dugommier destacou mais uma vez Napoleão e a artilharia.

A LUTA PELO FORTE MULGRAVE

Outra razão para o declínio aliado era a desesperada carência de força humana sofrida pelo almirante Hood. Mesmo quando o último grupo de 500 napolitanos chegava, o fato foi invalidado pela perda de 300 homens do 30º regimento, sua melhor unidade. Além disso, a própria população de Toulon começava a se desesperar, tornando-se inamistosa. Eles culpavam os britânicos e seus aliados no Comitê Geral de Toulon, por praticamente tudo: não permitir que o conde da Provença viesse ter com eles (embora não ficasse claro como isso poderia ajudá-los), requisitar material, introduzir doenças, lucrar, açambarcar e promover inflação geral. O Comitê Geral respondeu às ásperas críticas, lançando decretos que restringiam a liberdade de movimento, enquanto *sir* Gilbert Elliot declarava que os burgueses de Toulon haviam sido mimados; recomendava o alistamento imediato de todos os não-combatentes e as "bocas ociosas" entre a população masculina. Mas nem tudo trabalhava a favor dos sitiadores franceses. Estava claro que Dugommier e Lapoype deveriam juntar-se a um esforço final para tomar Toulon, ou, então, dispersar para o inverno; o número de soldados chegava a 40 mil agora, mas o alimento escasseava. No entanto, conseguir que o inerte Lapoype colaborasse com Dugommier não era fácil. Mais uma vez, Napoleão teve que apelar diretamente para o Comitê de Segurança Pública em Paris, para

forçar Lapoype a concordar com seus planos; Dugommier não era problema, já que estava preparado para assinar embaixo de tudo o que o jovem fazia.

Napoleão propôs que Lapoype recebesse ordens diretas para lançar um ataque total ao maciço de Faron, como uma distração clássica enquanto a infantaria de Dugommier imobilizava a guarnição do forte Malbousquet, evitando que eles organizassem saídas. Ele próprio, nesse meio tempo, iria desferir o *coup de grâce* contra o forte Malbousquet com sua artilharia.

Tendo recebido sinal verde de Paris, Dugommier convocou uma reunião do seu conselho de guerra de 11 homens, cujos membros incluíam Lapoype, o general du Teil e Napoleão. O ataque tríplice de Napoleão a Faron, Malbousquet e Mulgrave foi aprovado, e acrescentou-se um novo refinamento de que haveria um bombardeio de longa distância contra o cabo Brun, para semear o máximo de confusão. O início de dezembro encontrou Napoleão em sua disposição mais enérgica. No sexto dia do mês, ele tinha as baterias de Convention, Poudrière e Farinière sincronizadas. Foi quando tirou seu ás da manga: construiria mais três baterias ombro a ombro ao sul do forte Mulgrave, ao alcance do fogo dos morteiros do forte, mas capazes de disparar em uníssono o mais devastador fogo de banda de artilharia. As novas baterias receberam os nomes Jacobins, Chasse-Coquins e Hommes sans Peur e foram construídas sob os próprios narizes do reduto de Mulgrave - isso era típico de Napoleão, que anteriormente havia construído a bateria Brégaillon numa única noite, praticamente sob o olhar de navios de guerra aliados. Um novo duelo de artilharia teve início, tornando insignificante tudo o que já acontecera antes. Uma fuzilaria de 20 mil balas de canhão diárias foi sustentada pela bateria Sans Culottes e um castigo ainda maior pela Hommes sans Peur.

Foi um combate boca de canhão contra boca de canhão, em *close up*, diminuindo a distância. Dessa forma, Napoleão conseguiu aumentar em cem vezes o poder destrutivo de suas armas, embora corresse um risco enorme, pois suas baterias poderiam muito bem ser aniquiladas.

Ele tentou amaciar o forte Mulgrave com um bombardeio tão intenso que por vezes era possível avistar várias bombas de morteiro em vôo simultâneo. Os aliados retaliaram da mesma forma: a bateria Hommes sans Peur recebeu o fogo de dez navios de guerra, dois pontões e duas chalupas e no primeiro dia quase todos os seus artilheiros foram mortos ou feridos. Não se conseguiam encontrar outros para assumir seus lugares até que Napoleão, demonstrando o brilho em psicologia humana pelo qual ficou famoso, anunciou que daí por diante essa bateria seria conhecida como a unidade de elite, à qual somente seriam admitidos guerreiros do mais alto calibre; depois disso, todos queriam participar e o problema do recrutamento ficou resolvido.

CHEGANDO AO PONTO DE VIRADA

Foi típico de Napoleão ter estimado precisamente os recursos do inimigo. Ele sabia que o forte Mulgrave tinha três redutos principais, revestidos de troncos e terra, com 4,5 metros de altura e rodeados por profundas trincheiras, das quais os defensores podiam proteger-se uns aos outros com fogo cruzado; além disso, o terreno entre os redutos também era coberto por fogo das fortificações. Por trás da muralha protetora e disparando através de vãos, havia 25 canhões, uma mistura de armas para 32, 12 e oito libras, com morteiros no apoio e tendo na frente uma profunda vala. No papel, as posições eram inexpugnáveis. Mas, na verdade, a posição era relativamente fraca na direita francesa, como havia notado o olho soberbo de Napoleão para avaliação de terrenos.

Embora Napoleão começasse com inferioridade numérica local - iria se tornar emblemático de seu estilo militar que ele passasse diretamente à ofensiva, mesmo quando o peso dos números favorecia o inimigo - os franceses tinham uma consistência impressionante em reservas, de modo que se conseguissem colocar um pé em Mulgrave, mais e mais pressão poderia ser aplicada. Nessa conjuntura, a coalizão tinha uma força nominal de 18.700 soldados - sete mil espanhóis, dois mil britânicos, 6.200 napolitanos, dois mil

sardos e 1.500 monarquistas franceses — mas as doenças haviam reduzido o contingente a 11 mil efetivos, que tinham de colocar homens num perímetro de 24 quilômetros; diminuí-lo traria a frota britânica e a própria cidade de Toulon para dentro da devastadora faixa de alcance das baterias de Napoleão. Contra isso os franceses dispunham de não menos do que 38 mil efetivos, incluindo 1.650 artilheiros. Mas o frio do inverno estava chegando com rigor e Dugommier estava secretamente muito preocupado com a disciplina e as deserções em suas próprias fileiras. O encontro crítico teria de ser encenado muito breve, ou o exército francês poderia implodir.

Em 14 de dezembro, sob um dia escuro, úmido e ventoso, as 11 baterias de Napoleão abriram fogo sobre os fortes Malbousquet e Mulgrave, com distâncias entre 230 e 1.800 metros; a idéia era dobrar o canhoneio no dia 15 e quadruplicá-lo no dia 16. Tudo saiu de acordo com o plano, exceto pelo fato de o próprio Napoleão ter escapado da morte por pouco no último dia, quando foi derrubado pelo vento de uma bala de canhão passando ao lado. Mas o tempo revoltoso preocupava apenas aqueles de espírito mais fraco, de modo que quando Napoleão disse a Dugommier que havia enfraquecido os fortes suficientemente para o *coup de grâce* a ser desfechado, o general e seus conselheiros hesitaram. A chuva pesada e as nuvens baixas espalhavam um desalento geral e havia temores de que os soldados não estivessem altamente motivados e assim não fossem capazes de ajustar sua mosqueteria para lidar com as condições climáticas. Dugommier enfrentou um dilema: ele não desejava presidir uma derrota mas, se recuasse, os comissários políticos poderiam relatar a Paris que o coração do general não estava empenhado na tarefa; na atmosfera de terror da França de 1793, comandantes haviam sido executados por menos. A ironia estava no fato de que eram os próprios comissários quem expressavam dúvidas sobre o impacto das tormentas sobre a batalha; eles estavam colocando suposições para as alternativas, deslocando a culpa no caso de a aventura abortar, mas forçando o infeliz Dugommier a tomar as decisões mais difíceis.

O general tentou fugir, ele próprio, à responsabilidade, sugerindo que Napoleão liderasse o ataque, mas o homem mais jovem convenceu-o a encabeçar o assalto ele mesmo, argumentando que o fator clima era irrelevante: a artilharia e as baionetas fariam o serviço. Seu argumento decisivo era de que, se o ataque fosse desmarcado, a enorme quantidade de pólvora e munição já empregada pelas baterias de artilharia no canhoneio de três dias teria sido desperdiçada, e não havia suprimento de reserva para uma segunda tentativa.

Finalmente persuadido, Dugommier preparou-se para conduzir seus cinco mil homens através do desalento da noite invernal. O ataque começou à uma hora da madrugada de 17 de dezembro, utilizando a cobertura da escuridão. Uma coluna avançou para assaltar Mulgrave pela frente, enquanto outra seguia a linha da costa para chegar pela esquerda e pela retaguarda, cortando suas comunicações pela água. Após um incidente inicial de "fogo amigo" causado pela limitada visibilidade do temporal, os franceses alcançaram as linhas externas de Mulgrave, onde se iniciou uma violenta luta corpo a corpo; quase até o último homem, a primeira onda foi morta à ponta de baioneta. Quando esse ataque foi repellido, Dugommier enviou sua reserva, encabeçada por Napoleão e o coronel Mouret. Soldados mais experientes que os da primeira leva, eles lutaram com *élan* revolucionário e fúria. Muralhas de proteção foram escaladas; defensores espetados pelas baionetas; houve mais lutas corpo a corpo dentro do forte; nenhum quartel foi solicitado ou concedido. O espírito de luta dos franceses recebeu um estímulo pelos erros grosseiros dos defensores espanhóis, que não moveram para lá suas reservas das fortificações de Balaguiet e L'Aiguillette. O comandante espanhol, brigadeiro Izquierdo, tentou desviar a culpa por esse equívoco para os defensores de Napoleão que recuavam de Mulgrave, responsáveis, afirmou ele, por instalarem o caos entre as suas tropas. Certamente os napolitanos entraram em pânico, e é inegável que a força multinacional defendendo Mulgrave foi um fator para a sua perda.

Depois de três horas de luta sangrenta, encarniçada e feroz, o forte Mulgrave estava nas mãos dos franceses. Saliceti e Gasparin chegaram após a luta para conceder aos soldados revolucionários a sua

bênção política, e encontraram seu favorito, o tenente-coronel Bonaparte caído no chão, ferido, espetado pelo pique de um sargento inglês na parte interna da coxa, exatamente acima do joelho. Ele tivera o cavalo morto e lutara a pé, perseguido com ímpeto selvagem. Inicialmente, houve consternação, suspeitou-se de gangrena e da necessidade de amputação de parte da perna, mas um cirurgião militar trazido para uma segunda opinião declarou que o ferimento não era sério. Desse dia em diante, Napoleão passou a portar uma profunda cicatriz.

A QUEDA DE TOULON PARA OS FRANCESES

Com o forte Mulgrave perdido e o "pequeno Gibraltar" uma ruína em chamas, a posição de Balaguiet e L'Aiguillette ficou claramente sem esperanças. O pânico dos napolitanos havia frustrado o reforço de Mulgrave e agora destruíra quaisquer perspectivas que pudessem existir para os dois pontos fortificados no promontório; relatou-se que os napolitanos corriam para um lado e para outro, os do promontório colidindo com os que fugiam de Mulgrave, aumentando ainda mais o caos já instalado.

Os melhores desempenhos dessa noite lamentável para as armas aliada foram os da Marinha Real, que conseguiu evacuar 2.500 homens do promontório. Cerca de 300 bretões e 70 espanhóis morreram nessa noite, e além de 250 declarados desaparecidos e 400 prisioneiros; os franceses contaram não mais do que 80 mortos. Malbousquet, nesse meio-tempo, havia sido mantido ocupado por uma elaborada demonstração de força e bombardeio contínuo de artilharia. A terceira fase da operação, o ataque sincronizado à cadeia de Faron, por Lapoype, transcorreu mal no início. Os atacantes franceses na extremidade leste foram repelidos três vezes, e não houve exortações revolucionárias de Barras e Fréron que conseguissem reagrupá-los. Para fortuna dos franceses, o assalto pelo lado oeste da cadeia de montanhas foi bem-sucedido, de modo que a guarnição do leste foi dominada. A força francesa se uniu então contra o forte La Croix Faron, que, depois de uma robusta defesa, também caiu. Precipitando-se das alturas sobre o forte Faron mais abaixo, os revolucionários vitoriosos surgiram em número tal que a guarnição de Faron resistiu apenas simbolicamente. As 4h da manhã, a *tricolore* ondulava sobre os fortes Faron e Mulgrave. A vitória fora tão completa quanto Napoleão havia predito.

Um sombrio almirante Hood convocou um conselho de emergência para verificar se era viável resistência adicional. Foi unânime o consenso de que os navios da Marinha Real não poderiam mais usar nem a Petite Rade, nem o porto. Expressou-se a preocupação pelo fato de que toda a luta se devia aos napolitanos, de que o moral estava baixo por todos os lados e que os há muito prometidos austríacos claramente não iriam chegar a tempo. Os napolitanos confirmaram todas as más opiniões, retirando-se do cabo Brun, de Saint-Mandier e do forte Missiesy, sem sequer ficarem para tentar conclusões com os franceses; alguns pensaram que isso significava que tinham ordens secretas anteriores de parar de lutar assim que os eventos dessem as costas aos aliados. À medida que os exércitos revolucionários gradualmente ocupavam todas as posições-chave ao redor da baía, o povo da própria Toulon, lembrando-se do destino de Marselha e Lyons, começou a entrar em pânico. Muitos correram com seus pertences para o cais, implorando serem evacuados, desesperados para evitar a sangrenta purga que podiam ver se aproximando.

Hood, entretanto, tinha seus próprios problemas a pressioná-lo. Ordenou que todos os navios de guerra da Marinha Real na Petite Rade mudassem seus atracadouros para a ancoragem externa. Mas, agora, para estupefação geral, Hood foi forçado a admitir que ele não tinha planos gerais de contingência para a frota francesa - supostamente o grande prêmio que justificara a ocupação de Toulon em primeira instância. Tudo havia sido predicado ao sucesso: pensava-se que os jacobinos seriam facilmente derrotados, que depois disso Luís XVII ascenderia ao trono e Hood iria devolver a frota de Toulon, que teria mantido como fiduciário, para os aplausos agradecidos da nação francesa. Uma mensagem definida do

almirantado, colocando que em cenário de pior-caso ele deveria destruir a frota, chegou às suas mãos somente após a queda de Toulon.

No entanto, como homem inteligente, Hood sabia onde estava o seu dever. Sabia ter sido negligente em não pensar exaustivamente sobre tudo e nem ter ordenado planos coerentes de contingência, para a eventualidade de ser forçado a evacuar. Evidentemente, havia feito o costumeiro jogo militar de segunda-linha, simplesmente aguardou para ver o que surgiria, adiando decisões difíceis e desagradáveis.

"MUITO SANGUE, MAS POR HUMANIDADE E DEVER"

Muito tarde naquele dia, *sir* Sidnei Smith, um capitão naval de 29 anos, a ser posteriormente o vingador de Napoleão no Egito, recebeu o encargo de destruir a frota de Toulon, tendo, para cumprir a tarefa, um único navio com poder de fogo. Nas circunstâncias, Smith apresentou uma performance brilhante e conseguiu atear fogo ao arsenal na noite do dia 18; a terrível explosão por volta das 9h da noite encantou a alma romântica de Napoleão, como ele mesmo admitiu. Smith conseguiu atear fogo a 11 navios de linha e quatro fragatas dos franceses, mas não pôde fazer mais. Inevitavelmente, os britânicos foram criticados por se concentrarem nesse trabalho de destruição e abandonarem os refugiados de Toulon à própria sorte - é verdade que cerca de sete mil cidadãos evacuados de Toulon foram conduzidos principalmente por navios espanhóis ou napolitanos, ou em barcos particulares. O impiedoso Smith não sentia nada além de rancor pelos refugiados: "Eles correram para a água como a manada de porcos que correu furiosamente para o mar possuída pelo diabo", escreveu. Além do mais, afirmaram os britânicos, reter o forte La Malgue até o último momento havia-lhes permitido embarcar nove mil soldados. Ao amanhecer do dia 19, todos os soldados aliados tinham sido embarcados.

Os franceses, avançando cautelosamente primeiro sobre Toulon, pois tinham previsto uma forte resistência, confessaram-se surpresos pelo recuo precipitado dos britânicos e tiraram do fato plena vantagem de propaganda. Então, voltaram para se vingar de Toulon. O Comitê de Segurança Pública passara por um pavor particularmente ruim no sul da França e reagiu com o reflexo vingativo comum. Execuções em massa tiveram início no dia 20 de dezembro: primeiro 200 oficiais navais e marinheiros; no dia seguinte, 200 "colaboradores" civis. Joseph Fouché, posteriormente chefe de polícia de Napoleão e especialista em terror exemplar, expressou o credo jacobino: "Estamos derramando muito sangue, mas por humanidade e dever".

Os inimigos de Napoleão tentaram mais tarde fazer propaganda negra a partir dos massacres de Toulon, que continuaram ano novo adentro (em conjunto foram massacrados mais de dois mil), alegando que ele era uma força propulsora das atrocidades. Na verdade, ele estava estarecido, assim como Dugommier, mas ambos tinham mais o que fazer do que protestar contra a justiça do povo. A posterior afirmação de Napoleão de que apenas os líderes contra-revolucionários foram fuzilados em Toulon é mistificação, mas também é mito a afirmação ultrajante de que Napoleão pessoalmente massacrara centenas de cidadãos.

Todos os que se achavam do lado vitorioso em Toulon aumentaram as coisas, se bem que não necessariamente para melhor. Dugommier pediu para se aposentar baseado no fato de que já havia completado sua missão com sucesso, mas, em lugar disso, foi feito comandante-em-chefe do exército dos Pireneus Orientais. Surpreendentemente, em vista do fato de que o cerco de Toulon foi uma das melhores horas, marcando a última ocasião concebível para que a intervenção estrangeira pudesse ter detido a Revolução Francesa e extirpado as esperanças girondinas de uma guerra civil nacional, a esse sucesso ficariam ligados os ideais jacobinos, principalmente quando do famoso *coup d'état* de Termidor (em julho de 1794), ocasião em que houve a execução de mais de cem líderes jacobinos, incluindo Robespierre. Fréron, em dezembro de 1793, era um esquerdista encarniçado que queria arrasar Toulon até as cinzas - talvez se lembrando do antigo ditado citado pelo escritor Tobias Smollett, em 1766, de

que "o rei da França é maior em Toulon do que em Versalhes" (por causa da frota, do arsenal e das docas) -, emergiu para a luz do dia como amante de Pauline Bonaparte, alguns anos depois. Ele se havia agarrado à aba de Barras, um mestre em chicanas que se reinventou espetacularmente após o Termidor e continuaria para encabeçar o governo burguês do Diretório, no final da década de 1790.

Mas então todas as conseqüências de Toulon pareciam correr contra a razão e a lógica. Dado que os britânicos e seus aliados controlaram as duas baías em Toulon durante três meses, a ação ali deveria ter sido uma catástrofe para a França, e não apenas um severo revés. Em vez de destruir a frota de Toulon, Hood hesitou, com o resultado de que 13 navios de linha e cinco fragatas sobreviveram; embora Sidney Smith tivesse incendiado 11 dos 17 navios de guerra, apenas seis foram totalmente destruídos, cinco deles conseguiram ser reparados. Tivesse Hood destruído a frota inteira como deveria, não teria sido possível a invasão do Egito por Napoleão, em 1798, e, portanto, nenhum *coup d'état* em 1799, ou a posterior criação de um Império.

Assim, longe de ser punido ou cair em desgraça por sua fraca demonstração - considerando-se o tratamento dispensado pelo almirantado ao almirante Byng, em 1757 Hood foi premiado com mais de 265 mil libras esterlinas do prêmio em dinheiro pelos navios franceses efetivamente destruídos, do qual o almirante recebeu um oitavo e isso apesar de, por lei e convenção marítima, nenhum dinheiro de prêmio ser concedido por navios mantidos sob custódia. Será lembrado que Hood defendeu seu fracasso em destruir a frota inicialmente por afirmar que estava mantendo-a em custódia para Luís XVII. O favoritismo do almirantado era tão gritante como sua falta de lógica.

IMPERADOR DA FRANÇA, SENHOR DA EUROPA

Naturalmente, para Napoleão, Toulon foi o primeiro degrau da escada de uma carreira rápida e ascendente, embora ele também tivesse de navegar os traiçoeiros baixios políticos através da Revolução Francesa, mais notavelmente o Termidor. Em 22 de dezembro, os comissários reunidos promoveram-no a brigadeiro-general (Napoleão tinha apenas 24 anos) -, uma promoção confirmada pouco depois pelo Comitê de Segurança Pública. Todos os que haviam estado com ele em Toulon subiram ao seu lado - Desaix, Duroc, Junot, Marmont, Victor, Suchet e Napoleão sempre foi sentimental em relação aos que haviam servido com ele no teatro onde primeiro deixou sua marca; mesmo o inútil Carteaux se tornou mais tarde beneficiário de sua *largesse*, e, para afirmá-lo suavemente, ele de modo algum fora amigo de Napoleão, em 1793.

A realização de Napoleão em Toulon consistiu em não apontar que os promontórios do oeste eram a chave de todo o enigma - isso era óbvio para a maior parte dos observadores -, mas imaginar um modo de como tomá-los quando todos os demais estavam sem nenhuma pista. Demonstrando a paciência que lhe faltaria em estágios posteriores da carreira, ele teve inicialmente de combater o torpor, a inércia e o derrotismo de outros, demonstrando uma determinação de aço, para, então, aparelhar a artilharia no ponto em que estivesse em vantagem local sobre o inimigo; foi dito muito bem que suas baterias funcionaram como longos *jabs* de um soberbo boxeador tático. Os superlativos que Dugommier, du Teil e Saliceti emitiam a seu respeito eram mais do que merecidos, pois ele demonstrara uma coleção de talentos comumente não encontrados em conjunto: ousadia, rapidez e tenacidade. Ele também mostrou que tinha um fino intelecto, uma mente que conseguia abranger imediatamente os menores detalhes das operações militares e também o quadro geral por inteiro: a maior parte dos soldados de talento é boa em uma ou em outra coisa, mas raramente nas duas. Ele já havia provado que era um leitor maravilhoso das condições do solo e que conseguia entrar na mente do inimigo, identificar-se e em seguida superá-la.

Sem dúvida, Toulon, como uma operação auto-contida um tanto limitada em escopo, não revelou o gênio maduro de Napoleão como comandante, mas os princípios matemáticos que ele aplicou ali

permaneceram consistentes durante o resto de sua carreira. Aqui está o seu credo, como expressado a um de seus admiradores:

"A ciência militar consiste, em primeiro lugar, em calcular todas as chances acuradamente, e, então, em dado acidente, quase matematicamente, dar seu lugar exato em nossos cálculos. E sobre este ponto que não podemos nos enganar, já que um décimo a mais ou a menos pode mudar tudo. Agora, essa proporcionalidade entre acidente e ciência não pode penetrar em qualquer cabeça, exceto a de um gênio. O acidente, azar, oportunidade, chame-o como quiser, um mistério para as mentes ordinárias, torna-se uma realidade para homens superiores."

É tentador encarar Toulon como uma espécie de experimento de laboratório para os métodos de um Napoleão maduro. O uso da artilharia como arma-chave permaneceria constante em seu pensamento, e a luta assassina pelo Grande Reduto durante a batalha de Borodino, em 1812, mostra Napoleão ainda tentando superar o inimigo com a quantidade de bombas e balas de canhão disparadas; mas, a verdade, é que nessa época os seus inimigos haviam aprendido as lições de Toulon melhor do que o próprio mestre. A posição inteligente de suas forças entre os fortes Malbousquet e Mulgrave revela, embrionariamente, sua posterior apreciação pela "posição central", interpondo seu exército entre as duas partes das forças inimigas, de modo a destruí-las um pouco de cada vez; Napoleão sempre foi brilhante em alcançar a superioridade local por meio da concentração de forças, mesmo contra um opositor numericamente maior.

Finalmente, Toulon revela claramente a importância que Napoleão sempre atribuiu à velocidade. Uma de suas manobras favoritas, demonstrada campanha após campanha, era estacionar suas forças a dois dias de marcha da força hostil, digamos, num domingo, levando o inimigo a crer que a batalha iria acontecer na terça-feira; partindo em marchas forçadas pela noite adentro, ele apareceria então no campo na segunda-feira, contra um opositor despreparado. Algumas das quilometragens alcançadas por Napoleão e seus marechais falam de velocidade e mobilidade quase incríveis. Ele mesmo cobriu 80 quilômetros em três dias durante a campanha italiana de 1796-7, seu marechal Soult e seu corpo de soldados cobriram 445 quilômetros em 22 dias, durante a campanha de Ulm de 1805, enquanto no mesmo ano, em Austerlitz, outro marechal, Davout, movimentou seu corpo de exército por 140 quilômetros em 48 horas. Toulon foi simplesmente o início da notável carreira de Napoleão. Sobrevivendo à queda de Robespierre quando a Revolução Francesa se desviou para a direita, em julho de 1794, na famosa "reação do Termidor", ele se agarrou por um tempo à aba do supremo operador político Barras, seu antigo patrono. Como sicário de Barras, ele dispersou a multidão de Paris, em 1795, com as celebradas "baforadas de metralha". Mas foi a campanha italiana de 1796-7 que primeiro revelou seu gênio militar em todo seu esplendor: ele venceu um rosário de vitórias e forçou a Áustria à mesa de conferências. A essa altura, sua visão estava voltada para o poder supremo, mas achava que o momento não estava amadurecido, de modo que partiu numa impressionante campanha de 13 meses no Egito (1798-9), conquistando mais vitórias sobre exércitos mais primitivos. Voltando à França, encontrou Barras e os outros membros do conselho de governo ou Diretório de cinco homens completamente desacreditados. Ao final de 1799, ele arquitetou um *coup d'état* que o levou ao poder supremo; na época, ele mascarou o âmbito total de suas ambições e aceitou a posição de primeiro cônsul. Mais uma ação de guerra bem-sucedida contra a Áustria, em 1800, terminou com uma paz geral européia (1801-3). Porém, quando as hostilidades recomeçaram, Napoleão empenhou-se totalmente em invadir a Inglaterra; a vigilância incessante da Marinha Real sob Nelson o frustrou. Em 1804, Napoleão arrancou o véu e fez-se coroar imperador.

NA ESTRADA PARA WATERLOO

Os anos 1805-7 viram Napoleão no ápice de seus poderes. Ignorando os desafiadores britânicos, ele venceu uma sucessão de batalhas, uma a cada ano, contra a Áustria, a Prússia e a Rússia, respectivamente. Mas de 1808 em diante, sua posição como senhor da Europa começou a se desenredar. Primeiro, foi absorvido para uma guerra sem sentido na Espanha. Depois, conduziu uma árdua campanha contra a Áustria (1809), que venceu por estreita margem de pontos. No entanto, ficara claro para observadores atentos que a brecha tecnológica entre a França e seus inimigos havia se fechado, e que não haveria mais vitórias francesas fáceis. Em seguida, quando sua tentativa de colocar a Bretanha de joelhos, através de um bloqueio econômico, falhou, ele culpou a Rússia por desprezar sanções e cometeu o maior equívoco de sua carreira invadindo a Rússia (1812). Numa campanha desastrosa, perdeu meio milhão de homens. Forçado agora à defensiva, em 1813, Napoleão confrontou uma grande coalizão entre Bretanha, Prússia, Áustria e Rússia, e, finalmente, foi encurralado na decisiva batalha de Leipzig. Quando os aliados vitoriosos invadiram a França, no início de 1814, Napoleão foi forçado a abdicar, sendo exilado para a ilha de Elba. Em 1815, encenou um retorno ao continente; a França se reuniu a seu redor e ele lutou sua campanha final, os "Cem Dias", que terminou com sua derrota em Waterloo, por Wellington, os britânicos, holandeses e prussianos. Exilado na ilha de Santa Helena, no Atlântico, morreu ali, em 1821 (quase certamente envenenado).

Um veredito final sobre Napoleão como comandante não é fácil, até porque há muitas considerações morais a incluir na equação quando comparamos prós e contras. Pelo menos, quatro milhões de pessoas morreram nas guerras napoleônicas, e os números de mortes em suas principais batalhas permaneceram sem comparação até as sanguinárias guerras mundiais do século XX. Os cálculos das mortes em suas muitas batalhas foram feitos da seguinte maneira: Austerlitz (1805), 16 mil; Ulm (1805), 18 mil; Jena (1806), 50 mil; Friedland (1807), 28 mil; Aspern (1809), 45 mil; Wagram (1809), 74 mil; Borodino (1812), 80 mil a 120 mil; Lutzen (1813), 45 mil; Bautzen (1813), 40 mil; Dresden (1813), 50 mil; Leipzig (1813), 90 mil; Waterloo (1815), 22 mil. Essa lista de baixas não inclui os mortos das guerras na Itália (1796-7), no Egito (1798-9), da campanha da Áustria de 1800, da campanha na França, em 1814, as outras batalhas dos Cem Dias (1815), ou quaisquer batalhas travadas por seus marechais, especialmente aquelas na Espanha, durante cinco anos de sangrias, em 1808-13. Moralidade à parte, há muitas outras críticas que podem ser feitas a Napoleão. Ele não era original na arte da guerra, simplesmente refinava os métodos existentes; não introduziu novos métodos em tática ou na condução da guerra, embora chegasse à excelência nos métodos que já existiam; depois de 1807, ele se tornou menos impressionante, pois a guerra passou a ser mais uma questão de atrito do que uma batalha de aniquilação.

Por uma espécie de justiça poética, a crescente importância da artilharia, que Napoleão fora o primeiro a destacar, significava que o comando eficiente, a estrutura de controle e o sistema de corpos de vários exércitos independentes, que o haviam servido tão bem nos anos de glória de 1805-7, não mais operavam a seu favor. Além disso, Napoleão sempre demonstrou seu melhor como comandante de pequenos exércitos, sem par como capitão de forças de 30 mil a 60 mil homens, que ele podia usar em ações de *blitzkrieg*. A brilhante campanha que ele lutou na França, nos primeiros meses de 1814, encontrou-o novamente em sua melhor forma, principalmente porque estava mais uma vez comandando pequenas forças; exércitos enormes, desajeitados, sempre lhe causaram problemas logísticos que ele não conseguia superar.

UM GENERAL INIGUALÁVEL?

Vamos, então, inicialmente fazer o papel de "promotores da fé", enfatizando as grandes qualidades de Napoleão, antes de nos tornarmos o advogado do diabo e apontarmos suas muitas deficiências. Essas qualidades podem ser resumidas como carisma, intelecto, obsessão pelo trabalho e poder de vontade.

Napoleão tinha uma presença pessoal magnética, que levava mesmo os endurecidos veteranos e os generais irascíveis a fraquejarem diante dele. Ele dispunha daquele pré-requisito do charme - que fazia a pessoa com quem falava se sentir a mais importante do mundo. Ele tinha notável habilidade para atrair outros homens para seu modo de pensar e assim conseguir com que alcançasse seus objetivos e propósitos; quanto às mulheres, ou as assustava quando não lhe agradavam, ou as seduzia quando interessado por elas. Napoleão trabalhou duro para desenvolver o toque comum e fingia conhecer a história pessoal de cada homem em seu exército de 200 mil - um absurdo óbvio, mas o efeito psicológico disso era indubitável.

Napoleão sabia tudo sobre seus oficiais superiores, e, no caso de outros superiores, pedia aos seus auxiliares que o informassem com antecedência sobre seus nomes e detalhes. Seus poderes intelectuais eram bastante elevados e ele possuía a rara combinação de ter um talento matemático e uma memória soberba. Também sabia onde se encontrava cada uma de suas unidades, quem a comandava, a personalidade daquele comandante, a força numérica da unidade e suas fraquezas - e estamos falando de sete corpos do exército totalizando 200 mil homens. Ele conseguia se lembrar da última vez em que havia encontrado alguém - e encontrava milhares de pessoas -, e sobre o que haviam conversado. Não era apenas um mestre em todas as artes militares, mas um talentoso criador de leis, um político hábil, um intelectual e um excelente psicólogo.

Suas energias eram sobre-humanas: muitas vezes trabalhava de 18 a 20 horas por dia, chegando a passar três dias sem dormir. E o poder de sua vontade era literalmente fabuloso. Não acreditava que a política era a arte do possível; não acreditava que tudo estava determinado, mas acreditava claramente na supremacia da mente sobre a matéria. "É a força moral, antes que os números, que decide a vitória": essa era uma de suas máximas, e freqüentemente declarava que, no ofício da guerra e nos assuntos humanos em geral, a moral supera o material numa proporção de três por um. Como general, era sem par, freqüentemente alcançando a destruição do inimigo numa única batalha.

Os críticos de Napoleão alegam, porém, que suas deficiências superam esses grandes talentos. Embora fosse um hábil psicólogo, no que tange saber o que motiva os seres humanos, era, na verdade, um fraco juiz do caráter humano individual. Foi enganado ao ponto da traição por quatro pessoas diferentes: os marechais Bernadotte e Murat, o diplomata Talleyrand e seu chefe de polícia Fouché, e, no entanto, nunca agiu decisivamente contra eles. Um déspota verdadeiro teria mandado enforcar os quatro. Era talvez insuficientemente impiedoso, como mostra sua absurda indulgência com os quatro irmãos inúteis. Ele dominava o raro feito de se intrometer nos pequenos assuntos, enquanto, ao mesmo tempo, permitia que seus marechais incompetentes conservassem as cabeças. Suas limitações estratégicas eram gritantes, pois somente um tolo teria invadido a Rússia, em 1812, enquanto a "úlceras espanhola" continuava drenando seus recursos na península Ibérica.

O revisionismo mais iconoclasta ressalta seu verdadeiro *status* como o de um grande comandante. Os críticos afirmam que suas vitórias eram obtidas principalmente sobre mediocridades e que ele implodia quando defrontado com uma oposição realmente talentosa. É verdade que, após 1800, ele venceu apenas duas vitórias claras: Austerlitz, em 1805, e Friedland, em 1807. Seu general Louis Charles Desaix foi o verdadeiro vencedor em Marengo, em 1800, e o marechal Davout, em Jena-Auerstadt, em 1806. A vitória em Wagram, em 1809, foi estreita, por pontos, artificial e não-convicente, e as duas lamentáveis batalhas contra os russos, em Eylau, em 1807, e Borodino, em 1812, foram encontros inconclusivos, marcados pelo máximo derramamento de sangue. Acima de tudo, Napoleão não chegava a impressionar quando se tratava de administrar grandes exércitos e coordená-los através de diversas frentes, como na campanha da Rússia, em 1812. Faltava-lhe o gênio do general mongol Subudei, o maior estrategista da história, que conseguia coordenar múltiplos exércitos sobre múltiplas cadeias de montanhas e ainda usar um exército para proteger o flanco de outro. Certamente, em termos de percentagem, Napoleão não teve nada semelhante à taxa de sucesso dos maiores capitães da história, que tiveram registros de 100% ou

perto disso: Alexandre, o Grande e, Aníbal, Júlio César, Subudei, Tamerlão, Turenne. Contra isso, pode-se dizer que nenhum desses grandes jamais lutou tantas batalhas quantas lutou Napoleão, e que tinham o benefício, que ele não teve, de contar com exércitos de primeira classe já existentes. A favor de Napoleão, pode-se dizer que ele nunca perdeu uma batalha isolada contra um adversário isolado ou contra uma nação isolada; as grandes derrotas, como Leipzig e Waterloo, sempre foram contra uma coalizão de inimigos.

A MENTE DO GUERREIRO

A Psicologia dos Guerreiros

Descrever os feitos de grandes guerreiros no campo de batalha é uma coisa; tentar entrar em suas mentes e sondar sua psicologia é outra, muito mais difícil. Seria simples se houvesse algum princípio psicológico abrangente que explicasse a mentalidade do guerreiro, mas não há. Todas as explicações gerais, em última análise, deixam a desejar. O psicólogo Alfred Adler pensava que o anseio pelo poder era a motivação básica de todos os seres humanos, mas não explicou por que apenas uma diminuta minoria de pessoas é capaz de pôr em prática esse instinto, como os guerreiros claramente o fizeram. Em sua investigação a respeito de tipos psicológicos, onde elaborou uma tipologia de oito categorias - quatro tipos de introvertidos e quatro tipos de extrovertidos -, o psicólogo suíço Carl Jung colocou os guerreiros na categoria de "extrovertidos-intuitivos". Mas assim como os exploradores, os caçadores de animais selvagens e mesmo os especuladores das Bolsas de Valores, se todos fossem incluídos nesse grupo, qualquer investigação da psicologia do guerreiro não seria fácil.

O "Arquétipo do Guerreiro"

Muito trabalho tem sido feito pelos modernos junguianos sobre o assim chamado "arquétipo do guerreiro", geralmente são decantadas as qualidades puramente militares do suposto guerreiro e verificado se o arquétipo básico pode ajudar quem está interessado numa carreira criativa ou de negócios. Os livros especializados em segredos da liderança - digamos, "os segredos da liderança de Atila, o Huno" - segue essa linha (existe um livro assim), tentando separar o conteúdo intelectual próprio das decisões de batalha da atividade sangüinária propriamente dita.

O fundador da psicanálise, Sigmund Freud, acreditava que os guerreiros tinham grande probabilidade de serem filhos favoritos: "Um homem que foi o favorito de sua mãe atravessa a vida com o sentimento de um conquistador". Isso certamente se aplicaria bem a Ricardo Coração de Leão, o preferido de Eleanor da Aquitânia. O fato, porém, é que através da história, os guerreiros tiveram origens muito diferenciadas: alguns foram favoritos dos pais, outros não; alguns eram primogênitos, outros não. Qualquer tentativa de generalização está condenada ao fracasso.

Isso se torna muito claro se examinarmos os seis guerreiros deste livro. Todas as generalizações promissoras logo naufragam. Adler especulou que indivíduos com "inferioridade de órgãos" compensavam esse fato com uma maior ânsia pelo poder, argumento que se deixa levar pela constatação de que alguns dos grandes ditadores realmente terem apresentado baixa estatura ou outras deficiências físicas. No século XX, há os exemplos de Stálin, Hitler, Mussolini e Franco, bastante conhecidos. No caso dos guerreiros deste livro, é verdade que Napoleão, Átila e Cortez tinham estatura abaixo da média - e Tokugawa era "corporalmente desafiado" por sua obesidade. Por outro lado, Ricardo Coração de Leão era um homem alto e, por todos os relatos, tinha um esplêndido físico - e certamente podemos inferir algo similar sobre Espártaco, pois de outro modo ele não teria sobrevivido por tanto tempo na arena.

A idéia de serem enrijecidos por uma infância perturbada também é superficialmente atraente. Pode-se assumir que Cortez, Espártaco e Átila tenham passado por árduas escolas no início da vida, e Tokugawa Ieyasu certamente tinha as mesmas memórias que Guilherme, o Conquistador - não sabendo se iria sobreviver de uma semana a outra. Napoleão e Ricardo Coração de Leão tiveram infâncias bastante fáceis. Talvez a sexualidade seja a chave? Diz-se, às vezes, e foi expressamente afirmado no caso do marechal-de-campo Montgomery, por exemplo, que um guerreiro necessariamente vive num mundo

"homossocial" macho, que o predisporia à bissexualidade. Isso certamente se aplicaria bem a, digamos, Alexandre, o Grande e Júlio César, e sabemos com certeza que Tokugawa Ieyasu era bissexual. É interessante observar que imputações de bissexualidade tenham sido feitas a Espártaco, Ricardo Coração de Leão e Napoleão, em caráter puramente especulativo. Mas essa idéia é também refutada decisivamente pelas carreiras de Átila e Cortez, ambos mulherengos e polígamos.

"Um Assassinato faz um Vilão, Milhões, um Herói"

Uma questão óbvia se apresenta imediatamente. Seriam todos os grandes guerreiros psicopatas? A guerra é uma atividade em que o sucesso só pode ser alcançado com o sangue derramado de muitos seres humanos. É difícil asseverar-se dos cálculos das mortes no caso dos seis guerreiros deste livro, especialmente os do mundo Antigo, quando grande parte dos historiadores de então acrescentava vários zeros a cada número. Sabemos que 50 mil homens tombaram somente na batalha de Sekigahara, mas é impossível quantificar o resto das perdas causadas numa era de constante guerra civil no Japão. Numa estimativa comportada, a rebelião de dois anos de Espártaco talvez tenha custado cem mil vidas, e a carreira de Átila talvez o dobro disso. Ricardo Coração de Leão passou a vida lutando, de modo que nenhuma estimativa geral é possível, mas as mortes de ambos os lados durante a Terceira Cruzada devem ter somado cem mil. Julga-se que a conquista do México por Cortez tenha custado um quarto de milhão de vidas, para não falar da devastação subsequente causada pelas doenças introduzidas pelos conquistadores. Quanto a Napoleão, a melhor estimativa é que seus 20 anos de guerra tenham sido responsáveis por quatro milhões de mortos.

Esses são assuntos controversos, mas muitas idéias ao redor da "psicopatia" têm sido debatidas desde os tempos mais remotos. No grande épico hindu, o *Mahabharata*, o famoso guerreiro Arjuna questiona seus motivos em ser capaz de massacrar tão facilmente, e há passagens similares na *Ilíada*. A psicopatia no sentido normal não é passível de dar uma explicação para a conduta dos guerreiros, até porque o estresse da batalha era experimentado tanto pelos líderes quanto pelas alas e fileiras, faz parte dos relatos de guerra. É fato que o estresse da batalha produz uma psicologia peculiar, que pode mesmo, em última análise, ser suscetível a uma explicação físico-química. Mas, por definição, um verdadeiro psicopata não experimentaria tal estresse.

Um caminho mais promissor se abre se distinguirmos entre o psicopata propriamente dito, privado de qualquer senso moral, e o sociopata, cujo senso moral tenha sido temporária ou permanentemente eliminado pela coexistência num ambiente hipermasculino. Especulou-se que haveria um potencial para o colapso moral em seres humanos, algo que poderia ser desencadeado por desastres naturais, colapso social ou mesmo por uma partida de futebol quando o outro lado vence. É óbvio que seria na guerra que tal "sociopatia" iria se manifestar; de outro modo, afinal, como os soldados poderiam sequer ser induzidos a matar? O mais antigo clichê reza que aquilo que é considerado heroísmo em tempos de guerra vira assassinato em tempos de paz. Nas palavras do cínico: "um assassinato faz um vilão, milhões, um herói".

O que é um Crime de Guerra?

A psicologia do guerreiro só pode ser compreendida se colocarmos entre parênteses a moralidade normal do tempo de paz. Isso inevitavelmente nos leva a outro enigma: o que é um crime de guerra? O cínico contesta que os crimes de guerra são tudo aquilo que os perdedores do conflito fizeram; as atrocidades dos vencedores são apenas "danos colaterais". No papel, os bombardeamentos de Dresden, Hiroshima e Nagasaki, na Segunda Guerra Mundial, foram crimes óbvios, mas os defensores dessas ações "necessárias" gostam de sublinhar a superioridade moral da causa pela qual lutando. Esse é

obviamente um terreno escorregadio, como podemos ver no caso deste estudo. Por uma bizarra coincidência, tanto Napoleão quanto Ricardo Coração de Leão foram acusados de crimes de guerra, ambos no Oriente Médio e quase nas mesmas circunstâncias e localização geográfica. E, em ambos os casos, a sinistra doutrina de "combatentes ilegais" foi invocada.

Depois do bem-sucedido cerco de Acre, em 1191, Ricardo aceitou a oferta de ter todos os três mil prisioneiros sarracenos resgatados por 200 mil dinares, dinheiro a ser pago em duas prestações, quando então uma parcela de prisioneiros seria libertada. O não-ingênuo Saladino não tinha o dinheiro e estendeu as negociações, esperando encontrar algum pretexto que lhe permitisse não cumprir o trato. Finalmente, descobrindo que Ricardo não cairia em nenhuma de suas armadilhas, afirmou, mentindo, que todos os prisioneiros deveriam ser libertados após a primeira prestação do dinheiro, e um punhado de reféns deveria ficar para garantir o pagamento da segunda.

Enfurecido pela prevaricação e desonestidade de Saladino, a paciência de Ricardo se esgotou e, em 20 de agosto, ordenou a execução em massa dos cativos. Os cruzados avançaram sobre os prisioneiros muçulmanos com lanças e espadas, e, em pouco tempo, completaram a tarefa do extermínio em massa. Ricardo alegou que havia uma série de razões para sua ação. Ele não dispunha de comida suficiente para alimentá-los, mas não podia deixar para trás um número tão grande de prisioneiros gentios quando marchasse para o sul, especialmente porque eram homens cuja assim chamada palavra de honra nada significava. Ele achava que Saladino iria renegar o acordo se conseguisse todos os prisioneiros de volta e sacrificaria os reféns, escolhidos a dedo, em vez de pagar a segunda parcela do dinheiro. Além do mais, o massacre era uma parte aceita da guerra nas Cruzadas: Saladino havia trucidado todos os hospitalários e templários após a batalha de Hattin. Finalmente, Ricardo estava oferecendo a seus homens e ao inimigo uma prova incontestável da própria dureza. Sua credibilidade estaria ameaçada se não respondesse ao blefe de Saladino.

A comparação com Napoleão, em 1799, é lúgubre. Em fevereiro daquele ano, como parte de sua campanha egípcia, Napoleão sitiou e tomou as cidades de Gaza e Jafa, na Palestina - exatamente onde Ricardo estivera 600 anos antes. Napoleão então ordenou que mais de quatro mil prisioneiros fossem massacrados. Ansioso por economizar munição e pólvora, Napoleão ordenou a seus veteranos que exterminassem os cativos com aço frio ou por afogamento. Napoleão usou os mesmos argumentos de Ricardo. Não tinha alimento suficiente para manter seus próprios homens, quanto mais prisioneiros; o outro lado já decapitara prisioneiros; aqueles que já tinham sido libertados antes, sob condições, retornavam à luta assim, mostrando que sua palavra de honra nada significava, e, acima de tudo, sua própria credibilidade estava envolvida no processo.

É interessante comparar Napoleão e Ricardo na escala moral por crimes muito semelhantes. Ricardo teve ao menos uma vantagem que Napoleão não possuía: pelos padrões de sua época, a escravidão não era um mal egrégio, de modo que em vez de executar, poderia ter vendido os prisioneiros que Saladino se recusara a resgatar. Além disso, Saladino também deve arcar com parte da culpa pelo massacre, não só pela procrastinação como também pelo cálculo impiedoso. De seu ponto de vista, sacrificar três mil pessoas que não eram nem soldados de elite nem indivíduos ricos pode ter feito mais sentido do que pagar 200 mil dinares; se não dispunha dessa soma, ele foi desonesto em ter estabelecido um acordo com Ricardo sobre isso. Além de tudo, Ricardo, à sua própria luz, estava engajado numa guerra santa contra infiéis e o próprio Papa havia sancionado uma abordagem "sem quartel". Napoleão não tinha realmente a opção de vender seus cativos para a escravidão. Por outro lado, supostamente ele havia invadido o Egito, em primeiro lugar para trazer a "civilização" a bárbaros incultos, além disso, nada na cultura ocidental contemporânea, fosse sagrado ou profano, sancionaria o massacre de prisioneiros. Napoleão, em resumo, tinha menos desculpas do que Ricardo. No entanto, a reação comum de ambos em circunstâncias quase idênticas sublinha a lição mais óbvia sobre guerreiros: para serem bem-sucedidos eles devem ser supremamente impiedosos.

Cortez e seus tenentes também optaram pelo massacre em massa de civis que viviam na ordem e na paz. Espártaco ordenou a crucifixão e Átila, o empalamento, enquanto Tokugawa se alegrava diante da montanha de cabeças cortadas após Sekigahara.

Os Atributos de um Guerreiro

Comparações entre os seis guerreiros deste livro abrem mais linhas promissoras de investigação, na tentativa de encontrar uma teoria psicológica abrangente dos guerreiros, algo que se enquadre a todos eles. Mas nossa compreensão da atividade da guerra e da mentalidade dos grandes (e não tão grandes) capitães da história é aqui aprofundada pelo número de forças interativas identificáveis, mas também pelos complexos significados estabelecidos tanto pelas similaridades quanto pelas diferenças entre eles. Napoleão, Ricardo e Átila enfrentaram oposição militar de primeira classe em algum estágio de suas carreiras, nas formas de Wellington, Saladino e Aécio, respectivamente, enquanto Cortez, Ieyasu e Espártaco não. Se operássemos com uma escala moral, colocaríamos Espártaco no topo e Cortez embaixo de todos. Se a pedra de toque fosse o gênio militar, a escala decrescente seria: Napoleão, Ricardo, Cortez, Atila, Ieyasu e Espártaco. Napoleão e Cortez fertilizaram forças de troca socioculturais, de maneiras que os outros não empregaram. Apenas de Ieyasu pode-se dizer que lutou batalhas não-ideológicas. Os possíveis modos de comparação são múltiplos. Embora não haja um tipo psicológico ou padrão mental que nos permita diferenciar os guerreiros no verdadeiro sentido de outros aventureiros - por exemplo, o explorador H. M. Stanley, homem que encontrou Livingstone na África central, tinha a mentalidade de um guerreiro, muito embora jamais tivesse comandado grandes exércitos - certos traços comuns podem ser claramente distinguidos.

Todos os guerreiros bem-sucedidos devem ser praticantes mono- maníacos da arte da guerra, devem ter energia sobre-humana e devem começar a carreira ainda jovens. Para ser grande, uma pessoa deve ter um leque de qualidades raras: ser capaz de se adaptar e improvisar, ser capaz de explorar o terreno e o clima, ser capaz de ler a mente do inimigo, ter habilidade para conquistar aliados, ser ao mesmo tempo decidida e flexível, compreender a importância da moral, possuir uma aguçada compreensão política, ser capaz de identificar soluções simples para os problemas, saber como e quando atingir o calcanhar de Aquiles do inimigo, ser capaz de pensar minuciosamente nas circunstâncias da vitória mesmo antes de entrar em luta, e, acima de tudo, ter sorte.

Espártaco: O Carismático Guerreiro de Guerrilhas

Ao fim, no entanto, apenas uma análise caso a caso nos permitirá chegar com equilíbrio à primeira base, onde se trata de entrar nas mentes de nossos seis guerreiros. No caso de Espártaco, nossos problemas são particularmente agudos. Gladiador analfabeto, ele não deixou nenhuma "literatura escrava" famosa, como os escritos de Elaudo Equiano, no século XVIII, ou de Frederick Douglas, no século XIX. Tudo que sabemos a seu respeito veio através de seus inimigos, e estes nem sequer nos proporcionam um retrato fiel dele, como no caso de Átila. Nunca será demais enfatizar que temos de distinguir o Espártaco histórico do "Espártaco" de Howard Fast, Arthur Koestler, Kirk Douglas ou Aram Khatchaturian. Aqui, por exemplo, está um jeito de imaginar Espártaco típico do século XIX, influenciado por uma série de monólogos didáticos de E. Kellogg, amplamente usados em certa época, para encorajar a arte de falar em público. O autor imagina Espártaco se dirigindo a seus companheiros escravos em Cápu.

"Se vocês são bestas, então fiquem aqui como vacas gordas, esperando pela faca do açougueiro! Se são homens, sigam-me. Derrubem sua guarda, ganhem os passos das montanhas e ali façam o trabalho sangrento, como fizeram seus senhores nas antigas Termópilas! Esparta está morta? O antigo espírito grego estará congelado em suas veias, para que se encolham e acovardem como o cão treinado sob o chicote de seu dono? Oh, camaradas! Guerreiros! Trácios! Se precisamos lutar, vamos lutar por nós mesmos. Se precisamos matar, vamos matar nossos opressores! Se precisamos morrer, vamos morrer sob o claro céu azul, junto às grandes águas, em nobre e honorável batalha!"

Com Espártaco, acima de tudo, precisamos inferir estados mentais a partir de feitos nos campos de batalha. Suas ações alinham-no claramente com as nobres causas perdidas da história, não importa se pensamos em William Wallace, na Escócia; no abolicionista John Brown, em Harpers Ferry; em Che Guevara, na Bolívia; nos rebeldes da Comuna de Paris, em 1871; ou mesmo nos ibos da guerra civil da Nigéria. Não há evidências de que, em qualquer sentido, Espártaco tenha sido um revolucionário, mas sua brutalidade talvez fosse tão rotineira e impensada como a dos romanos. Teria ele uma grande visão estratégica e teria o seu projeto de cruzar os Alpes e escapar da tirania romana fracassado apenas por causa da voracidade e da visão curta de seus seguidores? Não temos nenhum meio de saber, embora as evidências circunstanciais sugiram que ele estivesse sempre cavalgando um tigre, de muitas formas e sempre correndo riscos, fosse por causa de confrades enlouquecidos, fosse por causa dos exércitos romanos. A marcha sobre Roma parece ter sido um mero stratagema para evitar que suas forças implodissem, embora a proibição dos metais preciosos dê uma pista de um pensamento um tanto mais profundo.

A idéia de Espártaco como um grande general parece ser apenas retórica marxista exagerada, embora se possa argumentar que ele seguia dois dos preceitos que Mao mais tarde tornaria famosos em seu manual sobre a guerra de guerrilhas.

Mao escreveu que o campesinato era o mar, no qual os guerrilheiros precisavam nadar, e Espártaco, por certo, parece ter compreendido isso intuitivamente, ainda que a tirania romana tenha transformado a maior parte dos habitantes dos campos da Itália em colaboradores simpáticos aos espartacistas. Em sua campanha, Espártaco também parece ter antecipado o famoso conselho de Mao a um exército irregular: "Quando o inimigo avança, nos recolhemos / Quando ele pára, nós o atormentamos / Quando ele se cansa, nós atacamos / Quando ele recua, nós perseguimos".

Átila, o Huno: O Guerreiro como Chefão da Máfia

Espártaco é peculiarmente opaco por causa da falta de fontes, mas muitos dos mesmos problemas nos aguardam no caso de outro guerreiro analfabeto, Átila. Aqui a embaixada de Prisco é a pista vital e quase única. A ambição e a impiedade são vistas com facilidade, como também a habilidade em ler o caráter individual frente a frente, mas as duas principais fraquezas na armadura mental de Átila parecem ter sido a imensa ambição e a falta de antenas políticas. Em seu caso, a autoconfiança se transformou em presunçosa arrogância e ele parece ter pensado genuinamente que poderia se tornar o senhor do mundo conhecido. Seus enviados trombeteavam regularmente que o seu senhor, caso desejasse, poderia possuir cada folha de grama da Europa e da Ásia. Como Prisco relatou na época de sua embaixada: "Nenhum governante anterior da Cítia... jamais alcançou tanto em tempo tão curto. Ele governava as ilhas do Oceano, e, em adição ao todo da Cítia, forçou os romanos a pagarem tributo... e, para aumentar ainda mais o seu Império, ele agora queria atacar os persas".

Átila é um exemplo clássico do que sucede a um pequeno talento quando o sucesso lhe sobe à cabeça. Ele havia engenhado um plano de proteção que por algum tempo manteve sua posição inexpugnável, mas parece nunca ter se dado conta de que, sem as centenas de milhares de ululantes guerreiros hunos que os

propagandistas cristãos falsamente alegavam estar à sua disposição, a sua base de poder era sempre precária por causa do problema com os efetivos humanos. Como diplomata, Átila foi um desastre, como foi mostrado claramente na campanha ocidental de 451. Mesmo um manipulador medíocre deveria ter sido capaz de colocar uma cunha entre Aécio e seus eventuais aliados na França, o que permitiria aos hunos fazer picadinho de seus inimigos. Mas a oratória de boca espumante sobre Honoria convenceu a muitos que ele havia perdido a razão, que não era um homem com quem se pudesse entabular negócios racionais. Ele conseguiu unir Aécio e os visigodos e alienar ao mesmo tempo o seu aliado, Geiserico. Finalmente, devemos mencionar que, embora Átila tenha sido muitas vezes saudado como precursor dos mongóis, ele não criou um Império a partir do nada como fez Genghis Khan, mas recebeu seu domínio de Rua e Octar. A esse respeito, ele foi análogo a Alexandre, o Grande, que herdou um formidável exército de seu pai, Filipe. Átila, resumindo, foi superestimado por causa da exagerada propaganda cristã sobre o "flagelo de Deus".

Na tônica colocada em suas realizações pelos escritores cristãos, podemos perceber uma curiosa similaridade entre Átila e Cortez, ambos homens com um claro traço psicopata. Existem algumas evidências de que o Átila posterior, da época de 451-2, seja uma versão degenerada de um guerreiro anterior, mais austero e de mente mais clara. Quando Priscus esteve em sua embaixada com Maximus, ficou impressionado com a qualidade espartana e esforçada dos hunos. Um deles lhe contou que a razão pela qual os hunos eram superiores aos romanos estava no fato de que, entre os hunos, cada homem trazia suas armas e lutava por seus interesses, enquanto que, entre os romanos, que se haviam tornado moles e estéreis, os ricos e poderosos esperavam que outros travassem suas lutas por eles.

Quando Priscus objetou que os hunos tinham de estar permanentemente em pé de guerra e nunca poderiam desfrutar das bênçãos da paz, o liberto de Onegesius respondeu que o tempo de paz simplesmente significava pesados impostos e depredações de criminosos, contra os quais se queixariam as autoridades "civilizadas", nada podiam fazer. Os assim chamados "males" da guerra, por outro lado, significavam (embora os hunos não tivessem usado essas palavras) a moralidade do esforço, o *ethos* de fronteira, a idéia de cada homem ser capaz de defender a si mesmo. Além disso, os hunos estavam satisfeitos com sua situação econômica; não era como em Roma ou Constantinopla, onde o possuidor altamente privilegiado de uma fortuna de um milhão de sestércios continuava ainda a deitar cobiça sobre os mais ricos que ele. No entanto, em 451, Átila estava forçando uma mudança de mentalidade em seus seguidores. Para persuadi-los à quixotesca invasão da França, realizada pelos interesses objetivos de Geiserico, e não os deles, ele teve na verdade que corromper seus guerreiros, que viviam austeramente, prometendo-lhes níveis de riqueza previamente desconhecidos.

Nessa época, como foi relatado, Átila não iria mais ouvir a razão, permanecendo cada vez mais num mundo de sua imaginação.

Certamente, o Átila de 451, com suas exigências insanas de que lhe entregassem Honoria, não era mais o chantagista calculador de outrora. Talvez essa tendência estivesse sempre latente nele, pois Priscus notou uma impaciência desconcertante com detalhes inconvenientes.

Quando a proposta de invadir o Império Persa foi mencionada, um dos enviados bizantinos perguntou como Átila poderia levar um exército da Europa central para a Pérsia. Átila respondeu que se alguém seguisse a costa norte do mar Negro diretamente, até o fim, chegaria aos domínios persas sem sequer ter colocado os pés em território bizantino. Ele parecia não ter idéia das imensas distâncias envolvidas e era como se estivesse trabalhando a partir da memória coletiva da jornada dos hunos de 395-6. A objeção óbvia, é claro, era que os hunos estavam então vivendo ao norte do mar Negro, de modo que uma incursão à Pérsia fazia sentido, o que não acontecia mais.

Átila parecia estar contemplando uma aventura que era quase inteiramente um salto no escuro. Planos ambiciosos estavam sendo traçados sem mapas apropriados ou rotas de suprimento, com base em alguma geografia vagamente rememorada. Ânسيا de conquistar o mundo conhecido é uma coisa, mas pelo menos

Alexandre e Genghis Khan perseguiram suas ambições de modo racional e científico. A mente de Átila estava entulhada (talvez bastante literalmente) por castelos na Espanha (onde estavam seus inimigos visigodos).

Durante a invasão da França, Átila tinha esperança de viver fora do país e não fez nenhuma tentativa de construir uma cadeia de suprimentos confiável, da Hungria para a Gália central. Isso porque, tivesse Aécio assim desejado, os hunos poderiam ter sido aniquilados depois de sua derrota em Châlons. A impaciência de Átila com a logística significa que é impossível considerá-lo como um dos grandes capitães da história. Como estrategista muito mais hábil, Frederico, o Grande, observaria mais tarde: "Sem suprimentos, nenhum exército é bravo".

Pobre em logística, pobre em grande estratégia, Átila, sob um exame mais atento, parece mais um pônei de um truque só, dependente do impacto de choque de seus arqueiros montados, e sem outras cartas na manga para o caso de falharem as flechas dos arqueiros. Ele tinha construído uma boa carreira praticando extorsões e deveria ter continuado a exigir dinheiro à força de ameaças. Essencialmente, um chefão da máfia em ampla escala, Átila teve a boa sorte de aparecer num momento histórico em que a porção oriental do Império Romano estava muito fraca e a porção ocidental em declínio terminal.

Tokugawa Ieyasu: O Guerreiro como Jogador de Xadrez

O perfil psicológico mais interessante entre os seis guerreiros é o de Tokugawa Ieyasu, mas há muito mais a respeito de suas inclinações que deve permanecer obscuro, ao menos para um ocidental. Certamente, todos os grandes homens são até certo ponto os produtos de sua cultura, e há muito sobre a cultura da Era dos Estados Guerreiros que é opaco ou elusivo. É difícil, por exemplo, compreender plenamente o culto do shudo - o sistema de bissexualidade estruturado por idades, no qual homens mais velhos se juntavam a meninos, ao mesmo tempo em que mantinham relações com mulheres. Às vezes, o relacionamento terminava quando o rapaz chegava a certa idade, mas às vezes continuava durante a idade adulta, como no caso de Ieyasu e Ii Naomasa, líder dos Diabos Vermelhos em Sekigahara. Naomasa tinha 39 anos na época, e, proveniente do clã Ii, da província de Totomi, era particularmente favorecido por Ieyasu. Muito ferido por um atirador em Sekigahara, resistiu por outros 18 meses, vivendo para ver o triunfo final de seu amante, mas finalmente morreu dos ferimentos em 1602.

Mas a ligação Ieyasu-Niomasa era apenas uma de muitas parcerias famosas desse tipo. Oda Nobunaga tinha o amante adolescente Mori Ranmaru, enquanto Takeda Shingen, antiga vingadora militar de Ieyasu, tinha Kosa Ka Masanobu. Quando Totomi Hidetsugu cometeu *SEPPUKU*, em 1595, foi acompanhado por seu favorito, Fuwa Bansaku, enquanto o homem que fora xógum até 1565, Ashikaga Yoshiteru, teve dois parceiros famosos, Matsui Sadononokami e Odachidono. A dificuldade para o historiador reside em decidir qual, se houver alguma, a influência da cultura da bissexualidade sobre os padrões de pensamento e a tomada de decisões militares. Até que ponto Ieyasu era uma mente original e até que ponto pode ser visto como um produto óbvio da cultura da época?

A mesma pergunta vem à tona com Alexandre, o Grande e seu famoso relacionamento com Hephaistion. Uma vez que tanto Alexandre quanto Ieyasu continuam vivos como "grandes homens" de suas épocas, devemos presumivelmente concluir que seu meio cultural fosse apenas marginalmente significativo.

Mesmo sem uma compreensão profunda da cultura japonesa, pode-se chegar a certas conclusões irreversíveis sobre Ieyasu. Ele era supremamente impiedoso. Matou o filho infante de Hideyoshi, Kunitatsu, e executou todos os que haviam defendido o castelo de Osaka, em 1615; as cabeças dos samurais perdedores foram fixadas em pranchas de madeira ao longo de toda a estrada de Kyoto a

Fushimi. Mesmo considerando seu filho de 19 anos, Tokugawa Nobuyasu, inocente de conspirar contra Oda Nobunaga, ele teve de aceitar sua morte e permitiu que o jovem cometesse *SEPPUKU* antes de colocar em risco suas próprias ambições políticas de longo prazo. Ieyasu sempre teve a reputação de ocultar os sentimentos: nunca foi apreciado e nunca foi popular, mas era temido e respeitado. Alguns atribuíram sua extrema impiedade a uma infância incerta e perturbada, e é verdade que o trauma de seus anos de infância sempre permaneceu com ele: quando se tornou senhor do Japão, mandou executar um homem que o havia insultado 40 anos atrás. Uma das muitas citações atribuídas a Ieyasu, intencionando mostrar seu impiedoso pragmatismo, é: "A vida significa que posso viver para ver o amanhã".

Publicamente, Ieyasu era uma mistura de rudeza e circunspeção, cálculo e sutileza, aparente constância e lealdade atravessadas por esperteza e maquiavelismo. Ele amputava e mudava alianças, fazia e desfazia coalizões dependendo de onde se encontrava o poder maior em qualquer momento. Ele nunca cometeu o engano de se opor a Nobunaga e Hideyoshi, enquanto eles ainda eram vivos. De muitas maneiras, Ieyasu era um governante japonês arquetípico, saudado por muitos historiadores como a maior figura da história de Nippon. Era intelectualmente curioso e examinava mapas do mundo com Will Adams, planejando viagens ao México, Peru e Filipinas. Conduziu uma correspondência pessoal com James I, da Inglaterra (outro homem de sexualidade não-ortodoxa). Ele é enigmático por causa de sua combinação de avançado senso estético com crueldade terrível. Tinha um estrito código de ética, mas não pensava nada sobre matar e combinava sem esforço o budismo com o *bushido*. Sua aversão a aventuras estrangeiras, sua suspeita em relação aos cristãos e sua xenofobia extrema podem estar relacionadas à famosa e muito discutida paranóia japonesa a respeito de invasões: não meta a vara na toca da cobra, e assim a serpente não sairá.

Acima de tudo, Ieyasu era o supremo operador político. Como general, considerado puramente do ponto de vista da excelência militar, ele não pode ter uma alta classificação. Foi fortemente batido por Takeda Shingen, em 1573, e quase certamente teria perdido Sekigahara se já não tivesse subornado líderes inimigos vitais e seus regimentos. Entretanto, mesmo em suas derrotas militares, podemos ver uma mente esperta operando. Após a batalha de Mikata Gahara, em 1572, ele realizou a escapada empregando o famoso estratagema do forte vazio. Deixou os portões de um castelo abandonado abertos, mas tinha braseiros acesos e tambores batendo. O inimigo, suspeitando de uma armadilha, não se atreveu a entrar na fortaleza até o dia seguinte, dando tempo a Ieyasu para escapar. Ieyasu era o relojoeiro supremo, o sublime enxadrista, sempre calculando vários lances à frente. Ele não se juntou a Hideyoshi na subjugação do oeste do Japão ou na invasão da China, calculando corretamente que seus soldados seriam necessários para lutar contra os exércitos de Hideyoshi e não deveriam ser desperdiçados nesse meio tempo, nas aventuras quixotescas do grande homem.

Ieyasu acreditava em adquirir tanto conhecimento quanto possível sobre tantos assuntos também possíveis, em fazer análises custo-benefício de cada decisão e em tentar perceber o que não poderia ser visto por meios normais - daí a atenção que dedicava a detalhes minuciosos e aparentes insignificâncias (uma disposição mental que, na ficção, associamos a Sherlock Holmes). Seu intelecto era superior ao de Nobunaga e ao de Hideyoshi. Onde Nobunaga era ríspido e quase demoníaco - seus detratores diziam que abrigava desígnios de matar o imperador e fundar sua própria dinastia (embora os historiadores profissionais zombem da idéia) - e Hideyoshi era teimoso e arrogante (talvez um Átila japonês), Ieyasu era tortuoso, calculista, indireto e dado a contornar em amplos círculos. Embora as palavras não sejam autênticas, duas frases atribuídas a Hideyoshi e Ieyasu exemplificam a diferença. Hideyoshi alegadamente compôs um *haikai*: "se um pássaro não canta, eu o farei cantar". Diz-se que então Ieyasu escreveu seu próprio verso, como para rebater: "Se um pássaro não canta, eu o esperarei cantar".

Ieyasu acreditava, como seu amigo, o grande espadachim Miyamoto Musashi, que o mundo mental e o material eram um só. O celebrado teórico militar Clausewitz disse que a guerra era a continuação da política, por outros meios, mas Musashi pensava que a arte da espada era a continuação da filosofia, por

outros meios - e Ieyasu concordava com ele. Havia em Ieyasu um amor pronunciado pelo esotérico, o que explica em parte sua notória proximidade dos ninjas, o equivalente no Japão aos assassinos. De acordo com seus próprios preceitos, os ninjas não eram simplesmente malfeitores, mas o florescimento glorioso de uma visão inteira da vida que envolvia o profundo estudo de psicologia e hipnotismo; supunha-se que os ninjas tinham técnicas que poderiam induzir à histeria em massa. Um dos mais acreditados senhores da guerra de Ieyasu era Kattori Kanzo, o cabeça dos ninjas. A preferência de Ieyasu pelos meios indiretos e secretos de procedimento, em vez do triunfalismo explícito de Nobunaga e Hideyoshi, nos dá uma pista importante para o modo como sua mente funcionava.

Ele gostava de usar técnicas de desinformação, sabotagem e traição, reservando a força militar como arma de último recurso; isso fica bem claro na longa e paciente campanha para enfraquecer o castelo de Osaka, antes de finalmente concordar (em 1615) que somente a força poderia funcionar. Isso também explica como Ieyasu conseguia enxergar, através dos desígnios dos jesuítas e dos espanhóis, aquilo que Nobunaga não conseguira, embora é preciso considerar a influência que ele recebia de Will Adams.

Ieyasu parece haver intuído que a verdadeira natureza dos jesuítas não era diferente daquela de seus aliados, os ninjas. Ele também acreditava que a sabedoria e o conhecimento podiam ser encontrados nos lugares mais inesperados, tanto num vilarejo humilde quanto no castelo de Osaka. Ele defendia seu passatempo favorito - a falcoaria — segundo essa linha. Seu credo a respeito do esporte foi relatado como se segue: "Quando você vai ao campo para falcoar, você aprende a compreender o espírito militar e também a vida difícil das classes inferiores. Você exercita seus músculos e treina seus membros. Você pratica qualquer quantidade de corrida e caminhada, e se torna totalmente indiferente ao calor e ao frio, de modo que se torna improvável que você sofra de qualquer doença".

Homens com o brilho e a paciência de enxadristas são raros. Ele, ainda mais que Napoleão, é o grande exemplo do político como general e líder na guerra. Analogias históricas instrutivas são difíceis de encontrar, e talvez apenas o esquivo e rodeante Franklin D. Roosevelt chegue perto, embora numa cultura inteiramente diferente. Como jovem ambicioso, Ieyasu foi capaz de antever os meios pelos quais, depois de inúmeros verões, ele poderia ascender ao poder. Seria uma trajetória longa e difícil, requerendo sorte e paciência. Como crente do karma budista, Ieyasu não gastaria tanto tempo se preocupando com a sorte como Napoleão faria mais tarde, de modo que era na virtude da paciência que ele se concentrava.

A sabedoria aforística de Ieyasu que chegou até nós faz com que ele se pareça quase com um Marco Aurélio oriental, em seu abraço do estoicismo. Algo como: a vida é uma longa jornada com uma pesada carga, caminhe devagar e se assegure de não tropeçar; não se desespere nem fique infeliz, pois a imperfeição é a condição humana; pratique a abstenção e a paciência; lembre-se sempre dos tempos difíceis que teve; é preciso experimentar tanto a vitória militar quanto a derrota para ser verdadeiramente sábio; encontre suas próprias falhas antes que as dos outros; todos os grandes homens compreendem a importância da paciência.

Acima de tudo, Ieyasu enfatizava a paciência: "Força significa paciência, o que quer dizer dominar seus primeiros impulsos. Existem sete emoções: alegria, raiva, ansiedade, amor, pesar, medo e ódio. É preciso resistir a todas elas para ser chamado de paciente. Meus descendentes somente serão como eu se praticarem a paciência".

Ricardo Coração de Leão: Um Despretencioso Homem de Guerra

Após a complexidade de Ieyasu, a psicologia de um despretencioso homem de guerra como Ricardo Coração de Leão parece bastante fácil de compreender. Ricardo, embora não fosse um tolo, era quase inteiramente uma figura militar; o grande talento político de sua era na Europa ocidental era seu inimigo de toda a vida, o rei Filipe Augusto da França.

Ricardo era um daqueles homens de caráter relativamente raro que vivem para a guerra. No entanto, o guerreiro profissional que busca fazer guerra a todo o tempo, não por dinheiro, poder, objetivos políticos últimos, ou para construir um nome, ou mesmo porque não tenha escolha, mas simplesmente por amor ao combate, é um enigma em si mesmo. Na era Moderna, o general Phil Sheridan, famoso na guerra civil americana, e o general George Patton, são mais dois incluídos nessa categoria. Esses homens podem intrigar inclusive a si próprios: Patton sabidamente pensava, com toda seriedade, que devia ser uma reencarnação de guerreiros prévios. Ricardo era um homem duro, impiedoso, de poucos escrúpulos, um general muito talentoso, mas um caráter moralmente ambivalente. O trovador Bertran de Bom chamou-o de *Richard yea and nay* (Ricardo sim e não), o que é ambíguo por si só. Geralmente, se assume que o louvor se referia à sua autoconfiança e decisão: era um homem que via as coisas como preto e branco. Mas também poderia significar que era um homem de contradições.

A contradição mais óbvia era que esse guerreiro profissional que passou 26 anos em guerra contínua, embora encarnasse a figura do ultramacho, também tinha bebido abundantemente do poço da cultura da Aquitânia. Influenciado por sua mãe, Ricardo absorveu pelos poros a sensibilidade "feminina" do sul da França, terra de trovadores, menestréis, *aubade*, cavalheirismo e culto às mulheres. Por consenso comum, era um compositor talentoso de canções românticas, o que deu origem à lenda de sua associação com o trovador Blondel. E ele podia ser muito espirituoso. O pregador Fulk de Neuilly certa vez tentou embaraçá-lo, afirmando que ele nunca poderia receber a graça de Deus enquanto mantivesse a seu lado as três filhas, Altivez, Luxúria e Cobiça. Ricardo mostrou claramente seu desprezo pela classe sacerdotal, com a devastadora resposta: "Eu já concedi essas filhas em casamento. A Altivez eu entreguei aos templários, a Luxúria aos beneditinos e a Cobiça aos cistercienses".

Às vezes, diz-se que Ricardo e Cortez são pares naturais como guerreiros, já que ambos racionalizavam os saques e as conquistas sob o manto da religião. Mas Ricardo era um homem profundamente cínico e não tinha nenhum uso real para a religião, a não ser como um instrumento de controle social. Seu cinismo foi amplamente comentado. Quando acusado de usar a Inglaterra como um banco para levantar dinheiro para as Cruzadas, ele replicou: "Eu teria vendido a própria Londres se tivesse encontrado um comprador". Seu irmão João foi obviamente culpado de alta traição por conspirar para se tornar ele próprio rei da Inglaterra, enquanto Ricardo estava fora, nas Cruzadas. Mas, ao retornar à Inglaterra depois de ter sido seqüestrado na Áustria, ele não perdeu tempo com os inimigos.

Em Lisieux, na Normandia, em maio de 1194, um João aterrorizado atirou-se aos pés de Ricardo, pedindo clemência. Demonstrando o mais arrogante desprezo pelo irmão, Ricardo cortou pela raiz a torrente de desculpas insinceras: "Não pense mais nisso, João, você é apenas uma criança que teve conselheiros malignos".

Embora estacasse diante do ateísmo visceral de João, Ricardo não tinha tempo para a religião organizada. Nesse aspecto, seguia a tradição Angevin de seu pai, Henrique II, e de seus irmãos, a assim chamada Estirpe do Diabo, que respeitava a religião apenas e sempre por motivos de prudência. O objetivo ostensivo das Cruzadas - reconquistar Jerusalém - não era realmente o de Ricardo; ele favorecia um ataque ao Egito. Além disso, fazia questão de desprezar os vetos papais a coisas como torneios, uso de mercenários e guerras entre cristãos. Quando o legado papal, Pedro de Capua, tentou recorrer à autoridade superior do Papa na questão das suas intermináveis guerras contra Filipe da França, solicitando a liberdade do guerreiro-bispo de Beauvais, Ricardo explodiu com uma clara demonstração de desprezo pelo papado: "O Papa! O Papa não levantou um dedo para ajudar-me quando eu estava na prisão. E agora ele me pede para libertar um ladrão e incendiário que nunca me causou nada além de danos! Saia daqui, seu mentiroso, hipócrita, vagabundo, homem de igreja vendido, e que eu nunca o veja novamente". É interessante que o grande oponente de Ricardo, Saladino, sentisse um desprezo similar por seu "superior espiritual", o califa de Bagdá, que de modo semelhante nunca levantara um dedo para ajudá-lo, e que isso tenha sido expresso numa explosão semelhante à de Ricardo:

"Quanto às afirmações do califa de que eu conquistei Jerusalém com seu exército e sob o seu estandarte - onde estavam seus estandartes e seu exército naquela ocasião? Por Deus! Eu conquistei Jerusalém com meus próprios soldados e sob meu próprio estandarte".

Ricardo foi de alguma maneira o guerreiro perfeito. Como todos os seis guerreiros, ele possuía um enorme carisma pessoal. Átila, Cortez, Espártaco, Ieyasu, Ricardo e Napoleão, todos parecem ter partilhado da saliente característica de que sua mera aparição em cena galvanizava seus seguidores e amedrontava os inimigos e rivais, com uma espécie de carga elétrica de energia. Eloqüente e persuasivo - qualidades que partilhava com Cortez e Napoleão Ricardo era mestre em tática e estratégia, um gênio no estabelecimento de cercos, um especialista em logística e administração de linhas de suprimentos. Ele conseguia dirigir batalhas em ampla escala tão convincentemente quanto os confrontos menores. Se excetuarmos seu julgamento fraco ao se permitir ser dobrado na infundável contenda com Filipe Augusto pela região de Vexin, há apenas uma fresta óbvia em sua armadura marcial: seu amor pelo contato com as galerias. Todos os grandes comandantes compreendem a importância do moral e a necessidade de se tornarem lenda para seus soldados, mas Ricardo levava isso longe demais, insistindo em micro-administrar operações militares triviais que não dependiam de sua presença.

Por várias vezes, Cortez foi quase feito prisioneiro no grosso da batalha, mas ele não se expunha desnecessariamente. Ricardo, entretanto, fazia exatamente isso, e era muito criticado por sua loucura e imprudência. Ele também insistia em cavalgar para a batalha à frente de seus soldados, muitas vezes em contextos onde sua presença no *front* na verdade prestava um desserviço ao exército, pois, se ele fosse morto ou capturado, o efeito sobre o moral teria sido catastrófico.

Ricardo foi um grande guerreiro da Idade Média, provavelmente o melhor da cristandade ocidental por volta de 1000 e 1300, mas aparece em evidente desvantagem quando comparado com uma figura muito maior, o general de Genghis Khan, Subudei, o maior guerreiro de todos os tempos por sua maestria tanto em estratégia militar quanto em estratégia geral. Em vez de se lançar nas batalhas desnecessariamente, Subudei gostava de sentar-se no alto de uma colina, longe da carnificina, dirigindo as operações com bandeiras. Com 65 anos de idade quando comandou a brilhante investida mongol contra a Polônia e a Hungria, em 1241-2, Subudei não havia perdido nada de sua energia, mesmo rivalizando com Ieyasu em matéria de corpulência. Ele foi o empresário de tempo integral da lenta retirada, atraindo o inimigo para a locação perfeita para as táticas mongóis; usou rios congelados para penetrar em florestas que de outra forma invalidariam a cavalaria mongol, e usou um exército para encobrir o flanco de outro, coordenando, dessa forma, múltiplos exércitos através de miríade de cadeias montanhosas. Ricardo foi um general talentoso com a mentalidade certa para um guerreiro, mas não chegou a gênio militar insuperável.

Cortez: O Guerreiro Como Jogador e Saqueador

Quando se trata de avaliar Cortez e seus processos mentais, a questão central é: até que ponto ele era um bom capitão? A comparação óbvia é com Francisco Pizarro, o conquistador do Peru, que alcançou sucesso com métodos similares aos de Cortez: demonstrações dramáticas de força, massacres impiedosos, abdução de governantes (com Atahualpa, o rei Inca, repetindo o papel de Montezuma). Cortez sempre foi favorecido pelos historiadores, simplesmente porque era estudado e educado, enquanto Pizarro era mais um bandido, iletrado e não cultivado. Alegou-se que a instrução foi um fator-chave na conquista das Américas, conferindo uma vantagem clara aos conquistadores. Pizarro, por exemplo, havia lido tudo a respeito das explorações de Cortez e pôde copiar seus métodos, enquanto Atahualpa nada sabia do destino de Montezuma. Mas isso mostra que Cortez era original. Com efeito, todos os modos cortezianos - apavorar as pessoas pelo terror, fazer demonstrações por meio de rituais de força, seqüestrar governantes - não eram originais para ele, tendo sido usados intensivamente pelos espanhóis mesmo antes da descoberta do Novo Mundo, como nas campanhas finais para expulsar os mouros da península Ibérica. Também foi dito que Cortez teve uma tarefa mais difícil, já que os astecas

eram um poder em ascensão, ainda tendo atingido o zênite, enquanto os incas haviam ultrapassado o seu pico e já estavam em decadência quando Pizarro caiu sobre eles.

Uma estimativa sóbria das explorações de Cortez e Pizarro poderia terminar concedendo a palma a este último. Ele tinha um exército menor (embora melhor equipado) e menos recursos que Cortez, não se apoiou tão fortemente em aliados indígenas e estava operando a uma distância muito maior de sua base efetiva, absurdamente remota de quaisquer postos avançados que pudessem apoiá-lo ou reforçá-lo. Contra isso, entretanto, pode-se argumentar que a doença como arma-mestra, se podemos chamá-la assim, foi muito mais uma aliada dos conquistadores no Peru do que no México. Cortez sempre sentiu certo desconforto em relação aos feitos de Pizarro, à possibilidade de eles abafarem os seus próprios trovões. Diz-se que os dois homens se encontraram apenas uma vez, de modo bem semelhante a Nelson e Wellington, e em circunstâncias similares, quando um dos homens estava regressando de suas explorações e, o outro a ponto de partir para as suas. O encontro aconteceu em Palos, Espanha, em maio de 1528, e foi especialmente amargo para Cortez, que antes havia sido expressamente proibido de tentar a conquista do Peru. Irritado com a reputação rival de Pizarro, que parecia diminuir sua própria glória, Cortez mandou que seu secretário inventasse a história, segundo a qual, Pizarro, tendo sido abandonado, fora criado por porcos. Napoleão Não tinha dúvidas de que Cortez era um dos grandes realizadores da época e que seria mistificação tentar apequenar suas colossais realizações - mas, na época, Napoleão tinha suas próprias razões para desejar promover o mito do grande homem.

Alguns historiadores tentaram diminuir Cortez e fazer dele o afortunado beneficiário de uma superioridade ocidental inata sobre os ameríndios. Assim, afirma-se que ele venceu porque os astecas ficavam aterrorizados com os cavalos e viam os espanhóis como deuses retornando, porque as armas de fogo lhe davam uma vantagem avassaladora, ou porque os conquistadores eram muito mais imunes às doenças importadas da Europa que devastavam a população nativa das Américas. Muitos desses argumentos não chegam a convencer. Essa é assim chamada tese das Armas, Germes e Aço.

É verdade que, inicialmente, os astecas ficaram aterrorizados pelos cavalos, exatamente como aconteceu com os romanos quando encontraram elefantes pela primeira vez ao lutarem contra Pirro de Épiro, em 280-275 a.C., mas, em ambos 0% casos, o terror inicial se tornou muito rapidamente familiaridade e desprezo. Da mesma forma, as armas de fogo tinham um valor inicial de choque, mas não foram tão significativas. Os 30 mosquetes que Cortez levou na conquista do México eram muito barulhentos, fumacentos e assustadores, mas não ao ponto de serem responsáveis pela conquista de um Império para os espanhóis. A eficiência das armas de fogo nessa época era limitada pela qualidade dos disparos, do giro dos projéteis, combustão externa e coices. É preciso lembrar que a tecnologia dos arcos longos dos astecas estava no apogeu, e suas setas conseguiam perfurar as armaduras, o que os mosquetes não faziam. Os críticos de Cortez pisam terreno mais firme quando enfatizam a superioridade do aço de Toledo sobre a obsidiana dos mexicas (ou astecas), mas, na época da batalha final por Tenochtitlán, os astecas haviam conseguido centenas de espadas e lanças européias dos conquistadores mortos e sacrificados. Quanto às doenças, a varíola teve certo papel nas campanhas de 1520-1, mas uma epidemia realmente séria de varíola não aconteceu até 1531. De qualquer modo, a horrível praga que finalmente acabou com os astecas durante as epidemias de 1545 e 1576 era uma erupção de Cocolitzli - uma febre hemorrágica desconhecida na Europa. As febres hemorrágicas não se transmitem de humano para humano, mas estão correlacionadas com padrões climáticos de longas secas seguidas de chuvas repentinas.

Se a reputação de Cortez não pode ser derrubada pela tese de Armas, Germes e Aço, existe, infelizmente para ele, um fator que reduz suas explorações para uma escala humana. Cortez e seus apologistas confirmavam com convicção o grande mito da conquista do México - que fora alcançada pelo heroísmo de um punhado de homens intrépidos. Na realidade, a aliança com os tlaxcalas foi o evento-chave que converteu a certeza do fracasso em quase certeza de sucesso. Alguns historiadores estimam que não menos de 200 mil tlaxcalas tomaram parte na destruição final de Tenochtitlán. Napoleão deveria ter

reformulado seus comentários sobre sua convicção de que o que um general necessita acima de tudo é de sorte. Cortez teve sorte pelo fato de chegar a uma terra que sofria as convulsões de uma guerra civil real ou latente. O domínio dos astecas sobre os povos que sujeitavam era precário, com os tlaxcalas simplesmente aguardando o momento certo para se levantarem contra eles. Cortez foi um catalisador, como se fosse a cobertura do bolo da guerra civil do México. Sem os tlaxcalas, todos os fatores determinísticos do mundo — cavalos, mastins, armas de fogo, aço de Toledo, doença - não o teriam ajudado, nem lhe dado o respeito de seus camaradas. Os melhores historiadores reconheceram isso. Aqueles que gostam de especular sobre proposições do tipo "e se...?" na história, às vezes perguntam se o resultado da guerra contra os mexicas teria sido diferente se Cortez tivesse sido morto ou sacrificado após ser feito prisioneiro (como quase foi em várias ocasiões). O consenso esmagador é de que a aliança com os tlaxcalas, os espanhóis ainda assim teriam conquistado-a, mesmo sem Cortez; talvez a glória tivesse recaído sobre Alvarado ou algum outro líder.

Tudo isso nos leva à nossa proposição mais controversa sobre a mente de Cortez - que poderíamos formular como a do guerreiro como um mentiroso. Penetrando a carapaça psicológica de Cortez, podemos discernir quatro características principais: banalidade, impiedade, a mentalidade de um jogador e um alto nível de falsidade. Banal é o epíteto correto a aplicar a um homem que de muitas maneiras não passou de um caçador de tesouros glorificado: se a doença é um tema para investigação sobre a conquista do México, deveríamos olhar também para a febre do ouro de Cortez. Dado o fato de ser mulherengo e polígamo, a sua ânsia pelo material amarelo e seu desejo de títulos e sinais de distinção, Cortez preenche facilmente o famoso paradigma de Freud na resposta à pergunta "o que um homem deseja?". Fama, fortuna e o amor de belas mulheres foram a cínica resposta (Freud admitiu que não tinha nada a dizer sobre as mulheres, que eram o "continente escuro", sobre o qual nada se sabia). Mas a banalidade essencial de Cortez é manifestada em outra parte. Em suas cartas ao rei espanhol, quando se torna eloqüente, usa um repertório de frases, imagens e idéias vulgares e desgastadas. Alguns historiadores foram seduzidos a encarar as referências literárias de Cortez como prova de sua erudição e originalidade, mas elas são, na verdade, apenas uma mixórdia de clichês, o tipo de coisa que poderia impressionar um homem de educação limitada como Carlos V. A impiedade de Cortez dificilmente precisa ser apontada depois da narrativa de suas explorações - impiedade usada não só contra os astecas e outros povos, mas também contra seus correligionários cristãos se estes parecessem ameaçar seu poder e autoridade.

Os escrúpulos expressos por Átila quando repreendeu o imperador Teodósio por tentar assassiná-lo teriam parecido meramente ridículos a Cortez, que certamente teria aprovado o posterior e bem-sucedido atentado de Marciano por envenenamento. Talvez o mais horrível e pungente exemplo isolado da impiedade assassina de Cortez tenha sido a execução do infeliz Cuauhtémoc, em 1525, pela mera suspeita de traição, depois de uma farsa de julgamento e com completa ausência de provas - uma ação que desgostou até mesmo o seu habitualmente leal apologista Bernal Diaz.

Para compreender plenamente o panorama mental de Cortez, devemos compreender a psicologia do jogador, pois a sua carreira toda é a de um homem fazendo enormes e irresponsáveis apostas. Anos-luz de sensibilidade separam Cortez, que tentava forçar a sorte em todos os pontos, do cuidadoso e paciente enxadrista Tokugawa Ieyasu. De algum modo, podemos alinhar Cortez com os grandes voluntaristas da história, aqueles que colocam acima de tudo o poder da vontade, a crença de que nada está escrito, nada está determinado, de que as assim chamadas condições subjetivas do fervor revolucionário irão sempre superar as condições objetivas da economia e da sociedade: nesse sentido poderíamos colocar Cortez na companhia de Lênin, Mao e Che Guevara. E claro que os fatos estão dispostos contra os voluntaristas, e, para serem bem-sucedidos, eles precisam ter abundância de boa sorte - exatamente o que Cortez desfrutava.

Parte de sua mentalidade de apostador significava assumir riscos, os quais um indivíduo mais sóbrio teria recuado, mas é aí que devemos apreciar Cortez como verdadeiro filho do Renascimento. Não é por acidente que usamos em várias ocasiões a palavra "maquiavélico", pois ele e Maquiavel foram ambos produtos da mesma cultura, que glorificava o guerreiro e afirmava que o único príncipe verdadeiro era o profeta armado. Embora a idéia tenha sido ridicularizada em certos meios, parece claro que a autoconfiança muito maior do europeu da Renascença e da Reforma, se comparada com a dos ameríndios, tinha ao menos alguma parte no triunfo dos conquistadores. A sombria visão de mundo dos astecas, mergulhada em dúvidas, com os mexicas governados por deidades implacáveis e eternamente à beira do Armagedon ou Ragnarok, colocava-os em desvantagem psicológica em relação aos que acreditavam que Deus estava a seu lado e que o cristianismo messiânico estava destinado ao triunfo. Apesar de sua visão quase pagã das relações sexuais e de seu pragmatismo secular, Cortez parece ter sido genuinamente devoto. Mesmo que não o tenha sido, sua posição era muito mais precária que a de Ricardo Coração de Leão, que realmente podia mostrar a língua para o Papa. Cortez, com freqüência no fio da navalha, tinha de satisfazer tanto a Carlos V quanto ao Papa, no sentido de que era um filho leal do catolicismo espanhol.

Se Cortez demonstrou alguma originalidade, não é em suas floridas efusões para o rei espanhol ou em seu uso de técnicas militares usadas e testadas que deveria ser buscada, mas em sua impressionante falsidade. Cortez era um mentiroso em muitos níveis. Ele manufaturava documentos falsos para serem enviados à Espanha e adulterava outros, esperando vencer pela persistência os burocratas da velha Castela. Ele mentia sobre os termos de seus compromissos, seus objetivos e intenções e as bases pelas quais os caciques indígenas se submetiam a ele. Era um mestre consumado em meias-verdades, dedicado como era à proposição de que o melhor modo de contar uma mentira era contar a verdade. Ele afirmou, falsamente, que os astecas o encaravam como a um deus; esse mito se tornou tão persistente e foi tão assiduamente promulgado pelos missionários cristãos que, ao final do século XVI, os índios domesticados reproduziam obedientemente o mito aos padres católicos que o haviam empurrado goela abaixo de seus avós. As mentiras de Cortez tinham propósito cultural e financeiro. Financeiramente, era-lhe necessário promover o mito de que havia conquistado o México com um punhado de seguidores devotos, pois, ao proporcionar provas de mérito, ele tornava possível àqueles poucos (isto é, seus camaradas) apresentarem petições à coroa Espanhola solicitando títulos, colocações e pensões. Culturalmente, Cortez forçava a noção de que Deus permitira a conquista dos astecas como um favor à monarquia espanhola e descrevia a si mesmo como o agente da providência. Como colocou seu apologista Gonzalo Fernando de Oviedo: "Quem pode negar que o uso de pólvora contra os pagãos é queimar incenso para Nosso Senhor?".

Para divulgar a grande mentira, Cortez tinha muitos auxiliares importantes. Bernal Diaz e Francisco Lopez de Gomara escreveram relatos confirmando as lenga-lengas auto-justificativas de Cortez em todos os pontos, retratando Cortez como a figura número um na conquista das Américas, com Colombo e Pizarro como versões menores do grande homem, por assim dizer, suas sombras. Suas realizações eram particularmente apoiadas pelos franciscanos, que acreditavam genuinamente que a conquista espanhola das Américas era um prelúdio do Segundo Advento. É desnecessário dizer que Cortez ficou particularmente encantado com a idéia. Tanto seus auxiliares seculares quanto os religiosos, por suas várias razões, confirmaram a visão mítica da conquista de Cortez. Os tlaxcalas e outros aliados nativos foram deixados de fora, assim como o grosso dos homens brancos em luta e a maior parte dos conquistadores que eram mouros ou negros. Assim, Cortez foi bem-sucedido na promoção da espetacular mentira de que ele e um punhado de paladinos haviam derrotado os mexicas sem ajuda. Foi uma brilhante versão de propaganda do tipo: "Nós poucos, nós poucos felizes".

Napoleão: O Guerreiro Intelectual

Onde as evidências para a mente e psicologia de Espártaco e Átila são tênues, para a de Napoleão são superabundantes; poderíamos facilmente ocupar um volume inteiro com o interior da mente de Napoleão. Ele foi, de longe, o mais dotado intelectualmente entre os seis guerreiros deste livro. Tinha um leque de talentos raramente encontrado em qualquer indivíduo isolado. Matemático hábil, também possuía queda literária; general destacado, também provou ser um consumado planejador político, capaz de tomar o poder num *coup d'état* na França e calcular o tempo exato para fazê-lo. Combinava uma memória fotográfica com a habilidade ainda mais rara da lembrança total, e conseguia casar a complexidade com a lucidez em seu pensamento.

O historiador Gabriel Hanotaux falou dos "mais ricos dons naturais jamais recebidos por um homem mortal". No entanto, suas falhas foram, em alguns aspectos, ainda maiores do que seus talentos. Embora tivesse intelecto para ter sido um grande jogador de xadrez, como Tokugawa Ieyasu, e algumas vezes realizasse feitos que evidenciavam tal habilidade, ele também tinha o vício inveterado da impaciência. Era sua impaciência que o levava a devorar a comida - nenhuma refeição de Napoleão jamais durou mais do que 20 minutos -, porém, mais seriamente, levava-o a ficar entediado e assim traçar planos em movimento, sem examinar a fundo todas as implicações. Não é exagero dizer que Napoleão favoreceu a própria destruição por sua impaciência. Sua tentativa de estrangular a Bretanha com sanções econômicas jamais seria bem-sucedida enquanto a Marinha Real governasse as ondas, mas qualquer chance externa de sucesso dependia de lento atrito ao longo de muitos anos. Assim que o imperador percebeu que a Rússia era um elo fraco em seu bloqueio econômico e que o czar estava permitindo que exportações chegassem à Inglaterra, ele tomou a fatal e catastrófica decisão de invadir a Rússia. A atitude de Napoleão como poder marítimo também revela um homem sem nenhuma compreensão do vento e das ondas, eternamente impaciente por soluções instantâneas que poderiam ter sido possíveis para um exército terrestre, mas jamais seriam praticáveis para a marinha, acima de tudo numa época de navegação com tecnologia limitada.

A impaciência é uma falha de caráter óbvia, fatal num homem que seria rei (ou imperador). Entretanto, no caso de Napoleão temos de mergulhar em águas ainda mais profundas. A mente de Napoleão continha motivos irracionais, não-integrados, aos quais parece não haver razão para não atribuir-lhe alguns "complexos". Sua notável misoginia provavelmente derivava de uma suspeita secreta (e provavelmente justificável) de que sua mãe havia sido infiel antes da morte prematura do pai. Mas o "complexo" mais notável era o fascínio de Napoleão por todas as coisas orientais, mesmo quando não tinham nada a ver com os interesses da França ou de seu Império. A obsessão pelo leste foi visível já em sua expedição ao Egito, em 1798-9. Napoleão vendera a idéia da expedição ao poder executivo da França, o Diretório, argumentando que seria desejável adquirir áreas de produção primária e que uma base no Egito iria ameaçar a posição da Bretanha na Índia. Mas ao lado desses motivos racionais, Napoleão era atraído pela pura magia e mística do leste. Ele disse a seu secretário Louis Bourrienne: "Não quero ficar aqui [França], não há nada para fazer... Tudo está acabado aqui, mas eu ainda não tive glória suficiente. Essa pequena Europa não proporciona o bastante, assim preciso ir para o leste... Precisamos ir ao Oriente; toda grande glória foi adquirida ali". Ele amava as visões, sons e cheiros do mundo árabe, e sentia uma simpatia instintiva pela cultura dos árabes e pelos costumes dos xeques e felás. Ele contou à sua confidente, madame de Rémusat, que invejava Alexandre, o Grande por ter ido à Índia, que gostava de se vestir com garbo oriental e que o Oriente tinha um apelo especial à sua sensibilidade.

"No Egito eu me encontrei liberto dos obstáculos de uma civilização maçante. Eu estava cheio de sonhos. Via a mim mesmo fundando uma religião, marchando para a Ásia, montando um elefante, um turbante em minha cabeça e em minha mão um novo Corão que eu teria composto para servir às minhas necessidades. Em meu empreendimento, eu teria combinado a experiência de dois mundos, explorando em meu próprio

benefício o teatro de toda história, atacando o poder da Inglaterra na Índia... o tempo que passei na Índia foi o mais delicioso de minha vida porque foi o mais ideal."

A integridade e segurança da França, as "fronteiras naturais" da França, a defesa da Revolução Francesa e os ideais do Iluminismo e os *PHILOSOPHES* - tudo isso poderia ser citado em defesa da constante ação de guerra continental de Napoleão contra as retrógradas monarquias da Áustria e da Prússia. No caso de sua hostilidade contra a Rússia, já estamos nos desviando para o domínio do irracional. Já vimos que um elemento em sua desastrosa decisão de lançar a invasão de 1812 foi pura impaciência. Mas, por bizarro que soe, outro foi seu "complexo oriental". No início de 1812, Napoleão confidenciou ao conde de Narbonne (um ex-monarquista que se tornou bonapartista) como ele via seu objetivo último, caso a aventura russa fosse bem-sucedida:

"O final da estrada é a Índia. Alexandre esteve tão distante de Moscou quando marchou para o Ganges. Tenho dito isso a mim mesmo desde St. Jean d'Acre (uma batalha no Egito em 1798)... Imagine só, Moscou tomada, a Rússia derrotada, o czar deposto ou assassinado numa trama palaciana... e, então, diga-me que é impossível para um grande exército de franceses e seus aliados deixar Tiflis e alcançar o Ganges. Essencialmente tudo que é necessário é um golpe rápido de uma espada francesa para que o inteiro aparato mercantil britânico no leste sofra o colapso."

O comentário privado de Narbonne acerca disso foi: "Que homem! Que idéias! Que sonhos! Onde está o dono desse gênio? Está a meio caminho entre Bedlam e o Panteão". Evidentemente, o segredo vazou, pois muitos em seu exército de 600 mil homens que cruzou o Vístula para a Rússia não estavam convencidos de que Moscou fosse o verdadeiro objetivo do imperador. Um oficial escreveu: "Alguns diziam que Napoleão havia feito uma aliança secreta com o czar Alexandre, e que um exército franco-russo combinado iria marchar contra a Turquia e tomar suas possessões na Europa e na Ásia; outros diziam que a guerra iria nos levar para as Grandes Índias, para expulsar os ingleses".

Aqueles, como Tolstoi e outros, que encaram Napoleão como mero epifenômeno, uma criatura da inevitabilidade histórica, concentraram-se demasiado em seus objetivos racionais. Um lado de Napoleão era o produto de uma sensibilidade clássica, dos *philosophes* e do Iluminismo; nesse sentido, suas ambições prometéticas denotam meramente o intelectual que deseja possuir todo o conhecimento, o conquistador que deseja submeter todos os inimigos. Mas o voluntarismo e a assunção de riscos de Napoleão, sua melancolia e fatalismo, seu amor pelo exótico e a fascinação pelo leste cintilante e misterioso, tudo vem de uma imaginação romântica superdesenvolvida. O Napoleão racional desprezava os seres humanos, era cínico a respeito da natureza e dos motivos humanos, também era pessimista em relação a intuições que visavam a melhoria da sociedade. Mas o Napoleão romântico, em total contradição com esses pontos de vista, queria criar um "novo homem" e um novo mundo. Ele oscilava entre o otimismo e o pessimismo, num momento dizendo que seus marechais eram movidos por uma ânsia de glória, no outro, desprezando-os por seu amor ao dinheiro, honras, gongos e galões.

Esse "eu dividido" se manifestou em nível político e militar numa divisão entre campanhas racionais - aquelas de 1805-7, ou seja, as que podiam ser justificadas por um nacionalista francês como necessárias à segurança nacional - e as altamente irracionais: Egito, em 1798-9; Rússia, em 1812; e, acima de tudo, Espanha, entre 1808 e 1813. Na Espanha, Napoleão fazia o jogo do cão que não come, mas não larga o osso. Não concordou em retirar os exércitos franceses quando viu a intensidade da oposição ao domínio francês entre os espanhóis, nem foi para lá comandá-los pessoalmente. Em vez disso, deixou a luta ali para um conjunto de marechais incompetentes ou mal-supridos, de modo que o que ficou conhecido como a úlcera espanhola continuou a drenar o sangue e o tesouro franceses sem nenhum propósito. As campanhas irracionais de Napoleão sempre receberam o desespero de seus apologistas e defensores, assim como o daqueles que procuram compreendê-lo desapaixonadamente. Procurando encontrar alguma interpretação plausível, baseado no princípio de Sherlock Holmes de se ter "eliminado o impossível",

Freud se saiu com duas de suas hipóteses mais artificiais: uma, a de que Napoleão foi para o Egito por uma questão de rivalidade entre irmãos - o Egito, na Bíblia, era a terra de José; a outra, de que a culpa por divorciar-se de Josefina como imperatriz levou Napoleão a punir a si mesmo (embora inconscientemente), em seu mais claro ato de auto-destruição, invadindo a Rússia, em 1812.

No entanto, nem mesmo o mundo da irracionalidade e dos complexos não-integrados exaure a plena estranheza psicológica de Napoleão. Ele era profundamente supersticioso - este é possivelmente o único traço que o alinha com Átila - e alguns viram isso como um verdadeiro legado de sua criação corsa. Ele fazia uso de todos os ritos supersticiosos praticados na Córsega: no momento crítico de uma batalha ou em ocasiões de forte emoção, ele fazia o sinal da cruz com amplos gestos do braço, como faziam os camponeses corsos dos maquis quando ouviam más notícias. Crente em presságios, portentos e numerologia, não gostava das sextas-feiras nem do número 13, mas achava que certas datas lhe traziam sorte, notadamente o dia 20 de março e o 14 de junho. "Ele tem sorte?" era a primeira pergunta que fazia sobre qualquer general antes de lhe entregar um comando. Acreditava literalmente possuir uma estrela da sorte e costumava procurar seu ponto de luz favorito nos céus, à noite. Notoriamente, ele censurou seu tio materno, o cardeal José Fesch, quando este veio protestar sobre o tratamento dispensado pelo imperador ao Papa Pio VI. Napoleão levou-o para fora e apontou o céu noturno. "Olhe ali para cima. Vê alguma coisa?". Fesch disse que não via nada. "Muito bem", replicou Napoleão, "nesse caso saiba quando se calar. Quanto a mim, eu vejo minha estrela; é isso que me guia. Não contraponha suas faculdades fracas e incompletas contra meu organismo superior".

Ainda mais bizarra que sua crença numa estrela da sorte era sua convicção de que tinha um espírito familiar com quem podia conversar. É bem conhecido o fato de que pacientes em interlúdios psicóticos podem como que exteriorizar aspectos de seu inconsciente e, desse modo, Napoleão construiu para si um "Pequeno Homem Vermelho" com quem se aconselhava. Mais tarde, o bizarro incidente foi reapresentado como uma história verdadeiramente sobrenatural, propagando que Napoleão encontrara um gênio no Egito, tendo feito com ele um pacto faustiano, em que o gênio iria sempre encaminhá-lo na direção certa, enquanto seu conselho fosse seguido. Levantou-se a hipótese de que Napoleão sofrerá vários esgotamentos nervosos sob estresse, que foram abafados, e que foi durante esses períodos perturbados que ele teria recebido as visitas do "Pequeno Homem Vermelho".

Napoleão, em resumo, era um eu dividido, um homem dual, partido entre a racionalidade e a não-razão, classicismo e romantismo, a arte do possível e o reino da fantasia. Isso explica em parte por que deu início a tantas coisas que não perseguiu e deixou muitos projetos inacabados ou abandonados, mesmo tendo se entusiasmado muito no início. Primeiro, ele sonhou com um Império no Hemisfério Ocidental, e então abandonou abruptamente a idéia e vendeu o território da Louisiana aos Estados Unidos. Assinou a Concordata para assegurar a paz permanente com a Igreja Católica e depois se engajou numa batalha contínua com o papado. A partir de 1803-5, esteve ocupado com uma dúzia de diferentes esquemas para a invasão da Inglaterra, que prontamente deixou de lado após Trafalgar, como se tal idéia nunca tivesse entrado em sua cabeça.

A seu lado, Ricardo Coração de Leão e Tokugawa Ieyasu parecem modelos de sanidade, mas isso pode se dar apenas porque não sabemos o suficiente sobre a vida mental deles. A dificuldade de aplicar rótulos como o de "psicopatia" fica imediatamente aparente, pois embora Átila e Cortez, às vezes pareçam casos patológicos, podem simplesmente estar faltando evidências suficientes para fazer um julgamento válido. Certamente, o que é dito com freqüência sobre Napoleão em geral se aplica a uma investigação de sua psicologia — quanto mais aprendemos, menos parecemos saber. É por isso que uma tentativa de penetrar as mentes dos grandes guerreiros será sempre bem-sucedida apenas em parte. Mesmo se fôssemos capazes de construir um perfil psicológico penetrante e convincente, não seria necessariamente o caso de a psicologia assim revelada nos dizer algo interessante sobre capacidades guerreiras.

Homens com Calibre de Guerreiros

O único modo real de julgarmos o calibre de guerreiros é por referência a critérios claramente objetivos, o que nos leva de volta ao velho trio: tática, estratégia e grande estratégia. Táticas são os métodos para derrotar um exército num campo de batalha, uma vez que a batalha está em curso, enquanto que estratégia é o desígnio de longo prazo para vencer a guerra. A mais complexa de todas é a chamada grande estratégia - como usar os recursos de um Estado, Império ou bloco, no desenvolvimento de uma guerra, sobre quais alianças se concentrar, que partes da economia de guerra devem ser enfatizadas e como alocar recursos entre os teatros primário e secundário da guerra. A tradicional política marítima estrangeira do Reino Unido, enfatizando a Marinha Real, é um exemplo óbvio, como foi também a decisão dos aliados de derrotar a Alemanha em primeiro lugar na Segunda Guerra Mundial.

A história nos revela que a grande estratégia é mais bem dirigida por um estadista aliado a um brilhante estrategista militar como assessor: Genghis Khan com Subudei; Abraham Lincoln com Ulysses S. Grant; Franklin D. Roosevelt com o general Marshal; Ho Chi Minh com o general Giap. Fica aparente ainda que os líderes geralmente acabam por se lamentar quando tentam os dois papéis: Hitler tinha eficientes antenas geopolíticas, mas, desastrosamente, imaginava-se também um estrategista militar.

As lições também são válidas para os seis guerreiros aqui analisados. Com as limitações de seus auxiliares e sua mentalidade tremeluzente, o pobre Espártaco nunca conseguiu ir além da mera tática. Átila era um bom tático e estrategista passável, mas falhava na grande estratégia. Cortez operava dentro de limitações que o impediam de ser um grande estrategista no sentido verdadeiro. A grande estratégia de Ricardo - atacar Saladino no Egito - foi desbancada pelas necessidades ideológicas da Cruzada. Isso deixa o enxadrista Tokugawa Ieyasu como um mestre óbvio da grande estratégia. A tragédia de Napoleão, que, embora tendo o intelecto para ser um mestre em grande estratégia, foi possuir uma personalidade e uma psicologia que trabalhavam contra seus talentos. Brilhante como era em tática e estratégia, foi um evidente fracasso ao aplicar os recursos da França em suas metas geopolíticas.

Para sermos fiéis ao registro histórico, tivemos por vezes que registrar julgamentos ásperos sobre os seis guerreiros deste livro. No entanto, não se poderá negar que todos eles foram "grandes homens". Espártaco combinou a maestria em guerra de guerrilhas com o carisma pessoal e a bravura nascida do desespero. Ricardo Coração de Leão reuniu a coragem pessoal com uma compreensão de todos os aspectos da estratégia militar, tática e logística; era o perfeito técnico em condução de guerras. Átila suscita uma admiração relutante por sua energia, pela pura força de sua personalidade e disposição para fazer o que fosse necessário e ir onde ditasse a lógica militar. Cortez reunia energia inquieta, força de vontade sobre-humana e uma crença em sua própria estrela com a veia vencedora do jogador (se o jogo de palavras pode ser perdoado, poder-se-ia dizer que tinha a sorte do apontador em espadas). Tokugawa Ieyasu foi, primariamente, um gênio político que se assegurava de que suas batalhas seriam vencidas antes que as lutasse: é um dos grandes testemunhos da história da paciência, como o comportamento do "gato diante da toca do rato". Napoleão foi talvez o único gênio militar incontestável entre os seis, gênio que se estendia também à política, à teoria política e mesmo à elaboração de leis.

O grande guerreiro deve ser um mestre de estratégia e tática, possuir altos talentos militares, intrepidez, esperteza, crença em si próprio, sorte, para assim lutar nas circunstâncias adequadas e contra um oponente de características quase idênticas. Por esses critérios, Napoleão e Ieyasu emergiriam no alto, enquanto Cortez e Espártaco, por causa da oposição de segunda classe que enfrentavam, ficariam na faixa inferior. Apesar de seu fracasso final, poder-se-ia tender a classificar Átila acima deles, se não por outro motivo apenas porque teve de enfrentar ao menos três oponentes de primeira classe e que conseguiam pensar mais além: Marciano, Aécio e Geiserico. Ricardo Coração de Leão derrotou o

melhor que o Ocidente e o Oriente Médio puderam lançar contra ele, mas deixa de alcançar a classificação mais alta por causa de sua tendência para o espetáculo e para o contato com a galeria. Podemos aplaudir os grandes guerreiros, mas, também, curiosamente, podemos lamentá-los. Exceto Ieyasu, nenhum deles morreu feliz em sua cama. Ricardo pereceu estupidamente porque não conseguia ficar em paz sozinho e provocou um arqueiro de elite. Napoleão fez a passagem, exilado numa ilha rochosa, quase certamente vítima de envenenamento. Átila, da mesma forma, morreu ingloriamente, envenenado ou, se preferirem a versão ortodoxa, em estupor alcoólico. Cortez terminou seus dias em dificuldades na Espanha, uma figura esquecida senão desprezada. Somente Espártaco teve uma morte de herói, em batalha. Mas todos eles foram figuras titânicas, que deixaram suas marcas indeléveis na história.